

*Chuva de*  
**Novembro**



**Carlos de Andrade**

**AQ**  
RÁDIER

5ª edição

**Marcela P. Manzi**

**Conceito do leitor: ★★★★★**

**Ótimo ainda é muito pouco para esse livro.**

Uma história de amor, linda e envolvente, que te faz sentir todas as sensações como se você entrasse na história, e estivesse ali, junto às personagens, de espectador da vida de Caio Graco e Caressa... Muito bom mesmo... Sem exageros, o melhor romance que já li em toda a minha vida.

**Mariam Muhieddine el Didi**

**Conceito do leitor: ★★★★★**

**O amor é possível**

CHUVA DE NOVENBRO é narrada de forma tão envolvente que mexe com as emoções do leitor. Esse livro é a prova de que o amor existe e pode vir a acontecer com qualquer um de nós!

**Patrícia Maura Alves Santos**

**Conceito do leitor: ★★★★★**

**Emoção.**

A estória de Caio e Caressa é apaixonante e Carlos de Andrade, o escritor-narrador, soube "contar" com tanta riqueza de detalhes que fez de CHUVA DE NOVENBRO um clássico imperdível.

**Luciane Alves**

**Conceito do leitor: ★★★★★**

**Jamais li uma história tão bela!**

Depois de ler CHUVA DE NOVENBRO simplesmente não dá para comprar flores.



**EDITORA RADIER**

Caixa Postal 20

CEP 08550-970 - Poá - SP

[www.chuvadenovembro.com.br](http://www.chuvadenovembro.com.br)

**Carlos de Andrade**

*Chuva de*  
**Novembro**

EDITORA RADIER

---

Poá - SP - Brasil

[www.chuvadenovembro.com.br](http://www.chuvadenovembro.com.br)

2  
or,  
os  
lo.  
os  
os.  
or  
os.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Andrade, Carlos Pereira de, 1968  
Chuva de Novembro / Carlos de Andrade  
Poá-SP: Editora Radier, 2006

1. Romance brasileiro I. Título.  
96-5202 CDD-869.935

Índices para catálogo sistemático:

1. Romances: Século 20: Literatura brasileira  
869.935
2. Século 20: Romances: Literatura brasileira  
869.935

1ª Edição – 1997  
2ª Edição – 2001  
3ª Edição – 2004  
4ª Edição – 2006  
5ª Edição – 2008

**Revisão:** João Capozzoli  
Antonio da Silva Leite

**Ilustração da capa:**  
Vander Amaral, “24 rosas”

**Copyright by Carlos de Andrade, 1996**

Não encontrando este livro nas livrarias:  
Editora Radier Telefone (011) 4634-0859  
Caixa Postal 20 CEP 08550-970 Poá – SP  
editoraradier@hotmail.com  
escritorcarlosdeandrade@bol.com.br  
cpdasp@hotmail.com

**Impresso no Brasil**  
**ISBN 85-98206-01-6**

**www.chuvadenovembro.com.br**

Rec, 28 de Outubro de 2009

Para o amigo

José Custina Silva

com canetas,  
de rubor,

Carla Andrade

Por mais criativo que possa ser um escritor,  
sua obra jamais superará os sonhos imaginados  
por um coração apaixonado.

Chuva de Novembro fala de sonhos  
verdadeiros.

Porque fala de uma dor e de um amor  
verdadeiros.

1. The first part of the document is a list of names and addresses.

The names are listed in alphabetical order.

The addresses are listed in the same order as the names.

The names are: John Doe, Jane Smith, and Bob Johnson.

The addresses are: 123 Main St, 456 Elm St, and 789 Oak St.

The names are: (1) John Doe, (2) Jane Smith, (3) Bob Johnson.

The addresses are: 123 Main St, 456 Elm St, 789 Oak St.

The names are: John Doe, Jane Smith, Bob Johnson.

The addresses are: 123 Main St, 456 Elm St, 789 Oak St.

*Livro*  
*Primeiro*

PLATE  
LITHOGRAPH

Aos que partiram levando no peito  
o fogo de uma paixão não consumada.

Aos que ficaram,  
cujo amor  
subsistiu à morte da pessoa amada.



# 1

## *Chuva de Novembro*

Foi numa noite fria de domingo em 1992, que o encontrei pela primeira vez. Era novembro. Eu tinha acabado de deixar o teatro, onde uma peça de minha autoria encerrara a terceira e última apresentação: um fracasso. Vinha cabisbaixo pela calçada, observando nos ladrilhos cada pequeno detalhe sem importância. Tinha os nervos agitados pelas decepções acumuladas ao longo de minha vida. O gosto amargo dessa derradeira derrota me inundava a boca como uma taça de veneno. A rua estava escura, desolada. A luz de uma padaria, que ainda se encontrava aberta, me atraiu a atenção como a uma mariposa. Entrei. O copeiro, mal-humorado, num tom nada amistoso, me indagou o que eu queria. Não tinha o hábito de beber, mas aquela noite bem valia um belo porre. Pedi um Domecq. O rapaz me serviu enfadado, sem dizer palavra, depois pegou uma vassoura e se pôs a varrer o chão do estabelecimento. Sentei-me num banquinho alto e bebi o líquido dourado, devagar, engolindo, a cada trago, um pouco do meu prejuízo. Pouco depois o copo estava seco e eu o apertava entre os dedos como se desejasse esmagá-lo. Pensei em pedir outra dose. Afinal, todo escritor tem direito a uma certa excentricidade e um pouco de vexame. Mas desisti. Primeiro, porque duas doses me colocariam de quatro patas; segundo, porque naquela noite eu não me sentia um escritor, mas um miserável pretensioso, que passara a vida escrevendo textos medíocres. E, enganando a si próprio, se julgara capaz de comover o público com a pretensa força e beleza de suas obras. Estúpido engano! Levantei e me dirigi ao caixa para pagar a conta. Estendi ao português bigodudo a última nota que eu tinha na carteira e lhe pedi que cobrasse o Domecq. Ele retrucou, em seu sotaque lusitano, que a bebida já estava paga.

— Paga? — indaguei surpreso.

Ele confirmou, apontando com o queixo um homem na porta do estabelecimento. Eu tinha percebido quando ele se dirigiu ao caixa, mas sequer suspeitei que estivesse pagando minha bebida. Era bastante jovem, media pouco mais de um metro e oitenta de altura, feições distintas, cabelo castanho. Vestia-se com um elegante sobretudo e se fazia acompanhar por uma garota que julguei, devido à idade, tratar-se de sobrinha ou mesmo filha. Aproximei-me dele e lhe agradei a bebida.

— Não seja por isso! — respondeu.

Dei-lhe as costas e ia cruzando o patamar do estabelecimento quando pronunciou com ênfase as palavras:

— Parabéns pelo texto... Gostei de sua peça!

Girei nos calcanhares e o encarei. Então ele estivera no diminuto público que presenciara a malfadada peça?

— Os atores pareceram-me inseguros em seus papéis, mas a unidade e a beleza do drama me impressionaram bastante... — acrescentou com sorriso.

Apesar de aborrecido e inclinado a mandá-lo para o inferno com seus malditos elogios, preferi me calar devido à impressão de sinceridade que notei em seus olhos.

— Os atores são amadores... E, talvez, a peça também o seja... — murmurei, no mesmo instante em que minha cabeça era atravessada por uma idéia alentadora: e se aquele cara fosse crítico de algum jornal de grande circulação? Não resisti ao impulso de externar tão promissora expectativa, e perguntei:

— Você é crítico de teatro?

— Não! — respondeu.

Silenciei-me de novo.

— Por quê? — indagou depois de um momento.

— Porque só um crítico de teatro de um grande jornal poderia salvar minha peça...

— O público, realmente, era pequeno para um tema tão grandioso. Sua peça merecia um público maior.

— Pequeno? — indaguei. — Você não viu nada: hoje, foi a melhor noite que tivemos... Em três apresentações, não conseguimos reunir mais de cem pessoas. Um completo fracasso. Agora acabou. Não vou insistir nisso! O sonho acabou... Sobraram apenas dívidas e lamentações.

— Você custeou do próprio bolso essas três apresentações?

— Sim... Quero dizer: de certo modo! Do meu bolso retirei

o pouco que tinha e o restante rateei em, pelo menos, quinze folhas de cheques pré-datados que, infelizmente, não tenho a mínima esperança de conseguir saldar. Daqui a cinco dias será devolvido o primeiro por falta de fundos e, a ele, se sucederão outros quatorze... Tentei. Paciência!

— “O Último Revolucionário” — exclamou ele, abanando a cabeça. — O título exprime com perfeição o conteúdo do drama... — comentou.

— E um pouco da minha própria vida — acrescentei com um sorriso irônico, dissimulando minha tensão.

— Quanto é o valor da dívida? — indagou, com naturalidade.

Eu o olhei sem entender o porquê da pergunta. O desespero assoprou-me no ouvido que aquele “bom burguês”, movido por um raríssimo espírito de filantropia, estava disposto a cobrir os meus prejuízos. Não pude me conter diante desta nova idéia fantasiosa e desatei a rir.

— Vinte milhões de cruzeiros! Vinte milhões! — exclamei rindo, fazendo uma careta de espanto — Por vinte milhões de cruzeiros, ou muito menos, compra-se uma vida junto a um matador de aluguel. Ou compra-se um prato de caviar regado a ouro no Maksoud Plaza... É só conferir o menu, meu senhor — disse-lhe — e fazer a sua escolha.

O burguês entreabriu os lábios, num sorriso condescendente:

— Ou cobrir as despesas das três apresentações de “O Último Revolucionário” — arrematou ele com sobriedade — Eu fico com a terceira opção!

Calei-me por um instante, quase engasgado.

— É isso mesmo! — continuou ele — Vou cobrir as despesas dessas três apresentações.

Dirigiu-se ao balcão, sacou o talão de cheques e, sem nenhuma mesura, preencheu um caridoso cheque no valor de trinta milhões de cruzeiros e o estendeu para mim. Francamente, nenhum traço de orgulho, nem mesmo de leve, ousou tentar me impedir de tomar aquele maravilhoso cheque na mão. Peguei-o, dissimulando a extrema satisfação, que tomava conta do meu espírito. Deitei ao vultoso cheque um olhar de júbilo. No alto, com uma grafia redonda, inchada, estava o número: ocupava todo o pequeno retângulo destinado ao preenchimento arábico do valor. Nas duas

linhas abaixo estava escrito por extenso: trinta milhões de cruzeiros. A assinatura era um indecifrável novelo de círculos cruzados por traços horizontais, rabiscados sobre o nome do titular daquela conta: Caio Graco Menezes Santoro. Esfreguei o papel entre o indicador e o polegar a fim de me certificar da realidade daquela situação inusitada. Era real! Eu tinha entre os dedos um cheque de trinta milhões de cruzeiros! De repente, uma pergunta surgiu na minha cabeça e não demorei em externá-la:

— Por quê?... — exclamei.

— Não sei... Senti vontade de pagar pelo público, que não prestigiou seu trabalho.

Corri um rápido olhar no nome do titular da conta.

— Caio Graco... Não sei nem como lhe agradecer este gesto... Como faço para lhe devolver este dinheiro?

Ele sorriu:

— Não pense nisso agora... Quem sabe, um dia, possamos dividir a autoria de um romance?

— Ah, também escreve? — perguntei-lhe entusiasmado.

— Não. Não escrevo, mas tenho uma linda história de amor para contar — confidenciou, estreitando a mocinha ao ombro. Foi, então, que compreendi que, apesar da diferença de idade, havia entre ambos um clima de romance. — E com final feliz. — completou ele. A menina sorriu, mostrando dentes brancos.

— Você quer dizer um romance ou uma biografia? — perguntei descontraído.

— Digamos um romance biográfico.

— Ok! — disse-lhe — Sou todo ouvidos.

— Um dia!... Um dia a gente escreve esta história!

— Quando quiser, estarei à sua disposição.

— Vamos, então, meu amor? — perguntou ele à mocinha, que assentiu com a cabeça.

— Você vai para onde, Carlos? — perguntou-me.

— Para a estação do metrô.

— Se quiser posso deixá-lo na estação. Meu carro está estacionado próximo daqui.

— Não, por favor. Não quero que se incomode comigo. A noite agora está agradável, muito agradável; uma caminhada até à estação vai me fazer muito bem.

— Se é o que deseja — disse, estendendo a mão — Carlos de Andrade, foi um imenso prazer conhecê-lo.

— A impressão é recíproca, Caio Graco! — Apertei-lhe a mão. Ele me deu as costas, mas, depois de alguns passos, voltou-se:

— Achei o último ato muito expressivo, mas, se me permite uma observação pessoal, além de todos aqueles recursos, se fosse eu o autor, transpassaria o coração de Sabino com a espada da paixão, fazendo-o sangrar até a última gota de vida.

— Trágico! — respondi-lhe.

Na ocasião não compreendi o sentido dessa observação; talvez nem mesmo ele o soubesse. Hoje, porém, compreendo como a espada da paixão pode fazer um coração apaixonado sangrar até a última gota.

— Simbólico! — retrucou.

Em seguida, o casal se afastou, abraçado como que desejando se esquentar mutuamente um no corpo do outro. Avançaram alguns metros e a noite os engoliu com suas frias entranhas. “O amor”, pensei, “há quanto tempo não recebo a visita dessa poderosa ninfa?”

No dia seguinte, ao me levantar, passei desesperado a mão pelos bolsos do velho jeans à procura do precioso cheque. Ocorria-me ainda de duvidar da noite anterior. Será que não havia bebido muito mais do que supunha e fantasiado toda aquela história? Será que não teria sonhado com aquele bom burguês? Enfiei a mão no bolso traseiro da calça e achei um papel dobrado: o cheque do meu providencial amigo Caio Graco. A generosa doação cobriu as despesas da malfadada montagem teatral. Saldei ainda alguns débitos vencidos que não estavam vinculados à peça. Do que sobrou, ainda sobrevivi mais três meses, antes de me render a um emprego de atendente numa vídeo-locadora.

O ano de 1992 findou e os dias avançaram pelo ano de 93. Dia após dia, eu cumpria a rotina de sorrir para os clientes lhes recomendando filmes ridículos, como se fossem verdadeiras obras-primas do cinema. Haviam se passado mais de sete meses, desde a noite em que eu conhecera Caio Graco. E, desde aquele primeiro encontro, não havíamos mantido nenhuma forma de contato; eu não possuía sequer o número de seu telefone. Tinha que admitir que nosso encontro não passara de um acontecimento casual e que o gesto de Caio fora movido apenas por uma necessidade burguesa de purgar a própria consciência. Mas, eu o reencontraria; ou melhor, seria por ele reencontrado no do mês de junho.

A vídeo-locadora fechava às oito e trinta da noite, de modo que sempre chegava em casa pouco depois das nove. Morava num

pequeno cômodo alugado, no fundo da casa de uma velha avarenta. Naquela noite, a velha recebeu-me no portão da casa, presa de uma terrível ansiedade. A mercenária estava risonha. Contou-me, que pela tarde, eu fora procurado por um rapaz e que, tendo ela lhe informado dos meus horários, ele prometera retornar depois das nove.

— E digo mais — disse a velha — um rapaz muito polido, muito sério... Muito rico, também. Tinha um desses carros que a gente só vê em filmes.

— Ele lhe disse o nome, dona Joana? — perguntei à velha

— Oh, sim... Deixe-me ver, creio que ele disse Caíque... Oh, não! Não! Caiado, talvez...

— Caio. Caio Graco?

— Sim, isso mesmo, Caio Graco, é o nome!

Suspirei. Este nome me provocava um efeito de súbita alegria.

— Obrigado! — dona Joana. Muito obrigado!

Corri para meu cubículo e me joguei debaixo do chuveiro. Vinte minutos depois, quando estava me penteando diante de um caco de espelho fixado na parede, a velha gritou na soleira de minha porta:

— Carlos, o senhor Caio Graco está aqui e deseja vê-lo! Abra, Carlos!

Abri a porta. A velha atarracada e intrometida estava a sorrir ao lado de Caio. Mexeriqueira! — protestei em meu íntimo. Estendi a mão ao meu providencial amigo:

— Caio Graco, satisfação em revê-lo.

— Carlos, como está?...

— Bem. Vamos, entre, por favor.

Caio adentrou no cubículo. A velha bisbilhoteira ficou a sorrir como uma idiota na soleira da porta.

— Com sua licença, dona Joana! — disse-lhe encostando a porta. Voltei para meu ilustre e redentor visitante:

— Sente-se! — disse, apresentando-lhe uma velha cadeira com assento estofado. Sentei-me à sua frente, na beirada da cama.

— Onde conseguiu meu endereço? — perguntei-lhe.

— Na administração do teatro. Quando você alugou a sala, preencheu uma ficha com todos os seus dados... — respondeu com ar ausente.

— É verdade. Tinha me esquecido disso.

Caio estava silencioso, reflexivo, entristecido. Já não possuía

a mesma jovialidade de quando o conheci. Era como se em oito meses tivesse envelhecido uma década. Ele observava minha máquina de escrever portátil, sobre a velha mesa ao lado.

— Tenho escrito muito pouco... — comentei.

— Por quê? — perguntou-me sem se voltar.

— Estou trabalhando muito. Quase não tenho tempo de datilografar.

Caio passou de leve os dedos sobre o teclado da máquina.

— Deve ser cansativo escrever numa máquina tão pequena — observou.

— Se todo o problema de um escritor fosse o tamanho de sua máquina de escrever. Difícil mesmo é sobreviver, enquanto se escreve.

Caio se voltou para mim.

— Estou aqui por que desejo que você me escreva um romance... — disse ele, compenetrado.

— Ah, sim! O romance que você mencionou quando nos conhecemos? — indaguei como quem faz um comentário.

— Sim. Aquele mesmo romance... Contudo, o final já não é mais o mesmo — completou com uma nota de amargura na voz.

— A garota... vocês terminaram?

— Sim. Acabou. Ela já não está mais comigo...

— Compreendo... Quer que eu faça um café? Não demora muito, tenho uma cafeteira elétrica...

Ele me interrompeu:

— Não... não quero beber nada... Aceita o trabalho?

Senti vontade de lhe sorrir com gosto, mas me contive. Afinal, eu estava diante de um homem que perdera o amor da amada.

— Claro que aceito! Será um grande prazer escrever-lhe esta história.

— Começamos amanhã, então?

— Quando quiser.

— Vou lhe deixar meu endereço.

Caio pegou uma caneta sobre a minha desorganizada mesa e anotou o endereço num pedaço de papel.

— Estarei esperando por você amanhã, pela manhã.

Levantei-me e conferi o endereço com um rápido olhar. Senti vontade de beijar-lhe a mão. Caio levantou-se.

— Amanhã pela manhã, estarei lá.

— Está bem, Carlos, muito obrigado!

— Eu é que devo lhe agradecer.

Acompanhei-o até à rua. Lá estava a velha, sorrindo debruçada sobre o portão. Apertamos as mãos. Caio entrou no BMW conversível e se foi.

— Que rapaz! — comentou a velha.

— Que carro! — ironizei.

— É verdade... Que carro! — admitiu a usurária — Ele deve ser muito rico.

— Milionário, dona Joana. Milionário! Disse-lhe, soletrando a palavra a fim de dar uma conotação ainda maior da que geralmente é empregada. Depois, retornei ao meu cubículo.

Meu pensamento ficou excitado com a proposta de Caio Graco. Talvez, sua história resultasse no meu primeiro romance, quem sabe? Fiquei um bom tempo cogitando diversas situações românticas, em que Caio Graco, o herói real de meu romance ficcional, se envolveria para alcançar o amor de sua amada. Depois dei uma sonora gargalhada por todas aquelas situações excessivamente sentimentalistas e dormi.

Levantei-me no horário de sempre: oito da manhã. Peguei o endereço e me dirigi à estação do metrô. Desembarquei no Arhangabaú e tomei um ônibus que me deixou no Morumbi, a duas quadras do endereço, que tinha em mão: um bairro de classe alta. A rua e o número indicados no papel me deixaram diante de uma mansão. Uma casa enorme, edificada numa área ampla, cercada por um muro alto e branco. Toquei a campainha:

— Pois, não? — indagou uma voz, pelo interfone fixado na parede lateral do portão.

— Por favor, desejo falar com Caio Graco.

— Quem deseja falar com ele?

— Carlos de Andrade. Ele está esperando por mim.

— Só um momento... Vou descer.

Segundos depois, caminhando sem pressa na direção do portão, surgiu a figura de um homem com cerca de sessenta anos. Aproximou-se do portão, me cumprimentou com um bom-dia e o abriu.

— Entre! — disse ele, com uma expressão consternada.

Subimos por uma espécie de estreito passeio que recortava o verde gramado. O velho me conduziu a uma ampla sala de estar, pediu-me que ficasse à vontade e se retirou. Sentei-me. Era uma sala luxuosa, mobiliada com móveis em estilo clássico. As paredes eram

forradas com obras de arte. Um quadro me chamou a atenção. Sem que fosse grande, ele ocupava uma parede com exclusividade, como se o dono da casa desejasse ressaltar aquela pintura. Era um óleo que retratava uma adolescente de tez lívida, os cabelos um pouco assanhados a contrastar com o rosto claro; lábios vermelhos e carnudos ornados por um risinho sutil. De longe, tive a impressão de que aquele quadro retratava a mocinha que acompanhava Caio Graco, na noite em que nos conhecemos. Levantei-me e me aproximei da pintura a fim de observá-la melhor. Contudo, esta impressão desvaneceu-se a um olhar atento. Não! Não se tratava da mesma pessoa, apesar da incrível semelhança. Minha suposição foi reforçada pela data pintada no rodapé do quadro, sob a assinatura do autor: “J. Diniz –1978”. Em 78 a adolescente que vi acompanhada de Caio talvez não tivesse sequer nascido. Momentos depois surgia Caio Graco envolto num roupão. Trazia uma bandeja com dois copos de suco de laranja.

— Bom-dia, Carlos!

— Bom-dia!

— Beba isso — disse-me ele — pela manhã faz bem...

— Uma casa muito bonita — observei.

— Um pouco velha, mas a construção foi bem executada, por isso ela continua com o mesmo charme de trinta anos atrás.

— Esta casa tem trinta anos? — indaguei surpreso. — Supunha que ela não tivesse mais de vinte!

— Mas tem! Na verdade, tem até um pouco mais que trinta. Creio que seja de 1960. Foi meu avô quem a mandou construir. Naquela época, os novos ricos levantavam suas mansões por estes arredores. Foi um verdadeiro *boom* imobiliário. Hoje, parece que estão fugindo do bairro.

— Muito bem conservada — disse eu com sinceridade.

— Ah, sim. Eu procuro mantê-la sempre conservada. Já fiz quatro reformas, mas não deixei que se lhe alterasse o estilo. Mantive-me fiel ao projeto de meu avô. Inclusive algumas peças da mobília são tão antigas quanto a casa. Aquela mesa, por exemplo, deve ter mais que quarenta anos.

Bebi o suco e coloquei o copo na bandeja. Quando ergui a cabeça, deparei com o sorriso adolescente, que me era dirigido do quadro.

— Quem é ela? — perguntei, indicando a pintura.

— A garota?...

— Sim.

Ele deu um suspiro.

— Caresa Aparecida... Faleceu em 78, pouco depois de ter sido retratada neste quadro.

— A garota retratada no quadro era bastante parecida com aquela mocinha, que o acompanhava na noite em que nos conhecemos...

— Sim. Muito semelhantes. Tão semelhantes que pareciam a mesma pessoa...

Houve um momento de silêncio, depois ele acrescentou num tom de voz triste e sombrio:

-- Mas, agora, eu a perdi definitivamente.

Novo silêncio. Eu ainda desejava perguntar-lhe a respeito da garota do retrato, mas julguei que seria inconveniente posto que sua última frase fazia menção à menina que vi em sua companhia. Perguntei-lhe:

— Você ainda parece abalado com o fim desse romance. Faz tempo que ela o deixou?

— Não! Foi no final de junho. Há um mês, mais ou menos. — disse com voz pausada, enquanto meneava a cabeça num gesto de desolação.

— Mas, quem sabe você não a reconquistou! — disse-lhe, num tom de consolo.

— Não... Eu tive duas oportunidades de tê-la comigo e ela me escapou. Agora compreendo que não nascemos um para o outro. E se me fosse dada uma terceira oportunidade, creio que a recusaria. Não ousaria desafiar o imponderável como tentei desafiar... Como observou Shakespeare: “entre o céu e a terra há muito mais mistérios do que supõe nossa vã filosofia”.

Depois levantou e, sem me dirigir o olhar, se retirou com a bandeja. Retornei ao quadro e fiquei a conjecturar em quais circunstâncias aquela garota tão bonita e ainda tão jovem, teria morrido. Apesar da curiosidade, não ousaria interrogar meu anfitrião a respeito; pelo menos, por enquanto. Talvez fosse pura impressão, mas quando lhe perguntei sobre o quadro ele pareceu hesitar. Na verdade, de certo modo, mudara de assunto retornando à sua última paixão. “Tempo, meu caro Carlos”, pensei comigo mesmo. “Se Caio Graco de fato pretende relatar-lhe a história de sua vida, ele confidenciará todo o mistério que envolve esse belo quadro”. Sorri ante a idéia de penetrar na intimidade de uma pessoa que ainda me era um estranho. Caio retornou.

— Percebo que se encantou com o quadro! — comentou tranqüilo e aparentemente mais disposto.

— Sim, uma obra encantadora.

— Uma menina encantadora — atalhou, olhando para o quadro. — Você a conhecerá durante a minha narrativa... — acrescentou, como se intuísse meu último pensamento. Depois fez um gesto indicando a sala lateral.

— Acompanhe-me à biblioteca...

Passamos por duas salas e chegamos a uma porta pesada de madeira escura, que mais parecia a porta de um gabinete ministerial. Caio abriu-a. Era uma biblioteca ampla, espaçosa, com o centro da sala livre. Os livros estavam enfileirados em estantes de madeira. A base das estantes era formada por uma espécie de balcão que circundava toda a biblioteca, exceto a parede em que havia as vidraças. Nesta, corria apenas um cortinado pesado e escuro. Tudo muito clássico, antigo. Havia, contudo, dois objetos que destoavam do tempo remoto que aquela biblioteca conservava: um moderno aparelho de som, no canto esquerdo sobre a escrivaninha, a contrastar com um antigo aparelho de telefone e um gravador, tão moderno quanto o aparelho de som. Próximo à cortina, repousava uma sólida, enorme e antiga escrivaninha. Caio a contornou e puxou a confortável poltrona forrada de couro.

— Aperte a tecla, para iniciar a gravação.

Olhei para o gravador. A fita estava posicionada... Apertei a tecla. O aparelho começou a girar a fita.

— Durante a minha narrativa as lembranças podem se misturar, isto é, perderem a ordem cronológica dos acontecimentos... A gravação suprimirá eventuais lacunas e deslizes, cometidos pela emoção. Depois, você reordenará todas essas reminiscências, organizando-as numa história crescente, com unidade e estilo.

Houve um momento de silêncio. Caio aproximou-se da estante, pegou um crânio de gesso e ficou a contemplá-lo com ar vago.

— Escolhi a biblioteca — recomeçou —, porque talvez minha vida tenha começado aqui, ou talvez, seja o contrário: daqui, mais precisamente do aparelho de telefone ao seu lado, eu tenha morrido muito antes de descobrir a vida... Esta biblioteca pertenceu ao meu avô. Mas, ele fez muito pouco uso dela. Minha avó tomou o lugar nas empresas e nesta biblioteca, muitas vezes eu a vi despachando documentos, sentada nesse lugar em que você se

encontra agora. Sente o ar, Carlos? Creio que o ar aqui é um pouco mais pesado: é a presença de minha avó, que ainda não se dissipou por completo. Há muitos anos eu a exorcizo desta biblioteca, mas seu espírito parece não querer deixar essa poltrona, essas paredes, o ar viciado que se prende neste ambiente. Só a presença de Caressa trazia a esta biblioteca um ar mais leve. Só a presença dela conseguia o milagre de exorcizar o espírito de minha avó. Às vezes, penso que deveria atormentar minha avó com o “Retrato de Caressa”, instalando-o nesta biblioteca. Mas sempre recuo. Não quero romper com o passado. Caressa continuará lá, onde sempre esteve; aliás, não duvidaria se minha avó retalhasse a pintura em mil pedaços...

— Não tenho certeza se meu pai redigiu uma única linha, sentado a esta escrivaninha. — prosseguiu. — Creio que não! Se ele houvesse sentado uma única vez nesta escrivaninha seria o suficiente para que o espírito de minha avó jamais ousasse pensar em se alojar nesta biblioteca... Quanto à minha mãe, creio que ela tenha feito pouco uso desta biblioteca. Outro dia encontrei alguns livros que ela usou no colégio. Estavam ali, no balcão da segunda estante... Na parte interna da capa de um livro estava escrito, dentro de um coração: “Rute e Thales se amam”. Não sei se isso foi escrito depois ou quando eles se conheceram, ainda adolescentes, cursando o colegial.

Caio deu um prolongado suspiro:

— Vou começar minha narrativa desde seu verdadeiro princípio. A história de nossas vidas começa quando nos descobrimos como uma unidade psicológica autônoma, um indivíduo. E é a partir desse momento, dessa descoberta, que desejo iniciar minha história.

# 2

## *Chuva de Novembro*

Eu tinha uns três anos. Era a hora do jantar e estávamos todos de olhos fechados, cabeça reclinada: papai, mamãe, minha avó e eu.

— Senhor, nosso Deus e pai, nós Te agradecemos pelo pão que Tu colocaste em nossa mesa — sibilava minha avó com sua voz arquejante. Naquele dia, pela primeira vez, me ocorreu a idéia de abrir os olhos, no instante em que me lembrei da advertência de mamãe:

— Caio, meu queridinho, não abra os olhos durante a oração, está bem? — Lutei com tal recomendação durante segundos.

— Mantenha sua mão sobre este lar, Senhor...

Mas, como disse, eu me tornava uma entidade psicológica autônoma. Recalcitrante, ousei desacatar aquela ordem de mamãe. Abri os olhos. Ali estava o prato, os talheres e o copo colocados cuidadosamente sobre a toalha de renda branca: tudo muito próximo ao meu queixo. Pensei em levantar a cabeça, ver-lhes os semblantes durante a execução desse rito familiar tão sagrado, mas não tive coragem. Limitei-me a lançar um olhar de esguelha, cuidando em não fazer o menor movimento de cabeça que denunciasse minha profanação. Lá estavam: à direita, minha mãe. Parecia cochilar, tinha a fronte apoiada sobre as pontas dos dedos e os lábios movimentavam-se em silêncio; era jovem, bonita, mas sua expressão a envelhecia um pouco, pareceu-me tão séria, tão austera. À esquerda, estava meu pai. A cabeça ligeiramente inclinada dava uma sensação de cansaço, mas a jovialidade de seu rosto, pousado sobre seus ombros largos, transmitiu-me a sensação de se tratar não de cansaço, mas de disposição, de um homem obstinado. À minha frente, estava minha avó, tinha as pálpebras espremidas, parecia imprimir extraordinária força física e mental àquele gesto que eu sempre julgara tão espontâneo. À sua direita, estava Maria, a empregada, de pé como uma estátua, ostentando um uniforme cheio de rendas e babados que, julguei muito engraçado. Parecia vigiar a

todos sob as pálpebras cerradas. De repente, meu pai levantou a cabeça e eu, assustado, fechei os olhos. Depois, abri uma pequena fresta da pálpebra esquerda e espiei o rosto de meu pai. Ele sorria para mim, um riso indulgente e matreiro. Esta é a primeira e uma das mais vivas imagens que tenho de meu pai: sorrindo-me, em silêncio... Abri os olhos e soltei os lábios, pronto para uma sonora gargalhada. Ele, porém, me solicitou silêncio com um gesto característico; a testa enrugada pela sobrançelha arqueada como que a me comunicar cautela. Contive-me. Foi, então, que pude repará-lo melhor: era um homem bonito, testa grave, olhos castanhos e feições dignas. Pareceu-me mais jovem que mamãe. Ele deu uma piscadela de cumplicidade e fez sinal para que eu fechasse os olhos. Eu o atendi e, segundos, depois reabri a fim de verificar se ele havia feito o mesmo. Sim, lá estava ele, de olhos fechados, cabeça pendida para frente, sério. Tratei de imitá-lo. Entendi, naquele mesmo momento, que papai tinha o hábito de abrir os olhos durante as orações à mesa, e que, a partir daí, tínhamos algo em comum.

—... Hoje e para todo o sempre. Amém. — encerrou vovó.

Minha mãe e Maria responderam amém, em uníssono, como se fosse o eco da voz de minha avó. Meu pai nada disse. Na incerteza de que alguém, além de papai, tivesse percebido minha pequena profanação, tomei o cuidado de manter meus olhos fechados.

— Caio, meu querido — era minha mãe — já pode abrir os olhos.

Não. Ela não tinha visto. Tão logo descerrei as pálpebras, a primeira coisa que vi foram os olhos de reprovação de minha avó.

— Este menino cada dia fica mais parecido com o pai! — exclamou ela pegando os talheres.

— Mamãe! — protestou minha mãe.

— Eu os vi, Rute. Os dois de olhos abertos durante a oração... Esse... aí ao invés de dar bom exemplo, parece que deseja fazer do menino um ateu, como ele!

Nesta frase de vovó constatei que ela não sentia a mínima estima por aquele homem que eu começava a admirar.

— Já lhe disse várias vezes, dona Matilde, não sou ateu, sou deísta! — retrucou meu pai, tranqüilo, enquanto se servia da salada de alface. Eu fiquei a olhá-lo e ele me dirigiu o seu olhar risonho e deitou nova piscadela.

— O que dá no mesmo! Essa é boa... — bufou vovó.

— Você não está com fome, meu *bambino*? — indagou papai.

Acenei que sim, com um movimento de cabeça.

— Maria, serve o menino! — disse minha mãe, num tom de advertência.

— Mexa-se, menina! Fica aí de pé feito barata sonsa! — ralhou minha avó.

— Desculpe, dona Rute. Sim senhora, dona Mathilde.

— Por favor, Maria, serve ao Caio — disse meu pai, com voz suave e um olhar de censura às outras duas mulheres, enquanto a coitada da moça, arfando sobre minha cabeça, se agitava com os talheres na mão. Peguei o garfo e comecei a comer. Maria se colocou ao meu lado, pronta para cumprir novas ordens. Levantei meu olhar para aquele uniforme preto e vi seu rosto, parecia uma linda flor negra orlada por pétalas brancas de renda.

— Você não está com fome, Maria? — perguntei-lhe

Ela contraiu os grossos lábios e balançou a cabeça, com certo nervosismo.

— Depois ela come, Caio querido — sussurrou mamãe.

— E se ela estiver com fome agora? — insisti, ingênuo.

— Ela disse que não está, menino! Aprenda uma coisa: empregados não comem na mesma mesa que o patrão... — explicou minha avó. — Comem depois, na cozinha.

— Não preste atenção a isso, meu filho — disse-me papai, num tom debochado. — Cristo jamais ensinou isso!

— Mas, o apóstolo Paulo ensinou, ora essa! Está escrito: “Vós, servos, obedecei a vossos senhores segundo a carne, com temor e tremor”.

— Mas, eu não estou vendo nenhuma escrava. Você está, Caio?

Afirmei que não com dois lentos movimentos com a cabeça.

— Acontece que eu vejo uma empregada. Uma empregada sustentada com o salário que eu pago!

— Não preste atenção a isso, também... Não vai lhe fazer bem, Caio — advertiu meu pai ainda de bom humor.

— Comunista! Mundano! — protestou vovó consigo mesma.

— Come, Caio querido, come! — disse minha mãe encerrando aquela calorosa troca de farpas. Depois eu olhei para minha avó. Ela me olhava com seus olhos fundos, um agressivo olhar de rejeição. Senti-me tomado por uma súbita inquietação, constatei que o ódio que vovó devotava ao meu pai, sem que eu ainda soubesse o porquê, estendia-se também a mim.

Terminei o meu jantar, afastei o prato e fiquei a pensar sobre

aquelas pessoas: a minha família. Os pezinhos balançavam suspensos do chão e a cada movimento dava uma pancadinha seca na parte interna da perna dianteira da cadeira, como que a marcar o ritmo do meu pensamento; braços sobre a mesa. Papai mastigava com calma, tinha uma expressão absorta de quem está mergulhado em pensamentos longínquos. Mamãe parecia comer sem fome, de vez em quando ela lançava um discreto olhar para papai. Minha avó comia, parcimoniosamente: o rosto enrugado e carrancudo lhe emprestava naturalmente um ar de autoridade.

— Terminou o jantar, Caio? — indagou mamãe, com uma voz neutra.

Confirmei com a cabeça.

— Então, tire os cotovelos da mesa e pare de bater com os pés na cadeira — disparou vovó. Acatei suas ordens imediatamente. Mamãe sorriu aprovadora.

— Isso, Caio querido! Você é um menino muito educado...

Papai levantou a cabeça, olhou para mamãe, depois para vovó e, por último para mim. Não pude entender o significado desses olhares. Depois, baixou a cabeça, talvez, retornando aos seus pensamentos distantes.

— Maria! — exclamou minha avó, sem tirar os olhos do prato.

— Sim senhora, dona Matilde! — respondeu a moça, atrás de mim — Leve esse menino para fazer a higiene e depois ao quarto.

— Sim senhora... Venha, Caio! — pegou-me pelo braço.

— Tudo para me aborrecer, tudo para me atingir, não é mesmo, dona Matilde?! — exclamou papai.

— Thales. — advertiu minha mãe num sussurro conciliador.

— Mas, é isso o que ela deseja, Rute!

— Não quero atingir ninguém. Apenas desejo fazer do menino um homem de bem — retrucou vovó, limpando a boca com um guardanapo. Papai levantou-se, encolerizado, jogou o guardanapo na mesa e se retirou.

— Vá, Maria, leve o menino! Está esperando o quê?

— Vamos, Caio...

Ao sair, ainda pude ouvir a voz de minha avó falando para minha mãe:

— Isso é o que você arranjou por marido, Rute: um homem sem eira nem beira. Com tantos moços ricos e tementes a Deus, você foi se casar logo com um ateu!

Vinte minutos depois, eu estava enfiado no pijama, só em meu quarto. Era um dormitório muito bem mobiliado com amplas janelas que davam para o jardim, um assoalho lustrado, um enorme tapete, mobília pesada, cama confortável. Mas não havia vida! O quarto parecia vazio; eu parecia vazio, o mundo parecia vazio! Sentei-me à beira da cama e fui tomado por uma tristeza infinita. A impressão que tinha era a de um condenado. Sentia-me trancafiado. Mas, esta impressão não vinha por certo das paredes do quarto. Não. Mesmo quando estava no quintal, na cozinha, em qualquer lugar da casa, o meu ânimo não se alterava. A prisão era eu mesmo, meu corpo, minha consciência, minha vida. A prisão era aquilo que acabara de descobrir em mim: minha individualidade, minha existência, meu ser. Eu era um tedioso fardo para meus pais, para minha avó e para mim mesmo. A porta se abriu e meu pai entrou. Sorria, com ternura.

Sentou-se ao meu lado e, num brusco golpe, me colocou em seu colo.

— Que olhos tristes são esses? — indagou apertando-me contra o peito. Fiquei um instante em silêncio, depois respondi:

— Vovó não gosta de mim...

Papai sorriu.

— Não, meu *bambino*, não diga isso de sua avó. Não é verdade. Sua avó não gosta é de mim; quanto a você, ela o adora.

— E por que ela não gosta de você?

— Por quê? — fez uma expressão de quem seleciona as palavras para dizer — Porque seu pai não é exatamente o tipo de marido que ela desejava para sua mãe... Mas, um dia, ela se acostuma com meu jeito de ser, com as minhas idéias... ou, quem sabe, eu não acabo me acostumando com as dela, hein?

Resmunguei, concordando, e me lembrei das palavras ditas por ele, à mesa.

— Você disse que é deísta. O que é isso, papai, é o seu trabalho?

— Deísta... Você guardou esta palavra?

Gesticulei que sim.

— Não! Não é o meu trabalho. Deísmo é um modo de interpretar o sentido cósmico da vida. Uma maneira de entender e se relacionar com Deus — disse, arqueando as sobrancelhas — Mas estas questões são coisas complicadas demais para você. E só as compreenderá quando for mais crescido.

— Eu tenho medo de Deus! — confessei-lhe.

— Mas não há motivos para se ter medo de Deus.

— Vovó sempre diz que ele castiga as pessoas e que construiu um lugar cheio de fogo para queimar meninos teimosos. Às vezes eu teimo; então fico com medo...

Papai sorriu.

— Não precisa ter medo, Caio. Esse lugar cheio de fogo de que sua avó fala é para as pessoas ruins, pessoas egoístas que não pensam nos outros, não para você que é uma criança educada, adorável. Mas não vá teimar com sua avó, nem dizer que lhe falei isso, estamos combinados?

— Combinados! — respondi sorrindo.

— Agora, acho que é hora de dormir.

Ajeitou as cobertas sobre mim. Beijou-me na testa e se foi.

Foi muito depois que pude compreender com clareza a conflituosa coexistência daquelas personalidades, que compunham minha família. Ali, debaixo de um único teto, o dinheiro, a fé e o ideal tomaram forma humana e se chocaram diante de um único espectador: eu.

O início da fé e do dinheiro se deu com meu avô materno, que só conheci por fotografias em preto e branco, amareladas pelo tempo. Emigrara de Belém do Pará para São Paulo, em 1925; consta que seu propósito era expandir a fé protestante. Apesar do inegável sucesso desse empreendimento religioso, parece que ganhou mais dinheiro que almas. Começou sua fortuna vendendo tecido às irmãs de fé, depois montou uma loja no centro velho da cidade e, em 1932, iniciou a produção fabril em um velho galpão na Mooca: a Indústria Têxtil Canaã. Morreu em dezembro de 1960, pouco antes do meu nascimento, legando à família uma grande indústria têxtil e um considerável patrimônio imobiliário. Com a morte de meu avô, vovó tomou a dianteira dos negócios, revelando-se uma mulher prática, inflexível, uma obstinada matriarca. Mãe era filha dessas personalidades e dessas circunstâncias psicossociais.

Papai era filho de imigrantes italianos. Meu avô paterno era “um operário engajado na organização política do proletariado”, para usar uma expressão muito querida de meu pai. Thales, o filho, haveria de seguir os passos de Thirso, o pai: a contestação do sistema político social. Formou-se na USP. Tornou-se um jornalista dedicado à causa popular, ardoroso defensor dos direitos sociais da classe trabalhadora. Um intelectual engajado no seu tempo. Suas matérias

denunciavam de forma gritante a exclusão social da classe trabalhadora, de modo que ganhou notoriedade como jornalista. Uma breve notoriedade, visto que desapareceu em 1969. Sua voz foi silenciada pela ditadura militar. Se houvesse subsistido ao regime, com certeza, nos teria deixado alguma obra de importância histórico-social. O mais interessante é que até à idade de vinte anos, eu desconhecia papai por completo, para mim ele não passava de uma sombra do passado. Desconhecia sua personalidade, sua história e quase chegara a duvidar de sua existência real. Papai e mamãe se conheceram em 1952, quando ele ainda era universitário e trabalhava na Indústria Canaã. Desse primeiro encontro, só ficou o flerte e o desejo reprimido. Cada qual habitava um mundo ideologicamente oposto. Mas, como a ordem que rege o Destino é tão incognoscível quanto a que criou e rege o Universo, suas vidas haveriam de se cruzar um dia. Reencontraram-se sete anos mais tarde. Nesse segundo encontro meu pai venceu os rígidos princípios morais de minha mãe: o jornalista engajado engravidara a filha do ex-patrão. Houve veementes protestos de meus avós maternos; mas, como a fé lhes impedia de optar por um aborto, a solução foi o casamento. Minha avó devotou àquele homem um duplo desprezo: primeiro, porque ousara desvirtuar sua moça, chegando ao cúmulo de engravidá-la; segundo, porque para sua personalidade conservadora, era intolerável viver debaixo do mesmo teto com um subversivo, um miserável comunista que, segundo ela, alimentava a louca idéia de, um dia, desapropriá-la do patrimônio construído com o suor, o sangue e a vida de seu esposo, para entregá-lo aos desocupados e vagabundos. Tampouco admitia que a única filha deixasse a casa para viver a própria vida.

É interessante como vovó, a despeito de sua religião, amava avidamente os bens materiais. Quanto a mim, jamais senti nada que me fosse tão alheio como o patrimônio que herdei de meus avós. A riqueza para mim, tal como as lembranças de minha infância, não me pareciam algo que me pertencessem intrinsecamente, isto é, algo que eu sentisse como parte de minha alma. Nunca fui o verdadeiro proprietário dos bens que herdei, porque nunca os possuí em espírito. Não sei ao certo o porquê desse desapego aos bens materiais, mas creio que foi uma espécie de reverência velada à memória de meu pai. Ele sempre foi marginalizado por minha avó, e ela, por sua vez, sempre foi o símbolo vivo do patrimônio familiar. Papai nada possuía nesta casa, exceto a si mesmo, a mim e o amor de minha mãe. E isso

é toda a homenagem que posso prestar à sua memória e à sua causa. De modo que quando cruzo os corredores desta casa, quando entro em suas salas, eu o faço com a consciência de um invasor, um usurpador que encontrou as portas abertas e tomou posse de tudo. Sou um impostor, um bastardo. Você ri, mas é assim que me sinto. E, um dia, pretendo devolver tudo isso aos seus respectivos donos. Existe uma frase que levo sempre comigo. É de William Billy Durant, o fundador da General Motors, um garoto que começou a vida engraxando sapatos, fundou a maior empresa do mundo e depois morreu despojado de toda a sua fortuna, lavando pratos num restaurante de beira de estrada. Escreveu ele: *“O dinheiro não é nada. É algo que se empresta aos homens, porque o homem, sem nada chega e sem nada, parte”*. Este é o sentimento que tenho em relação a esse patrimônio que, apesar de não o ter construído, me pertence.

Os anos seguintes a 1964 foram muito conturbados. A ditadura militar, que tomara o poder político, endurecia a cada dia a opressão contra os contestadores do regime. Apesar de minha avó sempre xingar meu pai de comunista, descobri posteriormente que ele não era comunista, pelo menos jamais fora filiado ao partido. De qualquer modo, meu pai também se opunha à ditadura, que nascera do golpe de 1964, ele se opunha e não se calava. De 64 a 69 eu podia ver a tensão, a ansiedade, a angústia nos olhos de meu pai. Havia também determinação, heroísmo e ideal em seus olhos. Neste período papai praticamente deixou de morar em casa. Quando muito, ficava um ou dois meses, depois desaparecia por mais um tempo. Vovó me explicou as ausências de papai com as seguintes palavras: “Seu pai está se escondendo da polícia porque defende os malditos comunistas ateus que querem acabar com o país, que querem tomar nossa casa e transformá-la num grande cortiço, numa casa coletiva para desocupados”.

Numa manhã de setembro de 1969, papai reapareceu, depois de uma ausência de mais de um mês. Chegara de madrugada. Quando a luz da manhã começou a dissipar as trevas da noite, fui acordado por seu abraço caloroso e festivo. Estava sujo, cabeludo, cheirando a suor, muito agitado. Abraçou-me e me beijou com seu rosto barbudo a pinicar o meu; mas, era um beijo muito especial, um beijo como jamais havia me dado. Papai não pretendia ficar muito tempo, tomou banho, fez a barba e colocou roupas limpas. Retirou do guarda-roupa algumas peças e as colocou numa pequena mala, com alguns livros;

os mesmos que ele sempre vivia lendo. Depois fomos até à garagem. O dia já era claro, o sol brilhava atrás das árvores, projetando sombras enormes sobre o gramado. Mamãe estava muito triste, silenciosa. Papai agachou-se sobre os calcanhares e, olhando em meus olhos, me revelou que faria uma viagem para muito longe. Lá para a Europa, um lugar muito bonito, para arranjar um emprego por lá. Mas que eu não precisava chorar, porque, assim que ele conseguisse se instalar na Europa, eu e mamãe também iríamos para lá. Disse-me para eu ser um bom menino e prometer que não iria chorar. Assenti com a cabeça e ele me beijou. Depois beijou mamãe, com afeto. Severino, o motorista, pegou a mala e a colocou no banco de trás do Impala.

— Severino, o itinerário é aquele que combinamos, está certo? — disse papai ao motorista.

— Sim, senhor Thales!

Papai abriu o porta-malas e se escondeu lá dentro.

— Feche, por favor, Severino.

— Perfeitamente, senhor Thales!

Antes que o motorista o fechasse, ele fez para mim o sinal de positivo e me deu sua característica piscadela de cumplicidade. Seguiu-se a pancada abafada do tampo do porta-malas de encontro ao veículo. Era como a tampa de um brilhante caixão metálico. A emoção tomou conta de mim, explodi num choro infantil. Com os pequenos punhos cerrados e soluçando, esmurrei seguidamente o tampo do porta malas:

— Abra! Abra! Abra!...

O motorista ligou o motor do Impala e o fez descer o declive em direção ao portão da casa. Eu corri atrás, gritando desolado. Quando o Impala arrancou, eu parei a alguns metros do portão. Era uma manhã clara, cheia de luz. Voltei correndo, soluçando angustiado. Refugiei-me nesta biblioteca, por detrás das grossas cortinas e chorei convulsivamente até que só me restou uma dor terrível e inexprimível. De repente, a porta se abriu e ouvi o fru-fru do vestido de minha avó acompanhado de seus passos macios; o barulho da poltrona cedendo ao peso do corpo dela; o fone sendo retirado do aparelho... Estas foram, por muitos anos, as últimas lembranças que guardei daquele dia fatídico. Foi a última vez em que vi meu pai. Às vezes ainda sou capaz de sentir o cheiro da água de colônia que ele passara depois de ter feito a barba, o calor do seu abraço e rever o brilho do medo, que lampejava em seus olhos.

No outro dia, um pouco refeito, mas ainda entristecido, perguntei ao motorista como meu pai tinha escapado da polícia. Ele me explicou que conduzira papai a uma região distante da cidade, e que lá ele embarcara na carga de um caminhão com destino à Bolívia. Esta história da fuga me consolou, sobremaneira. Meu pai estava vivo; talvez já estivesse voando para a Europa. A partir daquele dia, ele se tornara um herói para mim, um herói que escapara da polícia e dos homens do governo. Dava-me prazer; me trazia alegria relembrar esta façanha de meu pai. Durante quinze dias, eu exigi que o Severino a recontasse: queria apreender cada detalhe daquela fuga espetacular, queria saber a cor do caminhão e o tipo de carga que transportava, as últimas palavras de papai, sua expressão. Mas, para meu desapontamento, o motorista não possuía muitos detalhes. Estava preocupado demais para prestar atenção a tantos detalhes. Certa vez ele ficou irritado com tantas perguntas. O que o deixou nervoso foi o fato de eu ter lhe observado que, da primeira vez, ele dissera ser verde a cor do caminhão em que papai embarcara e, da segunda, dissera ser azul. Ele sustentou que sempre dissera ser azul e que eu é que estava fazendo confusão. Por minha vez, aleguei ter certeza absoluta de que ele dissera verde. Então, ele ficou exasperado, furioso, gritou que eu o deixasse em paz, que parasse de perturbá-lo, porque ele não tinha mais nada para contar. Por diversas vezes me senti tentado a ouvir novamente a história da fuga; mas, poucos dias depois, ele seria definitivamente poupado deste aborrecimento. Vovó despediu o homem... Depois, mamãe me contou que ele havia voltado para sua terra natal, no norte do país.

Os meses subsequentes à partida de papai foram muito tensos: mamãe passava os dias ansiosa, aflita, para receber notícias. Passaram-se dias, semanas, meses, um ano, e ela não recebeu sequer uma única carta. Vovó atormentava minha mãe, dizendo-lhe que o maldito marido comunista, com quem ela tinha se casado, a abandonara com o filho pequeno. Então, os anos desbotaram a história de papai e de sua fuga, transformando-o numa espécie de herói morto-vivo.

Mamãe desde menina professara a fé protestante de minha avó; mas há muito que não freqüentava a igreja. Estava afastada, creio que desde que engravidara. Antes que o desaparecimento de papai completasse dois anos, minha avó já a havia recolocado nas sendas do Senhor. Mamãe voltara à igreja com renovado ardor. E, de alguma maneira, a saudade, ou talvez, a simples ausência de papai,

fez com que ela aos poucos começasse a se parecer com minha avó. Quando papai era presente, ele não permitia que me levassem à igreja. Afirmava que eu tinha o direito de escolher a minha religião. Vovó argumentava que o caminho do Senhor deveria ser seguido desde a mais tenra idade. Papai retrucava que ela desejava esmagar a minha consciência crítica sob a severidade de seu Deus protestante. Com a ausência prolongada de papai, minha avó começou a me levar à igreja: primeiro, fazendo o uso de todos os métodos de aliciamento infantil, que ia desde um simples gesto de carinho, a passeios no Ibirapuera pela tarde de domingo; depois como uma obrigação imposta com severidade. Não entendo como minha mãe permitia que vovó mandasse tanto em minha vida e, muito mais ainda, na dela. Dos meus oito aos dezessete anos de idade os cultos dominicais tornaram-se uma enfadonha tarefa do meu rotineiro domingo. Nessa fase de minha vida, eu sentia muito medo de Deus. Um medo que se tornava ainda mais intenso durante os cultos. Eu contemplava aquela multidão de fiéis ajoelhados, clamando e chorando pelo perdão do Supremo Ser... Eu O imaginava um velho de longas barbas brancas, olhar ameaçador e com a vacilante espada de sua autoridade, suspensa sobre o dedicado fio de nossas vidas. Já nessa época eu era atormentado por questões metafísicas: me perguntava sempre sobre o porquê, o sentido de minha existência. Certa vez, vovó me explicou o porquê da minha existência e de toda a epopéia humana: tudo não passava de um ato gratuito da vontade de Deus e seu único significado era glorificar ao Criador. Foi o que minha avó me garantiu:

— Você existe para adorar a Deus, Ele criou você para que O adorasse, O exaltasse, hoje e eternamente.

— Eternamente?

— Sim, eternamente. Quando você morrer, se você seguir pelo caminho da salvação, sua alma vai para o Céu, onde permanecerá para todo o sempre louvando e dando glória a Deus.

Nada poderia ser mais anticatéquético que este argumento de minha avó. A partir daquele momento, além de temer esse Deus protestante, eu passei também a desprezá-lo. Desprezando-O, eu desprezava, na realidade, minha avó. Temendo-O, eu temia, na verdade, minha avó. Afinal ela não falava “Ele” com tanta intimidade? Aliás, o Deus de minha avó se parecia demais com ela mesma. Como o Criador do Universo poderia ser tão arrogante, tão egoísta, tão narcisista? Quer dizer que ele havia me criado só para

engrossar-lhe o coro de adoração? E se eu me recusasse a adorar esse Ser egoísta? Vovó me explicou:

— Então você vai para o inferno, um lugar de fogo criado por Ele para jogar aqueles que se recusarem a adorá-lo. Naquele lugar terrível, haverá ranger de dentes e os malditos vão assar para sempre como um leitão num braseiro.

Jamais cheguei a me converter de fato ao protestantismo. O ritual do culto não me revelou nenhum sentido profundo, nem jamais senti qualquer espécie de êxtase religioso. Mas, devido ao inferno descrito por minha avó, durante dez anos de minha vida freqüentei resignadamente o protestantismo. Apesar de conscientemente me recusar a aceitar a forma acabada do Deus protestante, Ele deitou, sorrateiro, seus tentáculos em minha alma. Destes dez anos de culto forçado, romperam-se em minha personalidade alguns de seus traços mais salientes: o excesso de escrúpulo moral e uma inexplicável temeridade diante da vida e de suas situações, que — se não fosse a autoestima — poderia por certo designá-la como covardia. A verdade é que inconscientemente eu tomei para mim a mais nefasta preciosidade de minha avó: a vida não estava neste mundo natural, no presente, mas no sobrenatural e no porvir. Contudo, quanto mais ela anunciava o mundo porvir e imaterial, tanto mais deitava raízes neste mundo e tanto mais se tornava ávida por lucros e por bens materiais.

Minha infância foi solitária, quase irreal. Quando a revejo, ela me parece envolvida por uma estranha névoa de irrealidade, uma espécie de fantasia alheia à minha verdadeira e desconhecida história, embora não duvide de sua verdade, de sua dor e de seus grilhões. Ainda hoje não me sinto completamente livre. Esta infância tão alheia e tão minha foi em parte fruto de uma arte, a arte da representação: eu a vivi numa constante representação de garoto dócil e irrepreensível. Minha mãe me vestia sempre com roupas claras, cândidas e vincadas pela goma, o corpo recendendo a lavanda e o cabelo penteado e úmido do último banho, fixo por um creme que o mantinha brilhoso e assentado. Anunciava aos quatro ventos as virtudes de seu menino prodígio. Até à adolescência, vivi exposto numa vitrine, isolado do contato com estranhos, como uma jóia num museu para admiração dos conhecidos da família, parentes e deleite de vovó e mamãe. Enclausurado entre os quatro muros da chácara e alheio ao convívio de crianças turbulentas, cresci sem dar qualquer valor ao esporte. Se hoje possui um corpo robusto e saudável, devo-o

ao sangue paterno. Minhas amizades eram selecionadas e patrulhadas, em princípio por minha avó e, mais tarde, por mamãe, que tomou gosto por este capricho de vovó. Eram crianças mimadas, de pais protestantes. O cuidado de vovó objetivava impedir que crianças pervertidas se aproximassem de mim para ensinar coisas feias. Ela temia que sua pequena ovelha se desgarrasse do caminho da salvação. As companhias que vovó e mamãe me arrumavam eram enfadonhas, insuportáveis e semelhantes a mim. Eu as repudiava em segredo. De objetivo eu nada dizia ou fazia para afugentá-las: apenas me calava e não lhes dirigia palavra. Eu as vencia pela indiferença. Sem verbalizar uma única sílaba, eu as expulsava de meu solitário território. Mamãe desejava me enlaçar numa fé duradoura, pavimentar o caminho da minha vida, incutindo-me a sua religião, os seus princípios, os seus valores. E presumidamente chegou à conclusão que a melhor maneira de me enlaçar seria deixar que uma namoradinha protestante o fizesse. Lembro-me de uma garotinha que me foi apresentada por minha mãe. Eu contava, creio, quinze anos quando isso ocorreu. Não me recordo de seu nome, mas suas feições ainda estão vivas em minha memória. Era uma menina bonita, faces rosadas, cabelo castanho, liso e comprido à altura da cintura. Talvez tivesse a minha idade. Seus pais estiveram algumas vezes em casa e se demonstraram bastante coniventes quanto à aproximação dos jovens pombinhos. Mamãe estava eufórica: à tarde mandava o motorista buscar a menina com o Opala, para que passássemos horas juntos. Ao final do dia, conduzia a menina à mesa para que tomássemos chá. Dava um suspiro de felicidade e nos deixava sozinhos, para que conversássemos como um lindo e romântico casalzinho. Não posso afirmar que ela jamais despertou em mim nenhuma curiosidade. No princípio eu também fiquei um tanto eufórico com aquela jovenzinha tão habilmente arranjada por mamãe e, por algumas vezes, cheguei a pegar sua mão, enquanto passeávamos pelo jardim da casa. Mas era um toque assexuado, mesmo porque eu ainda não tinha uma idéia completa do sexo; apenas suspeitava-lhe a existência. Nos passeios pelo jardim conversávamos sobre as mais variadas futilidades. Éramos dois adolescentes, que viviam ainda uma infância ingênua. À tarde, quando sentávamos, um frente ao outro, na mesa arranjada por mamãe, eu me sentia um ator de terceira categoria a improvisar um personagem dissonante e ridículo. Aquilo me soava artificial, um teatro de marionetes. Além disso, a menina era tão tímida quanto eu.

Tempos depois havíamos esgotado todos os nossos fúteis assuntos e levar adiante aquela encenação se tornou uma tarefa impossível. Mamãe protestou. Vovó chegou a ironizar, de forma bastante velada, a minha masculinidade:

— Rute, às vezes, eu tenho dúvida se esse seu menino chegará um dia a declamar os “Cantares de Salomão!”

Muito tempo depois, lembrando estas palavras, entendi as insinuações de vovó. De qualquer modo, a encenação chegou ao fim e creio que o término tenha livrado mais a pobre moça da minha enfadonha presença, do que a mim a companhia dela.

## *Chuva de Novembro*

O meu mundo era limitado pelos quatro muros que cercam a casa. Havia ainda uma pequena extensão territorial: a Congregação e o colégio protestante. Não existia uma única margem de liberdade de onde o espírito pudesse alçar vôo. Mas um acontecimento em meados de 1978 me abriria uma janela para a vida. Durante as férias de julho, os jovens de minha Congregação programaram uma verdadeira turnê pela capital. Visitaríamos oito Congregações, em trinta dias; sobretudo, na periferia da cidade. Aprovei de imediato a idéia desse evento. Fiquei cheio de expectativa ao pensar que o meu pequeno universo seria, enfim, expandido. As férias chegaram e, na primeira quarta-feira do mês de julho, começamos a turnê. As excursões estavam programadas para quartas e sábados à tarde. De modo que a cena de quarta se repetiria no sábado: um ônibus fretado estacionava em frente à igreja para nos conduzir a uma das Congregações relacionadas no programa de visitas. Era primeiro de julho. Naquele sábado, visitaríamos uma Congregação no bairro do Carrão. Levantei-me cedo, alegre e esperançoso, afinei e lustrei meu saxofone. Queria-o brilhando na reunião daquela noite. Às duas da tarde eu já tinha tomado banho, mamãe emplastara meu cabelo com creme e o penteara cuidadosamente. Naquele sábado eu estrearia um novo corte de terno de linho e uma gravata de seda importada. Mamãe arrumou minha gravata, me beijou diversas vezes a face, chamando-me de seu rapazinho, depois borrifou perfume francês em meu pescoço e na lapela do terno. Eram 4h da tarde. Ela chamou o motorista e pediu que conduzisse o “senhor Caio” à Congregação. Chegamos na hora da partida do ônibus, Antônio, o motorista, colocou meu saxofone no porta-malas do veículo e, dez minutos, depois o ônibus partia com um grupo de jovens cantando, a pleno pulmões, hinos e canções evangélicas. O culto teve início às 19h.

O grupo de visitantes abriu a reunião com canções evangélicas. Às 20h, nossa apresentação musical estava encerrada, a partir daí simplesmente assistiríamos ao culto. Havíamos tocado por quase uma hora. A noite estava quente. A igreja lotada, abafada. Depois de tanto soprar em meu sax, eu sentia sede. Pedi ao Samuel que tomasse conta do meu instrumento enquanto eu iria tomar água. Ele assentiu e eu saí à procura de um bebedouro. Do lado de fora a noite estava estrelada e fresca. A parte externa do templo ainda estava em construção. Não havia bebedouros. Um rapaz me informou que eu poderia beber água na pia do banheiro, indicando um recanto de terreno afastado do templo. Achei indigesta a idéia de beber água num banheiro, mas mesmo assim me dirigi ao local indicado. Era um pequeno cômodo em construção, próximo ao muro que fazia divisa com o terreno lateral. Havia ali, encostado à parede, um monte de areia, um de pedra e, um terceiro, de entulho. O banheiro estava inacabado, os tijolos sem reboco, o piso de concreto rústico, o vaso sanitário sujo de urina. Havia uma pia de cor branca, mas muito encardida. Abri a torneira e, aparando a mão em concha, bebi apenas o suficiente para matar a sede. Quando retornava ao templo, ouvi um murmúrio de vozes vindas do outro lado do muro. Por curiosidade, subi no monte de entulho: era uma festa, do outro lado da rua. Fiquei ali, espreitando à distância aquelas pessoas que entravam e saíam pela balaustrada de uma casa miserável. Uma lona amarela cobria a porta de entrada da casa. Do alto de um caibro, uma lâmpada, sob o prato de uma arandela, projetava uma luz sumária sobre os circunstantes. “Uma festa!”, pensei. Lembrei-me das palavras de reprovação de minha avó, quando ela via uma festa: “um bando de alcoólatras, orgias da carne”. Uma música muito bonita começara a tocar, uma música do mundo. Como era suave aquela música mundana, uma melodia romântica, completamente desconhecida por mim. Do monte de entulho, continuei espreitando as movimentações daquelas pessoas. “E se eu fosse até lá? Não demoraria. Apenas uma rápida olhada de perto. Sim, se eu fosse e voltasse rapidamente, ninguém haveria de perceber a minha ausência”. Olhei em direção ao templo, não havia ninguém olhando para mim, num lance rápido coloquei as mãos no muro, depois as pernas e saltei. Já do outro lado, estiquei o terno e arrumei a gravata. Escolhi a parte mais baixa das moitas de capim para atravessar o terreno baldio. Alcancei a rua, uma rua de terra socada. O esgoto corria por valetas rasas, entre a rua e a calçada feita por camadas sobrepostas de entulho. Na frente da casa

um rapaz mal encarado me lançou um olhar nada amistoso. Disse-me, num tom ameaçador, colocando o indicador no meu peito:

— Aí, ó crente, isso aqui não é lugar para você, não. Sua roupa está mais apropriada para velório que pra aniversário.

Senti um medo terrível, quase perdi a voz.

— Desculpe, eu apenas... apenas — gaguejei. Ia dar meia volta, quando ouvi:

— Marcão, deixa ele em paz! — gritou outro rapaz, vindo de dentro da casa. Aproximou-se: — Pode entrar se quiser, a casa é minha — acrescentou.

— Estava brincando, Pedro. Só queria pregar um susto no almofadinha.

Sorri aliviado. Mas o medo havia dissipado a curiosidade.

— Muito obrigado... — disse ao gentil rapaz. — Desculpe, eu não deveria... Nem fui convidado.

— Não! — disse ele — me segurando pelo braço. — Entra um pouco. Agora você é meu convidado.

Sorri com seu gesto cortês. Entrei. Era uma sala não muito ampla, sem móveis, retirados para ceder espaço para o baile. Num canto havia uma pequena estante, onde funcionava uma velha vitrola. O interior da sala estava completamente tomado pelos alegres convidados da festa. Crianças corriam de um lado para outro. Adultos conversavam em pequenos grupos, bebendo cerveja em copos plásticos e dando sonoras gargalhadas. O ambiente recendia a uma agradável mistura de cerveja, suor e fumaça de cigarro. Eu estava propenso a sentir asco daquele ambiente e de seus participantes. Mas a sensação que despertara em mim era simetricamente oposta: estava me sentindo feliz, sem saber porquê. Uma senhora me ofereceu um copo de refrigerante. Aceitei-o com um sorriso de euforia nos lábios. Rapazes e moças, mais ou menos da minha idade, conversavam num pequeno grupo muito animado. A música havia terminado e o disco ainda girava sobre o prato. Um rapaz destacou-se do grupo, dirigiu-se à vitrola e virou o disco. "*When a man loves a woman...*", principiou a voz, que soube depois ser de Johnny Rivers. Quando a música começou houve uma espécie de suspense no ar e, momentos depois, o centro da sala estava tomado por diversos casais, que dançavam com os corpos muito unidos. Era uma dança simples, lenta, quase parada: davam dois balanços para a direita e um pequeno passo para o mesmo lado, depois o mesmo se repetia para a esquerda; e, assim, giravam de modo quase imperceptível. Fiquei encostado na parede,

contemplando aqueles jovens a dançar. Um rapaz aproximou os lábios do ouvido de sua parceira e segredou-lhe algo, talvez divertido, porque a cada palavra que ele murmurava, ela sorria com mais vontade. Foi neste momento que a vi: dançava por entre os casais com um menino um pouco mais baixo que ela. Ela sorria, com graça. O menino sorria também. Fiquei pensando sobre motivo do riso. Um casal se deslocou um pouco à direita e obstruiu minha visão. Tomei um gole do guaraná e, com discrição, encostado à parede, fui para o fundo da sala. Dali consegui contemplá-la de corpo inteiro. Meu coração disparou. Era uma menina encantadora, tinha uma cabecinha grega, um rostinho de palidez angelical, emoldurado por cabelos vultosos, negros como o ébano, que caíam em suaves espirais sobre os ombros e a fronte, os lábios eram carnudos e vermelhos; os ombros estreitos e braços delgados que se assemelhavam ao de uma bela escultura de marfim. Usava um vestidinho preto de alcinhas, que, a cada movimento de seu frágil corpo, balançava um pouco acima dos joelhos. As pernas eram roliças como as colunas do Parthenon. Uma sensação gelada me percorreu todo o corpo. Jamais meu coração pulsara com tamanha velocidade e ímpeto. Ela continuava a dançar com o menino, sem perceber o meu olhar obsessivo. Aproximei-me um pouco mais, agora estava a menos de dois metros dela. O menino disse-lhe alguma coisa e ela sorriu, revelando uma fileira de dentes brancos e um pouco irregulares. Talvez o menino tenha lhe dito que eu a observava. Ela silenciara e, como que a confirmar a informação, girou um pouco a cabeça para meu lado e posou, por um breve momento, o brilho de seu olhar nos meus. Corei. É inexprimível o que senti naquele momento, parecia que um rio de água gelada atravessava pelo meu corpo. O menino continuou a falar-lhe, mas ela não sorria, nem replicava, apenas dançava. Molhei os lábios com guaraná... "*When a man loves a woman*"... A música chegava ao fim. "*When a boy loves a girl*, ficaria mais apropriado", pensei. Quando a música encerrou, ela retirou imediatamente as mãos dos ombros do menino e disse-lhe:

— Agora, vê se encontra outra garota para dançar com você, Xande!

Ele protestou fazendo uma cara amuada e se perdeu aborrecido por entre as pessoas. Mas eu não me preocupava com ele. Meus olhos só enxergavam aquela pequena deusa. Meus sentidos se aguçavam no objetivo de captar só a imagem dela. Sua voz ainda escorria como mel nas minhas veias. Encantadora sonoridade. Suas

palavras fizeram vibrar todos os meus músculos como se fossem cordas de uma harpa tocadas pelos dedos de um anjo. Ela me lançou um olhar de soslaio e pude ler em sua expressão um sorriso sutil e sedutor. A segunda faixa começou a tocar, outra balada romântica. "Do you wanna dance?"... perguntava a canção. A menina encostou-se na outra extremidade da parede em que eu me encontrava. Meu coração batia ainda mais forte por saber que eu poderia aproximar-me dela e cantar-lhe o nome da música: "girl, do you wanna dance?" Mas não tinha coragem de fazê-lo. Ela me lançou um novo olhar, desta vez um tanto convidativo. Quase venci a timidez, cheguei a dar um passo, mas uma sensação paralisante me congelou, parecia que cada um de meus pés pesavam uma tonelada. Encostei-me de novo à parede. Meus olhos não abandonavam por uma única fração de segundo a imagem daquela menina. Um marmanjo aproximou-se dela e, muito descontraído, fincou os cotovelos à parede. Tremi. Ele a convidava para dançar. E se ela aceitasse? "Se ela aceitar vou embora. Não! Não suportaria vê-la dançando com aquele marmanjo". Conversaram. Ela meneou a cabeça, negativamente. Ele insistiu. Ela voltou a recusar. Ele abriu as mãos num gesto de conformação e partiu para uma outra menina. Por um instante ela continuou a olhar para o outro lado, depois, devagar, voltou o rosto para mim e sorriu. Eu lhe retribuí o sorriso, timidamente. Se a música não tivesse acabado naquele momento, eu a teria convidado para dançar. Fiquei a amaldiçoar minha timidez. "E se a próxima faixa fosse um ritmo dançante, do tipo discoteca? E se desligassem a vitrola?" Foram minutos de agonia. Mas a próxima faixa era ainda mais apropriada para o meu ensejo: "A Whiter Shade of Pale". A música ocupou suavemente o ambiente. Eu não via mais nada, exceto aquela menina emoldurada por uma massa disforme de rostos anônimos. "E se ela me recusar esta dança? Seja lá o que Deus quiser!". Desloquei-me em sua direção. Coloquei-me frente à frente com ela. Seu rostinho delicado levantou-se para me olhar. Eu a fitei no fundo de seus olhos castanhos. Naquele momento, tudo o que desejava era possuir a onisciência de Deus para desvendar seus pensamentos mais secretos. Creio que tenha perdido a voz por um momento. Perguntei-lhe com esforço:

— Aceita dançar comigo?

Ela sorriu.

— Vamos!

Enfiamos-nos entre os casais que dançavam. Dançar em

público seria um desafio terrível para minha timidez. Ela me envolveu pelo tronco com seus braços delicados. Eu a abracei pela cintura, tentando reproduzir a mesma postura que havia observado nos outros casais. Ela encostou a cabeça em meu peito de modo que pude sentir o cheiro de seus cabelos. Ficamos sem dizer palavra, balançando, com doçura, ao som de "*A Whiter Shade of Pale*". Jamais eu sentira com tanta intensidade a proximidade de um outro corpo. O mundo deixara de existir durante o tempo em que dançávamos. Era como se dançássemos num mundo imaterial, como se vagássemos no ar com a mesma leveza da música. Foi com ela, encostada ao meu peito, que prestei atenção à sua altura: a supor pela minha, que na época era de 1,76m, a dela não chegava a 1,60; talvez 1,57 ou 1,55. Ela levantou sua cabecinha grega para mim, me contemplou em silêncio por um momento, depois sorriu.

— Por que você ri? — perguntei-lhe.

— Sua roupa é muito engraçada.

— Engraçada?

— É. Quero dizer, me desculpe, mas ela é tão cafona!

— Cafona?... Você acha?

Ela sorriu, sem querer afirmar.

— Veja como as pessoas olham para você.

— Para mim? — perguntei surpreso. Olhei em torno. De fato eu era o centro das atenções. E só então o percebei.

— É porque eles não sabem o que é a elegância européia — disse-lhe gracejando. — Desde o tecido até a gravata, foi tudo importado.

Eu não desejava esnobar, mas foi o único jeito que encontrei de auto-afirmação.

— Importado isso? — disse ela fazendo um muxoxo de reprovação. — Esses europeus são mesmo horríveis! — acrescentou arrastando deliberadamente a penúltima sílaba.

— Para dizer a verdade, eu também não gosto desta roupa.

Sorrimos, como dois adolescentes, que éramos. Ela me apertou ainda mais em seus braços.

— Qual é o seu nome? — perguntou-me sem levantar a cabeça.

— Caio Graco — respondi.

— Caio Caco?

— Não. Graco!

— Ah,... Graco. Que nome estranho...

— Meu pai me disse que era o nome de um senador romano.  
E o seu qual é?

— Caressa Aparecida. Minha mãe me disse que é porque sou muito aparecidinha.

— Caressa Aparecida. — repeti a fim de apreender a sonoridade do nome. — Gostei!

Ela levantou seu rostinho para mim e disse como que a refletir:

— Caio Graco... sorriu. — Gostei também!

Depois de um instante, perguntei a ela:

— Quantos anos você tem?

— Quanto você me dá?

Francamente, olhando-a melhor, supus que não passasse de treze. Mas, presumindo que ela desejasse aparentar mais do que tinha, arrisquei um pouco mais:

— Quinze!

Ela riu baixinho.

— Não. Fiz treze, há três semanas.

Simulei espanto:

— Treze?! Eu jurava que você tinha pelo menos quinze.

— E você, Caio, quantos anos tem?

— Qual é o seu palpite?

— Dezenove!

— Errou. Tenho dezessete.

— Dezessete? — protestou.

— Sim. Por quê?

— Pensei que tivesse no mínimo dezoito. — ela estava verdadeiramente surpresa com minha idade. Abraçamo-nos ainda mais apertado e ficamos ali adernando, no centro da sala, como um barco à deriva. A música estava chegando ao fim. Lembrei-me, de repente, que àquela altura, o culto já deveria estar terminando.

— Tenho que ir — disse-lhe.

— Já?

— Sim.

A música acabara. Agora se ouviam apenas os característicos ruídos que, nos discos de vinil, sempre antecedem o início das faixas.

— Vou com você até lá fora — disse ela, tomando a iniciativa de pegar em minha mão. Saímos. Do lado de fora, junto ao portão, de um modo muito espontâneo, voltou a me abraçar.

— Quando vamos nos ver novamente, Caio? — perguntou.

Só então suspeitei que, talvez, jamais voltássemos a nos ver.

— Um dia desses a gente se vê, Caressa — respondi-lhe com uma nota de tristeza na voz. Ela levantou seu adorável rostinho para mim. Olhou-me por um momento e depois desceu as pálpebras lenta e poeticamente. Os lábios estendidos se ofereciam para mim como um delicioso morango maduro. Hesitei por instantes sobre o seu verdadeiro desejo. “E se eu estivesse enganado?” Ela dissipou toda a minha dúvida:

— Dê-me um beijo de despedida, Caio — sussurrou.

Eu me inclinei sobre ela e a beijei. Estava trêmulo. Foi um beijo ligeiro. Ela abriu os olhos e eu os vi brilhando com intensidade para mim. Era um brilho arrebatador, reticente. Os meus olhos mergulharam na profundidade daquele olhar. Nossos olhos comunicavam um ao outro tudo aquilo que não conseguíamos dizer, tudo aquilo que, para a palavra, é inexprimível. Suspirei transpassado por esta nova emoção. Caressa apertou-me em seus braços com a força de quem teme se despedir de uma pessoa querida.

— Não, Caio. Não vá ainda...

Meu desejo era ficar, mas a idéia de que o ônibus partisse e me deixasse naquele lugar me deixou preocupado.

— Tenho que ir, Caressa...

— Para onde, Caio?

— Para lá. — disse apontando o templo iluminado.

— Para a igreja?

— Sim. Eu não moro aqui... se perder o ônibus não tenho como voltar para casa.

Mais uma vez ela me estendeu os lábios à guisa de despedida. Beijamo-nos, desta vez um pouco mais demorado.

— Eu a procuro... A gente se vê — disse-lhe, já correndo na direção do terreno baldio. Ela acenou com tristeza para mim.

Pulei o muro da igreja e, antes de entrar, me detive: desta vez eu atravessara por uma moita de carrapicho e tinha a calça empesteadada dessa plantinha inoportuna. A igreja estava orando, quando sorratamente retornei ao meu lugar.

— Pensei que não voltasse mais, Caio. — disse-me Samuel, sem abrir os olhos, como se esta frase fizesse parte de sua oração.

— Se dependesse do meu coração, nunca mais voltaria.

Samuel abriu os olhos. Cochichou:

— Onde esteve?

— Vi um anjo. — sussurrei

— Um anjo? Um milagre?...

— Sim... Um milagre.

— E o anjo lhe disse alguma coisa?

— Que a vida é maravilhosa!

Ele fez uma expressão reticente. Acrescentei:

— Um anjo num corpo de menina.

— Ah... — sorriu, divertido.

— Deus olhou para sua criação e viu que era muito bela — observei — Eu a toquei com meu corpo e senti o seu cheiro. Deus olhou para sua criação e viu que era muito bela — repeti.

— A vida? — indagou meu amigo.

— Não. Caresa.

— Caresa?

— Sim. É o nome do anjo.

Ele sorriu.

O ônibus nos conduziu de volta aos nossos lares. Pelo trajeto, com o rosto colado à janela, eu vinha completamente entregue à adoração daquela menina.

Mamãe me recebeu com as mesmas perguntas de sempre:

— Sim, mamãe, gostei do passeio... Sim, conheci pessoas interessantes...

Desta vez eu respondia com satisfação e sinceridade. Dirigi-me ao quarto com o saxofone. Sentei-me à beira da cama. Memorizei a letra da música, depois reproduzi no sax o som de "*A Whiter Shade of Pale*". Era delicioso o que sentia. Ela despertara em mim um ardente desejo de viver. Toquei um sem número de vezes o trecho que eu conseguira reproduzir. Estirei-me na cama com os braços abertos e evoquei-lhe a imagem com riqueza de detalhes. Como aquele rosto dava cores à minha vida! Tudo ocorrera tão intensamente. Minha vida, de repente, adquirira verdadeiro significado, parecia desabrochar numa explosão; parecia uma represa rompendo-se, libertando uma furiosa tromba d'água há muito saturada. A vida, naquele momento, bastava em si mesma como explicação máxima para a existência. Fiquei a conjecturar sobre a misteriosa força que me arrastara para aquele encontro. "O destino? A providência? Deus?... O amor?". Admiti. "Sim. Nosso amor é eterno, nos amamos desde antes da fundação do mundo e esta noite, minha querida, eu te reencontrei. Eu te amo, Caresa! Com todas as forças de minha alma, eu te amo!"

O coração fazia vibrar o peito com violentas palpitações. Eu desejava que a providência descesse as cortinas da eternidade e congelasse aquele instante para todo o sempre, eternizando-o dentro de meu peito. Vesti o pijama e me deitei. O sono havia fugido. Meu pensamento havia se ocupado em reproduzir cada detalhe daquele encontro inesquecível, cada traço daquele rosto de menina em flor. Naquela noite, em meu pensamento, Caressa me estendeu, por milhares de vezes, seus lábios cálidos para que eu os beijasse. E, naquela noite, eu a beijei milhares de vezes, antes que a fadiga arrebatasse minha consciência.

No dia seguinte acordei cedo. Do outro lado da vidraça, por entre as árvores do jardim, o sol sorria para mim. Troquei de roupa e desci carregando aquele objeto que, pelo próximo mês, haveria de fazer parte da minha alma: o saxofone. O gramado estava úmido de orvalho e o ar conservava o frescor da madrugada.

Quando era criança, eu costumava me sentar num galho muito cômodo do grande pé de figueira brava que fazia divisa com o muro do fundo. Dali eu podia avistar a vizinhança e, sobretudo, me isolar: aquele galho era uma espécie de refúgio da minha tristeza. Permanecia ali horas a fio. Na época, eu, muito criança, não conseguia refletir sobre o profundo sentido desse gesto. Na verdade, tudo o que fazia no alto da figueira era sofrer, me entregando a uma profunda melancolia, sem nome, sem definição. Mas, hoje, compreendo a natureza real deste exercício: entregando-me à dor, à insipidez da existência eu buscava, na verdade, descobrir-lhe o seu secreto sentido. E foi para os braços da figueira que me dirigi naquela manhã. Queria declarar à minha velha companheira a resposta para tantas horas de angústia, a descoberta de uma pessoa que dava à vida um verdadeiro significado. Joguei o instrumento às costas e escalei a árvore, sentei-me entre seus braços acolhedores e toquei um trecho de "*A Whiter Shade of Pale*". A brisa da manhã soprava suavemente o ar gelado em meu rosto, arrastando as notas expelidas do sax para além do muro, que cercava a casa. Depois, repeti o mesmo trecho. E o fiz por um incontável número de vezes... Era o único que conseguia reproduzir. Minha amiga árvore não parecia se enfadar de tão monótono exercício, nem tampouco eu desejava interromper a execução daquele som que fazia com que, eu visse, como que num devaneio, o rosto a minha amada a sorrir para mim. Não sei por quantas vezes e por quanto tempo toquei aqueles acordes. Talvez cruzasse o dia a tocá-los se meu sonho não fosse interrompido, como

uma bolha de sabão que estoura no ar.

— Caio! — ouvi uma voz, chamando. — Caio! — olhei para baixo.

— O que você faz aí em cima? — Era minha mãe.

— Estou tocando.

— Eu sei que você está tocando, pois não sou surda. Não acha que já está demasiado crescido para bancar o macaco músico?

— Já vou descer, mãe.

— Pois desça! Onde já se viu? Nem tomou o café da manhã. São quase onze horas, Caio!

— Já vou descer... Só vou tocar uma última vez.

Ela deu as costas.

— Dentro de cinco minutos quero vê-lo na copa...

Antes de retomar a execução me assegurei de que mamãe estava bem longe para não ouvir com nitidez o som da melodia. Olhei para a direção que julgava ser a da casa de Caressa e com muito mais fôlego e devoção toquei mais uma vez. Depois, desci e me dirigi à copa. Sentei-me à mesa e belisquei um pedaço de queijo, tirei duas colheres do mamão e comi uma torrada com geléia. Retornei ao meu quarto e continuei a tocar. Momentos depois, mamãe abriu a porta. Parei, ante a sua aparição:

— Caio, você não comeu quase nada, meu filho! — disse-me.

— Estou sem fome, mamãe.

— Mas, precisa alimentar-se direito — aproximou-se e colocou o dorso da mão em minha testa: — Você está se sentindo bem?

— Muito bem. Por quê? Não pareço bem?

— Não me parece... Você sempre come tão bem, pela manhã.

— Não se preocupe, mamãe. Garanto que nunca me senti tão bem em toda minha vida...

— Sim!

Fechou a porta e tornou a abri-la.

— Eu ouvi você tocando uma música... É um novo hino? — perguntou-me. Hesitei. Depois respondi seguramente:

— Sim, um novo hino.

De qualquer modo eu não estava mentindo.

— Muito bonito. Aprendeu no encontro de jovens de ontem à noite?

— Sim. Aprendi no encontro de ontem à noite.

Ela sorriu e fechou a porta.

À noite, como de costume, fomos à Congregação. Meu pensamento, porém, não chegara sequer a cruzar o portão da igreja, estava muito distante. Minha alma não sentia a menor necessidade de comunhão com Deus, tampouco com aquelas pessoas que se diziam meus irmãos de fé. Daquele culto, logo depois da noite que conheci Caressa, restou-me uma única certeza. Eu nunca fora e jamais seria protestante, não nascera para esta religião, para nenhuma, talvez. Os rituais dos cultos me pareciam por demais caóticos, improvisados, vazios, histéricos. Não possuíam a plasticidade do amor. E era da plasticidade do amor que minha alma tinha sede, não da fé protestante. Era da beleza do sorriso de Caressa que eu precisava. De suas carícias, do calor de seu corpo e do sabor de seus beijos. Em meu mundo, com ela, Deus tornava-se supérfluo. No mundo, sem ela, nem mesmo Deus tinha uma razão de ser.

Fui convidado a tocar no louvor. Toquei. O som que saía do meu instrumento era carregado de estranheza. Em princípio, pensei que estivesse a desafinar, mas não era isso o que ocorria, as notas respeitavam a partitura. A estranheza estava em mim mesmo. Aquilo que eu tocava não me provocava nenhuma emoção estética. Minha alma queria ouvir *"A Whiter Shade of Pale"*, porque eram essas notas que recuperavam a imagem dela para mim. Essas notas era o invólucro que guardava a essência do prazer estético: o amor. "Como eu haveria de revê-la?" Enquanto tocava não via, nem ouvia a ninguém, exceto a pergunta que martelava: "Como fazer para revê-la?"

*Segunda-feira, 3 de julho: sou um reator de expectativa. O sax trabalha a todo vapor para sublimar tanta paixão.*

*Terça-feira: A expectativa condensou-se em ansiedade. Sou um planeta feito de um amálgama de chumbo e ansiedade. As notas expelidas pelo instrumento exprimem desespero.*

*Quarta-feira, pela manhã: três dias sem Caressa me fizeram murchar como uma flor deitada no asfalto, ao meio-dia do verão. Estou tão vazio que não tenho forças nos pulmões para fazer o instrumento emitir as notas de meus sentimentos.*

*A depressão abriu um gigantesco vácuo em minha alma. Sou o mesmo nada que era antes de a conhecer.*

À tarde, mamãe insistiu para que eu fosse ao encontro de jovens daquela quarta-feira. Recusei-me a sair de casa. Mamãe disse-me que ia chamar o médico da família. Eu a assegurei de que não estava sentindo nada, exceto uma tristeza profunda. Ela quase deu um pulo de espanto. Parecia ofendida:

— Tristeza? — indagou ela. — Como, Caio, meu querido? Eu e sua avó não somos suficientemente boas para você?

— Sim, mãe...

— Você não tem tudo de que precisa?

— Sim...

— Então, meu querido?

Eu estava de braços na cama. Pela primeira, vez ela me afagou os cabelos. Silenciei-me.

— O que está lhe faltando?

— Nada...

— Que há com você, então, meu filho?

— Nada, mãe. Nada.

Eu estava a me conter para não explodir em choro.

— Como nada, Caio... Sábado você chegou eufórico como uma criança. Domingo, passou o dia tocando saxofone... e, de segunda para cá, você se fecha como uma concha?

Olhei para ela. “Deveria ou não lhe contar? Será que ela aprovaria meu namoro com Caressa? De qualquer modo”, pensei, “mais cedo ou mais tarde ela haveria de saber tudo”. Decidi contar-lhe. Joguei o rosto de encontro ao travesseiro. Tomei fôlego:

— Estou com saudade de uma pessoa... — foi o eufemismo que usei para a palavra apaixonado.

Mamãe silenciou por um instante. Depois voltou a acariciar meus cabelos.

— De seu pai? — sussurrou.

— Também sinto saudades de papai!... — respondi-lhe. — Mas não é a ele que me refiro.

— Ah, não? E de quem é que você está falando, meu querido?

— Refiro-me a uma garota que conheci, sábado.

Mamãe silenciou por um momento e depois explodiu numa risada. Deitou-se sobre minhas costas.

— Apaixonado! — ria, comemorando, como se eu fosse uma criança. — Meu rapazinho foi flechado pelo cupido! Apaixonado! Por que não me disse logo, Caio?

— Não sabia se devia lhe dizer.

— Mas, por que, meu querido? Claro que devia dizer... Diga-me, Caio, os pais dela também são crentes?

Aquela pergunta me gelou. Parecia dizer que ela pensava que eu me apaixonara por uma garota da Congregação, que visitáramos no sábado. Acho que fiquei lívido como cera, posto que mamãe olhou para mim espantada:

— Não. Não precisa dizer mais nada... — disse, sorrindo. — Pela sua expressão já entendi que os pais dela não são crentes.

— Não são crentes, mamãe... — apressei-me em aproveitar a deixa.

— Não tem problema, meu querido! O importante é que ela seja, não é mesmo?

Suspirei aliviado:

— Claro, mamãe!

— Não se preocupe, amanhã iremos à igreja para conhecer essa encantadora serva do Senhor, que conquistou o coração do meu mocinho.

— Não, mãe! — protestei.

— Mas por que não, Caio?

— É que eu ainda não conversei direito com ela... Acho que é melhor eu conversar sozinho com ela. A senhora não acha?

— Se você quer falar com ela sozinho... Está bem, amanhã pedirei ao Antônio para levá-lo ao culto da Congregação, onde você a conheceu.

Sorri, feliz.

— Obrigado, mãe. Obrigado!

O resultado havia saído melhor que a encomenda. Convenci-me que a improvisação é a salvação dos atores amadores. E que na arte da mentira, jamais passei de um amator. Mamãe deixou o quarto e o saxofone ganhou vida, com fôlego! É espantoso como na adolescência nosso estado de espírito oscila com facilidade entre o céu e o inferno.

A ansiedade afugentou-me o sono, já era madrugada quando o reencontrei...

## Chuva de Novembro

*Quinta-feira, 5 de julho de 1978*

*Despertei cedo, tomei banho, fui à copa e tomei o café da manhã junto com vovó, que tinha por hábito estar à mesa, no máximo, às 7h30. É incrível como vovó consegue manter o silêncio por tanto tempo. Ela pouco me dirige a palavra. Naquele dia, estava tão feliz que não pude resistir ao desejo de sorrir-lhe.*

*— Bom-dia, vovó!*

*Ela me olhou sobre as lentes grossas dos óculos, com uma cara rancorosa e depois voltou a lambuzar o pão com patê. Senti uma vontade quase incontrolável de gritar-lhe: Vovó, eu estou feliz, muito feliz, sabia?! Mas não ousei, não tinha coragem, depois talvez ela não guardasse em suas lembranças qualquer forma de sensação que pudesse permitir-lhe o entendimento dessa expressão.*

À tarde, mamãe queria me vestir com os tradicionais ternos “cafonas”:

— Caio, meu querido, você tem que estar elegante. Tem que se apresentar com aparência de um rapaz honesto e de boa família. Moças de respeito apreciam a sobriedade, a maturidade de um belo terno.

Era inconcebível encontrar Caressa com aquele terno; aquilo me envelhecia demais!

— Sim mamãe... mas, ocorre que a família dela é muito humilde; ela talvez aprecie, mas os pais e irmãos dela podem me considerar um esnobe... Não quero que pensem que sou um riquinho arrogante e pretensioso. — Mamãe abraçou-me:

— Como você é sensível, meu rapazinho. Então está bem. Mas não vou dispensá-lo de uma boa camisa social e uma calça de linho.

Assenti. Ao menos, havia me livrado do paletó cafona.

Mamãe deu as últimas instruções ao motorista:

— Antônio, muito cuidado pelas ruas... e não saia de perto do meu menino. A periferia é um lugar infestado de marginais e, por isso, é muito perigoso.

— Sim, dona Rute.

— Quando terminar o culto, leve-os à casa da moça e entre com ele na residência dela...

— Sim, dona Rute.

— Você sabe que o Caio ainda é um menino, apesar do tamanho, por isso não o deixe sozinho.

— Farei tudo como a senhora está mandando, dona Rute.

— Então, vai... e cuidado!

Mamãe abriu a porta do carro e me beijou no rosto.

— Quando conversar com os pais da moça tome cuidado para não falar palavras feias ou coisas impróprias. Está bem, Caio?

— Sim, mamãe.

O motorista ligou o motor. Nem bem o carro entrou em movimento, gritei:

— Espera! Espera! — ele parou e eu saltei do veículo. Um minuto depois, retornava resfolegante, com o saxofone na mão.

— Podemos ir agora? — perguntou Antônio.

— Por favor!

O carro deslizou pela ladeira com mamãe a acenar para mim, como se eu estivesse partindo para uma longa viagem. Assim que o veículo dobrou a primeira esquina precipitei-me sobre o ombro do motorista.

— Antônio, escute-me! — disse-lhe — Preciso de sua colaboração e de seu silêncio... Nós não vamos a nenhuma igreja.

Antes que eu desse prosseguimento, ele parou bruscamente o carro.

— O que você disse, senhor Caio?

— Não me chame de senhor Caio. Não sou nenhum senhor.

— O senhor é quem manda. Agora me explique esta estória. Pois, as instruções de sua mãe foram bastante claras: devo levá-lo ao culto da Congregação no Carrão, depois à casa de uma mocinha e, por último, trazê-lo de volta à casa são e salvo.

— Não brinque comigo, Antônio. Se você soubesse da angústia que me aflige o coração... Eu menti para minha mãe. Não existe nenhuma mocinha cristã; quero dizer, talvez ela até seja cristã, não protestante... Antônio, preciso que você me leve à casa dessa

garota — completei com voz súplice. Antônio fez um gesto negativo com a cabeça:

— Não! Não posso desacatar as instruções de sua mãe, senhor Caio... Se ela descobre me demite no mesmo instante.

— Por favor, Antônio... — supliquei — Ela não tem como descobrir... Veja, por que eu diria a ela a verdade? Nem você diria, não é mesmo?

Antônio esfregou as duas mãos no rosto e depois suspirou:

— Para que lado vamos? — me perguntou.

— Para o Carrão — disse-lhe sorrindo. Ajeitei-me no assento do veículo e lancei um olhar para a paisagem urbana que passava por mim; naquele instante julguei tudo muito bonito.

— Aonde vamos você não vai precisar disso — falei, arrancando-lhe o quepe. Ele protestou divertido. — Não quero que Caressa pense que sou um filhinho da mamãe — observei.

Antônio soltou, com muito gosto, uma sonora gargalhada. Eu não me importei com o seu riso, pois logo comecei a soprar em meu sax o mesmo trecho que executara centenas de vezes nos últimos dias. Creio que ele também apreciou aquela canção.

Ao nos aproximarmos do local, a ansiedade tomou conta de mim. Só, então, me ocorreu que eu não havia sequer preparado a primeira frase com que abriria nossas conversações. O que dizer a ela? “Caressa, eu estive pensando em...” Não, muito estranho. “Caressa, quer namorar...” Não posso ser tão objetivo. “Estes cinco dias sem você...” Meu Deus! Durante os últimos quilômetros da viagem, procurei em vão as palavras apropriadas para aquela situação. Depois de mais de uma hora de viagem por ruas pessimamente conservadas avistamos a igreja. Só faltava contornar a quadra para chegarmos à rua da casa, onde ocorrera a festa de sábado. A tarde perdia o apogeu e o crepúsculo anunciava uma noite fresca. Dobramos a esquina. No início da rua um grupo de rapazes, improvisando um campo naquele chão socado, jogavam futebol. Ao divisarem o veículo, pararam a bola e se colocaram à margem da rua para que o carro, desviando das traves improvisadas com latas de concreto, pudesse passar. Eu fiquei a sorrir para aqueles molecotes encardidos com suas calças curtas e sujas de terra. À nossa passagem seus semblantes se transformavam numa mistura de admiração e aborrecimento por termos interrompido a partida de futebol. Avançamos pelo menos mais cinquenta metros e, então, avistei a casa.

— Naquela casa de balaustra, lá adiante, Antônio!

— A azul?

— Sim, a azul!

Antônio parou o Alfa-Romeo e eu desci um tanto intimidado, posto que os rapazes ainda não haviam voltado a jogar e suas atenções se voltavam para mim. Olhei para Antônio como que a lhe solicitar atenção. Ele sorria com ar de quem se divertia com minha embaraçosa situação. Desceu do carro:

— Vamos, patrãozinho. Bata palmas! — disse-me com frieza, como se isso fosse a coisa mais natural do mundo. Fiz-lhe uma careta de reprovação, que — na verdade — traduzia a tensão que sentia naquele momento.

— Não sou seu patrão! — dei-lhe as costas e, de frente para o portão, bati palmas.

— Hei! — alguém gritou distante, no meio do grupo de rapazes, e pôs-se a correr em nossa direção. Antes que nos alcançasse eu já estava sorrindo: era o gentil rapaz que me livrara do mal-encarado na noite da festa. Busquei seu nome na memória. Ele se aproximou. Sua expressão dizia que não havia me reconhecido. Estendi-lhe a mão.

— Tudo bem, Pedro?

Seu rosto se transformou.

— E aí, cara? Lembrei de você... o carinha de sábado... Caio.

— Isso mesmo. Caio Graco. Mas como sabe meu nome?

— Minha irmã me falou de você.

— Falou? — indaguei.

— Você nem imagina o quanto.

— Sabe o que é... Bem, estou aqui porque... — comecei embaraçado — eu... gostaria de falar com ela...

— Legal!

Ele sorria. Pareceu-me muito feliz com a idéia de que eu viesse a namorar sua irmã.

— Entre. Ela está em casa! — segredou com cumplicidade.

Ao cruzar o portão me volvei e lancei um sorriso desdenhoso ao meu motorista, que permanecia encostado no Alfa-Romeo. A sala agora estava quase que completamente ocupada por um velho jogo de sofás, que não se encontravam ali, na noite de sábado.

— Sente-se! — acudiu o rapaz.

— Obrigado! — sentei-me.

— Gina! — gritou ele, enfiando-se na cozinha.

“Gina?”, perguntei-me. “Será que é um apelido?” Às vezes os apelidos não têm nenhuma relação com os nomes. De qualquer modo, prefiro chamá-la de Caressa. Era o que estava a pensar quando aquela menina, que atendia por Gina, cruzou o batente da porta. Uma terrível sensação de desilusão me gelou a alma. Não era uma moça feia; porém não era a minha menina, a minha Caressa. Devia ser um ou dois anos mais velha que eu e seu corpo possuía uma certa robustez, que, madura, a tornaria semelhante às musas de Rembrandt.

— Olá! — me disse, sorrindo e sentou-se à minha frente.

Eu não sabia o que dizer, não queria ser grosseiro, mas meu tempo era muito precioso.

— Você é a Gina? — foi o que lhe perguntei, sem saber por quê.

Os olhos dela brilhavam de paixão por mim.

— Sim...

— Legal... — disse, quase que num murmúrio.

— O Pedro me disse que você veio para falar comigo? Você me viu na festinha de sábado?

— Bem... é verdade. Eu a vi na festinha de sábado...

Comecei a mentir, posto que naquela noite meus olhos só viram a minha doce menina. Ela sorriu.

— Eu também vi você...

— Viu-me? — indaguei com sincera surpresa.

— Sim! Assim que você entrou! E, depois, também... quando dançava com minha prima Caressa.

Suspirei, com indisfarçável alívio. Então, o frágil fio de Ariadne, que me conduziria à minha querida Caressa, ainda não havia se rompido.

— Pensei que tivesse gostado dela... — prosseguiu a moça. — Pelo jeito que vocês se olhavam... Depois a assanhada ainda foi com você até o portão...

Naquele instante, meu desejo era dar uma sonora bofetada naquela sacrílega, que ousava blasfemar, em presença de seu fiel mais devoto, contra minha santinha. Sorri contrafeito.

— Agora você está aqui... — murmurou ela com voz afetada.

Julguei que era o momento de pôr um basta àquele mal entendido:

— Gina, desculpe-me... houve um engano. Pensei que a Caressa fosse irmã do Pedro. — o semblante dela se desfigurava a cada palavra pronunciada — E eu estou aqui à procura dela.

A moça se levantou num salto e me interrompeu:

— Aquela exibida! — exclamou, encolerizada, as feições contorcidas num rito de ódio e inveja — Eu odeio aquela exibida! — e retirou-se soluçando.

Pedro surgiu depois, com uma cara de quem não compreendia o que se passou, mas que era pura simulação, posto que da cozinha, onde estivera o tempo todo, escutara a conversa. Eu já estava de pé.

— Pedro, me desculpe o mal entendido... Pensei que a Caressa fosse sua irmã.

Ele sorriu:

— Então, era com a Caressa que você queria falar?

— Sim. Ela é sua prima?...

— Sim. Mas não mora por aqui.

Gelei.

— Não?

— Não! Mora no Tatuapé.

— Pode me explicar como faço para chegar à casa dela,

Pedro?

— Claro.

— Eu não conheço as ruas e os bairros, será que você poderia explicar ao Antônio. Ele conhece toda a cidade.

— Sim, claro.

— Obrigada, Pedro! E, mais uma vez, me desculpe pelo que ocorreu.

— Não se preocupe...

— Onde está a Gina? Gostaria de me despedir dela.

Ele fez um gesto de desagravo.

— Minha irmã, quando emburra, se torna insuportável. Não precisa se despedir dela.

— Diz a ela, que para mim foi um prazer conhecê-la.

— Digo.

Estava para sair quando me lembrei de algo que pensara durante todos aqueles dias e que, agora, diante da oportunidade quase ia me esquecer:

— Pedro! — disse ao rapaz —, será que você não se aborreceria se eu lhe pedisse para tocar uma música que ouvi na noite da festa?

— Claro que não, Caio. Qual é a música? — indagou dirigindo-se à estante com discos.

— Não sei o nome. Sei que começa assim: la-ra-la-la-la-la. La-ra-la-la-la-la-la-la-la-la. — trauteei a canção.

— Ah, já sei qual é! — abriu a porta da estante — É do Johnny Rivers, — apanhou um disco, deitou-o no prato e ligou o aparelho. — É a terceira música — disse, colocando a agulha no início da faixa. A música começou deliciosamente. Eu fiquei ali tentando absorver cada nota para depois tentar reproduzi-las em meu sax. O rapaz percebendo que aquela música me proporcionava prazer, me ofereceu o disco em empréstimo.

— Claro que aceito! — respondi-lhe radiante.

— Então leva! Escuta o quanto quiser, depois você me devolve.

— Não sei nem como lhe agradecer. Juro que não sei como!

— Não seja por isso, Caio!

Peguei o disco e conferi o nome da canção: “*A Whiter Shade of Pale*”. Abracei o disco com um sorriso bailando nos lábios. Passávamos pela porta da sala, quando a moça gritou do quarto:

— Vai lá seu mentiroso, vai atrás daquela pirralha exibida!

Pedro me olhou com indisfarçável vergonha.

— Não ligue para o que ela diz — depois, voltando-se na direção do quarto, gritou:

— Despeitada!

No portão, chamei o Antônio e ele ouviu a explicação do rapaz. Depois, nos colocamos a caminho. Ao descer a rua, percebi que já não mais disputavam a pelada. Será que interromperam o jogo devido à saída do Pedro? Talvez. De qualquer modo, a noite já havia descido e, independente da ausência do Pedro, a escuridão da rua não os deixaria seguir a pelada.

Vinte minutos depois, estávamos na rua indicada pelo rapaz. Afinal, as duas casas não distavam muito uma da outra, eram até próximas. Durante o trajeto paramos por três vezes para solicitar informações aos transeuntes.

“Uma casa de cor verde desbotado, com um telhado de quatro quedas, coberta por telha francesa, num terreno mais baixo que a rua...” — eu ia repetindo para o Antônio.

— Lá, Antônio, lá! É ela!

— Calma, patrãozinho. Eu também a estou vendo.

— Antônio, já lhe disse para não me chamar de patrãozinho. Ele sorriu.

— Está bem, Caio, eu a estou vendo.

Antônio parou diante da casa. Saltei com o coração retumbando dentro do peito. Parei diante do portão e vi dois interruptores de campainha na coluna do portão. Olhei para a casa. Uma construção antiga. À esquerda, uma velha veneziana e, à direita, uma pequena área coberta, com uma porta, possivelmente a da sala, que tinha uma janelinha com vidro na parte central da porta. Na dúvida de qual dos dois interruptores fariam soar a campainha da casa de Caressa, pressionei o primeiro. Fez um ruído e, segundos depois, uma mulher baixa e de rosto chupado, como de uma múmia, abriu a janelinha e espiou com cara de poucos amigos. “Será que ela é a mãe de Caressa?”, pensei desanimado.

— Boa noite! — disse à mulher, que não respondeu — Posso falar um minuto com a Caressa?

— É a outra campainha! — respondeu ela, com rancor.

Olhei para o interruptor e o pressionei, fez-se um ruído distante, no fundo do quintal.

— Muito obrigado! — eu disse levantando a cabeça. Mas, ao olhar para a porta, a mulher já tinha se retirado e a janelinha estava fechada.

— Que mulher estranha — murmurei.

Ao virar para o meu motorista o encontrei rindo outra vez.

Com ele eu já sabia que não poderia contar. Permaneci ali, a tremer, imóvel, aguardando que alguém me atendesse. Ouvi um barulho de porta batendo no fundo do quintal. Respirei fundo, talvez dentro de alguns segundos eu a veria surgir, do estreito corredor lateral, no vértice das paredes da casa, o rostinho da minha adorável princesinha. Segundos de aflição. Uma mulher de pouco mais de trinta anos surgiu de onde eu esperava ver minha princesa.

— Boa-noite, senhora! Posso falar com a Caressa?

Ela, solícitamente, subiu os degraus da escadinha, que nos separava e me respondeu, circunspecta:

— A Caressa está doente.

— Doente?

— Sim! Mas nada de grave. Volte amanhã, quem sabe ela já tenha melhorado.

— Amanhã... — repeti amargurado.

— Sim, amanhã. Pelo que conheço minha filha, amanhã ela já estará bem melhor.

Àquela altura da conversa, mais do que apaixonado eu estava preocupado.

A mulher riu, expondo dentes grandes e saudáveis.

— E já se sabe o que ela tem?

— Paixonite.

Parou de rir bruscamente, como se sua cabeça estivesse sendo atravessada por uma feliz idéia.

— Eu nunca vi você por aqui. Você estuda na escola da Caressa? — me perguntou.

— Não. Eu a conheci no último sábado.

— Sábado? Seu nome é Caio!

— Sim, Caio Graco.

Ela explodiu numa espalhafatosa gargalhada.

— Então, é você o príncipe encantado de Caressa? O Romeu que ela não para de chamar?

Fiz uma careta diante de tanta risada. Ela conteve o riso e procurou ficar séria:

— Desculpe-me, mas é muito engraçado... Venha! — disse-me abrindo o portão. — Caressa está na cama, de jejum, menina mimada, me disse que só sairia da cama para comer, quando eu lhe trouxesse o Caio. Não é muito engraçado? E, veja só: você me aparece assim de repente!

Sorri feliz. Descia pela a escada quando me lembrei do sax. Queria tocar ao menos um trecho de a "*A Whiter Shade of Pale*" para minha querida menina.

— Um momento, por favor! — disse à mulher.

Quando girei nos calcanhares dei de cara com Antônio, que estava atrás de mim com o instrumento na mão.

— Acho que novamente ia esquecer o sax! — disse-me o desaforado, estendendo-me o instrumento. Eu o tomei com um puxão e ele voltou a rir da minha cara.

— Você sabe tocar este instrumento? — indagou a mulher, surpresa.

— Sei! — respondi, orgulhoso.

Descemos por um estreito e úmido corredor. Enquanto andava avistei uma casinha sombria, caiada de branco com uma chaminé feita com uma manilha. No piso, em torno, havia tigelas de cerâmica e outros objetos, que no escuro não pude distinguir. Dobramos o corredor e, então, vi a casinha da minha amada. Era um casebre. Dois pequenos cômodos, uma única queda d'água, cobertura de telha francesa, uma pequena área coberta que dava numa porta, de cujo batente descia uma cortina feita de tirinhas plásticas coloridas.

— Vamos fazer uma surpresa para ela! — me sussurrou a mulher, num tom de cumplicidade. Concordei com um sorriso.

— Você entra, mas fica na cozinha, certo?

— Certo.

Entramos.

Era um cômodo muito pequeno. Media uns doze metros quadrados; talvez, até menos. Mas era muito asseado. A cozinha se comunicava com o quarto por um vão onde, no lugar de uma porta, se via uma cortina de tecido grosso e florido. Quando a mulher fechou a porta às minhas costas, eu ouvi, vinda do quarto, a voz de minha amada e seu fôlego divino, no mesmo instante, deu vida renovada à minha alma:

— Quem era, mãe? — perguntou ela.

— Engano... Tocaram a campainha errada... A pessoa queria falar com a bruxa da irmã do Elimar.

— Droga! — exclamou, encolerizada.

A mãe pegou um prato e, diante do fogão, começou a enchê-lo com uma sopa de arroz, feijão e legumes.

— Quem você pensou que fosse? — indagou ela para a menina.

— Pensei que fosse meu príncipe, meu Caio Graco querido!

A mãe lançou para mim um sorriso divertido.

— Mas você não me disse que ele não sabe o seu endereço?

— Não sabe... mas, se ele me ama como eu o amo, ele tem que me procurar até me encontrar.

Eu estava ouvindo tudo. Felicíssimo. O sax pendurado no pescoço e os dedos prontos para executar nossa música a qualquer momento. A mulher pegou uma colher, um guardanapo de pano e se dirigiu ao quarto. Eu fiquei na cozinha escutando o diálogo que se desenvolveu:

— Deixa de pirraça, Caressa e coma!

— Não quero! Já disse que só volto a comer quando a senhora encontrá-lo para mim.

— Não vê que isso é impossível, menina!

— Não quero comer! — exclamou, recalcitrante.

— Está bem... Se eu o trouxer, você come?

— Não adianta querer me enganar. Só vou comer depois de vê-lo aqui, na minha frente!

— Feche os olhos, então! — sugeriu a mulher.

— A senhora vai trazê-lo?

— Feche os olhos, Caressa! — insistiu a mãe.

— Pronto, fechei...

— Vou vendá-lo com a mão para ter certeza de que não vai espiar.

— Pode pôr mãe... Não vou olhar mesmo!

— Agora, sim...

Julguei que esta fosse a minha deixa para entrar em cena e entrei. O quarto era tão pequeno quanto a cozinha. Assim que entrei meus olhos foram tomados pela graciosa imagem daquela menina que eu via ali, sentada na cama. Caressa estava de olhos vendados pela mão da mãe, se vestia com um pijama rosa de tecido muito fino, estava sentada sobre as pernas como se estivesse a fazer ioga, os cabelos maravilhosamente assanhados, nos lábios o suspense ingênuo de quem acreditava que, num passe de mágica, a mãe faria com que a pessoa amada se materializasse ali, diante dela. E, por inverossímil que fosse, tal idéia não só era possível como era verdade. Ali estava eu, o amor daquela garotinha linda e caprichosa, com o meu saxofone nas mãos.

— Posso abrir os olhos, mãe?

— Ainda, não! — respondeu-lhe a mulher — Toca! Determinou a mãe com uma mímica, movimentando os dedos como se tocasse um instrumento invisível. Respirei fundo e soprei em meu saxofone. Foi a minha melhor execução.

— Minha música! — exclamou a menina, ao ouvir os primeiros acordes.

— Esta é a música que dancei com Caio, mãe. É você, Caio? É você quem está tocando para mim?

Eu continuei a tocar. A mãe ainda mantinha seus olhos fechados com a palma da mão.

— Quem você pensa que está tocando? — indagou a mãe, sorrindo.

— Meu Caio, meu príncipe! — respondeu a menina.

— Se for ele, você pára de birra e come a comida?

— Tudo. Como tudo!

— Negócio fechado? Combinado?

— Fechado!

Eu ainda tocava quando a mulher desvendou os olhos da filha. Caressa pestanejou várias vezes, como a duvidar dos seus sentidos e, suspirando, colocou a mão adiante no peito, com tanta doçura, com tanto encanto que, até hoje, esse gesto permanece vivo em minhas lembranças.

— Caio!... oh! Caio!...

Saltou da cama e se lançou sobre mim. Eu a envolvi nos braços como a uma dessas bonecas volumosas que se vende nos shoppings, apertando-a com terno carinho. Ela me enlaçou pela cintura com tanta paixão, que parecia querer me dobrar ao meio. O sax a atrapalhar, pendurado ao lado, entre ela e eu.

— Caio, meu amor, meu príncipe... — disse ela, olhando-me com olhos inchados pelo choro.

— Que saudade de você, Caressa! — disse-lhe, quando senti que a voz sairia audível.

— Por que demorou tanto para me encontrar? Por quê?

Não quis dizer que dependia de uma autorização materna.

— Porque não tinha seu endereço. Se o tivesse, teria encontrado você no dia seguinte.

— Pois saiba que você me fez sofrer muito, seu malvado! — advertiu com doçura, depois acrescentou com meiguice de menina mimada: — Nestes quatro dias quase morri de saudade.

A cena parece romanceada, mas eu apenas a descrevo com exatidão. A verdade é que, desde o nosso primeiro contato, Caressa sabia colorir nosso relacionamento com a candura e o encanto de um conto de fadas. Enquanto a abraçava — com ela repetindo: “meu príncipe, meu príncipe”, — eu me sentia um legítimo nobre e ela, para mim, era muito mais que uma princesa.

Naquele minúsculo quarto, praticamente, não dava para a gente se mexer. Era um cubículo tão pequeno quanto a cozinha. Havia uma cama de casal, um guarda-roupas, uma cômoda, a cama onde Caressa dormia e uma cadeira ocupada por um monte de roupas recolhidas do varal. Uma pequena televisão preto e branco, sobre o guarda-roupas, transmitia o telejornal. Sentei-me na beira da cama. Ela reclinou a cabeça em meu ombro.

— Você é músico, Caio? — perguntou-me passando levemente a mão no saxofone.

— Só toco sax; às vezes, o piano.

— Piano! Você tem um piano?

— Tem um, em casa. Foi meu avô quem o comprou.

— Nossa, que lindo! — exclamou jubilosa. — Seu avô era pianista?

— Creio que nunca tenha tirado uma única nota do piano... Tinha os dedos duros como os de um pedreiro — disse-lhe mostrando os dedos crispados como as garras de uma ave de rapina. Ela sorriu

com este gesto.

— Se não sabia tocar para que o comprou?

— Ele o comprou apenas como peça decorativa para a sala. Mas, minha mãe, às vezes, toca.

A mulher retornara com o prato de comida.

— Mãe, o Caio tem um piano!

— É verdade, Caio?

— Sim, senhora... Um lindo piano branco de cauda.

Só então percebi que ainda não tínhamos sido formalmente apresentados. Pedi discretamente a Caressa para que ela nos apresentasse. Ela fez um gesto de descaso, mas atendeu ao meu pedido.

— Mãe, este é o Caio... Ah, a senhora já sabe o resto! Caio, esta é minha mãe.

A mulher me estendeu sua mão pesada:

— Solange... Muito prazer!

— O prazer é todo meu, senhora... Muito obrigado por ter sido tão compreensiva!

Fez menção de recusar os agradecimentos. Era uma mulher muito simpática, um pouco atabalhoada.

— Agora que o Caio está aqui, na sua frente como exigiu, trate de comer tudo, senhorita.

— Agora eu como tudo.

A mãe entregou-lhe o prato. A menina pegou, e com maneirismo infantil, colocou-o sobre minhas pernas.

— Põe a comida em minha boca, Caio?... — sussurrou.

Eu sorri ante este gesto tão infantil. Creio que ela amava forjar cenas de profundo romantismo. Contudo, adorei em tratá-la como a uma criança mimada. Eu não me importava muito para o que fazíamos quando estávamos juntos. O simples fato de estar junto dela me bastava para que nosso encontro fosse, para mim, o limite da felicidade.

— Caio, me dê licença porque vou fazer um café bem gostoso. Você toma café? — indagou-me a mãe.

— Se não se importar prefiro chá.

— Chá? Pode ser mate?

— Claro que sim, dona Solange.

Eu estava me sentindo muito à vontade. Não esperava tanta hospitalidade por parte da mãe de Caressa, muito menos encontrá-la chorando pela minha ausência. Ela comeu tudo com um apetite

voraz. Fiquei a me perguntar se, com um apetite daquele, ela suportaria ficar sem comer por toda aquela noite. Depois, conhecendo-a melhor, descobri que, por teimosia e capricho, ela só não era capaz de não comer por uma aquela noite, como de morrer de inanição. Ela saltou da cama bem disposta.

— Caio, espere um pouco que vou escovar os dentes, — disse-me dirigindo-se à cozinha. Levantei-me e, levando o prato vazio, fui pra lá também. Caressa tirou um tubo de dentifrício e uma escova de dentes de um armário, cobriu as cerdas com o creme dental, abriu a porta e saiu. Dona Solange jogava água fervente no coador de pano cheio de pó de café.

— Gosto de café forte... — informou ela.

— Eu quase não bebo café. — retruquei.

— Seu chá, também, já está fervendo.

— Oh, sim. Muito obrigado!

Aproximei-me curioso da porta da cozinha. Caressa fazia a higiene bucal na pia de um pequeno banheiro, que divisava com o cubículo sombrio, ladeado por tigelas cerâmicas.

— O que é aquilo? — perguntei à dona Solange.

Ela inclinou-se para a porta.

— O quê?

— Aquela casinha com chaminé... — esclareci.

Dona Solange fez uma mímica abrindo e fechando os lábios. Soletrou: m-a-c-u-m-b-a...

— Macumba? — indaguei.

Ela colocou o dedo indicador nos lábios contraídos, fazendo o gesto característico de quem solicita silêncio. Cochichou:

— A irmã do Elimar é uma terrível macumbeira.

— Ah... Entendi! — murmurei com cara de espanto, apenas para fazer jus a toda a cautela empregada na voz e nos gestos da mulher. Caressa terminou a higiene e retornou à cozinha. Recolocou a escova no armário.

— Sente-se, Caio — sugeriu-me.

Sentei-me. Ela aconchegou-se ao meu lado, reclinando a cabeça em meu ombro. Solange adoçou o chá e o café, encheu um copo com café puro para si e me serviu o outro, com chá. Bebericávamos, quando dona Solange se lembrou de Antônio.

— Quem é aquele homem que estava com você no carro?

— Antônio. Ele é o motorista da família — respondi.

— Você está de carro, Caio? — indagou-me Caressa,

subitamente alegre.

— Sim!

— Seu malvado! — exclamou com uma simulada indignação, cuja voz carregada de meiguice dizia o contrário.

— Por que, Caressa?

— Porque você não me chamou para uma volta de carro.

— Quer? — perguntei-lhe animado com a idéia.

Ela empertigou-se com incontrolável euforia.

— Quero, Caio!

Voltei-me para dona Solange, que estava sentada do outro da mesa.

— Podemos?

Ela fez uma expressão de quem não aprovaria. Caressa protestou com um resmungo.

— Desde que não demorem... — respondeu a mulher num tom de censura. Caressa pôs-se imediatamente de pé, me puxando pelo braço.

— Caressa! — protestou a mãe. — Espere pelo menos o rapaz tomar o chá.

— Ah... Mãe. Este chá está horrível, não é mesmo, Caio?

Virei-me para ela, franzindo sutilmente o cenho com uma expressão de velada cumplicidade:

— Não, Caressa... Está gostoso!

Na verdade, o chá não me agradava. Estava habituado ao *Earl Gray*, mas não desejava ser inconveniente. Caressa largou meu braço, colocou as mãos na cintura num gesto estudado de desafio.

— Senhor Caio — intimou ela —, você prefere um copo de chá a um passeio com sua namorada?

“Então, já somos namorados?” indaguei, intimamente feliz com esta idéia. O tom de doçura imprimido em sua voz se aproximava mais de uma súplica que de um desafio. Lancei um olhar à dona Solange.

— Vai, Caio. Vai! Ela não vai deixá-lo beber o chá mesmo... A culpa é do pai que a mimou. Ele dava tudo o que ela pedia, ela cresceu pensando que era rica... Estragou a menina...

— Vou trocar de roupa — disse Caressa, afastando-se para o quarto.

Eu sorri, ao me levantar:

— Não vamos demorar — observei.

— Você é um bom rapaz, Caio. Confio em você.

— Obrigado, dona Solange.

Num minuto, Caressa reapareceu enfiada num vestido de algodão azul.

— Vamos! — exclamou sorridente.

Sáimos. Enquanto subíamos o estreito e úmido corredor me ocorreu a idéia de lhe fazer um gesto de cavalheirismo e galanteio: abrir-lhe a porta do carro. Mas, ao transpor o portão, Caressa fez uma expressão de estupefata e, com desenvoltura, arremessou-se à porta traseira do veículo, abriu-a e se acomodou, com graciosa pose, no estofado. Contornei o carro e entrei pela outra porta. Ela sorria como uma criança feliz.

— Para onde vamos, patrãozinho? — indagou-me Antônio, assim que fechei minha porta. Caressa sorriu, creio que desdenhosa, e exclamou:

— Patrãozinho! Hum... que chique! — completou fazendo beicinho e balançando a cabeça. Às vezes, eu não sabia entender a natureza dos seus gestos: não sabia separar sua admiração de suas zombarias.

— Para qualquer lugar, Antônio, desde que ponha o carro em movimento! — ordenei, como forma de puni-lo por ter me chamado de patrãozinho na presença de Caressa.

— Perfeitamente, senhor Caio! — retrucou ele.

— Antônio, já lhe disse que não quero ser chamado nem de patrão, nem de senhor! — Caressa riu.

— Deixa, Caio. É tão engraçado! — interveio ela

— Jarbas! — prosseguiu Caressa, se dirigindo com espontaneidade teatral ao Antônio. Virou-se para mim e cochichou:

— Vi isso numa novela...

Antônio deve tê-la escutado; ele respondeu, cerimonioso:

— Pois não, madame!

Caressa cruzou metodicamente as pernas, e ordenou com uma voz adulta:

— Siga para a praça, Jarbas!

— Silvio Romero, madame?

— Exato, Jarbas!

Pelo retrovisor do carro eu podia ver seu olhar sorridente. Caressa deitou-se em meu colo e ficou a me sondar em silêncio, com seus olhos castanhos e brilhantes. Depois de um momento, perguntei-lhe:

— Por que me olha tanto?

Ela me enlaçou o pescoço com os braços e puxou meu rosto de encontro ao seu.

— Sabe que você é muito bonito?

— Você acha?

— Amo você, Caio!

As palavras saíram de sua boca com tanta facilidade que cheguei a duvidar de que realmente as tinha ouvido. Perguntei-lhe:

— Eu a ouvi dizer que me ama?!

— Isso mesmo. Eu a-mo vo-cê... — repetiu, soletrando as sílabas.

Tinha me martirizado demais pensando como haveria de lhe dizer estas palavras!

— Eu também amo você, Caressa.

Estudadamente ela molhou os lábios macios com saliva, fechou os olhos, e os colou aos meus. Seu hálito, mentolado pelo dentífrico, penetrou-me as narinas. Eu lancei um olhar ao retrovisor para me certificar de que Antônio não nos observava. Pareceu-me absorto ao volante. Fechei os olhos e, num impulso, a apertei de encontro ao meu corpo. “Nosso terceiro beijo”, pensei. Sua língua se insinuou entre meus lábios, eu entreabri a boca e, pela primeira vez, nossas línguas se tocaram. Meu coração disparou. O que senti era maravilhoso, arrebatador, diferente do que sentira nas duas primeiras vezes. Aquilo, sim, era um beijo! Ficamos esfregando com ardor nossos lábios durante um longo período de tempo, que não sei precisar, mas a impressão que tenho é a de que aqueles minutos foram eternidades de felicidade e prazer. Na saliva mentolada de Caressa eu descobria o doce sabor do beijo. Quando o beijo terminou, eu estava ofegante. Abri os olhos. Caressa encostou o rosto ao meu peito, de maneira que eu podia ouvir sua respiração ofegante. “Nosso primeiro beijo”, corrigi em meu pensamento. O carro estava parado diante de uma praça. Quando levantei a cabeça percebi os olhos de Antônio nos espiando pelo espelho do retrovisor.

— Praça Silvio Romero, patrãozinho! — anunciou Antônio.

Caressa levantou a cabeça, lançou um olhar casual para fora. Era uma praça bastante iluminada, com muitos carros estacionados junto às guias, cercada de bares apinhados por um público ruidoso e jovem.

— Não vai descer, madame? — indagou Antônio.

— Não! O que faria lá fora se meu príncipe se encontra aqui dentro? — respondeu ela aninhando-se em meu colo.

— Então, me esperem aqui, vou comprar cigarros. — disse ele, saindo do veículo.

Eu e ela ficamos ali enroscados um ao outro, fazendo promessas de amor eterno. De repente ela se reclinou e me olhou nos olhos. Sua expressão era de astúcia e divertimento:

— Caio, tenho uma charada para você!

— Uma charada?

— Sim. Duvido que você a acerte.

— Manda.

— Responda-me rápido... o que significa um elefante em cima de uma árvore?

Franzi o cenho.

— Um elefante em cima de uma árvore: — repeti, visualizando no pensamento a engraçada imagem de um enorme elefante se equilibrando na copa de uma pequena árvore. Depois de um momento lhe respondi, desanimado:

— Não sei!

Ela deu um gritinho de comemoração:

— Significa um elefante a menos na terra, ora...

Rimos.

— Agora, — prosseguiu ela — responda-me, Caio: o que significa dois elefantes em cima de uma árvore?

— Dois? — perguntei surpreso.

— Dois... Sim, senhor! — respondeu-me, balançando a cabeça.

Se um elefante eu já achei esquisito, imaginem dois! Mais uma vez a cena cômica de dois elefantes na copa de uma árvore; desta vez, o segundo sobre o primeiro, como uma panqueca sobreposta à outra. O orgulho fez com que eu permanecesse mais tempo à procura de uma resposta lógica. Mas nenhuma idéia me veio à cabeça:

— Antes de tudo, Caressa. Quero lhe fazer uma pergunta: a sua charada tem lógica?

— Claro que tem! Preste atenção à dica: meu professor, quando nos contou esta charada, disse que ela tinha a lógica de um triângulo.

— A lógica de um triângulo?

— Exatamente — cantou ela — A lógica de um triângulo!

Continuei pensando por mais alguns instantes. Depois desisti:

— Não sei.

Ela comemorou novamente:

— Caio, seu bobo! Dois elefantes em cima de uma árvore significa um elefante a mais na árvore!

Coloquei a mão na testa:

— É verdade... Um elefante a mais na árvore... Se tivesse pensado um pouco mais, teria acertado — gabei-me.

— Ah, é? Então responda: o que significa três elefantes em cima de uma árvore?

— Três? — indaguei, quase ofendido. Ela deu uma gargalhada.

— Vamos, responda se puder!

Coloquei-me a raciocinar: Três elefantes em cima de uma árvore?... Tem lógica?... A lógica de um triângulo?!... Qual é a lógica de um triângulo?... Triângulo: dois catetos e uma hipotenusa... O triângulo tem três lados. Sim. Três lados... Um elefante na árvore: um elefante a menos na terra. Dois elefantes: um elefante a mais na árvore... Três elefantes...

— Uma árvore a menos na terra! — respondi-lhe, apressado.

— Ah... Você acertou! — disse-me com simulado desapontamento.

— Qual é meu prêmio?

— Pode ser um beijo?

Fiz um trejeito de quem não estava muito convencido do valor do prêmio oferecido.

— Ah, você não quer?

— Um só, eu não quero!

— Então vou lhe dar muitos!

Enlaçou-se carinhosamente em meu pescoço e nos beijamos. Só paramos quando Antônio abriu a porta do carro e resmungou:

— Está ficando tarde, patrãozinho!...

Houve um pequeno silêncio de hesitação, depois ele falou:

— Para onde vamos agora, madame?

— Siga para casa, Jarbas — disse ela com firmeza. Depois olhou para mim com um sorriso nos lábios.

— Perfeitamente, madame!

Retornamos à casa de Caressa. Durante o percurso, fiquei acariciando os cabelos daquela menina que, deitada em meu colo, não tirava os olhos de mim: Seu olhar cintilava o brilho da paixão juvenil e em seus lábios se esboçava um sorriso arrebatador. O conjunto de suas feições me revelava que aquela menina estava tão

feliz com o seu achado, quanto eu estava com o meu. De volta à casa, dona Solange me apresentou ao Elimar, padrasto de Caressa. Elimar era franzino como um pássaro, ao passo que a mulher era corpulenta. Não cheguei a fazer uma comparação entre os dois, mas creio que ele era um pouco mais baixo que Solange. Uma figura sorumbática, sem que isso significasse antipatia. O que Solange tinha de espalhafatosa, Elimar, a superava em discrição. Ele era quase uma ausência. Apesar de seu mutismo, quando ele falava, se percebia sua intenção de ser agradável. Tão logo nos conhecemos gostei dele. Recentemente me indaguei à respeito dessa súbita simpatia por aquele homem franzino e taciturno. A resposta me veio rápida e óbvia: Elimar era mais retraído do que eu. Isso fez com que eu reconhecesse nele um traço de meu próprio caráter. Quando fomos apresentados percebi que Caressa resmungou, desdenhosa. Soube, depois, que ela não o suportava. Por que ela não o suportava? Porque, por capricho, não o suportava! Apenas isso... Caressa antipatizava-se com o pobre homem sem razão alguma. Talvez, devido à necessidade de encontrar a figura do mal em sua vida esplendidamente fantasiosa. Entre outros, este era um dos defeitos de Caressa. Dizem que o amor nos torna cegos às imperfeições da mulher amada. Não creio nessa máxima. Eu enxerguei com nitidez cada um dos defeitos de Caressa. E amei cada um deles. Para mim, o verdadeiro amor não é aquele que nos revela a pessoa perfeita. Mas aquele que nos revela todas as imperfeições da pessoa amada; que, paradoxalmente, amamos com mais intensidade do que suas próprias qualidades. E eu amava em Caressa este seu jeito meigo, caprichoso, e às vezes, maldoso de bancar Cinderela em conto de fadas.

No retorno à minha casa não prestei atenção ao percurso. Fechei os olhos e fiquei a pensar naquela noite maravilhosa. Somente com os olhos fechados eu poderia manter as lembranças daqueles momentos como se os estivesse revivendo. Devo ter cochilado, posto que sonhei com Caressa. Um sonho muito simples, mas adorável. Sonhei que eu estava entristecido, sentado numa encosta rochosa, próxima à nossa casa de praia. Estava vestido com um dos ternos cafonas e que mamãe tanto gosta. Apenas olhava para o mar quando ele tornou-se revoltoso e as ondas se transformaram em enormes vagalhões. Eu me coloquei de pé, assustado com aquela brusca mudança da maré. Então, como que por encanto, o mar entrou numa súbita calmaria. Sentei-me e, por entre as espumas das ondas, muito longe, vi a cabeça de Caressa emergindo do mar. Ela caminhou

devagar em minha direção, quebrando o refluxo da maré em seus seios nus. Seu corpo emergiu por completo da água. Ela estava nua, parecia a versão adolescente de “*O Nascimento de Vênus*”, de Botticelli. Eu saltei entre as rochas, alcancei a areia e, enquanto corria ao seu encontro, ia tirando o paletó, os sapatos, as meias, a gravata e por último a camisa. Ao encontrá-la, estava apenas de calça comprida. Eu a envolvi em meus braços e fiz com que seu pequeno corpo rodopiasse umas quatro vezes antes de pô-lo no chão. Depois olhei para ela e encostei meus lábios aos lábios dela. Neste exato momento, Antônio chamou-me... Havíamos chegado à casa. Protestei contra tão desastrosa intromissão, mas o sonho já havia se perdido. Entrei. Mamãe estava de penhoar, me aguardando.

— Como foi, Caio? — perguntou-me.

— Tudo ótimo! — respondi, atirando-me ao sofá com ar sonhador.

— Os pais dela são boas pessoas?

— Sim, ótimas pessoas, mamãe.

— Que bom. E o que faz o pai dela?

— O pai?... Sabe que nem mesmo perguntei!

— Seu descuidado!

— Também não faz nenhuma diferença...

Mamãe puxou minha cabeça de encontro ao seu colo.

— E a moça está tão empolgada quanto você?

— Apaixonada, mamãe! Tão apaixonada quanto eu... Caresa me ama!

— Este é o nome dela?

— Sim. O nome mais lindo que conheci em toda minha vida.

— Você a convidou para visitar nossa Congregação?

Aquela perguntou me despertou para a armadilha das palavras.

— Não, mamãe... Estava tão feliz ao lado dela que nem me lembrei de convidá-la.

— Assim que vocês se virem de novo não esqueça de convidá-la para conhecer nossa Congregação... E convide, também, os pais dela para virem à nossa casa. Desejo muito conhecê-los.

Eu fiquei petrificado com este pedido de mamãe. “Será que ela desconfiava de alguma coisa?”, perguntei para mim mesmo. “Não. Não seria possível”, respondi.

— Caio! — protestou ela — estou falando com você.

— Ah, sim... Estou ouvindo, mamãe.

— Eu disse para você trazê-los aqui para que possamos nos conhecer...

— Sim. Farei isso, mamãe... Em breve, está bem? Agora eu vou dormir, estou morto de cansaço.

Encerrei aquele diálogo e subi para o meu quarto.

# 5

## *Chuva de Novembro*

Saltei da cama e corri à janela. Olhei para o jardim, para a garagem, o pequeno bosque, a piscina, o muro, o portão: olhei para tudo o que estava ao alcance dos olhos e, sobretudo, olhei para além de tudo isso: olhei para o mundo e para a vida. E o mundo me pareceu cheio de significado e a vida um pote de felicidade pronto para ser experimentado. É espantoso, pensei, como me coloquei de pé com tamanha facilidade e determinação. Há pouco tempo, antes de tocar meus pés no chão, eu jazia melancólico e reticente em minha cama por pelo menos quarenta minutos.

— Bom dia, Dia! — exclamei para o horizonte que se descortinava ante meus olhos.

— Bom dia, Sol! Bom dia, Árvores. Bom dia, Mundo! Bom dia, Caressa...

Não houve nenhuma resposta: mas eu ouvia as respostas em meu coração. Lembrei-me do saxofone. Eu o havia esquecido no porta-malas do carro. O sax fez com que, subitamente, também me recordasse do disco. Sim, o disco do Johnny Rivers! Mamãe não poderia ver o disco! Desci correndo as escadas, cruzei a sala e disparei para a garagem. O carro estava fechado, o disco no seu banco traseiro. O relógio cuco indicava 6h40. Antônio só estaria em casa dentro de uma hora. Isso gerou em mim uma terrível apreensão. “E se mamãe visse o disco?” Descobriria que a canção, que eu tocava com tanto empenho e dedicação, nada tinha de evangélica. Então toda a farsa estaria desmascarada! É espantoso como na adolescência damos grande dimensão para coisas sem importância. Transformamos banalidades em problemas insolúveis. Na verdade, mamãe nunca se dirigia ao carro, senão quando fosse a determinado lugar especificamente e, mesmo assim, só quando o motorista já se encontrava em seu posto.

Quando Antônio chegou, fui encontrá-lo no portão. Ele me entregou a chave e eu corri para a garagem. Retirei meu saxofone e o

disco. Atravessei a sala, cuidadosamente, e me recolhi ao quarto. Tranquei a porta, arrastei um pequeno divã para junto da vitrola e coloquei o disco no prato:

— Não é esta! Nem esta...

Suspirei.

— Esta! É esta! — disse para mim mesmo.

Eu a ouvi baixinho, muitas vezes. À tarde, eu já podia reproduzi-la no sax de forma inteligível. Talvez a emoção e memória forjem um pouco as lembranças. Pelo que me recordo, porém, em algumas semanas eu já era capaz de executar com perfeição "*A Whiter Shade of Pale*". O dia transcorreu da forma mais natural possível. Foi após o almoço que ocorreu um acontecimento digno de ser relatado. Eu tocava, sentado no gramado, junto ao declive pavimentado de ardósia, que liga a garagem ao portão. Ouvi uma ruidosa saraivada de palmas e olhei para o portão: um homem, de aspecto repreensível, acenava para mim. Fui até lá.

— Boa-tarde, jovem! — cumprimentou.

— Boa tarde! — respondi-lhe.

Era um tipo alto, barbudo, desleixado. Os cabelos emplastrados para trás expunham uma testa grande e angulosa. Trajava calça de tergal, boca-de-sino, desbotada, e uma camisa colorida, de mangas compridas. Atrás dele, havia um Corcel estacionado.

— Sou pintor! — disse ele — Faço quadros, retratos, paisagens... Pintura a óleo, sobre tela. Sua mãe não se interessa por um belo quadro pintado por um verdadeiro artista?

— Creio que não, senhor! — respondi-lhe.

Ele insistiu:

— Mas, meu bom rapaz, você nem viu a beleza de minha arte — disse, abrindo a tampa traseira de seu Corcel. Retornou ao portão com vários quadros sem molduras.

— Veja, que beleza! — exibiu-me um retrato de uma senhora sisuda.

— Quem sabe você até conheça esta mulher? Este semblante, meu caro, faz parte da elite paulistana!

Colocou o quatro no chão e me mostrou outra tela: um cãozinho poodle sobre um tapete.

— A madame me pediu um retrato da sua queridinha Sissi! — disse, desdenhoso, com voz de falsete. — Francamente! Não gosto de retratar animais, nem natureza morta. Mas, até mesmo um artista

genial, como eu, às vezes, tem que de se dobrar aos desejos de seus clientes... *Money!* meu caro jovem. Esta porcaria põe o mundo a funcionar! — acrescentou num tom didático.

— Agora veja este quadro — disse êle, passando para outra tela. — Um magnata tingido pelos traços e cores de Van Gogh. O resultado não é fascinante?

— Sim. Muito interessante. — respondi-lhe, sem entusiasmo.

— Ah, sim... Tenho um que você vai adorar. Assim que o vir vai exigir que sua mãe peça para que eu faça um retrato de seu adorável rosto juvenil — me disse, juntando os quadros que estavam encostados ao portão. Retornou ao porta-malas do carro, trouxe um único quadro e o estendeu para mim:

— Veja. Diga-me, se não adoraria ter pendurado na parede de seu quarto um retrato seu, pintado com cores assim tão vivas, hein?

A minha expressão se transformou, passando do desinteresse para a exultação. O pintor percebeu o meu súbito interesse.

— Sabia que você adoraria, hein! Vamos, chame o seu pai ou sua mãe para começarmos a pintar agora mesmo.

Eu continuava a olhar para o quadro. Era uma pintura viva, com cores sutis, harmoniosas. Retratava uma garota. Mas não era aquele rosto estampado na tela a causa da minha exultação. Era o rosto de Caressa que eu via ali, no lugar daquele rosto anônimo.

— Então? Vai chamar a mamãe?

— Não! — respondi-lhe.

— Pensei que tivesse gostado do meu trabalho... — retrucou ele, desanimado.

— Gostei. Sim, gostei muito! — olhei para trás; não havia ninguém. — Quanto custa um quadro como este? Ou melhor, um quadro pouco maior que este?

— Que preocupação mais infundada, meu jovem! Não custa menos do que vale e nem um centavo a mais do que seus pais podem pagar.

— Sim. Mas... eu é que vou pagar pelo quadro... Minha mãe não pode nem mesmo saber que o estou encomendando.

— Uma surpresa, então?

— É... Digamos que sim.

— Quanto você dá por uma “obra-prima” pintada por João Diniz? — indagou-me com ar de importância, como se pedisse uma oferta num leilão. Àquela altura eu temia que aparecesse alguém e

estragasse meus planos.

— Façamos o seguinte — disse-lhe, por fim — Encontre-me às dezoito e trinta... — “mas onde?”, perguntei para mim mesmo. Não me vinha à cabeça nenhum lugar público onde pudéssemos nos ver — Onde você pode me encontrar? — indaguei-lhe.

— Eu faço ponto em frente ao estádio.

— Do São Paulo?

— Sim.

— Ótimo! Às dezoito e trinta nos veremos lá! Quero encomendar um quadro.

— É isso aí, meu jovem... Você não vai se arrepender. No futuro uma tela de J. Diniz será negociada por milhares de dólares nas maiores casas de leilões do mundo.

Não sei se ele dizia aquilo debochando de si mesmo ou por pura pretensão; mas sorri ante suas palavras. Ele se dirigiu ao Corcel.

— Dezoito e trinta — repetiu antes de entrar no carro. Em seguida ligou o barulhento motor e desapareceu, rua abaixo.

Não toquei mais o sax. A expectativa, gerada pela idéia de ver Caressa pintada em um quadro, era prazerosa demais para que eu ainda necessitasse da música. Eu podia ver o encantador semblante dela a sorrir para mim, de uma tela imaginária. Essa prazerosa esperança, contudo, não durou muito. Logo uma dúvida aterradora me atravessou o espírito como uma espada gelada: como faria para pagar o trabalho do pintor? Essa angustiante pergunta me acompanhou por toda aquela tarde. Em torno de quinze horas finalmente me entreguei a uma solução que, apesar de ter me ocorrido antes, reservava-a como a última alternativa. Tomei banho e me vesti cuidadosamente. Mamãe exigiu que eu levasse um pulôver, afirmando que aquela noite não seria tão suave quanto a anterior. Acatei-lhe o pedido, mas não abri mão de uma bela jaqueta esportiva. Protelei de propósito a saída para poder encontrar o pintor no horário que havíamos combinado. Ao me dirigir à garagem, passei pela cozinha e apanhei uma caixa de chá “Earl Gray”, escondendo-a sob a camisa. Por fim, quando faltava pouco para as dezoito horas, fui para o carro. Tão logo me sentei no banco, enfiei a mão no fundo do bolso da calça; sorri ao sentir nos dedos aqueles pequenos e supérfluos objetos, que — em breve — se tornariam um maravilhoso retrato de Caressa. Antônio, atendendo ao meu pedido, desviou o itinerário para frente do estádio do São Paulo. Na primeira passagem

de inspeção que fizemos ao local, já avistei o pintor. Estava no acostamento, próximo aos guichês. O velho Corcel fazia a vez de cavalete e estava coberto pelos mesmos quadros, que ele havia me mostrado. Pedi ao Antônio que parasse vinte metros antes. Não queria que ele escutasse a negociação que faria com o pintor. Desci do carro e caminhei até o pintor. Ele conversava com um cliente. Aproximando-me um pouco mais, entendi que ele tentava lhe vender um retrato. Fiquei atrás aguardando o fim da conversa; depois, polidamente, o transeunte recusou-se a adquirir um retrato pintado por J. Diniz. Naquele instante comecei a duvidar se ele seria de fato um bom pintor. Ele era extravagante demais para ser levado a sério. “Mas, de todo modo”, pensei, “a extravagância deve fazer parte da arte”.

— João! — chamei-o

Ele voltou-se em minha direção.

— Oh, meu mais jovem cliente! — disse abraçando-me. — Então não era um blefe? — indagou-me.

— Claro que não!

Ele cofiou a barba ensebada.

— Você quer um retrato, não é mesmo?

— Exatamente, João — respondi-lhe com a mão no bolso, apertando entre os dedos os objetos com os quais pretendia remunerar-lhe a obra.

— E o jovem já chegou à conclusão de quanto vale uma obra-prima assinada pelo talento de J. Diniz?

— Creio que sim... — tirei a mão do bolso e a estendi diante de seus olhos. — Acho que isso paga a obra-prima de João Diniz e ainda me dá o direito de uma bela moldura!

— Ora, ora! — resmungou ele se inclinando sobre os pequenos objetos em minha mão — O que temos aqui? — indagou, cutucando as abotoaduras com o indicador, como se fossem dois insetos.

— Um par de abotoaduras de ouro — respondi-lhe realçando a palavra “ouro”. Ele as pegou:

— Uma pequena jóia — observou — Mamãe já sabe desse projeto?

— As abotoaduras me pertencem — retruquei um pouco exasperado com a pergunta — Vê estes relevos? Pois bem... é um C, envolvendo um G, são as letras iniciais de meu nome: Caio Graco.

— Caio Graco! — repetiu — Realmente... mas... sua mãe

não vai concordar que você disponha de um objeto tão particular, não é mesmo?

Estas palavras me deixaram aborrecido. Lancei a mão sobre as abotoaduras, disposto a tirá-las da mão do pintor. Ele, porém, foi muito mais ágil e fechou o punho.

— Negócio fechado! — respondeu, expondo seus dentes grandes e amarelados — Garoto, vamos recolher acampamento!

Ajudei-o a guardar os quadros. Disse-lhe que nos seguisse com seu carro até o bairro do Tatuapé. Ele assobiou, como a protestar pela distância.

— Você está sendo bem remunerado para isso! — respondi-lhe.

— Um valor do tamanho de minha arte, meu caro jovem! Nem um centavo a mais... — justificou, sorrindo.

— Antônio — informei, ao entrar no carro —, aquele homem vai nos acompanhar até o Tatuapé. Suspeito que o carro dele não tenha o mesmo desempenho do nosso, por isso aconselho você a dirigir devagar, a fim de que ele não nos perca de vista.

Antônio ouviu calado. Só falou depois que, mesmo com a velocidade bastante reduzida, nos distanciamos quase quinhentos metros do Corcel:

— Suspeito que o carro dele não tenha mais desempenho que uma carroça puxada por burros — ironizou. Rimos com a piada sobre o carro do pintor.

Chegamos à casa de Caressa. Desta vez, não errei de campainha, o que me livrou de rever o rosto daquela mulher esquisita. A mãe de Caressa veio abrir o portão

— Caio! — exclamou, sorrindo.

— Boa-noite, dona Solange!

— Caio, nem lhe digo! — prosseguiu ela, no seu jeito tagarela. — A vizinhança inteira está num verdadeiro pandemônio. Gente invejosa! Estão dizendo que Caressa encontrou um rapaz fino, rico. Gente maledicente! Onde já se viu, estão dizendo que minha filha não é para você. Observe como as pessoas te olham!

Olhei para os lados e percebi duas mulheres cochichando no portão, do outro lado da rua.

— Essas aí são umas fofoqueiras... Gente linguaruda! O pior são estes daqui... — indicou, com um movimento de cabeça, a casa da irmã de Elimar. — Às vezes, tenho medo de que essa bruxa aí — disse persignando-se — faça algum feitiço contra você ou contra

Caressa. Cruz-credo! Isola, mulher! Isola!

— Caressa, está? — perguntei-lhe.

— Sim. Está tomando banho.

— Dona Solange, este é Antônio, motorista da família...

— Como está? — indagou a mulher.

Antônio sorriu, fazendo uma medida.

O pintor já se encontrava no portão. Tinha colocado sobre suas roupas uma espécie de guarda pó encardido e salpicado por manchas das mais diversas cores. Sobre os cabelos encardidos colocara uma boina de cor ocre e trazia uma tela em branco, cavalete, tintas e outros apetrechos para pintura.

— E este é o pintor João Diniz. — apresentei-o à mãe de Caressa. João se curvou em reverência e tomou-lhe a mão.

— À sua disposição, madame — disse, beijando com delicadeza o dorso da mão da mulher, que sorriu divertida:

— Muito prazer! Entrem, por favor!

Descemos. Meus olhos logo se dirigiram para o pequeno banheiro à procura de Caressa. A porta estava fechada. De um pequeno vitrô saía uma nuvem de vapor. Na cozinha, depois de uma xícara de chá *Earl Gray*, Antônio se desculpou e disse que preferia aguardar no carro. João Diniz, na cozinha, montou a tela sobre o cavalete e ficou aguardando aquela que seria retratada, conversando animadamente com dona Solange. Eu fique esperando ao término do banho de Caressa. É incrível como o tempo demora passar quando se espera por quem se ama. Mas, confesso que, apesar de toda a ansiedade, eu passaria minha vida inteira, olhando para aquele vitrô iluminado, à espera dela. A porta se abriu e do banheiro saiu minha amada. Quando ela levantou a cabeça e me viu no alto, na pequena área, um sorriso radiante iluminou seu rosto. Saltei os dois pequenos degraus e ela se atirou em meus braços.

— Caio, meu Romeu! — sussurrou, apertando-me a cintura.

Eu sentia o cheiro de xampu, que exalava de seus cabelos molhados.

— Caressa, minha doce Caressa! — respondi, levantando o seu rosto em direção ao meu e beijei-lhe os lábios volumosos. Ela tinha uma inclinação natural para a arte da representação. Seus gestos, sua voz e suas palavras pareciam teatralmente estudados, a fim de provocarem os mais deliciosos efeitos românticos. Eu era um menino reprimido que, desabrochando para a vida, tentava improvisar cenas ao lado daquela pequena e talentosa atriz.

— Tenho uma surpresa para você! — disse-lhe.

Ela dobrou o punho direito e tocou o peito com as pontas dos dedos, fazendo uma encantadora expressão de surpresa.

— Para mim?

— Sim. Venha! — peguei-a pela mão e a arrastei para dentro da casa. Quando entramos, ela deparou com a exótica figura de João Diniz. O homem lhe fez uma mesura e tomou-lhe a mão:

— Encantado, *mademoiselle!* — disse ele, repetindo o beijo com que já havia cumprimentado dona Solange. Ela explodiu numa sonora e desdenhosa gargalhada.

— Caressa! — disse-lhe advertindo-a com carinho.

— Esta é a surpresa. Caio?

— Sim... Não gostou?

Deu mais uma sonora gargalhada, depois perguntou, debochada:

— Quem é esta coisa?

— Caressa... Ele é um artista, um pintor. Não viu a tela, ali?

— Ah, um pintor? E o que ele vai pintar?

— Vai pintar a menina mais linda do mundo...

Pretensiosamente ela repetiu o gesto do punho dobrado e encostou a ponta dos dedos no peito.

— Eu! — exclamou.

— Como adivinhou?

— Você não disse a menina mais linda do mundo?

— Convencida!

— Então, meu bem?... — disse, enfiando-se por entre as cortinas de pano florido, que separavam a cozinha do quarto.

— Caio, espera um pouco! — continuou de dentro do quarto. — Vou colocar outra roupa; afinal, você não quer que sua querida Caressa entre para a História como a “Mona Lisa de pijama”, não é mesmo?

— Claro que não, minha querida Caressa!

Momentos depois, ela indagou:

— Caio, que roupa devo pôr?

— O vestido que usava sábado, quando nos conhecemos.

— Está bem...

— E enxugue bem os cabelos! — acrescentei.

— Vou enxugá-los...

João Diniz retomou a narrativa de seus delírios de gênio da pintura. Não prestei atenção ao que dizia, mas acredito que afirmava

que depois de sua morte, sua obra teria alcance mundial e uma única tela poderia alcançar milhares de dólares. Se não dizia exatamente isso, dizia algo muito próximo disso. Quinze minutos depois Caressa surgiu por detrás da cortina. Trajava o mesmo vestido com que eu a havia conhecido. Estava belíssima. Os cabelos brilhavam, o rosto estava corado, os lábios estavam ainda mais vermelhos, seus olhos ainda mais sedutores. Ela estava envolta numa aura de magnetismo tão intenso, que — por um instante — tive medo de que eu não fosse o único a senti-lo. Ela dirigiu para mim um olhar lânguido e os lábios se entreabriram num sorriso quase infantil:

— Como estou, Caio? — perguntou-me.

— Digna de ser retratada por Renoir .. — respondi-lhe.

— Quem é Renoir?

João Diniz interpôs com uma grosseira imitação do sotaque francês:

— Eu, senhorita! “Jean Pierre Auguste Diniz Renoir”, muito prazer.

— Verdade, Caio?

— Vamos sabê-lo quando ele terminar o seu quadro. Venha, Caressa. Sente-se aqui. Está bem aqui, João?

— Pode ser... Acerta um pouco o ângulo da cabeça, um pouco mais à direita. Assim...

Sentei-me ao lado da tela de João, de frente para ela.

— Caressa, sorria para mim! — pedi-lhe.

Ela abriu um sorriso que não tinha nada de artificial, um sorriso meigo de menina entusiasmada. Seu rosto se iluminou. O seu riso matreiro, as linhas de suas feições, o colorido dos lábios e das faces, os cabelos caídos sobre os ombros nus, tudo se compunha com harmonia naquele rosto de anjo.

— Atente ao colorido do rosto e, sobretudo, a esse sorriso, João! — exclamei. — Este é o instante que você deve perpetuar no “Retrato de Caressa”.

— Eu não perderia essas cores e esses traços por nada neste mundo! — respondeu ele — Já os gravei no fundo de minha memória fotográfica. E pretendo retratá-los com a mesma precisão com que os pintores do século dezoito retrataram suas majestades.

Enquanto João trabalhava no retrato, meus olhos se embriagavam daquela doce modelo. Eu estava apaixonado por aquela garota. Foi então que, olhando para ela, refleti no que havia acabado de fazer: por um retrato dela eu fora capaz de subtrair uma jóia de

família, cujo valor sequer sabia precisar. Qual era a palavra mais apropriada para se classificar tal gesto? Roubo? Furto? Seja qual fosse a palavra correta, naquele momento eu me sentia um larápio. A verdade: aquele objeto, embora me pertencesse, nunca tive esta certeza, até o momento em que, resoluto, o subtraí do porta-jóias. “E quando mamãe descobrisse meu pequeno furto? Não. Ela não ia descobrir. Já se passava mais de um ano, desde a última vez que me pedira para que eu usasse aquelas abotoaduras. Com um pouco de sorte”, pensei, “talvez não me peça para usá-las nos próximos anos. Além disso, depois posso resgatá-las do pintor”.

— Caio! — era a melodiosa voz da minha amada — estou cansada de ficar aqui sentada.

— Só mais cinco minutos, *mademoiselle* — pediu João.

Esbocei-lhe um sorriso de impotência.

— Pronto — exclamou João, algum tempo depois.

— Enfim! — suspirou Caressa com trejeito de tédio.

— Deixe-me ver como está... — disse eu, pondo-me de pé.

Caressa deu um salto e se colocou ao meu lado.

— Isso sou eu? — indagou, fazendo com a mão direita aquele gesto singular que surtia tanto efeito em meu espírito apaixonado. Com que beleza ela executava esse gesto para mim!

— Não exatamente, *mademoiselle* — justificou-se o pintor — Trata-se apenas de um esboço. Delineei as linhas principais para que a essência da postura não se perca. Eu também estou cansado. Se quiser podemos continuar amanhã. Será cansativo, mas se começarmos cedo, à tarde o retrato estará pronto.

Caressa enroscou-se em meu pescoço.

— Então amanhã cedo você recomeça, João! — respondi-lhe

— Ah, Caio... é tão cansativo ficar ali sentada sem poder nem mesmo me coçar.

Dona Solange surgiu do quarto.

— Chega de birra, Caressa! Que menina manhosa! O rapaz contratou um pintor para fazer um retrato para você e ainda resmunga para ficar sentada em uma cadeira!

Ela retraiu os lábios num gesto de desprezo.

— E nem adianta fazer caretas! — voltou-se para mim — Amanhã eu não vou trabalhar, Caio. Vou estar em casa o dia inteiro, quero ver se ela não vai ficar sentada quietinha nesta cadeira.

— Promete ser boazinha? — perguntei-lhe.

— Você quer mesmo esse retrato? — indagou ela com

desânimo.

— Muito. — respondi-lhe.

Ela deslizou a língua no lábio superior e depois mordiscou o inferior:

— Então eu prometo — respondeu, antes de puxar meu rosto de encontro ao seu e me dar um sonoro e rápido beijo. João Diniz pigarreou:

— Bem, vejo que os pombinhos começam a arrulhar... — gracejou o pintor, tomando a mão de dona Solange e beijando-a no dorso, com teatralidade.

— Madame, até amanhã! — voltou-se para Caressa e repetiu o gesto — Até amanhã, *mademoiselle*. — Depois estendeu para mim sua mão magra e suja de tinta. Apertei-a.

— Caro jovem — disse ele, — sua amada é encantadora, uma linda flor cheia de pétalas, uma flor petulante...

Eu sorri enrubescido com o trocadilho de João Diniz. Caressa sorria vaidosa, sem compreender que o pintor a chamara de flor atrevida, insolente.

— Eu o acompanho até o portão — disse dona Solange com solicitude e divertimento. Tão logo ficamos sozinhos, indaguei dela:

— Sabe o que significa uma flor petulante?

— Claro que sei! Uma flor cheia de pétalas!

Balancei a cabeça:

— Não sua boba! Significa uma flor atrevida.

Ela vez uma careta.

— Maldito pintor! — exclamou, simulando um ódio terrível — Senhor Caio, quer dizer que sabia que aquele louco se divertia às minhas custas e não teve a nobreza de me defender?

— Sim! Quero dizer, não!

Ela olhou para mim com uma expressão maliciosa e divertida, segurou o colarinho de minha camisa e em arrastou para o quarto. Eu sorria divertido com sua teatralidade. Ela me empurrou sobre a cama da mãe e eu caí esparramado, rindo, com a cabeça para trás. Ela colocou cada um de seus joelhos ao lado dos meus quadris:

— Pois você vai aprender uma coisa, senhor Caio!

— O que você vai fazer?

Eu ainda ria, quando ela se deitou sobre mim. Seu corpo colou-se ao meu. Levantei a cabeça em sua direção. Seu rosto estava enrubescido. O olhar era lânguido, os olhos brilhavam com malícia e acanhamento.

— O que vai fazer comigo? — repeti um tanto perplexo.

— Cala a boca, Caio Graco! Agora você é prisioneiro do meu amor!

— Oh! — sussurrei.

Ela reclinou sobre meu rosto. Meus lábios estavam entreabertos pela respiração que se tornara ofegante. Ela deslizou com delicadeza a língua por entre meus lábios, e me beijou. Meu coração batia descompassado. Minhas mãos percorreram toda as suas costas e pousaram na delgada cintura. O que eu sentia era delicioso: sentia uma nova experiência emocional brotando dentro de mim. Sentia o nascimento do desejo...

— Caio — sussurrou ela — eu te amo muito, muito, muito!

— Eu também te amo, Caressa. — declarei.

Entregamo-nos a um outro beijo ainda mais ardente. Meu coração parecia ribombar como um tambor. Parecia, não, ribombava violentamente como um tambor! Batia surdamente. Batia ritmicamente. Batia assustadoramente. Mas não era meu coração que batia daquele jeito! Eram tambores mesmo. Empurrei-a assustado para o lado da cama e saltei.

— O que é isso?

— Isso o quê, Caio?

— Esse barulho?

Ela fez a sua característica carinha de desprezo:

— Não ligue para isso, não! É a macumbeira da irmã do Elimar. Às sextas-feiras, eles sempre dão uma gira no quintal.

— Uma gira? — perguntei, espantado com o ritmo das batidas.

— É. Uma sessão de candomblé.

Ela se ajoelhou na cabeceira da cama, apoiou-se no umbral da janela fechada e pôs-se a espiar pela fresta.

— Venha ver, Caio!

Ajoelhei-me ao lado dela e olhei pela fresta. O quintal havia se tornado um verdadeiro terreiro de candomblé. Rapazes vestidos de branco, alguns de tênis, outros descalços, batiam os atabaques junto da porta do estranho cubículo, que agora se encontrava aberto. Mulheres, de cócoras, usando toucas e vestidos brancos armados, providenciavam as oferendas para o ritual.

— Caio, está vendo aquela magricela perto da porta?

— Sim, estou.

— É a irmã do Elimar.

Lembrava-me daquela feição débil: tinha sido ela que primeiro me atendera ao toque da campainha na noite, anterior.

— Vê aquele que conversa com ela agora?

— Sim. O homem de bigodinho?

— Sim, ele. É o pai-de-santo. É marido dela, mas mantém um caso amoroso com um rapaz... E moram todos juntos!

Eu estava atordoado com aquela informação.

— Ele é homossexual? — indaguei

— Homossexual?... — repetiu ela — É uma bicha descarada!

— Caressa! — protestei, puritano. Ela riu baixinho.

— Mas é verdade, Caio!

A porta da cozinha foi encostada, fazendo um ruído abafado.

— Caressa? Caio? — indagou dona Solange, em voz alta.

— Estamos aqui no quarto, mãe.

A mulher abriu a cortina.

— Caressa, já não lhe pedi para não olhar essas coisas ruins?

— Só estava mostrando para ele a irmã do Elimar.

— Mas não quero, filha! — Solange levantou as mãos para o alto: — Todas sextas-feiras é o mesmo inferno, Caio. Está ouvindo este batuque?... Pois bem, isso atravessa a noite, só param de madrugada!

— O que eles fazem ali naquele quartinho esquisito?

— Macumba — respondeu, baixinho — Essa mulher tem parte com o diabo! — Caressa riu, debochando da superstição da mãe.

— Não ria, menina! — protestou a mulher — Caressa não acredita nessas coisas, por isso fica rindo... Ah, se eu tivesse condições, alugaria uma casa bem longe dessa maldita gente e sumiria desse lugar desgraçado... — exclamou a mulher saindo para a cozinha. Caressa renovou a risadinha debochada.

— Liga não, minha mãe é assim mesmo, uma medrosa!

— Você não tem medo mesmo? — perguntei-lhe.

— Eu não! Para mim não passam de um bando de malucos.

De repente os atabaques pararam de rufar. Caressa fez um ar de suspense. Depois riu, agarrando-se a mim. Eu também não pude deixar de rir com seus trejeitos de menina. Um velho despertador em cima da cômoda indicava 20h20, quando ouvi a voz sumida de Elimar falando com dona Solange na cozinha. Chegara do trabalho. Depois ele entrou no quarto. Eu e Caressa estávamos sentados na beira de sua cama conversando futilidades. Elimar me cumprimentou

e colocou uma pequena bolsa verde, tipo mochila do exército, sobre a cômoda e retornou à cozinha. Quando o pobre homem fechou a cortina, Caressa fez uma caretinha e comentou, baixinho:

- Ah, como eu o odeio!
- Por que o odeia, Caressa? — perguntei.
- Porque odeio, ora! Para se odiar é preciso um motivo?
- Sim! Creio que sim.
- Mas eu o odeio, porque odeio...

Depois soube por dona Solange que, até pouco tempo, ela morava com o pai. Deduzi que isso era uma das determinantes do seu caprichoso ódio contra Elimar. Talvez, pensei, ela não queria permitir que alguém ocupasse em seu coração o lugar de seu verdadeiro pai. Daí a necessidade de criar esta barreira de ódio, que os tornava incomunicáveis. Segundo me informou dona Solange, o pai dela era um homem aventureiro e mulherego. Levava uma vida extremamente volúvel: um ano no Mato Grosso com uma fazendeira, alguns meses em Itaipu com uma comerciante, outro mês no Rio com não se sabe quem. E a filha o acompanhava em cada novo lar, a cada nova madrastra. Esta história me deixou entristecido e preocupado. Entristecido em pensar que minha amada nunca tivera um lar estável, uma casa. Preocupado porque não sabia exatamente a profundidade das feridas que uma vida errante e imoral imprimira na personalidade da menina. Às 21hs me despedi de Elimar e dona Solange. Caressa disse que me acompanharia até o portão. Porém dona Solange protestou:

— Não, hoje não, filha! Com este quintal infestado de macumbeiros, não! Quem sabe que tipo de gente está debaixo dessas roupas brancas? Elimar, acompanhe o rapaz até o portão! — ordenou.

— Claro. — acatou o homem, com sua característica voz sumida.

— Venha Caio, quero lhe dar mais um beijo de despedida! — disse ela, me puxando de volta ao quarto. O gesto me deixou enrubescido. Olhei para Elimar na expectativa de uma palavra de reprovação, mas ele parecia conhecer bem a enteada. Fez, com seu jeito taciturno, apenas um movimento com a cabeça como a dizer “vai, eu te espero dar o beijo nela”. Beijamo-nos encostados à parede. Os tambores recomeçaram a rufar. Caressa deu uma risadinha, depois encostou a cabeça em meu peito e apertou minha cintura:

— Ah, Caio, meu Romeu, como eu te amo...

Beijamo-nos novamente. Um beijo prolongado, apaixonado.

Enquanto nos beijávamos ela roçava seu corpo de menina de encontro ao meu, me espremendo de encontro à parede. Aqueles beijos despertavam em mim sensações que ainda me eram desconhecidas. Eu era um rapazote infeliz que descobrira na boca, no corpo e na existência daquela menina um motivo de prazer; mas um prazer ainda assexuado, inocente. Quanto a ela, Caresa, era inegável que naquele corpo jovem e fresco já ardia a chama da sexualidade.

Elimar me acompanhou ao portão. Assim que atravessamos a porta da cozinha, olhei para aquele semicírculo formado por homens de aspecto grotesco a surrar seus atabaques. Havia um rapaz que se insinuava entre eles com maneirismos e gestos deliberadamente homossexuais. Não se tratava do marido da irmã de Elimar, mas outro rapaz mais robusto. Meus olhos não se demoraram mais que alguns segundos neste quadro deprimente. Se o culto protestante não me tocava, aquele outro meio de contato com o divino me chocava. Quando nos dirigíamos para o corredor lateral da casa, cruzei com a irmã de Elimar. Era uma mulher miúda, franzina, físico bastante semelhante ao de Elimar. Entretanto, o que este tinha de docilidade nas feições, aquela tinha de agressividade. Ela possuía uma fisionomia marcada pelo desespero e crueldade. Seu olhar tinha o espectro do homicídio. Os olhos daquela mulher sombria eram de uma malignidade tão intensa que, apesar dela não ter me fitado por mais de alguns segundos, eu estremeci ao ser atingido por aquele olhar sinistro. A exemplo de todo o terreiro, vestia-se de branco. As palavras de dona Solange me vieram à cabeça: “Esta mulher tem parte com o diabo”. Enquanto subia o corredor, tropeçando nos calcanhares de Elimar, arrisquei uma olhadela para trás: a esquisita estava estática, mirava-me com um olhar bestial.

— Aquela é sua irmã, Elimar?

— Sim — murmurou ele.

— Estranha, não?

— Diabólica. — disse num resmungo, quase inaudível.

— O que você disse?

— Ela é uma peste! Não aceita o meu relacionamento com Solange...

— Ah! — murmurei, compreendendo melhor aquela conflitante situação familiar. Elimar abriu o portão em silêncio.

— E você não participa?

— Nunca me envolvi com essas coisas. Detesto macumbas!

Essas pessoas são cruéis. Outro dia mataram um bode preto, bem ali no meio do quintal.

— Um bode preto?

— É. Essa gente vive de fazer o mal para as pessoas...

Eu estava aterrorizado com aquelas informações. Não que eu acreditasse no malfeito, mas me surpreendia que houvesse uma forma de religião tão primitiva. Estendi a mão ao Elimar:

— Simpatizei-me muito com você! — disse ao homem.

Ele esboçou um sorriso, que foi logo reprimido, e respondeu-me algo inesperado:

— Você arranjou uma namorada muito instável. Às vezes, ela é mais doce que o mel; outras vezes, mais amarga que o fel. Mas, no fundo, é só uma questão de paciência. Ela ainda é uma menina. Se você for paciente descobrirá a verdadeira beleza de Caressa. Por enquanto ela é apenas uma menina carente que não sabe como pedir para ser mimada. Ela pensa que não gosto dela, mas gosto! Sei que ela não gosta de mim, talvez seja por causa deste meu jeito calado. Um dia ela vai gostar de mim. Gostei de você também... e estou torcendo por vocês.

Eu apertei-lhe novamente a mão:

— Elimar, obrigado pelo companheirismo!

Para minha tranqüilidade, naquela noite, mamãe não ficara a me esperar. “Talvez”, pensei, “já tenha se acostumado com a idéia de que, de hoje em diante, sempre chegarei tarde da casa de Caressa”. Lancei-me à cama e fiquei conjeturando que a vida é muito bela, que eu era muito feliz... e esta felicidade, se Deus é bom, tinha que permanecer para sempre. Mas era “esta” felicidade que eu queria, não o céu. A felicidade era o amor que eu sentia por Caressa, e a convicção de que também era amado por ela. A felicidade era esta emoção que crescia a cada dia dentro do meu peito: o amor.

Durante toda minha reclusa vida, eu sempre julguei que não, pelo menos tentei me convencer que não, mas hoje admito, o quanto este breve romance juvenil influenciou no meu caráter taciturno e no curso de toda minha vida.

## *Chuva de Novembro*

Na manhã de sábado, tal como fizera nos últimos dias, me levantei cedo. Tomei um banho bem quente e demorei-me diante do espelho. Peguei meu sax e desci as escadas, fazendo com que o ambiente vibrasse com as notas dos meus sentimentos. Vovó estava à mesa. Minha mãe não tinha por hábito levantar àquela hora, mas na noite anterior se sentira indisposta e deitara cedo demais, de modo que, naquela manhã, ela também já estava à mesa. Sentei-me ainda soprando em meu saxofone. Havia uma satisfação juvenil, de forma não declarada, em fazer com que todos testemunhassem o quanto eu estava feliz e apaixonado. Depois coloquei o sax num canto da mesa. Vovó levantou a cabeça para mim. A princípio pensei ter visto um olhar reprovador, mas depois seus lábios se contraíram: “Será que hoje ela está de bom humor?”, pensei em meu íntimo.

— Esta sua namorada reacendeu-lhe o ânimo, não é mesmo, Caio, querido? — observou mamãe.

— Incendiou, mamãe. Incendiou minha alma... — respondi, feliz com o comentário de mamãe.

— Hum... — resmungou ela, olhando para mim e depois para vovó:

— Agora temos um poeta em casa, mamãe.

Vovó levantou a cabeça, olhou para mamãe, depois para mim, os lábios repuxados num riso debochado:

— Essa menina pôs sua alma na fogueira! — comentou, sarcástica.

— Mamãe! — protestou minha mãe.

Houve uma pequena pausa. Coloquei uma torrada na boca e comecei a mastigá-la em seco.

— Quando vou conhecer a sua namoradinha, Caio? — indagou minha mãe. Não entendi bem o porquê da pergunta. Estaria ela zombando dos meus sentimentos, com a palavra “namorada” empregada no diminutivo? Deduzi que, talvez, mamãe estivesse

advogando minha causa frente à relutância de vovó. E eu não estava errado. Vovó antecipou-se à minha resposta:

— Um dia talvez... se o rapaz tiver coragem de trazê-la a esta casa.

— Por que, mamãe?

— Porque tenho certeza que foi ela quem lhe deu aquele disco mundano, cuja música ele passa o dia inteiro a cantar igual um mocho.

— Que despropósito essa sua comparação, mamãe! Quanta implicância com o menino! — exclamou minha mãe, exasperada. Vovó não se rendeu à reclamação de mamãe:

— Passa o dia soprando músicas mundanas em um instrumento destinado a louvar a Deus.

Baixei a cabeça e fiz de conta que não ouvira nada.

— O que a senhora quer dizer, mamãe? Aquilo é um hino que o Caio aprendeu no encontro de jovens!

— Um hino ao diabo! — resmungou vovó.

Levantei-me exasperado, agarrei o sax e subi para o quarto. Fechei a porta e comecei a tocar num ritmo mais rápido, como protesto. Momentos depois, mamãe batia à porta. Relutei em abrir, mas acedi à insistência. Mamãe entrou no quarto e me deitou um olhar inquiridor:

— Caio, não minta para mim — disse com uma nota de tensão na voz. — Sua avó disse-me que esta música que você toca não é um hino; mas, uma música qualquer. Ela disse que ouviu você tocar um disco... Que disco é esse, Caio? — perguntou-me dirigindo-se ao aparelho e pegando o *long play* que, displicentemente, eu deixara sobre o prato da vitrola.

— Pertence a um amigo — resmunguei indisposto.

— Que amigo?

Não podia contar-lhe toda a história; arrisquei:

— Pertence ao Elimar, o padrasto de Caressa.

Mamãe olhou para mim. Não sei precisar o tipo de emoção ou ânimo que ia em seu espírito. Perguntou-me com voz neutra, balançando o disco:

— Esta é a música que você sopra o dia inteiro em seu instrumento?

— Sim! — respondi.

— Por quê não me falou a verdade, Caio? — indagou com um tom de voz repreensivo.

— Não sei, mãe... Não sei.

— Você jamais mentiu para mim, Caio. Que está acontecendo com você? Que está se passando com você?

— Nada!

— Tem mais alguma coisa que deseja me revelar?

Pensei por um instante. Decide que era melhor protelar novas decepções. Noutra oportunidade, quando a pegasse desarmada, lhe revelaria que Caressa não era protestante. Diante de meu silêncio, ela colocou o disco sobre a caixa de som e deixou o quarto sem dizer palavra.

Abandonei-me na cama no mais completo silêncio. “Foi ela”, pensei, “foi vovó, quem indispôs mamãe contra mim. Foi ela!” Sentia-me oprimido, ameaçado. E esta sensação tinha origem naquela farsa que era obrigado a representar. Nascia da forma absurda com que minha mãe insistia em me tratar como uma criança, desse estúpido e infundado preconceito de que eu tinha que namorar só com uma menina protestante. “Por quê? Por quê?”, perguntava intimamente. “Nem sou protestante!” O meu mais sincero desejo era descer correndo aquelas escadas e gritar bem alto: “Eu não sou crente! Eu não sou crente!” Creio que só não o fiz porque era um covarde. Se meu pai não tivesse desaparecido, com certeza, eu desceria lá e as desafiaria com a verdade. Desmascararia toda a minha farsa e rasgaria, também, a máscara de hipocrisia de minha avó, quebraria os grilhões com que ela havia acorrentado minha mãe e promoveria nossas liberdades. Tudo isso, porém, se meu pai fosse vivo, porque eu teria aprendido com ele a ser um herói. Mas ele estava desaparecido, desde os meus oito anos, e eu não passava de um covarde. Um covarde submisso ao despotismo de uma matriarca absolutista.

Passava das duas da tarde quando abordei mamãe na sala de estar, lendo um livro religioso. Sentei-me no sofá diante dela e fiquei um momento em silêncio, depois avisei:

— Mãe, vou à casa de Caressa.

Ela não tirou os olhos do livro.

— Que não retorne tarde! — disse sem me olhar.

Deixei a sala com passadas largas à procura de Antônio. Encontrei-o no jardim, molhando as plantas com um jato de mangueira pulverizado. Avisei-o que desejava sair dentro de, no máximo, uma hora. Voltei imediatamente ao meu quarto e tomei um banho.

Entre no carro e me senti exultante. Antônio ligou o motor e, enquanto esquentava, ficou me olhando pelo retrovisor.

— O que foi, Antônio? — indaguei

— Para onde vamos, patrão?

— Como, para onde vamos? Para o mesmo lugar de ontem! — exclamei irritado, pensando que ele estava se divertindo com minha cara. De certo modo, ele se divertia, posto que eu era um rapaz com a hilariante euforia de um menino. Ele agia assim, sobretudo, para que nos tornássemos bons companheiros, como de fato nos tornamos, mais tarde.

Chegamos à casa. O Corcel do pintor se encontrava estacionado em frente ao portão. “Será que ele terminou o retrato?” — indaguei em meu íntimo, ansioso. Toquei a campainha. Minha amada surgiu no vértice da casa. Ao me ver escalou os degraus, abriu o portão e se pendurou em meus ombros, beijando meu rosto.

— Ah, meu Romeu... que saudade do meu amor! Que saudade! Aposto que o meu amor não sentiu tanta saudade como eu senti! Aposto!

— Claro que sim, Caressa! Como ousa duvidar assim do meu amor!

— Sentiu mesmo, Caio? Sentiu mesmo?

Eu a beije na cabeça, na testa e, por último, na boca.

— Muita. Muita saudade.

Antes de conhecer Caressa eu era tímido e reservado. Não que ela tivesse mudado esses traços de minha personalidade assim tão depressa. Mas, na presença de Caressa, eu era capaz de realizar todo e qualquer gesto de romantismo que ela desejasse, sem que me sentisse ridículo. Na presença dela aquilo que poderia soar ridículo, ou demasiadamente afetado, soava como lirismo da mais bela poesia. Isso se dava porque meus gestos não eram movidos por cálculo, mas pelo impulso da paixão, pela inexorabilidade do coração, pela intensidade e sinceridade de meus sentimentos.

— João Diniz Renoir terminou o “Retrato de Caressa”? — perguntei-lhe.

Caressa mordiscou o lábio inferior, depois disse com crescente efeito na voz, de modo que as três repetições da última palavra marcaram o timbre de uma exclamação:

— Caio... eu fiquei parecendo uma princesa. Muito bonita, muito elegante! Linda. Linda. Linda!

Sorri ante a doçura de sua pretensão, abracei-a.

— Mas você já é linda, linda, linda...

— Venha, Caio. Venha ver como fiquei linda!

Descemos em disparada pelo corredor. Fui recepcionado à porta por dona Solange.

— Eu não falei que ela ia sentar-se bem quietinha naquela cadeira, Caio? Não falei? — comemorava a mulher. Com estas palavras de Solange, João Diniz, que ainda trabalhava no fundo do quarto, levantou a cabeça sobre a parte superior da tela:

— Venha ver uma verdadeira obra de arte ainda cheirando a tinta fresca, meu caro jovem. Oportunidade única em toda uma vida... — coloquei-me ao seu lado, diante da tela.

— Veja! Eu não lhe disse que não se arrependeria?... — gabou-se o pintor. Eu sorri para o rosto do retrato, que também sorria para mim.

— Você é um artista, João Renoir! Um verdadeiro artista. — comentei feliz em ver materializado, eternizado sobre um retângulo de tecido o sorriso que me despertara para o amor e para a vida — Não sei nem como lhe agradecer, João.

— Como não? Ao reconhecer a sua encantadora Caressa, sob os traços de meu pincel, você já está me agradecendo do modo que mais enobrece um artista: reconhecendo sua arte.

— Como haveria de não a reconhecer em sua pintura? Se é ela mesma que me sorri da tela?

João ficou a contemplar em reverente silêncio a sua obra, como se estivesse a despedir-se, depois falou:

— Bem, é isso, meu caro jovem! — voltou-se para dona Solange, retirando com cuidado a tela de sobre o cavalete:

— Madame, onde devo colocá-la? — a mulher apontou:

— No quarto, por favor.

Entramos todos no pequeno quarto.

— Aqui — disse ela, indicando um prego de onde tirara um calendário. — Aqui, por favor — João ajeitou a tela sobre o prego.

— Encantadora! Simplesmente encantadora! — repetiu ele com ar sonhador diante da pintura. Depois se despediu de todos com demasiada mesura, como era característica de seu espírito gabola. Dona Solange acompanhou-o até o portão. E, como na noite anterior, Caressa lançou-se sedutoramente aos meus braços:

— Oh, Caio, meu amor. Diga-me quem você é! Diga-me! Você é um príncipe? Sim, só um verdadeiro príncipe para me dar um presente tão maravilhoso!

Com que alegria arrebatadora ela me enlaçava à cintura! E que paixão incontrolável despertava em mim esses seus trejeitos de menina apaixonada! Desta vez, dona Solange retornou bem mais rápida, surpreendendo-nos em plena execução de um beijo. Enrubesci. Caressa saiu-se muito melhor, dissimulando com espantosa habilidade:

— Ah, mãe, estou tão cansada... A senhora não sabe o que é ficar tanto tempo sentada numa cadeira! — A reação da mãe foi ainda mais discreta:

— Deixa de ser boba, Caressa — apontou o quadro — Por um retrato como esse eu ficaria sentada um século! — depois olhou para mim. — Ainda mais sendo presente de um rapaz fino, educado e bonito como o Caio. — sorri sem saber o que responder.

— Fiquem à vontade — continuou a mulher. Vou cuidar dos meus afazeres na cozinha. Caressa fez com que eu sentasse à beira da cama de sua mãe. Receei que fosse inconveniente namorarmos sentados ali e externei-lhe esta preocupação. Ela me respondeu, entre um beijo e outro, que sua mãe não se importava. Ficamos ali sentados, conversando, fazendo mútuos afagos e jurando amor para sempre. Mas, o que era para durar para sempre, não durou mais que trinta minutos. Logo depois das seis da tarde, Caressa levantou-se afirmando que já estava cansada de ficar sentada. “Como cansada?, perguntei em meu íntimo: se por você sou capaz de passar a eternidade sentado sobre a cabeça de um totem, na Ilha de Páscoa a contemplar o mar?” Ela foi à cozinha e depois voltou para perguntou se eu ia ficar sentado ali a noite inteira.

— Claro que não! — respondi.

— Então venha à cozinha! — respondeu ela, num tom seco.

Ela estava inexplicavelmente irritada. Vieram-me à cabeça as palavras de Elimar: “Ela é uma menina muito instável. Às vezes ela é mais doce que o mel, outras vezes mais amarga que o fel”. Que ela era mais doce que o mel isso eu já tinha provado em seus beijos. Quanto ao gosto amargo, ela acabava de me dar uma pequena amostra com aquelas ríspidas palavras. Sentei-me à mesa. Ela encheu um copo com café e começou a bebericar, encostada à parede, impaciente. Solange advertiu-a:

— Menina, você não tem educação? Oferece café ao rapaz!

— Ele já não disse que não gosta, mãe! — virou-se para mim com ar de indiferença: — Quer café? — balancei a cabeça, recusando.

Meu espírito estava conturbado pela espantosa mudança de temperamento.

— Eu não disse que ele não queria! — atalhou, balançando os ombros.

Ela bebeu todo o café em lentos tragos. Eu mantinha meu olhar fixo em cada gesto, em cada movimento, em cada contração de seu rosto. Quando ela colocou o corpo sobre a pia, eu pude ver um lampejo de alegria em suas feições. E quando olhou para mim o sorriso tinha voltado, como num passe de mágica, ao seu rostinho encantador. Sentou-se ao meu lado:

— Ah, Caio, você não acha que esta tarde está linda demais para ficarmos em casa? — perguntou-me com voz sedutora.

— Sim, a tarde está muito linda — respondi feliz, ainda sem compreender o motivo de sua súbita alegria.

— Então, meu Romeu, vamos sair! Sim, Caio querido, leve-me para passear. Leve-me à cidade, ao cinema, a uma lanchonete, ou para tomar um sorvete num parque. Leve-me para qualquer lugar; mas tire-me daqui... Oh, estou tão cansada desta casa — encerrou com voz afetada.

“Passear”, pensei. “Então era isso o que ela desejava? Era por isso que estava tão irritada? Que banalidade! Sim, era uma banalidade. Mas uma banalidade insolúvel para mim. Como haveria de levá-la para passear se não possuía sequer um único cruzeiro em meu bolso, ou melhor, não possuía sequer uma carteira?” Foi um momento de angústia terrível. De repente eu me senti a mais miserável das criaturas a rastejar sobre a face da Terra. “Como fui tão estúpido de sair de casa sem dinheiro?” Até então jamais havia carregado dinheiro comigo, nem mesmo tinha necessidade de dinheiro à mão. Quando saía, estava sempre acompanhado de minha mãe que comprava aquilo que ela julgava necessário. Como dizer para minha amada que eu não tinha em meu bolso nem um centavo?

— Então você quer passear? — indaguei, para não ficar calado.

— Sim, Caio querido. Leve-me a uma lanchonete. Eu adoraria comer cachorro quente com você! — respondeu com trejeitos e maneiras infantis.

— Mas, eu não sei... — falei, gaguejando.

— O quê, Caio?

Uma desculpa me veio à mente:

— Hoje meu motorista larga mais cedo do trabalho.

— Ah, Caio, peça-lhe para que fique até mais tarde. Peça-lhe Caio, por favor! — implorou.

— Não posso, Caressa... Fica para outro dia.

Ela saltou animada, interrompendo-me. Sorriu num misto de divertimento e determinação:

— Você quer ver como eu o convenço, quer ver?

Eu a agarrei pelo braço.

— Não, não vá! Eu vou... e falo com o Antônio.

— Então fale, e trate de convencê-lo! Do contrário, eu subo lá e quero ver se não o convenço...

— Espere-me aqui! — disse-lhe. Ela sentou-se, cruzando as pernas como uma mocinha bem comportada. Subi devagar o corredor. Não tinha pressa. Censurava-me por ter me precipitado na desculpa e, desta forma, ter caído em minha própria armadilha. Agora não tinha salvação. Como haveria de dizer-lhe? Imaginei a situação: “Caressa, seu príncipe não dispõe de um único centavo para realizar-lhe este capricho de plebéia!” Que absurdo! Admitir tal situação era demasiado patético, mas não havia outra alternativa senão lhe revelar o verdadeiro motivo de minha recusa. Cheguei ao portão, puxei o ferrolho, parei diante do carro e fiquei olhando com ar vago. Executei este ato mecanicamente, não pretendia dizer nada para o Antônio. Ele saiu do carro e me olhou com ar preocupado:

— O que houve, patrãozinho? — indagou — Não vai me dizer que o namoro de vocês está acabado?

— Não. Mas está por um fio! — respondi, evasivo.

Ele contornou o carro e se colocou ao meu lado.

— Posso ajudar de alguma forma? — perguntou-me com ar de sincera preocupação. Eu fiquei a olhá-lo. “Será que este homem tem alguma coisa no bolso além dos documentos?”, perguntei-me num misto de apreensão e sarcasmo. Não. Mesmo se tivesse, eu não teria coragem de pedir-lhe dinheiro. A não ser, é claro, se ele insistisse:

— Acho que não, Antônio! — respondi.

— Mas afinal, o que aconteceu?

Deduzi que eu não estava sendo suficientemente correto com aquele homem tão solícito. Minha consciência, forçada pela necessidade, advertiu-me que eu estava subtraindo ao Antônio a oportunidade de praticar uma boa ação.

— Pensando bem, talvez, você possa me ajudar... — fiz uma pausa para testar sua reação. Suas feições me deram o sinal verde.

— Sabe o que é... saí de casa sem... — silencieiei.

—Então?

Baixei a cabeça e soltei:

—Então... que Caressa quer ir a umá lanchonete... e eu não tenho comigo um único centavo. — completei desanimado. Cabisbaixo, ouvi o seu risinho divertido, que depois explodiu numa gargalhada:

— Pode ajudar-me? — indaguei rindo. Ele apoiou a mão sobre meu ombro.

— Quem diria, o senhor Caio não traz consigo nem mesmo o suficiente para um cafezinho? — troçou, entre risos.

Ele enfiou a mão no bolso da calça, e tirou uma carteira de couro, abriu-a e deu-me uma nota de cinqüenta cruzeiros. Até à idade de dezoito anos, jamais dispus de dinheiro em espécie. De maneira que aquela era uma das primeiras e, com certeza, a mais valiosa nota que eu tinha tido em mãos.

— Uau! — exclamei, esticando a nota.

De repente me ocorreu que aquele dinheiro pudesse fazer-lhe falta. Perguntei, então:

— Você pode dispor dessa quantia, Antônio?

Ele sorriu amável:

— Sou um homem sem família, patrão. E um homem sem família sobrevive com muito pouco. Tenho o suficiente para passar o mês.

— Se é assim... — rematei, colocando a nota no bolso.

— Vamos, apresse-se! — disse ele — Vá buscá-la para que a noite seja a mais longa possível! — sorri com as palavras de Antônio.

Encontrei Caressa na porta da cozinha. Ela me perguntou impaciente:

— Ele aceitou, Caio? Aceitou?

Simulei uma expressão de derrota. Ela explodiu, irada:

— Seu frouxo! Como não o convenceu! — bateu o pé no chão como uma lebre e girou sobre os calcanhares, quando a segurei pela cintura:

— Calma, *mademoiselle!* — adverti, trazendo-a, com um sorriso para junto de mim. — A senhorita gostaria de me conceder a honra da sua companhia, nesta noite? — indaguei-lhe acentuando teatralmente as palavras. Ela sussurrou, com uma expressão oposta àquela com que, segundos antes, me dera às costas.

— Oh, Caio...Você o convenceu, seu mentiroso! Sabia que você o convenceria! Sabia! É por isso que amo você cada vez mais...

me deu um beijo, rápido como o vento.

— Vou trocar de roupas — atalhou, correndo para o quarto.

— Não! — protestei. — Quero você com esta mesma roupa...

— Por que, Caio? — indagou num tom de voz melodiosa e um olhar lânguido.

— Porque era esta que você usava quando nos conhecemos.

— Ah... Pensei que o motivo fosse outro. — replicou ela, com uma nota de mistério na voz. E, enquanto eu tentava adivinhar o significado daquelas palavras, ela aproveitou-se de meu descuido e colou seus lábios nos meus, sorrindo maliciosamente. Em seguida sentou-se diante da penteadeira e demorou um quarto de hora para pentear sua maravilhosa cabeleira negra. Calçou uma sandália sem salto, tipo romana, com um emaranhado de tiras que se entrecruzavam por cima de seus tornozelos. Saímos meio sem rumo. Foi Caressa, quem, depois que o carro já ganhara velocidade, determinou um destino impreciso:

— Jarbas, leve-nos pra cidade!

— Perfeitamente, senhorita! — respondeu Antônio.

A noite estava um pouco gelada, era o início do inverno. Mas era uma friagem suportável, ou melhor, era um frio agradável, nada que exigisse o uso de roupas de inverno. A lua era uma enorme bola prateada, num céu estrelado. De vez em quando uma nuvem de cor prata enegrecida a ocultava por instantes para fazê-la reaparecer ainda mais impressionante do que antes. O Alfa Romeo avançou pela movimentada avenida Ipiranga, no sentido da rua da Consolação. A avenida estava apinhada de transeuntes, alguns apressados, deixando ou chegando ao trabalho, outros caminhando devagar, jovens e casais, parando diante das lojas e de suas vitrines iluminadas. Aquela noite transbordava de poesia. Caressa estava agitada como uma criança feliz, a cada parada em semáforo, ela chamava minha atenção para uma banalidade qualquer que julgava digna de ser compartilhada comigo: primeiro, apontou-me um homem soturno que caminhava na calçada ostentando um sobretudo inglês, que chegava quase até os tornozelos; nas palavras dela: um traje cafona de detetive da “sessão da tarde”. Depois me apontou um Opala preto, em cujo interior destacava-se um enorme cão policial que, acompanhando o motorista, encontrava-se sentado no banco de passageiro com uma postura distinta, quase humana; depois, um rapaz roqueiro que usava roupas que mais pareciam andrajos, “o maior barato”, comentou ela. Passamos em frente ao Cine Marabá.

Os guichês fervilhavam de pessoas comprando ingressos, ou aguardando o início da próxima sessão. Antes que passássemos diante do cinema, eu supunha que ao vê-lo, Caressa ficaria excitadíssima, mas não foi o que sucedeu. O que lhe chamou a atenção foi uma florista que se encontrava entre a multidão diante do cinema.

— Oh, Caio, que lindas! — exclamou ela.

— O quê? — indaguei reticente.

— Lá! Você não viu, Caio? Uma menina vendendo flores!

— Onde? — indaguei procurando-a, sem sucesso, entre a multidão.

— Quero uma rosa, Caio! — exigiu ela

— Pare o carro, Antônio! — ordenei.

— Aqui é proibido, patrãozinho. Só mais alguns metros e estaciono na praça — retrucou. Ele avançou mais alguns metros, dobrou à direita e estacionou na Praça da República.

— Você não queria ir ao cinema, Caressa?

— Que filme está passando? — perguntou-me sem interesse aparente. Saltei do carro e puxei-a para fora.

— Venha, vamos lá saber.

— Antônio, pode nos esperar aqui na praça?

— Seu pedido é uma ordem! — respondeu ele.

Abracei minha menina e caminhamos na direção do cinema.

— Não pense que esqueci das minhas flores, senhor Caio! — disse ela, me olhando de esguelha, balançando o dedo em riste e, na voz, um tom de carinhosa advertência.

— Assim que encontrarmos a vendedora, eu as compro para você, meu anjo. Compro todas que ela tiver. Todas!

— Oh, Caio, você é tão exagerado.

— Não quer que eu as compre todas?

— Não. Quero duas dúzias, apenas, Caio.

— Apenas duas dúzias? É, não é tanto assim... — comentei irônico.

— Duas dúzias. Promete, Caio?

— Está bem. Prometo!

O enorme cartaz anunciava um filme de terror. “Nada mal”, pensei. “Ela vai sentir medo e eu aproveitarei a oportunidade para abraçá-la bem apertado”. Comprei os ingressos para a próxima sessão, que se iniciaria em vinte minutos. Durante este intervalo de tempo procuramos, em vão, pela florista, que eu já supunha ser mais

uma “criação” de Caressa. Fomos uns dos últimos a entrar no cinema, o que nos obrigou a nos sentarmos nos piores lugares que restavam, muito próximos à tela. O filme começou. Tratava-se, como anunciava o cartaz, de um filme que pretendia ser de terror. Tudo o que o medíocre roteiro conseguiu foi arrancar risos de escárnio e vaias da platéia. Caressa fez sua característica caretinha de desprezo e disse que o filme era horrível. Nisso, ela não estava exagerando, a história: era completamente sem nexos. O diretor deve ter desejado passar ao espectador um clima de suspense que deveria advir de uma suposta ameaça que vinha do fundo do mar. A ameaça eram homens-algas, com feições grotescamente retorcidas. E isso era tudo. Ah, também havia um barquinho com quatro tripulantes. O temperamento irrequieto de Caressa não suportou mais que meia hora daquela estupidez. Levantamos e deixamos o cinema. “Maldito filme! Maldito filme!”, eu ia protestando intimamente, enquanto subíamos o corredor do cinema. Ao deixarmos o saguão, ela avistou a florista vendendo uma rosa a um rapaz, que, em seguida, entregou a flor à namorada e recebeu um demorado beijo, como recompensa.

— Caio, minhas flores! — exclamou.

Aproximamos da florista.

— Quanto custa a dúzia de rosas? — perguntei-lhe

— A dúzia? — indagou a menina — Você quer uma dúzia?

— Duas! — ordenou Caressa.

— Mas eu vendo por unidade. Custa Cr\$1,50 cada.

— Você prometeu duas dúzias, Caio! — lembrou-me

Caressa.

Imediatamente fiz a conta de cabeça: Cr\$36,00! Menos Cr\$8,00 dos ingressos do cinema sobrar-me-iam, dos Cr\$50,00, apenas Cr\$6,00!

— Mas, Caressa... só tenho cinqüenta cruzeiros.

— Você prometeu, Caio! — foi a resposta dela, fazendo beicinho.

— Se quer mesmo tudo isso de flores... eu lhe dou, mas saiba que vão sobrar só seis cruzeiros! Quer?

— Duas dúzias, por favor — disse ela à florista que se pôs imediatamente a contar as rosas. A florista sorria com esta repentina venda no atacado, e ao preço de varejo!

— Vinte e uma, vinte e duas... vinte e três — contou a florista. — Só tem vinte e três!

— Caio, duas dúzias são vinte e quatro, não vinte e três!

— Mas só tem vinte e três, Caressa! — respondi.

— Você me prometeu duas dúzias!

— Eu prometi todas as rosas que ela tivesse em mãos.

— Mas quando você prometeu, meu bem, ela tinha nas mãos muito mais que duas dúzias!

— Você quer as vinte e três, ou não? — indaguei, irritado.

— Desde que depois você compre mais uma...

— Quanto custa as vinte e três? — perguntei à florista.

Ela fez a conta, comentando em voz alta os processos da multiplicação, como a justificar o valor total: Cr\$34,50!

Paguei. Retornamos ao carro, caminhando um pouco separados, posto, que Caressa estava com os braços carregados com o enorme maço de rosas. Eu estava irritado com tamanho desperdício de dinheiro. Não que eu fosse um sovina, mas naquele momento os gastos com flores tinham sido desproporcionais aos cinquenta cruzeiros de que dispúnhamos para nosso passeio.

— Sobraram apenas Cr\$7,50 para comermos alguma coisa — comentei, mal-humorado. Ela sorriu.

— Com esse dinheiro dá para comer muitos pastéis na frente da minha escola.

— Acontece que não estamos na frente de sua escola. Aliás, eu detesto pastéis!

Ela sorriu debochada, enfiando o rosto no maço de rosas. Abri a porta do carro para que ela entrasse. Entrei pela mesma porta. Antônio estava lendo um jornal. Observou-nos pelo retângulo do retrovisor e soltou um assobio:

— Patrãozinho, que exagero! — comentou divertido.

— Ele não é mesmo um amor, Antônio? Tão romântico... Eu disse para ele que era muito, mas ele é teimoso...

Antônio acreditou no que ela dissera, tal foi a perfeição empregada em seu tom de voz e na expressão facial.

— Para onde vamos agora?

— Siga em frente, Antônio. Sempre em frente! — ordenou minha doce menina.

Subimos a rua da Consolação e incursionamos pela avenida Paulista. Acho que foi a primeira vez que ela cruzou a avenida, pois soltou uma sonora interjeição quando Antônio anunciou a avenida. É incrível como, ante as luzes da Paulista, minha caprichosa namoradina se desfez do tão desejado maço de rosas, jogando-o no tampão traseiro do automóvel. Isso me magoou, mas não lhe externei

tais sentimentos. Minha querida demonstrava tanto júbilo que julguei um pecado interromper o curso de sua felicidade. Aliás, vê-la feliz me fazia, a despeito de quaisquer circunstâncias, tão feliz quanto ela.

— Caio, o que é aquilo? — indagou-me referindo-se ao prédio do Masp. Antônio antecipou-se:

— É o Masp, Museu de Artes de São Paulo, senhorita.

— Oh, Caio, quero vê-lo de perto, podemos ir até lá?

— Claro que sim. Não podemos, Antônio?

— Sim, patrãozinho. Vou contornar um pouco mais adiante.

Contornamos. Paramos diante do vão livre do prédio.

— É proibido estacionar, patrãozinho! — comentou. — Não podemos demorar por aqui.

Caressa protestou, encolerizada:

— Não se pode parar em lugar nenhum nesta cidade! Para que serve um carro, então? — saltou do automóvel.

— Não vamos demorar, Antônio — anunciei ao descer. Quando me voltei para ela, a vi já longe, correndo graciosamente pelo vão livre.

— Caressa! — gritei.

Ela voltou-se para trás.

— Venha me pegar, Caio. Venha me pegar!

Eu corri atrás dela. Ela fez uma curva fechada, um ângulo de noventa graus, junto da amurada da marquise, chegando a bater-lhe a mão para impulsionar o corpo para a esquerda. A amurada era larga, mas muito baixa, creio que não tinha mais que sessenta centímetros de altura. Ao me aproximar da amurada encostei-me a ela e parei. Meu coração disparou ao saber que Caressa tinha feito uma curva tão fechada junto daquela amurada: era a única proteção para uma queda de mais de dez metros. Lá embaixo, havia o chão de concreto de um estacionamento. Olhei para ela: corria paralela à amurada.

— Cuidado, Caressa! Cuidado!

Eu caminhava lento, quase paralisado pelo medo. Caressa parou no extremo da amurada e virou-se, sorrindo para mim:

— Venha me pegar, Caio.

— Espere-me, estou indo.

Ela colocou o pé direito sobre a amurada.

— Não, Caressa, é muito perigoso! — exclamei petrificado.

Ela sorriu ainda mais divertida e subiu na amurada. Meu coração batia violentamente. Ela tinha os braços abertos e imitava um equilibrista sobre uma corda, colocando um pé atrás do outro.

— Não, Caressa... Desça, Caressa! — pedi-lhe num misto de súplica e pavor, depois dei alguns passos em sua direção.

— Fique onde está, Caio — ordenou — Ou me jogo lá embaixo!

— Por que, Caressa?

— Porque quero andar aqui em cima, até onde você está... É muito divertido, Caio!

— É perigoso!

— É gostoso... — disse decidida, depois acrescentou com voz baixa — Mas também me dá um medo terrível.

Esta é a mais viva lembrança que tenho dessa menina tão cheia de vida: o vento soprando a orla de seu vestido preto, esvoaçando seus cabelos brilhantes. É também a imagem dela mais emblemática: a menina que desafiava a morte em nome da vida, a graciosa criança que com ingênua beleza desabrochava para a maturidade, que anunciava o surgimento de uma mulher bela e sensual, um corpo balançando ao vento noturno, balançando entre a realidade e o sonho. Recentemente li um romance de Somerset Maughan: "*The Razor's Edge*", traduzido com o título "O Fio da Navalha". Na primeira página do livro, Maughan inseriu uma frase de Katha-Upanishad: "É difícil caminhar sobre o afiado fio de uma navalha; do mesmo modo, diz o sábio, é difícil o caminho da Salvação". E, no decorrer da história os personagens que compõem esta maravilhosa obra, se debatem à procura do sentido de suas existências, da salvação de suas almas. Aquele gesto dela resumia a obra de Maughan e a angústia de seus personagens. Caressa desafiava a vida para encontrar na arte a essência de sua existência, caminhava sobre a amurada, com a morte a acenar-lhe sob os pés e com o espírito tomado pelo medo e desejo com que, segundo Maughan, seus personagens caminhavam sobre "O Fio da Navalha".

— Se lhe dá medo por que não desce, Caressa?!

— Porque o medo também me dá prazer...

Fiquei a contar-lhe os passos, cada pequeno movimento era um vagalhão de medo que se abatia sobre meu coração. Depois de uma eternidade de suspense ela chegou até mim, mas o pavor era tanto que eu não ousava encostar-lhe a mão, receando que o menor toque a fizesse desequilibrar e cair. Caressa deu um gritinho de comemoração, saltou nos meus braços, saltou para mim. E eu a abracei, trêmulo.

— Sua louca — sussurrei em seu ouvido. — Você é louca?

Poderia ter caído, sua louca!

— Ah, que gostoso! Foi muito emocionante... Senti um frio enorme na barriga. Caio, seu coração! — exclamou, encostando o ouvido em meu peito — Está disparado! Caio, você é um medroso!

— Nunca mais faça isso, Caressa! — protestei simulando muito mais autocontrole do que tinha naquele momento — Isso que você fez, caminhar sobre a amurada, foi uma brincadeira perigosa e irresponsável!

Ela olhou para mim, com um sorriso morrendo nas feições.

— Você acha que eu teria mesmo coragem de me jogar lá embaixo?

— Não sei se a conheço o suficiente, mas... você é tão imprevisível!

— Agora tenho certeza de que você duvida do meu amor — comentou ela.

— Por que você diz isso!

— Porque você disse que eu teria coragem de me jogar lá embaixo... Certamente que eu não teria. Jamais uma pessoa apaixonada tem coragem de se matar. Exceto se...

— Se?

— Se perder o amor de quem se ama.

— E se eu lhe dissesse neste exato momento que não a amo mais? — perguntei-lhe.

— Eu o chamaria de mentiroso.

— E por que me chamaria de mentiroso? — perguntei com um risinho insistente e traidor nos lábios.

— Ora, Caio, deixa de ser bobo. Porque está escrito em sua testa que, você seria capaz de puxar um bonde por mim.

Fiz uma expressão de indiferença:

— Muito pretensiosa, senhorita.

Ela riu debochada. Eu me rendi ao seu riso. Caminhávamos em direção ao carro, mas ela me puxou para a direita.

— Vamos andar um pouco, Caio. Estamos parecendo dois velhos reumáticos dentro desse carro.

Sáimos caminhando pela calçada. Antônio, com o pisca alerta ligado nos acompanhava pelo meio-fio. Passamos em frente a uma lanchonete e Caressa me puxou para dentro.

— Aqui é mais caro — cochichei ao ouvido dela.

— Quanto você disse que tinha?

— Sete cruzeiros e cinquenta centavos.

Paramos diante de um painel luminoso que anunciava os lanches e seus respectivos preços.

— Um dogão com uma coca-cola custa Cr\$7,00. Podemos dividir, Caio.

Olhei-a, divertido.

— Você divide o lanche comigo?

— Desde que você fique com a menor parte.

— Combinado. Prometo só passar o dedo na mostarda.

— Então, eu divido. — respondeu, sorrindo.

Sentamos um de frente para o outro, em uma mesinha. Era uma lanchonete bastante iluminada, o piso de cor acinzentada parecia feito de vidro; nas paredes, recobertas por uma madeira clara, corria uma faixa de cerca de oitenta centímetros de espelho. Enquanto esperávamos pelo sanduíche eu brincava com a moeda de cinquenta centavos que tinha me restado. E ainda a tinha à mão quando um rapaz, vestido com um uniforme amarelo e bege, nos serviu; coloquei o troco na mão dele.

— Gorjeta. — disse-lhe.

Ele lançou um olhar discreto para a moeda e sorriu.

— Obrigado! — respondeu ele, guardando a moeda no bolso de seu avental.

O dogão era digno do nome, deveria ter pelo menos uns vinte e cinco centímetros e como o próprio nome dizia, era um enorme hot dog, recheado com muita mostarda, *catchup* e maionese. Vinha colocado dentro de uma forma de isopor. Dividimos o sanduíche e a coca-cola.

Aquela altura, começava a me preocupar com a hora. Ao sairmos da lanchonete, disse para ela que já estava ficando tarde e que deveríamos voltar. Ela me respondeu que desejava andar só mais um pouco. Continuamos a caminhar no mesmo sentido. Alguns minutos depois Caressa avistou uma floricultura. Parou na calçada e me perguntou:

— Caio, você está vendo o que eu estou vendo?

Tão logo ela me fez a pergunta eu também notei a iluminada floricultura com vasos e arranjos na calçada.

— Sim, estou vendo! Mas não invente porque não tenho mais um único centavo!

— Duas dúzias são vinte e quatro, não vinte e três, Caio.

— E uma dezena é dez, não nove, Caressa. E daí? — ironizei. Ela repxou os lábios.

— Não se faça de bobo! Faltou uma rosa para duas dúzias!

— Sim, Caressa... Outro dia eu lhe darei mais duas dúzias; hoje, nem um botão.

Ela parou a cinco metros da floricultura. Antônio também parou a poucos metros de nós, posto que se percebia o acender e apagar do pisca-alerta.

— Caio, meu querido Romeu, — disse ela, num tom sedutor — prove que me ama de verdade.

— Não venha com chantagem. Você mesma disse há poucos minutos que por você eu seria capaz de puxar um bonde... — Ela cruzou os braços e virou-se de lado, com expressão aborrecida.

— Mas, agora, já não tenho tanta certeza!

— Caressa, quer deixar de ser criança!

— Eu não sou criança! — esbravejou, encolerizada.

E que explosão de cólera! Eu a segurei pelos ombros e olhei em seus olhos. Desejava encontrar ali um brilho qualquer que traísse a rispidez de suas palavras e me revelasse que tudo não passava de uma representação. Era difícil de acreditar, mas os seus olhos, fisciavam de raiva. Caressa era uma menina terrivelmente instável, volúvel.

— Agora me dê a rosa ou entre nós estará tudo acabado!

— Caressa, — falei-lhe com delicadeza — compreenda uma coisa: neste momento não tenho como lhe comprar sequer o talo de uma rosa. Compreendeu o que disse? — puxei o fundo do bolso para fora a fim de ilustrar a veracidade das minhas palavras — Vê? Não tenho um único centavo!

A doçura voltou a bailar em suas feições. Ela mordiscou sedutoramente o lábio inferior.

— Ah, Caio, meu príncipe, você não me ama? — perguntou-me, apoiando-se em meus ombros, oferecendo os lábios para um beijo rápido. Dei-lhe o beijo.

— Você sabe que a amo!

— Então, Caio... rouba uma rosa para mim?

— Roubar! Você quer que eu roube? — indaguei, indignado com este novo capricho.

— Claro, não há nenhum mal em se roubar uma rosa para a namorada.

— Mas, Caressa, você tem um maço de rosas dentro do carro.

— Não as quero! Quero uma só! Uma só, mas roubada.

Porque aposto que aquelas nem trabalhou para conseguir o dinheiro! Isso é fácil. Saiba que eu não estou à venda! Quero que você se arrisque pelo meu amor!

— O que você quer é que a polícia me leve! Já pensou nisso, pensou? Minha mãe tendo que me buscar no juizado de menores?

— Covarde! — exclamou ela e voltou sobre nossos passos.

Virei-me para ela, parecia caminhar decidida. Antônio estava a menos de dez metros e assistia toda a cena. Caressa aproximou-se do carro. Em princípio julguei que ela fosse entrar, mas não foi o que fez; colocou as mãos na vidraça e disse ao Antônio alguma coisa que não pude compreender. Depois, como prolongamento do que dissera, mas desta feita bem alto para que eu também pudesse ouvir, ela decretou:

—...E leve esse filhinho da mamãe para bem longe de mim. Bem que me disseram, Caio, você é um chato, um gravatinha! — deu-me as costas e continuou a caminhar com a mesma decisão de antes. “Menina geniosa!”, exclamei entre os dentes, sem rancor. A verdade é que me habituei às explosões de cólera de Caressa e, devo confessá-lo, até mesmo sentia algum prazer em vê-la assim. Havia graça em sua fúria, encanto em suas expressões, lirismo em seus gestos bruscos.

— Para onde você vai?

— Não lhe interessa! — respondeu, sem se voltar.

Depois de um momento de hesitação corri em seu encalço. Cerquei-a:

— Onde você pensa que vai?

— Já disse que não te interessa!

— Vamos conversar!

— Você é um chato, Caio. Um gravatinha chato!

Ser chamado de gravatinha me deixou irritado, quase humilhado. Arranquei a gravata, joguei-a ao chão e a pisei.

— Pronto! — exclamei — Nunca mais quero vê-la me chamar de gravatinha! Quanto à maldita rosa, eu vou roubá-la para você! Está bem assim?

— Duvido que você tenha coragem! — disse-me num tom de desdém.

— Pois então vai ver! Espere-me aqui...

Enfie as mãos no bolso e caminhei na direção da floricultura. “Um pequeno furto, rápido e discreto, sem conseqüências, sem traumas”, era o que me repeti enquanto

caminhava. Olhei para um balde cheio de rosas. “É muito simples”, pensei, “agache-me na calçada e tiro uma rosa do primeiro balde. Assim seja!” Agachei-me. Quando minha mente dizia “agora!”, ouvi a voz de uma mulher:

— Deseja alguma coisa, rapaz?

“Fui descoberto!”, pensei. Levantei a cabeça. A mulher sorria com a simpatia dos vendedores.

— Muito bonitas essas rosas. — comentei, pondo-me de pé.

— Sim! — comentou a mulher — São rosas selecionadas, posso fazer um belo arranjo, se quiser.

— Não. Muito obrigado... Estava apenas olhando.

Voltei a caminhar. Avancei uns dez metros sem olhar para trás, depois me virei. A mulher não havia percebido minha intenção, posto que retornara ao interior da loja. Distante, eu via o sorriso divertido de Caressa e, um pouco mais próximo à loja, o Alfa-Romeo acendendo e apagando o pisca-alerta como um enorme vaga-lume. “Agora tenho que fazer a coisa de forma definitiva”, pensei, “e rápida. Se aquela mulher sair novamente e me vir aqui parado fincará o pé à porta do estabelecimento até que eu dê o fora... Rápido. Agora!” Disparei a correr na direção de Caressa, ao passar pela frente da floricultura enfiei a mão no balde e puxei em punhado de rosas. Segui na fuga, sem olhar para trás.

— Ah, seu molecão!... Descarado! — escutei a vendedora me xingando.

Quando estava para alcançar Caressa dei uma olhada para trás, havia um rastro de rosas na calçada e, no final do rastro, em frente à floricultura, a mulher me amaldiçoava. Antônio saiu do carro com ar perplexo.

— Corra, Caressa! Corra!

Corremos por uns duzentos metros, depois nos encostamos à uma parede, resfolegantes. Estendi-lhe a rosa.

— É sua! — disse-lhe arquejante, com as palavras entrecortadas pela respiração. Ela fez uma carinha de felicidade.

— Caio, você é o meu herói!

— Sou um ladrão, Caressa, se é que sou alguma coisa!

Ela cobriu meu rosto de beijos.

— Não diga tolices! Não é um ladrão, é um herói, meu herói... Meu Romeu... Ah, como eu te amo! — depois se pôs a contemplar a rosa, com entusiasmo.

— Sabe que a rosa amarela é a minha preferida?

— Então tivemos sorte!

— Se bem que a rosa vermelha seria mais apropriada para este momento.

— E por que a vermelha seria mais apropriada, Caressa?

— Porque rosa vermelha significa paixão.

— E a amarela?

— Rosa amarela significa desespero.

— Então também é apropriada!

— Desespero? Eu não estou desesperada!

— Mas eu estou... desesperadamente apaixonado por você.

Caressa olhou-me com olhinhos brilhantes, mordiscou o lábio inferior, depois indagou:

— Isso significa uma declaração de amor, Caio?...

— Da primeira à última letra — respondi-lhe.

— Oh, como você é romântico! — exclamou ela, com olhos de abandono.

Sentamos na calçada e, enquanto esperávamos que o Antônio retornasse, ficamos a declarar um ao outro as mais lindas promessas de amor eterno. Isso demorou quase meia hora, posto que a pista era de mão única, o que obrigava Antônio a fazer uma longa volta para nos recolher.

Quando retornávamos pela pista de alta velocidade minha amada, com muita naturalidade, abriu o vidro e jogou na estrada as vinte e três rosas compradas na frente do cinema.

— Caressa! — protestei indignado. Voltei-me impulsivamente para o vidro traseiro a tempo de ver os carros esmagando as rosas. Olhei para ela cego de raiva. Ela disse-me, com calma, balançando a rosa roubada sob o nariz:

— Ainda que você compre todas as flores do mundo, Caio, não significariam mais que esta única rosa. Comprar é fácil. Conquistar é difícil. E esta rosa vale muito mais que as vinte e três que foram compradas, porque você se arriscou por ela... para me conquistar.

Estas palavras de Caressa fizeram com que imediatamente a raiva cedesse lugar à felicidade. Perguntei-lhe:

— E te conquistei?

— Sou toda sua, como esta rosa é toda minha! — murmurou ela aninhando-se em meu colo.

Quando chegamos à casa, Caressa me pediu que a esperasse por alguns minutos no portão. Depois, quando retornou, me entregou

uma folha de caderno dobrado, recomendando-me que só a lesse em minha casa, antes de dormir.

Passava das dez quando cheguei em casa. Mais uma vez, mamãe não veio me recepcionar. Fui para o quarto e evocava com doçura os acontecimentos daquele sábado maravilhoso, quando ela bateu à porta. Murmurei:

— Está aberta! — pelo vão, ela introduziu um rosto severo.

— Pensei que estivesse dormindo — comentei como se não percebesse o significado de suas feições.

— São quase onze horas, Caio! — antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, mamãe acrescentou:

— Amanhã precisamos conversar muito a respeito desse “seu namorico”.

— Está bem!

Ela fechou a porta. Por incrível que pareça, naquele momento, não senti o menor receio do que ela pensava a respeito do meu namoro com Caressa, muito menos das atitudes que pudesse vir a tomar. Eu amava aquela menina, e isso era tudo para mim. Não me importava em brigar com ela, nem com minha avó, nem com o mundo, se fosse preciso. Tudo o que me importava era o amor de Caressa. E isso eu possuía.

Antes de dormir, peguei o bilhete que minha amada havia me entregado ao nos despedirmos. Era uma folha de caderno dobrada que, à medida que eu a abria, se revelava uma poética e ingênua declaração de amor.

## *Chuva de Novembro*

No outro dia, um domingo sem brilho, acordei tarde. Passava das dez da manhã, quando me sentei à beira da cama e tirei os primeiros acordes do saxofone. Estava tocando, quando bateram à porta. Era Maria.

— Caio, o Antônio pediu-me para que o avisasse: sua mãe e sua avó pediram para que ele as levasse à casa de sua namorada — confidenciou ela, assim que abri a porta.

— Mamãe?! — indaguei estupefato.

— Sim. Estão saindo... — acrescentou, dirigindo-se à janela do meu quarto. — Veja!

Ainda vi o carro, como um vulto azul, dobrando à direita do portão.

— Foi sua avó quem exigiu... — comentou Maria — Eu as vi conversando na mesa enquanto tomavam café.

— Obrigado por se preocupar comigo. Mas não tenho nada a temer. Elas vão encontrar a menina mais doce do mundo. É melhor assim: conhecendo-a, quem sabe não me deixam em paz, hein?

Ela concordou sem convicção, depois saiu.

Voltei ao meu sublimador de emoções.

Naquele domingo, o almoço foi servido um pouco mais tarde. Eu já me encontrava sentado quando vovó chegou, bufando como um touro. Mamãe estava com uma expressão de severidade, tinha um rosto pétreo.

— Maria disse-me que tinham ido à casa de Caressa? — perguntei-lhe.

A resposta de mamãe foi tão áspera quanto sua feição:

— Não toque nesse assunto agora, não quero perder o apetite. Se é que ainda me sobrou algum!

Acatei-lhe o pedido. À exceção de um ou outro resmungo de protesto de vovó, o almoço transcorreu no mais absoluto silêncio.

Após o almoço, mamãe determinou que eu a acompanhasse à biblioteca. Assim o fiz. Ela fechou a porta.

— Sente-se! — disse. Ela permaneceu em pé, suspirou e deu início à ladainha:

— Onde você encontrou essa menina, Caio?

— Eu não a encontrei! Eu a conheci numa festa de aniversário.

— Não me lembro de tê-lo autorizado ir a alguma festa de aniversário.

— Porque eu não lhe pedi autorização.

— Ah, muito bem!

Houve um momento de silêncio e tensão.

— Com certeza deve estar sabendo que ela pertence a uma “renomada família de feiticeiros?”

— A família dela nada tem a ver com isso. O terreiro no fundo do quintal, pertence à família do padrasto dela.

— Bem que eu vi um brilho demoníaco nos olhos daquele homem minúsculo. Homem repulsivo!

— Ele a ofendeu? — indaguei incrédulo.

— O fato de ele existir e dirigir a palavra para mim com aquela boca desdentada, em si mesmo é uma grave ofensa. — Balancei a cabeça, reprovando-lhe estas palavras.

— A senhora está falando igual à vovó. A senhora não sabe o que está dizendo. Elimar é uma das pessoas mais generosas que tive o prazer de conhecer.

— Generoso, aquele bronco? Cego do jeito que você está, mesmo se ela o apresentasse a um quadrúpede, você encontraria generosidade e humanismo no animal, apenas para agradá-la!

— Está enganada, mamãe! Diferente do que a senhora pensa, Caressa não tem nenhuma afeição por Elimar. O motivo de suas injúrias tem outro nome, chama-se preconceito. Preconceito, porque são pobres, pouco instruídos e, sobretudo, porque não pertencem à sua religião.

— Acrescente o fato de tratar-se de feiticeiros! Meu Deus, como isso pôde acontecer?

— Não vejo o que há de extraordinário nisso. É, por acaso, a felicidade motivo de espanto? E eu estou feliz. Nada demais. Tente compreender isso. Feliz. Feliz. Caressa tem tudo o que sempre esperei encontrar numa garota. Ela despertou a vida em mim, e isso é maravilhoso.

— Isso que você chama de vida nada mais é que aviltamento, decadência, degradação! Ah, meu filho, você é tão sublime, tão culto para se apaixonar por uma criatura vil, rude como essa menina... Ela não o merece, Caio. Ela não o merece!

— Quem tem que responder se ela merece a mim ou não sou eu, mãe!

— Não, Caio! Você não está em perfeito juízo para julgar as coisas com a necessária clareza. Você está cego de paixão! Não percebe sequer que o simples contato com essa marginalzinha está degradando seu nobre caráter.

— Nunca pensei que um dia viesse a ouvir estas palavras da senhora... — respondi-lhe com ar cansado.

— E eu jamais imaginei que você um dia tentasse jogar o nome de sua família à lama!

Eu estava determinado a falar o menos possível, de modo que me silencieei. Mamãe prosseguiu como se fosse um monólogo:

— Tenho certeza que este pesadelo não passa de um capricho juvenil, logo se acabará tal como começou!

Não resisti à tentação de ironizar, ingenuamente:

— Se ela aceitasse, nos casaríamos hoje mesmo.

— Cale a boca! Não seja patético! Até parece uma menina apaixonada, de tanto que fala tolices!

— Chega! — berrei. Levantei-me, bati a porta da biblioteca e saí. Na sala de estar, encontrei minha avó sentada com uma expressão de júbilo no rosto, não pude deixar de lhe dizer:

— Foi a senhora quem a envenenou. Não foi? Tenho certeza que foi! Está feliz com este inferno patrocinado por suas idéias estúpidas?

Dei-lhe as costas e, enquanto escalava os degraus a galope, ouvi minha avó comentar com sua voz sibilante:

— Igualzinho ao pai! Um revoltado! Merece mesmo uma selvagem por esposa!

Enfie-me no quarto e chorei como uma criança ferida. Depois, com olhos inchados, desci. Mamãe ainda estava na biblioteca, decretei:

— Vou à casa de Caressa. Quero saber o que se passou por lá!

Eu esperava que minha mãe não me concedesse este direito, mas não foi o que ocorreu. Ela disse, devagar:

— Você pensa que lhe faço o mal. Mas, bem sei que não o

faço. Você sempre foi meu menino: obediente, polido, culto. Agora, por causa dessa namoradinha, se rebela contra mim, contra sua avó e contra todos. Não vou lhe dar a oportunidade de dar asas à sua imaginação, transformando-me, em seu dramático romance barato, na figura da malévola madrasta. Não sou a madrasta que sua fantasia adolescente quer me impingir, sou sua mãe! A mãe que sempre o amou e protegeu. E apesar de reprovar esse namoro, não vou proibi-lo de vê-la. Vá. Chame o Antônio e vá!

Girei sobre os calcanhares, fechei a porta e avisei ao motorista que dentro, de quinze minutos, iríamos à casa de Caressa.

Foi Elimar quem me abriu o portão. Eu a encontrei no mesmo lugar em que nos vimos pela segunda vez: chorando na sua cama. À minha presença ela se lançou aos meus ombros, com olhinhos inchados, soluçando:

— Caio, sua mãe não gostou de mim... Diga, Caio querido, que você não vai dar ouvidos a ela. Diga que ama mais a mim que à sua mãe!

— Sim, eu te amo mais que à minha mãe.

Apesar de todo o afetamento juvenil, eu não estava mentindo quanto a este propósito. Mas, ela exigia sempre mais de meu amor:

— Diga Caio, que me ama muito mais que qualquer outra coisa do mundo! — ela tinha os olhos inchados, lacrimosos como os de uma criança mimada.

— Caressa, eu te amo muito mais que qualquer outra coisa no mundo!

— Oh! Caio, estou tão nervosa. Dê-me um copo d'água com açúcar para me acalmar, senão morro...

Levantei-me e me dirigi à cozinha. Estava adoçando um copo d'água quando dona Solange entrou, com uma bacia de zinco cheia de roupas.

— Ainda bem que você chegou para consolar sua namorada. Imagine você que ela se indispôs com sua avó...

— Sim! — Murmurei a fim de estimulá-la a dar prosseguimento em sua narrativa.

— Deixe eu te contar o que aconteceu. Fui eu quem as recebeu no portão. E, apesar da casa estar na mais completa bagunça, por educação as convidei para entrar. Sua mãe parecia até um pouco curiosa e bem intencionada. Quanto à sua avó, diante do meu convite, ela resmungou num tom reprovador e, virando-se de lado, disse

baixinho: “feiticeiros!”. Fiz de conta que não ouvi nada e insisti no convite. Enfim, sua mãe convenceu sua avó a entrar. À primeira vista sua mãe se encantou com Caressa: chegou a dizer que, de fato, é uma menina muito bonita. E tudo parecia normal. Sua mãe fazia perguntas e ela respondia. Sua avó nada dizia. Era como se não estivesse ali. Depois, como se despertasse, arrumou os óculos, encarou a menina e disse num tom de deboche: “Então, é por essa moleca que meu neto está apaixonado! Uma moleca!” Caressa ficou vermelha como uma pimenta. Você já deve ter percebido como ela é temperamental, então ela respondeu a sua avó: “Moleca é a senhora, sua bruxa velha!”

— Eu a repreendi. Mas, você sabe: Caressa, às vezes, se torna incontrolável. De todo modo não tiro, a razão dela. Sua avó não poderia tê-la chamado de moleca. Pois bem, sua mãe, desculpe-me, Caio, que até então conversava civilizadamente, ralhou com Caressa, chamando-a de intratável. Depois disso, foi uma balbúrdia generalizada. Ela rompeu em choro, gritando para que sua mãe e sua avó desaparecessem da frente dela e que as odiava.

Caressa completou entre risos:

— É que são duas dondocas rabugentas! — depois alterando a voz, acrescentou lacrimosa: — Caio, me traga logo a água com açúcar. Meus nervos me fazem tremer...

Levei-lhe o copo com água. Ela bebeu-a em pequenos goles, como se, a cada trago, engolissem uma aspirina.

— Está melhor, agora? — perguntei.

— Ah, Caio, ainda bem que você chegou, eu estava morrendo de medo de que sua mãe o convencesse a me abandonar...

— disse ela num lamento, aninhando em meu colo sua cabecinha grega de cabelos negros. Fiquei a lhe acariciar os cabelos.

— Não, Caressa, ninguém vai me dissuadir de seu amor, ninguém!

Dona Solange entrou no quarto com uma bacia de roupas e as arrumou sobre uma cadeira.

— Ponho aqui para depois passar! — comentou ela.

Eu sorri. Lembrei-me de que não a vi, assim que cheguei, e que ela surgira depois com a bacia de roupas secas. Haveria outro quintal ao fundo? — perguntei-lhe:

— Eu não a vi quando cheguei, dona Solange. De onde senhora veio com esta bacia de roupas?

— Ah! — respondeu ela —, eu não estendo roupas neste quintal. Não sei se sabe, mas através de uma peça de roupa de

alguém se pode fazer uma macumba! — depois apontou a casa da irmã de Elimar e disse baixinho: — Tenho medo de que esses aí façam mal para alguém daqui.

Fiz uma cara de espanto, como que a confirmar a necessidade de seus cuidados.

— Babaquice! — murmurou Caressa com o rosto em meu peito.

— Que você disse? — indagou a mãe, irritada.

Ela levantou o rosto, rindo:

— Nada, mãe. Nada!

— É bom mesmo! Que menina! Sei que você me considera uma tola, mas só eu sei que tipo de gente são esses aí... — voltou-se para mim e perguntou baixinho — Já lhe disse que essa mulher tem parte com “ele”? — apontou o chão, referindo-se ao diabo.

— Sim! — respondi. Cutuquei Caressa, com descrição e comentei: — Eu também a achei muito sombria! Na sexta-feira ela me encarou com olhos sinistros, como se me conhecesse há muito tempo e fôssemos inimigos mortais!

Eu não estava mentindo. De fato, foram estas as impressões deixadas pelo olhar daquela mulher. Apenas eu fazia um duplo jogo, no instante em que externava aquele acontecimento e aquelas impressões à dona Solange, fazia com que Caressa acreditasse que eu estava a inventá-los, com o intuito de dar ênfase às superstições de sua mãe. Ela riu.

— Pare de rir, Caressa! — ralhou a mãe — Isso é sério!

— Ele está se divertindo com sua cara, mãe! — eu a belisquei, ela soltou um “uuh” abafado.

— O Caio não tem seu temperamento debochado, filha. É muito sério, muito honesto no que diz! — dito isso, a mulher dirigiu-se à cozinha. Caressa me fitou divertida, com ar de cumplicidade:

— Você se saiu muito bem... É um grande mentiroso!

Eu sorri em silêncio, fazendo macaquices.

— Ah, sim! — exclamou eufórica — Comprei um presente para você.

— Para mim?

Levantou-se e puxou a gaveta da cômoda, onde guardava suas roupas. Pegou um pequeno embrulho e me entregou.

— Antes de abrir tente adivinhar o que é... — pediu ela.

Apalpei o embrulho.

— É duro como o ferro — comentei.

— E é de ferro...

— Parece uma argola achatada.

— É quase isso...

— Dá uma dica, então...

— Usa-se na mão...

— Uma pulseira!

— Quase...

— Vou abrir...

— Abra, você não vai conseguir adivinhar mesmo!

Abri. Era uma peça feita de cobre ou outro metal semelhante, tinha um formato achatado e, em um dos lados internos, era ondulado por pequenas curvas.

— Comprei hoje de manhã... — observou ela.

— Mas, o que é isto?

— Uma porcaria que ela me fez comprar na feira — respondeu, a mãe, da cozinha.

— Ah, mãe, não é nada disso! — exclamou a menina, depois voltou os olhos sorridentes para mim.

— É um soco inglês. Você não usa terno inglês? Então pode usar também um soco inglês!

Eu sorri ante um presente tão inesperado.

— Eu não ia adivinhar nunca! — comentei.

Caressa enfiou meus dedos nos elos da peça e depois me fechou a mão.

— Pronto. Agora é só bater com força em seus adversários.

— Para que haveria de precisar bater em alguém?

— Para se defender, ora!

Tirei a arma da mão.

— Mas, eu não tenho nenhum inimigo de quem deva me defender.

— Então defenda a mim! — disse-me com teatralidade infantil. Eu sorri.

— Defendê-la de que, Caressa?

— Ah, Caio. Deixe de ser estraga prazer! Use a imaginação, ora! Defenda-me dos piratas, dos pistoleiros, dos assassinos. De qualquer coisa! Você gostou do presente, ou não? — perguntou por fim contrafeita, puxando a peça de minha mão. Segurei-a:

— Claro que gostei. Adorei. É um presente criativo.

— Sabia que você ia gostar. Fica de pé, Caio!

— Por quê?

— Você pergunta demais, Caio! Vou mostrar-lhe como se usa o soco inglês.

— Ah, sim... — resmunguei.

Ela me abraçou pelas costas e segurou cada um de meus punhos com suas mãos.

— Funciona assim... Você dá um soco com a esquerda, só para distrair o adversário. Então, você o acerta com força, com a direita... Assim, Caio!

— Estou me saindo bem?

— Muito bem...

Virei-me e a beijei.

— Oh, senhorita. você me nocauteou! — disse eu, simulando um desmaio em sua cama. Ela riu divertida com minha encenação, lançou-se sobre meu corpo, como nas cenas de luta livre, e me beijou.

## *Chuva de Novembro*

Aquelas férias de julho de 1978 foram inesquecíveis. Os dias eram longos. Na ausência de Caressa, o tempo se tornava opressivo. Era uma opressão suportável, eu diria até desejável, posto que quanto maior a ansiedade por vê-la, tanto maior era a alegria ao encontrá-la. Quando me recordo daqueles dias tenho a impressão de estar vendo a trama de um filme de romance, carregado de lirismo, impregnado de poesia. Não os recordo com o distanciamento de um mero espectador, e sim com total envolvimento de ator principal. Na verdade, trata-se de uma dupla identificação: sou há um tempo espectador e ator dessa trama que o imponderável escreveu. Uma trama de amor, poesia e dor. Continuei a visitar Caressa em sua casa durante toda às férias. Chegou a última semana de julho, quando os fatos seguintes se sucederam.

Na noite de uma terça-feira, 25 de julho, Caressa se lamentara de que, durante o dia ficava só e muito triste. Sua mãe trabalhava em uma oficina de costura e Elimar numa indústria do outro lado da cidade. Depois, com sua vizinha súplice, me pediu que viesse vê-la durante o dia também. Eu concordei, mas ressalvei que isso dependeria muito de minha mãe ou minha avó não precisarem do motorista durante o dia. Caressa protestou afirmando que eu era muito dependente de minha mãe: “certinho demais para meu gosto!”. E que ela conhecia alguns rapazes, que com minha idade, até menos, iam para todos os lugares dirigindo o carro de seus pais. Expliquei-lhe que não era apenas uma questão de submissão à minha mãe, mas que além de não saber dirigir, isso era uma contravenção. Ela não entendeu o sentido da palavra “contravenção” e, talvez se o entendesse se sentiria ainda mais excitada com a idéia de me ver ao volante. De qualquer modo devo me ater ao essencial. E o essencial é que quarta-feira consegui vê-la. Ela me recebeu ao portão com incontida alegria e um brilho novo nos olhos. Discretamente me pediu que mandasse Antônio dar umas voltas pelos arredores.

Explicou:

— A vizinhança é muito fofoqueira, vendo o carro parado aqui saberão que você está em casa comigo. E, então, sabe-se lá o tipo de boatos que esses linguarudos são capazes de inventar.

Ela tinha razão: era uma situação que continha todos os ingredientes necessários para que línguas maledicentes tramassem todo um enredo de mentiras. Pedi ao Antônio que só retornasse depois de duas horas. Depois descemos. Caressa estava vestida com um shortinho que, em tempos idos, deve ter sido um *jogging* de cor azul marinho, a parte inferior de um conjunto de agasalho escolar. Possuía-o há alguns anos, posto que estava desbotado e muito aderente ao seu corpo. Usava uma mini blusa preta fechada por quatro botõezinho prateados, que deixava sua cintura de menina toda exposta. Não vou dizer que ela estava excitante, porque nem a palavra nem a sensação correspondente ainda não haviam me ocorrido. Naquele momento eu não a via exatamente como a descrevo agora. Eu a via com a pureza de meu sentimento, com olhos de um anjo, olhos assexuados. Eu era um adolescente de dezessete anos com a inocência de uma criança; ela era uma criança de treze anos com a malícia de uma adolescente. Caressa fechou a porta da cozinha. A televisão estava ligada com o som em alto volume. Entramos no quarto e nos sentamos na cama. Ficamos ali, assistindo, sem nenhum interesse, àquele filme de faroeste. Eu tentava prestar atenção ao filme, mas havia algo no ar, que me impedia de fixar atenção à trama. Caressa estava muito mais silenciosa que de costume. Deitada em meu colo, acariciava-me o pescoço, sob a gola da camisa, com ar indiferente. Depois me disse que eu ainda sequer havia lhe dado um beijo. Inclinei-me sobre seu rostinho e beijei-a. Ela me puxou para cima da cama e indagou com voz de repreensão:

— Isso é um beijo que se dá a uma namorada, senhor Caio?

Dito isso, saltou sobre mim e me beijou com espantoso ardor. Caressa fustigava seus lábios volumosos nos meus, ao mesmo tempo em que sua língua açucarada incursionava dentro de minha boca, enroscando-se com minha própria língua; seu corpo esguiou roçava sobre o meu, fazendo-me estremecer pelo efeito de uma sensação nova, cujo nome eu ainda desconhecia.

Aos dezessete anos, eu ainda era um ser assexuado, isto é, desconhecia por completo o prazer sexual. O pecado, para mim, era a desobediência de Adão às ordens de Deus. Eu suspeitava — e “suspeitar” é a palavra mais adequada — que o encontro de dois

corpos do sexo oposto também era pecado, mas não sabia precisar como acontecia tal pecado. Mesmo a idéia da procriação era-me um tanto vago. Eu era casto, puro como um anjo. Às vezes, costumava me indagar o porquê de constantemente o ancião exortar os jovens a se manterem virgens para suas esposas, para seus esposos, e a vencerem a tentação e os desejos da carne. Quando ouvia este tipo de pregação, no meu íntimo, eu esnobava a todos. Eu vencia, ou melhor, não havia uma mínima luta interior. Não sentia nenhuma tentação, nenhum desejo. Eu era puro, não para cumprir com a exortação do ancião, muito menos porque isso agradava a Deus, mas porque, imaginava-me naturalmente puro! Estranhos pensamentos esses. O que ocorria, porém, é que eu desconhecia completamente o prazer sexual. Era fácil não sentir desejo por aquilo que, para mim, não existia... Naquela tarde, Caressa pôs termo a esses pensamentos de anjo. Cada pequeno movimento do corpo daquela menina despertava em mim uma sensação desconhecida. Minhas mãos estavam em sua cintura e eu podia sentir em meus dedos a maciez de sua pele e o calor de seu corpo. Meu pênis sob a calça estava ereto, sem que eu tivesse conscientemente a intenção de fazer sexo. Cada vez que seu corpo roçava ao meu, eu sentia o prepúcio subir e descer na glândula, provocando uma agradável sensação de prazer. Em meu pensamento não havia uma intenção necessariamente sexual. Mas o prazer crescia a cada novo roçar, a cada sutil movimento do prepúcio. Não era ainda um prazer sexual, mas uma sensação física próxima a uma voluptuosa dor, era uma deliciosa iniciação. A sensação de prazer cresceu até um estado de saturação. Um súbito estremecimento me percorreu o corpo, minha respiração tornou-se ofegante, minha consciência foi tomada por uma espécie de torpor, uma espécie de ligeira ausência. Então eu senti o pênis movimentar-se num pequeno espasmo, descarregando duas pequenas golfadas de um líquido quente e viscoso em meu púbis. Quando despertei desse êxtase, Caressa ofegava sobre meu corpo, sua boca entreaberta deixava sair seu hálito quente em meu rosto. Saltei de sob seu corpo. Ela tinha o rosto afogueado, jamais a tinha visto assim tão corada. Quanto ao meu rosto não pude vê-lo, mas, a julgar pelo calor que sentia, acho que estava da cor de uma brasa.

— Espere-me aqui! — balbuciei.

Corri à cozinha. Encostei-me à porta, abri o zíper da calça e enfiei a mão em minha braguilha. Fiquei atônito. Em minha mão havia algo de que jamais suspeitara: um líquido pegajoso. Aquilo era

meu. Aquilo era o prazer, o desejo, o pecado que o ancião tanto nos exortava para que resistíssemos! Sim, eu acabara de experimentar o pecado! E o pecado era algo muito mais intenso, muito mais arrebatador do que sempre havia suposto.

— Posso ir aí, Caio? — perguntou-me.

— Não! Nem pense nisso! — retruquei, fechando o zíper com as mãos trêmulas.

— Então venha logo... Você está perdendo o filme.

Eu resfolegava, encostado à parede.

— Pois saiba que nós não vamos fazer nada... Nada mais, além de vermos o filme!

— É claro que só vamos assistir ao filme, Caio!

Retornei ao quarto. Ela me fitou divertida:

— De que você ri? — perguntei-lhe.

— Da sua cara... Você olha para mim como se estivesse vendo um fantasma. Está com medo de mim?

— Deveria?

Ela riu.

— Acho que não... — nova onda de riso — Você pulou da cama feito um louco.

— Vamos esquecer isso — declarei.

— Está bem... sente-se, Caio. Pensa que vai crescer ainda?

— Claro que vou. Os homens crescem até à idade de vinte e um anos.

Sentei-me ao seu lado. Já não era, porém, a mesma criança que há pouco, se sentara naquele lugar, mas uma outra pessoa, um adolescente que acabara de descobrir uma nova natureza de seu próprio corpo: o prazer. E, aquela sensação borbulhava com vigor dentro de mim. Fazia o meu sangue entrar em ebulição dentro de minhas veias. Aquilo, o pecado, era muito mais poderoso de que supunha. Eu havia subestimado a força do inimigo e, agora, jazia em sua armadilha. Eu desejava aquela garota que estava ao meu lado. E ela, por sua vez, me desejava com mais intensidade do que eu. Eu sabia disso. Seu olhar de esguelha a traía. Ela deitou-se. Em seguida pediu que me deitasse ao seu lado. Eu não sabia como fazer para retornarmos às nossas experiências. Não tinha palavras, nem ação. Foi ela que, sorrateira, mais uma vez, tomou a iniciativa. Encostou a cabeça em meu ombro e colocou sua mão sobre meu peito, introduziu a mão por entre o espaço dos botões da camisa e tocou minha pele com seus dedos longos e úmidos. É impressionante como

toque de seus dedos adquirira um efeito absolutamente novo sobre mim. Ela indagou, sem me olhar:

— Você sentiu alguma coisa?...

Fiz-me de sonso.

— Quando?

— Antes de correr para cozinha.

— Alguma coisa, como?

— Uma coisa assim... crescendo dentro de você, sufocando?...

— Sim – murmurei, quase inaudível.

— Eu também senti... Foi tão bom! Quase sufoquei...

— Eu, também...

Continuávamos olhando para a televisão sobre o guarda-roupa.

— Queria sufocar até o fim... — disse ela. Eu permaneci em silêncio.

— E você, Caio?

— O quê?

— Sufocou até o fim?

— Acho que sim.

— Sufocou?... E como é?

— A gente explode por dentro.

— Explode?

— Sim.

— E dói?

— É quase uma dor; mas diferente, é uma dor que dá prazer.

— Humm... mas, como?

— Sei lá... é como o big-bang... Você sabe o que é o “big-bang”? — tentei desviar o assunto.

— Já assisti bang-bang...

— Não é disso que estou falando, Caressa... Minha avó diz que é tudo mentira, mas eu li num livro que... o “big-bang” é a origem de tudo!

Senti as pontas de seu cabelo tocando em meu rosto e, quando me virei para ela, seu rosto já vinha de encontro ao meu. Seus lábios entreabertos deixavam sair a respiração ofegante de um coração apaixonado. Caressa me beijou com ardorosa paixão. Quanto a mim estava tremendo de desejo e felicidade. Ela girou-se sobre mim e, mais uma vez, senti o peso de seu frágil corpo. Caressa colocou cada um de seus joelhos ao lado dos meus quadris, sentando-

se em meu colo, depois abriu sem pressa os botões de minha camisa. Deduzi que deveria seguir-lhe o exemplo: repeti o gesto, retirando, com mãos trêmulas, cada um dos botões de suas respectivas casas. Quando soltei as partes de sua mini blusa, senti um frêmito e por um instante me faltou o ar: seus pequenos seios revelaram-se para mim. Eram duas pequenas protuberâncias, com mamilos cor-de-rosa. Depois ela se deitou sobre meu corpo, me obrigando a me deitar. Seus lábios cálidos, untados do mel de sua saliva, uniram-se aos meus, seus mamilos roçavam levemente meu peito, seus olhos brilhavam com ar de abandono. Eu podia sentir sua respiração arquejante, seu pequeno e frágil corpo trêmulo sobre o meu. Nossos corações batendo no mesmo descompasso.

— Sufocando... Sufocando! — sussurrou ela, com dificuldade.

A esta altura, eu também estava sendo arrebatado pelo prazer. Eu também sufocava. Minhas mãos, involuntariamente, comprimiram-lhe a cintura. Explodi no mesmo instante em que as mãos de Caresa, trêmula, se crispavam em meus ombros. Seus olhos estavam cerrados, a boca entreaberta. Ainda pude ver o prazer contraindo-lhe com suavidade os músculos de seu rosto, para distendê-los logo em seguida. Seu corpo abandonou-se languidamente sobre o meu. Podia sentir seu rosto úmido encostado ao meu, seu hálito quente soprando em meu pescoço, seus lábios em meus ombros beijando-me com delicadeza. Minhas mãos tremiam. Ficamos agarrados um ao outro, até que a pulsação de nossos corações voltar ao normal. Depois lhe perguntei, quase num sussurro:

— Sufocou até o fim?

— Sim.

— O que você sentiu não é quase dor?

— Quase... é como se estivesse sendo aberta ao meio. Como se derretesse por dentro.

Silenciamos. Então eu a reclinei na cama, à minha direita, e me apoiei sobre meu braço direito. Naquele instante senti uma insuportável necessidade de vê-la. Quando nossos olhos se cruzaram, ela colocou a mão na aba de sua mini blusa e puxou-a sobre o seio. O pudor lhe havia retornado. Eu coloquei as pontas dos dedos em seu rostinho de menina-moça, queria senti-lo em cada contorno. Foi a primeira vez que contemplei toda beleza daquele harmonioso rosto: ela tinha as maçãs do rosto discretas, em nada salientes. Os lábios eram volumosos, sempre rubros como morangos maduros, o inferior

pendia com indolência juvenil. O queixo era bem feito, de forma graciosa, arredondado, perfeitamente proporcional à suavidade de sua fisionomia. Os olhos castanhos escuros, de olhar profundo e misterioso, eram adornados por negros cílios de boneca e encimados por sobrancelhas delgadas, não delgadas demais, com aquele ar maléfico que tinham as atrizes de antigamente! Mas de um traçado artístico e bem delineado. A testa: a mais bela que já vi em toda minha vida. Era de um encanto inexprimível. Jamais encontrei palavras para descrevê-la. Poderia usar de correlatos para tentar ilustrá-la, mas não o farei, porque se assim o fizer estarei maculando a beleza daquilo que Deus talvez tenha criado para ser indizível. O que melhor posso dizer, na tentativa de descrever a beleza de sua testa, é narrar a emoção que senti ao descortiná-la sob a franja: meu coração bateu acelerado em meu peito. Naquele instante desejei dizer-lhe que a amava, mas a voz me faltou. Silenciei em profunda reverência, como um devoto embevecido pela credulidade, ante a aparição da santa que adora. Depois as palavras voltaram à minha boca, disse-lhe:

— Caresa, eu te amo... — eu queria dizer algo além de que a amava, mas a paixão é muda; repeti: — Eu te amo, com toda minha alma!

Os olhos dela, dilatados pelo prazer daquilo que acabáramos de descobrir, brilhavam com intensidade.

— Caio, diz para mim que tudo isso é verdade... Diz!

— Tudo isso é verdade. Jamais houve nada mais verdadeiro em toda minha vida!

Abracei-a

— Como sou feliz! Como sou feliz! — exclamou.

Depois ela se aninhou em meus braços e eu enfiei meu rosto por entre seus cabelos. Ficamos olhando para a televisão. Momento depois, me indagou com voz adocicada:

— Caio?

Resmunguei, interrogativo.

— Quando vamos nos casar? — perguntou-me.

— Não sei... Por quê?

— Porque quero ser sua, só sua. E quero que você seja só meu.

— Eu sou só seu.

Caresa levantou a cabeça e olhou-me com olhos brilhantes e rostinho afogueado:

— Quero casar com você para ser “toda” sua.

— Ah... — murmurei tentando deduzir o sentido da palavra “toda”. Ela deitou-se de novo em meu peito.

— Quero passar a lua de mel numa ilha grega. Quando nos casarmos você me leva para uma ilha grega?

— Se tiver dinheiro levarei.

— É mesmo! Não pensei no maldito dinheiro... Tomara que sua avó morra logo, assim você terá bastante dinheiro...

— Caresa!

— Estava brincando!

Depois lhe perguntei:

— Por que uma ilha grega?

— Eu vi num filme... É bonito. Você já viu?

— Vi... em um livro de geografia.

— Ah, é tão romântico. Vai ser inesquecível, não vai?

— Se você estiver comigo, vai.

— Caio?...

— Humm...

— Você já fez sexo?

— Não. Esta foi a primeira vez.

— Não assim, Caio... Quero dizer sem roupas.

— Sem roupas?

— É.

— Eu não! E você?

Caresa levantou a cabeça e fitou-me indignada.

— Claro que não, Caio! Que pergunta!

— Perguntei por perguntar.

Depois ri com a estupidez de minha pergunta e com a explosão de cólera dela. Ela riu também e reclinou-se de novo em meu peito.

— Ainda bem que você não fez, será nossa primeira vez...  
Numa ilha grega, como vi no filme.

## *Chuva de Novembro*

Foi uma quinta-feira terrível. Não pude ir à casa de Caressa. Minha avó participaria de uma reunião do conselho administrativo da empresa, de modo que ocuparia o motorista até à noite. A simples idéia de estar privado da presença de Caressa, mesmo que fosse por um único dia, provocava-me uma incontrolável agonia. A síndrome de abstinência se tornou ainda mais pungente em torno de nove horas da noite. Julguei enlouquecer de desejo. Minha vontade era de sair correndo em direção à casa dela e só descansar em seus braços. Mas superei as longas horas de sofrimento e, creio eu, dormi por volta das onze da noite. Chegou a sexta-feira. Sexta-feira prenhe de maus presságios e do mal. À noite, ao chegar à casa dela, encontrei sua mãe no portão. Estava agitada. Dona Solange estava pálida, trêmula. Explicou-me o motivo de tanta angústia:

— Oh, Caio, ainda bem que você chegou. Eu estava mesmo ansiosa para vê-lo. Você não sabe o que aconteceu... Ontem, dei pelo desaparecimento de uma peça de roupa de Caressa... Não sei como isso pôde acontecer. Eu tomo tanto cuidado!

Até então eu não havia entendido nada. Sorri, consolador e disse-lhe:

— Para que se martirizar por uma peça de roupa? Não se preocupe com isso. Depois se compra outra!

— Ah, Caio, meu generoso Caio, você não entendeu... — a mulher olhou para a porta da sala da casa da irmã de Elimar, cochichou: — Sumiu uma peça íntima de Caressa!

Eu sorri enrubescido, perguntei:

— E daí?

— Você ainda não entendeu o motivo da minha aflição... Tenho medo de que esses aí façam mal à minha filha!

Sorri incrédulo ante a superstição da mulher.

— Não haverão de fazer-lhe nada. Fique calma, dona Solange.

Caressa está?

— Oh, me desculpe, o estou retendo com os meus pavores enquanto sua namorada espera por você... Aliás, hoje ela está incrivelmente geniosa. Venha! Vamos descer. A pobrezinha está assustada, também não é para menos... Veja o que essa gente cruel está planejando para esta noite... — acrescentou, cochichando quase que com a boca fechada: — Vão sacrificar o bichinho!

Ela se referia a um bode preto que se encontrava amarrado à porta da sombria casinha. O animalzinho estava voltado para o fundo do quintal e, ao voltar-se para o meu lado, se pôs a berrar num timbre de dor e medo.

— Venha, Caio. Venha! — disse a mulher, me arrastando pelo braço para dentro da cozinha. — Ah, meu Deus, você viu? Você viu como ele berrou para você? Caressa! — Persignou-se: — Cruz-credo! até parecia um aviso. — Caressa, seu namorado chegou!

Ela saiu por detrás das cortinas e se atirou em meus braços.

— Oh. Caio, seu malvado...por que não veio ontem? Ah, como senti sua falta, como fico entediada quando você não está por perto. Sem você as horas são longas e insuportáveis! — a cada palavra que ela dizia eu lhe deitava um beijo: beijei-lhe os cabelos, as faces, o nariz. Ela prosseguia em seu papel de Julieta:

— Oh, Caio, mesmo que me faltasse o ar que respiro a vida ainda seria suportável, mas a sua falta... Na sua falta minha vida se apaga.

Olhei em seus olhos dilatados de adoração. Ela fez uma carinha de menina frágil e medrosa e colou o rosto em meu peito:

— Sei que vai dizer que sou uma tola, sei que vai! Não ria de mim, Caio!... — apertei-a em meus braços.

— Diga, Caressa. Não vou rir.

— Então não ria...

— Juro que não vou rir.

—...Estou com medo, muito medo! — murmurou.

— Mas, que desespero é esse? — disse num tom consolador.

— Minha mãe não lhe falou?

— O quê?

— Falei, Caressa! — respondeu a mãe.

— Você não acha muito esquisito o desaparecimento de uma peça de roupa, Caio? E se me fizerem uma macumba?

Balancei negativamente a cabeça:

— Vamos tentar ver as coisas por um outro lado. De um

ângulo menos supersticioso. O fato de uma peça de roupa sua ter desaparecido, não quer dizer que “eles” estejam de posse desta mesma peça. Pensa bem, Caressa. É uma peça pequena, pode ter sido engolida pelo tubo de descarga do tanque, ou ainda ter sido esquecida no varal. Aliás, sua mãe nem estende as roupas neste quintal... não é verdade, dona Solange?

— É verdade.

— Então, minha princesa assustada? Se sua mãe não estende suas roupas neste quintal como haveriam de lhe roubar uma peça?

— Tenho certeza de que não a esqueci no varal, e de que nem mesmo foi engolida pelo ralo do tanque, porque tem um ralinho que não permite nem mesmo a passagem de um cadarço de sapato.

— A vizinha, que lhe cede o varal pode ter se enganado e, pensando tratar-se de uma peça dela, tê-la recolhido.

A mulher fez uma expressão reflexiva.

— É isso aí! Sabe que você pode ter razão? Fiquei tão nervosa com tudo isso que nem mesmo perguntei à Deca se ela não recolheu enganada. — disse pondo-se de pé, com as feições desanuviadas — Vou falar com ela agora mesmo! — saiu, decidida.

— Pronto, meu amor: mistério resolvido — disse-lhe com ênfase.

Ela me olhou por um instante, balançou a cabeça com um risinho no rosto como que a repudiar divertidamente seus temores.

— Caressa, — exclamou ela, olhando para cima, — você é uma boba. Boba. Boba. Boba!

Continuou a dizer boba, espremendo as palavras entre nossos lábios. Depois me beijou com tal desprendimento que, por um momento, duvidei que ela tivesse sentido uma única sombra de medo. Enquanto nos beijávamos, me ocorreu refletir: Caressa era absolutamente volúvel em seus sentimentos; o medo, a alegria, a cólera, a rebeldia... tudo lhe vinha como uma onda avassaladora e depois passava como se tivesse jamais existido. Seria o seu amor por mim tão volúvel, quanto seu estado de espírito? A simples idéia de ter que responder “sim” a esta pergunta, me fez tremer. Em seus lábios bailou um risinho sutil, meigo. Ela apertou o rosto de encontro ao meu peito:

— Oh, Caio, amo-o tanto! Tanto! Tanto! Diga que não me deixará jamais. Diga que nosso amor é para sempre! Para todo o sempre! Diga, Caio! Diga!

Minhas dúvidas sumiram como fumaça arrastada por um

tempestuoso vento de outono.

— Jamais a deixarei, meu amor!

— Aconteça o que acontecer?

— Ainda que o mundo se acabe...

— Se o mundo acabar, quero morrer abraçada a você.

— Se você estiver abraçada a mim, morrerei infinitamente feliz!

Dona Solange retornou. Pelo semblante sombrio deduzia-se que a busca resultara inútil. E foi o que ela nos fez saber com uma simples e monótona palavra:

— Nada!

No primeiro momento que fiquei a sós com dona Solange, lhe pedi que disfarçasse seus receios para que isso não provocasse uma crise de nervos em Caressa. Ela assentiu ao pedido com um movimento de cabeça. Tão logo Caressa retornou, descobri que, como atriz, sua mãe certamente morreria de fome: dona Solange esboçou um riso silencioso que mais se assemelhava a uma máscara do que a um rosto humano; mas foi por pouco tempo. Logo a paródia de riso se desvaneceu e seu semblante tornou-se novamente a expressão perfeita do medo. Decidi por um basta “naquele” clima de suspense e convidei Caressa para tomarmos sorvete. Ela ficou radiante. Dona Solange aprovou:

— Vão! — disse ela, agitando as mãos. — Ficar longe deste maldito lugar só pode fazer bem.

Saímos. Eu não tinha um único cruzeiro no bolso, mas já aprendera como se fazia para pagar meus gastos. Mais uma vez recorri ao Antônio. Desta vez pedi-lhe na presença de Caressa, não porque tivesse perdido a vergonha, mas é que a havia convidado espontaneamente para o sorvete e nem havia me ocorrido não ter dinheiro, ou que fosse necessário pagar. É incrível como o adolescente tem ilusão de que o mundo está aí para servi-lo no momento em que estalar os dedos. Não pedi descaradamente dinheiro ao Antônio. Fui discreto, muito astuto. Empolei-me no assento do automóvel, a lado de Caressa, mirei os olhos de Antônio pelo retrovisor e disse-lhe com voz pomposa:

— Antônio, certamente mamãe confiou-lhe o dinheiro para os meus gastos! Você o traz consigo?

Antônio entendeu de imediato a minha deixa, respondeu:

— Sim, senhor — resmungou, encarando Caressa que parecia desejar engolir o lábio inferior, contendo um riso debochado.

— Dez cruzeiros! — atalhou Antônio.

— Só dez cruzeiros? — indaguei surpreso pelo pequeno valor daquele “novo empréstimo”; meu espanto tinha sido tanto que minha postura, minha voz empolada e toda a encenação tinha ido por água abaixo. Caressa ria, mas eu ainda pensava que era da situação em si, não de mim.

— Só dez cruzeiros, senhor Caio! Tempos difíceis nas Industrias Canaã. — empinei o corpo.

— Antônio, quando chegarmos em casa, lembre-me, por favor, de pedir um aumento em minha mesada.

— Pode ter certeza que eu o lembrarei, senhor Caio!

Ao narrar, posso parecer patético e inverossímil, mas naquele momento, apesar de todo o meu amadorismo em representar e da hilaridade da situação, eu supunha que a enganara. Na verdade, apesar, de toda a fortuna de minha avó, eu não recebia uma mesada. Mesmo mamãe, que também dependia financeiramente de minha avó, tinha que prestar contas minuciosas de seus gastos.

Caressa me disse que não estava suficientemente calor para se tomar sorvete e preferiu tomar suco de fruta numa lanchonete de nome “Palhoça”. Antônio estacionou o carro e entramos, as mesas eram feitas de troncos roliços de madeira, os assentos eram idênticos às mesas, apenas mais baixos e mais finos; a cobertura da lanchonete e das mesas era de palha. Sobre o balcão estava pendurado o mais variado cardápio de frutas que já tinha visto em toda a minha vida: abacaxi, mamão, ameixa, nêspereira, kiwi, acerola, banana, etc. Caressa pediu batida de morango. O balconista advertiu que a batida continha teor alcoólico e que, por isso, era proibida para menores. Ofereceu-me suco de morango. Ela respondeu que, se desejasse suco, teria bebido em casa. Foi quando chegou o dono da lanchonete e sussurrou ao balconista alguma coisa como: “vamos abrir mais uma exceção, o movimento anda muito fraco para...”, disse alguma coisa nesse sentido. Eu pedi um suco de manga. Bebíamos tranqüilamente, com grossos canudos listrado de vermelho e branco, quando ela me perguntou:

— Caio, você já pagou ao Antônio os cinquenta cruzeiros que lhe pedi da outra vez? — julguei queimar de vergonha.

— Como soube? — indaguei-lhe, impulsivamente.

Ela deu uma risadinha.

— Lembra-se de quando me disse que Antônio não poderia

ficar até mais tarde porque, no sábado, ele largava mais cedo?

— Sim, lembro-me!

— Então, naquele mesmo momento, eu li em sua testa: Caressa estou mentindo, acredite ou não, mas seu príncipe está duro! — enrubesci ainda mais. Ela ria da minha cara.

— Não, ainda não paguei, mas tão logo receba minha mesada acertarei minha dívida com ele... — retruquei, mexendo o suco com o canudo de modo a produzir o efeito de um redemoinho. Caressa fez um muxoxo consolador.

— Não precisa mentir para mim. Sei que você não tem mesada nenhuma...

— E por que você tem tanta certeza?

— Porque a bruxa velha de sua avó não lhe dá nenhum tostão...

— Como pode saber? — desafiei, um pouco irritado.

— Como? Ora essa, Caio! Basta olhar para a muquirana da sua avó!

— Você está certa! — admiti, depois de um breve silêncio — Minha família é muita rica, mas vovó é a única dona de tudo. Ela é mais sovina que um baú que guarda um tesouro nas profundezas do mar.

— Eu sei que sua família tem muito dinheiro. Só tendo muito dinheiro para se manter um motorista particular. Depois tem suas roupas, tudo tão bonito e caro; e tem, você, também!

— O que tem eu?

— Você é diferente de todo mundo que já conheci. É educado, inteligente, fala coisas... de um jeito bonito. Ah, você tem a elegância de um verdadeiro príncipe!

— Não sou um príncipe...

— Se não é um príncipe, o que é então?

— Às vezes acho que não passo de um bastardo!

Caressa riu.

— O que significa bastardo?

— Se não sabe, por que ri?

— Porque a palavra é engraçada. Bastardo! Bastardo! Boa coisa não é...

— E não é mesmo! Bastardo é um filho ilegítimo.

Ela franziu o cenho.

— Seus pais não eram casados?

— Sim. Casaram-se. Mas minha avó, entretanto, jamais

suportou meu pai. Meu pai era jornalista. Desses caras capazes de morrer por uma idéia... Minha avó o detestava... e acredito que também não gosta de mim... Minha mãe diz que pareço meu pai, talvez seja por isso... E o seu?

— Meu pai?

— Sim!

— Um cara super engraçado. Às vezes, penso que ele é meio doido. No ano passado, moramos em três estados diferentes, com três mulheres diferentes. Meu pai troca de mulher como se troca de roupas. Mas comigo ele é muito legal. Só vim morar com minha mãe porque sua última mulher, uma verdadeira madrasta, o mandou escolher entre mim e ela.

— Ele escolheu “ela”?

—... É. Ela é rica. Está morando no Mato Grosso, na fazenda dela. Meu pai disse que a sede tem até piscina. Ela cria cavalos de raça... Mulher horrível! Nem sei como meu pai a suporta... nem ligo para eles. Quero que os dois morram! Chega disso! — exclamou empurrando o copo para o centro da mesa. — E desses assuntos chatos também! — ficou um instante em silêncio, depois me disse com ar cansado: — Vamos embora! Antes que eu fique triste...

Retornamos para a casa dela. Dentro do carro ela ficou completamente descontraída e sorridente. Naquela noite, estava muito mais bela do que todas as vezes que a vi. Talvez fosse porque agora ela possuía sensualidade. Certamente que sempre possuía; mas, só agora eu podia percebê-la. Caresa tinha despertado minha dimensão sexual, e eu a desejava a cada beijo. Ela estava ligeiramente entorpecida pelo álcool da batida, gargalhava escandalosamente e, no carro, deitada em meu colo, insinuava-se com malícia para mim. Não estava necessariamente embriagada, fazia um pouco de cena. Tanto é verdade que desceu com passos firmes, sem vacilar, pelo corredor até sua casa. Encontramos o quintal apinhado de pessoas, que participariam do ritual daquela noite, cujos preparativos estavam em curso. Rapazes de feições rústicas faziam vibrar violentamente os atabaques. Seus braços fortes, numa cadência frenética e sombria, subiam e desciam no ar, imprimindo violentos golpes em seus instrumentos, fazendo-os vibrar emitindo notas surdas e ritmadas. Moças com ar ausente, como se estivessem em transe, faziam seus achós balançarem de um lado para o outro. Havia um homem que chamou especialmente minha atenção, tal era a excentricidade de seus trajes. Estava paramentado de

vermelho dos sapatos à cartola que tinha sobre a cabeça. Numa mão trazia uma garrafa de aguardente, tomando de quando em quando, ávidos goles de seu conteúdo. Na outra mão, tinha um enorme charuto, cuja ponta acesa assemelhava-se a um tição. Soube, logo depois, se tratar de uma entidade denominada Zé Pelintra. A esta bizarra figura fazia dueto a irmã de Elimar. Ela trajava um vestido vermelho, rendado, tinha o rosto excessivamente coberto por uma forte maquilagem, parecia saída de um bordel. Quando passamos por entre estas obscuras criaturas a mulher me segurou pelo braço, e, de repente, os atabaques silenciaram:

— Oh, meu príncipe, meu sexo está queimando. Apague meu fogo! — disse-me ela, com voz de prostituta. Aquelas palavras e gestos me chocaram. Desvencilhei-me de sua mão imunda com um puxão. O parceiro dela gargalhou e interveio com voz gutural:

— Deixe que eu lhe apago o fogo, sua putinha atrevida! Vou enfiar este charuto em você! — berrou o horrendo personagem, balançando o enorme charuto à mão.

— Imbecil! — protestei. Ele riu-se, satisfeito. Dei-lhe as costas. Quando pisei na soleira da porta, ouvi sua voz gutural:

— Caio!

“Quem haveria de ter falado meu nome a esse cretino!”, protestei intimamente. Voltei-me em sua direção.

— Olhe para o céu, Caio! — disse ele, mas eu não movi um único músculo de meu rosto. Acirrei ainda mais meu olhar de ódio em sua mesquinha figura. Percebi que ele tinha o olho direito virado para cima, a pálpebra semifechada assemelhava-se a um pequeno capuz sobre o globo branco.

— Não quer olhar... — prosseguiu ele. — Quando decidir olhar verá que a lua se encontra só, mergulhada num mar de trevas!

— Entra, Caressa! — disse a ela empurrando-a porta adentro — Não se deixe impressionar por este pequeno show promovido por esse patife desocupado!

Entramos. Fechei a porta ruidosamente às minhas costas. Por detrás da porta, ainda pude ouvir suas últimas palavras, cheias de mistério e mau-agouro:

— Quando o sol começar a brilhar a lua já terá ido! O sol e a lua não se alinham no firmamento, Caio!

Os atabaques voltaram a rufar. Dona Solange veio ao nosso encontro, com os cabelos desgrenhados. Havia saltado da cama. Parecia ter visto assombração:

— Estava dormindo... O que aconteceu, Caio?... Acho que ouvi alguém chamá-lo. Um pesadelo... Acho que tive um pesadelo.

Caressa se atirou aos ombros da mãe, numa explosão de choro histérico:

— Oh, mãe o Zé Pelintra, disse coisas horríveis para nós... — anunciou, entrecortando as palavras com soluços. Elimar surgiu com olhos embriagados pelo sono:

— O que está acontecendo?

— A macumbeira de sua irmã invocou a Pombajira e o Zé Pelintra!

— Quem é o Zé? Aquele rufião metido a feiticeiro? — perguntei à dona Solange, e voltei-me para Caressa afim de adverti-la docemente:

— Não vai me dizer que você está impressionada com essa brincadeira de mau gosto? Está? — ela fez que sim com pequenos movimentos da cabeça. Dona Solange caminhou até o vitrô sobre a pia e espiou pela fresta:

— Aquele é o Zé Pelintra, Caio. E aquela é a Pombajira!

Caressa aninhou-se em meu peito, soluçando.

— Então este é o nome dessa mulher repugnante? Seus pais não poderiam ter escolhido nome mais apropriado, Elimar!

— Não, Caio, o nome da irmã de Elimar é Eloá. Pombajira é o nome do espírito que está no corpo dela. Quanto àquele outro “cavalo” desconheço-lhe o nome, mas o espírito que o possui é o Zé Pelintra.

— Você quer dizer que eles estão tomados por entidades espirituais? Espíritos?

— Sim! Estão incorporando o Zé Pelintra e a Pombajira. O Zé Pelintra promove a discórdia e a separação entre os casais, e a Pombajira é um espírito que promove a ruína moral e a vulgaridade...

— Algum deles se manifestou diretamente à você? — perguntou ela, com uma nota de suspense na voz. Mediante esta pergunta, Caressa, que havia se contido, rompeu em lágrimas.

— Venha, Caressa. Vou levá-la para o quarto... — disse conduzindo-a ao outro cômodo. Dona Solange surgiu com um copo d'água.

— Beba, minha filha! — disse ela à menina.

Caressa pegou o copo com as mãos trêmulas, tomou dois goles e balbuciou entre soluços:

— O Zé... mãe. O Zé, disse... — jogou o rosto em meu colo e explodiu em lágrimas. Fiquei a afagar os cabelos dela. As lágrimas

enroscadas em minha garganta. Não devido ao medo, mas pelo choro dela, que me dilacerava o coração como um afiado punhal. O fato de não sentir medo não significava necessariamente que possuía coragem, intrepidez. Eu não sentia medo porque, para mim, que desconhecia os rituais que ocorriam naquele quintal, tudo não passava de uma farsa de mau gosto, uma espécie de encenação que eu não levava a sério. Para elas, que conheciam os rituais, aqueles acontecimentos significavam um oráculo do sobrenatural, e os personagens que me interpelaram, verdadeiros mediadores entre o mundo corporal e o mundo incorpóreo. Desta vez Solange perguntou com objetividade:

— O que eles lhe disseram, Caio?

Simulei um risinho de desdém:

— Coisas sem importância... sem nexos...

— O quê? — inquiriu a mulher com olhos esbugalhados.

— Alguma coisa como... esta mulher tem uma linguagem muito vulgar! — atalhei — Ela disse: “meu sexo está queimando. Apague meu fogo”. Bem, foi mais ou menos isso que ela disse!

A tristeza e medo se estamparam em cada vinco do rosto de Dona Solange.

— E ele? — murmurou a mulher, com voz murcha.

— O Zé?... Aquele foi um pouco mais criativo... — ironizei, tentando dissipar o clima de terror que parecia ter tomado conta da casa. — Eu diria que ele chegou a fazer poesia. Ele disse... — dei à minha voz uma impostação lúgubre: — “a lua se encontra só, mergulhada nas trevas e quando o sol brilhar a lua se terá ido. O sol e a lua não se encontram no firmamento...” Os meus esforços resultaram inúteis diante da credulidade no sobrenatural. Antes que eu tivesse terminado, percebi dois pequenos tremores no canto de seus lábios, como duas rápidas fisgadas. Ao terminar ela soluçava baixinho, as lágrimas lhe escorrendo pelo rosto.

— Desculpe-me, dona Solange. Eu disse alguma estupidez? Alguma coisa que não deveria?

A mulher fez um gesto vago com a mão e sentou-se abraçada à filha. Agora mãe e filha se consolavam mutuamente. Eu me coloquei em pé a contemplar aquela cena. E, como sou sentimental, não consegui reprimir as lágrimas. Chorei também.

Caressa adormeceu, soluçando baixinho, olhinhos fechados e a respiração entrecortada. Dona Solange levantou-se e foi à cozinha. Elimar, sentado à beira de sua cama, parecia petrificado. Fiquei na

dúvida, quanto ao significado de um comportamento tão recolhido. Estaria ele impressionado com aquela história de feitiçaria? A resposta era sim! O homem era tão vulnerável, quanto Solange e Caressa, que, com este pavor histérico, havia me surpreendido, já acostumado com uma menina incrédula e debochada. Dirigi-me à cozinha. A mulher estava, com os cotovelos fincados na mesa, bebia um copo de café. Silenciosamente puxei uma cadeira e me sentei à sua frente:

— Dona Solange, desculpe minha incredulidade, mas não creio que o que disseram mereça tanta atenção...

— Essa mulher tem parte com o diabo, Caio! — respondeu-me com ar ausente, mirando o conteúdo negro do copo. E prosseguiu:

— Bem que eu disse que esses malditos preparavam algum mal a minha filha. São uns malditos invejosos! Têm inveja da sorte e felicidade de minha filha por ter encontrado um rapaz tão bom, tão generoso e bonito como você, e que a ama de verdade... Tenho certeza de que lhe fazem mal. Querem separá-los, Caio! Eles não suportam a felicidade alheia. Querem separá-los!

Sorri ante os temores daquela mulher. Disse-lhe:

— Dona Solange, eu amo sua filha, e ela a mim. É tão simples. E ninguém poderá tirar de nós este sentimento tão sublime, simplesmente porque não se trata de um objeto qualquer que possa ser furtado, mas de um sentimento puro, de um amor verdadeiro que está muito bem guardado, muito bem seguro dentro de nossos corações... E esses charlatães podem sacrificar animais, pular, beber e amaldiçoar a noite inteira sem que, com isso, consigam subtrair sequer uma única fração do amor que sinto por Caressa.

Dona Solange pegou minha mão.

— Você parece tão seguro em relação ao que sente por minha filha...

— E em relação ao que ela sente por mim também — acrescentei:

— Tenho medo que Caressa venha a perdê-lo.

— Não tema! — disse apertando-lhe a mão — Está ficando tarde. Tenho que ir. Amanhã, virei vê-la... E, amanhã, meu amor por ela haverá de ser mais intenso e verdadeiro do que hoje.

Dirigi-me ao quarto e dei um beijo nos lábios de minha amada.

— Elimar! — disse a mulher ao companheiro: — leve o rapaz até o portão!

Creio que ela tenha dito isso pela força do hábito, porque o homem já se encontrava vestido com uma calça de tergal e uma camisa de flanela, pronto para executar o pedido da mulher. Desta feita, ao cruzar o terreiro, não fui importunado. Os participantes daquele ritual estavam tão absorvidos em seu culto, que nem perceberam nossa passagem. O casal bizarro estava enfiado dentro do sombrio cubículo, de modo que só os via pelas costas. Apesar do barulho do ritual, ouvia-se claramente o riso da mulher, dentro do cubículo. Um riso gutural, debochado e inconfundível: o riso de uma prostituta embriagada.

Naquela noite tive pesadelos horríveis. Acordei sobressaltado, como se tivesse ouvido um grito de Caresa. Mesmo acordado ainda pude ouvir, por uma fração de segundo, o mesmo grito. No instante em que despertei, o som se desvaneceu, como se a noite o tivesse tragado para dentro das trevas. Meu corpo estava trêmulo, eu resfolegava e suava de pavor. Levantei-me e corri à vidraça. A noite era sombria, a lua vagava no céu. “Mergulhada nas trevas...”, pensei. Um medo terrível percorreu-me dos pés à cabeça. Uma nuvem escura encobriu a lua, então tudo ficou, subitamente, negro como o breu. As árvores do pequeno bosque, envoltas na escuridão, acenavam com seus galhos para o além. “Seria tudo aquilo um mau presságio? Não!”, respondi o quanto mais rápido possível. Fechei as cortinas e com o propósito de tomar um copo de leite, desci à cozinha. O silêncio imperava por todos os cômodos da casa. O silêncio era tanto que, enquanto descia a escada, dava para ouvir o tic-tac do pêndulo do velho cuco. Um tic-tac surdo, ritmado, seco. Quando cheguei à sala, tive outro mau pressentimento: o cuco indicava dois minutos passados da meia-noite! Refiz o meu caminho aos galopes e me enfiei debaixo das cobertas, murmurando: “Caio, que vergonhoso! Você não é nenhuma criança! Foi um dia agitado nada mais!... Caio que vergonhoso...” Repeti a frase várias vezes a fim de espantar o pavor, mas ele já tinha se instalado em todo o meu corpo. Eu tremia como se estivesse congelando num freezer... Não sei a que hora da madrugada o cansaço me venceu e eu consegui pegar no sono.

# 10

## *Chuva de Novembro*

Naquele sábado levantei-me cansado, como se meu espírito tivesse deixado o corpo e vagado a noite inteira. Evoquei as sinistras imagens da noite anterior e para mostrar a mim mesmo que tudo aquilo não passara de uma estúpida farsa indigna de qualquer temor, anunciei bem alto: Caresa eu te amo muito! Muito! Muito! E enquanto repetia a palavra “muito” fechei os olhos para receber, em meu pensamento, seus beijos. Cada pronúncia da palavra “muito” correspondia a um beijo dela. Depois peguei o meu saxofone, abri a janela e toquei a canção para a brisa matinal, para o sol, para as árvores, que balançavam suavemente suas copas. As mesmas que na madrugada pareciam acenar para o além. É incrível como a luz da manhã dissipava nossos temores de criança. Depois tomei uma ducha, me vesti com um conjunto de agasalho e fui correr entre as árvores. A energia, a vida que queimava em mim, era muito exuberante para que ficasse parado. Corri, até à exaustão. Depois me deitei, e me entreguei a pensamentos de adolescente apaixonado: “Quero me casar você Caresa. Ter filhos? Não! Não, tão já! Antes precisamos passear, conhecer lugares novos, viajar”. Era isso que eu desejava, naquele momento. Viver com ela um conto de fadas, em que tudo acaba maravilhosamente bem. Felizes para sempre! “Mas, tudo isso exige algum tempo!” – pensei – “Bem, neste ano, termino o terceiro colegial”. Mamãe queria que eu fizesse faculdade, qualquer uma, desde que me formasse. “Não, isso não! Agora, não”. A faculdade demoraria muito e eu não suportaria esperar tanto para poder me casar com ela. Nada de faculdade, nada de estudos! Para que eu teria necessidade de estudar tanto? A vida estava tão completa, tão simples. Tudo o que eu precisava era completar dezoito anos, abandonar os estudos, encontrar uma ocupação profissional e viver. Viver com Caresa”.

À tardinha, chegando à casa de minha amada, encontrei sua mãe sorridente. No portão me contou que, na madrugada, Caresa

havia lhe dado um grande susto. Apressou-se em esclarecer:

— Agora está tudo bem. Imagine, Caio, ela acordou gritando, e exatamente à meia noite? Teve pesadelos, a coitadinha. Dormiu, logo depois de ter acordado. Eu fiquei tão assustada... E aquela batucada parecia que ia me deixar louca. Passei uma noite horrorosa. Quando acordei e vi minha filha, prometi a mim mesma que nunca mais temeria estas malditas macumbas. Acredita que ela não se recorda das cenas terríveis, que aconteceram ontem? Ah, Caio, Caressa está tão radiante, tão feliz, tão doce, tenho certeza que até você perceberá a diferença.

— Que bom, dona Solange! Esta notícia coloca mais felicidade em meu coração. Desculpe-me, mas tenho muita pressa em vê-la, não se importa se eu for descendo na frente? Importa-se?

A mulher interrompeu-me:

— Ah, Caio, esqueci de dizer. Caressa não está. A prima a levou há pouco. Venha, vamos descer, enquanto você espera, lhe preparo um bule do seu chá. Ela me disse que não demoraria muito. Só não recusaria para não desagradar à prima, mas que voltaria num pulinho. Eu já lhe falei que hoje ela está um doce?

— Sim, falou.

— Então, menino! E ela que nem topava essa prima! De repente, Caressa parece tão suave, menos antipática.

Entramos. A mulher colocou uma chaleira d'água para ferver com o chá. Sentei-me à mesa. Enquanto a mulher contava as lembranças das travessuras da filha, quando pequena, eu ansiava pelo retorno da minha namorada.

Pelo vitrô da cozinha, percebi que a noite já descia sobre nós.

— Ela está demorando! — comentei com dona Solange.

A mulher riu.

— Que amor incontrolável! — exclamou — Você acabou de sentar nessa cadeira, Caio. A água nem começou a ferver.

Olhei para a chaleira. Ela não estava mentindo. “Mas como demora em ferver!” — protestei — Jamais em toda minha vida pensei que a chama de um fogão demorasse tanto para ferver uma chaleira d'água. Depois de um tempo, que julguei um século, a água ferveu. Dona Solange me serviu um copo com chá.

— É longe a casa dessa prima? — indaguei.

— Não. É próximo. Acho até que você a conhece... Conhece a Gina?

— Sei quem é. Ela mora na casa onde conheci Caressa...

— Exatamente! Sabe que tinha me esquecido de que vocês se conheceram no aniversário do Pedro?

Engoli o chá sem esfriá-lo. Os goles desceram como uma labareda de fogo na garganta.

— Vou até lá, dona Solange — disse-lhe, já de pé.

— Bem, já que você conhece o caminho... não custa nada mesmo! Caressa vai adorar voltar de carro. Ela é tão aparecida — deu uma risadinha e deitou dois tapinhas em minha mão. — Não é à toa que se chama Caressa Aparecida.

Eu devolvi à mulher um sorriso tenso e me retirei, agradecendo o chá. Corri à rua. Antônio, o homem da mais espantosa paciência que já conheci em toda minha vida, lia o jornal.

— Antônio, — disse-lhe — lembra-se daquela casa que, quando da primeira vez que estivemos aqui, julguei ser a de Caressa?

— A casinha azul com balaústre na frente? — indagou ele.

— Essa mesma, Antônio! Leve-me até lá... rápido, já não agüento esperar tanto...

Durante o percurso, eu ia observando a rua. Não queria desencontrá-la pelo caminho. Chegamos. Havia na porta algumas moças e alguns rapazes. Um sete ou dez pessoas. Aproximei-me da porta da sala. Interpelei uma garota, de aspecto marginal, que deixava a sala:

— Por favor, poderia fazer a gentileza de chamar a Caressa?

— “Chi”, ó cara! Conheço nenhuma menina com este nome, não. — respondeu ela com o hálito recendendo bebida alcoólica.

— A Gina... Poderia me chamar a Gina, então?

— Gina! — berrou ela, virando-se para a sala.

— O que é? — respondeu a voz.

— Tem um cara querendo trocar umas idéias com você!

Gina surgiu no batente da porta.

— Caio! — disse, pondo na voz um timbre de interjeição, como se fôssemos velhos conhecidos que há muito não se viam — Meus pais viajaram e eu aproveitei a oportunidade para fazer uma reunião com os amigos! — explicou, sorrindo — Não é legal? Por que não entra e bebe alguma coisa?

— Obrigado, Gina, não quero beber nada. Estou procurando pela Caressa. Sua tia me disse que ela veio para cá, com você.

— É verdade, veio sim... mas já se foi...

Aquelas palavras fizeram com que as palmas da mão e meus lábios congelassem.

— Já foi?

Virei na direção do carro, depois voltei meu rosto para ela, disse-lhe:

— Que azar... acho que nos desencontramos pelo caminho...

— ela me interrompeu, franzindo a testa numa expressão de espanto:

— Você veio da casa dela?

— Sim.

— E ela ainda não tinha chegado?

— Não. — respondi — Faz muito tempo que ela saiu daqui? — perguntei com o coração gelado, na expectativa do pior.

— Bem mais de uma hora! — informou, abanando a cabeça. Gina olhava-me como se estivesse sonegando alguma informação importante. Depois de um instante de silêncio ela falou:

— Sabe Caio... eu não queria lhe dizer, mas... talvez seja melhor você saber.

— O que, Gina? O que aconteceu a Caressa?

— Nada do que está pensando! Ela estava aqui na festa... Bem, ela conheceu um rapaz... Ah, meu Deus, não quero passar por fofoqueira... Estavam aqui juntos há cerca de uma hora e... desceram a rua juntos... abraçados.

— Abraçados? — murmurei, incrédulo.

— Abraçados... Desculpa minha sinceridade, Caio, mas minha prima é muito atirada. Ela se atirou nesse rapaz, como se atirou em você!

Não lhe respondi absolutamente nada. Dei-lhe as costas e corri para o carro. As lágrimas represadas na garganta me sufocavam.

— Antônio... — resmunguei com os lábios tremendo, — Volta pra casa da Caressa! — joguei-me no assento do carro e explodi num doloroso choro: choro de quem acabara de perder aquela que fazia parte de sua alma. Antônio já havia manobrado o carro e imediatamente fez com que o veículo arrancasse. Depois, me perguntou:

— O que houve, patrãozinho?

Recostado no banco eu chorava torrencialmente, parecia uma criança magoada, ou melhor, eu era uma criança magoada.

— Ela me deixou, Antônio! — disse entre lágrimas e soluços — Ela me deixou... Está com outro...

— Calma, Caio. Calma! — pediu Antônio com voz paternal — Talvez tudo não passe de um engano...

— Ela está com outro... Saíram juntos... abraçados...

— Tudo pode ser um mal entendido. Não tire conclusões precipitadas!

A dor da perda era forte demais. Todavia, meu amigo Antônio tinha acendido uma vela na escuridão. E em meu desespero só me restava segurar-me a qualquer coisa que me fosse oferecido. Contive o choro, repetindo baixinho, as palavras daquele homem, como uma prece muda: “Tudo não passa de um mal entendido”. O efeito dessas palavras foi positivo, agora eu só soluçava. Por dentro, uma usina de tensão e ansiedade parecia que a qualquer momento explodiria, estilhaçando todo o meu ser. Suportei. Chegamos à casa dela, o portão não estava fechado à chave. Escancarei-o com violência e desci o corredor repetindo: “Tudo não passa de um mal entendido. Tudo não passa...” Empurrei a porta da cozinha, caminhei na direção da cortina do quarto e puxei-a... “de um mal entendido”. Dona Solange mexia num monte de roupas sobre a cama. Voltou-se, sobressaltada:

— Encontrou Caressa, Caio?

Eu não tinha palavras para dizer mais nada. Algo terrível explodia dentro de mim. Lancei-me à cama dela, me agarrei ao seu travesseiro e chorei, desesperado.

— O que aconteceu, Caio? Aconteceu alguma coisa com minha filha? — insistia a mulher. Mas eu não tinha força nem mesmo para levantar a cabeça, quem me dera poder responder. Antônio tinha descido em meu encalço e foi ele quem respondeu àquela mulher aflita, receosa com algo mais trágico:

— Ele pensa que ela arranjou um novo namorado! — disse em minha presença. E, chamando a mulher à cozinha, relatou os detalhes.

— Menina ingrata! — ouvi a mãe exclamar — Como ela pode fazer isso com um rapaz tão generoso... Puxou ao pai! Namoradeira e desmiolada! — depois ela retornou ao quarto e se sentou à beira da cama:

— Caio, meu querido, não chore assim...

Eu nem podia ouvir direito o que ela estava dizendo. Meu mundo havia desmoronado. Era como se o chão tivesse se aberto sob meus pés e eu estivesse caindo nas trevas de um poço sem fundo.

— Elimar! — exclamou — ainda bem que você chegou. Uma tragédia! Caressa... Não entendo como ela pode fazer isso! Despedaçou o coração do pobre rapaz...

— Acabou com o namoro?

— Pior! Esta menina me paga! Arrumou outro namorado sem terminar o namoro com ele. Veja como sofre o pobre rapaz... embriagado em lágrimas... Fica com ele, Elimar! Temo que faça besteira. O senhor me leva de carro até à casa de minha cunhada? Quero saber toda essa história! Ah, se quero! Mas como ela pôde fazer isso? Eu não me conformo. Estava tudo indo tão bem... Caresa me paga! Ah, menina, você me paga!

Permaneci na cama, chorando de bruços. Já não havia mais lágrimas, só dor. Uma dor terrível que me entorpecia os sentidos. Não estava ali esperando absolutamente nada, apenas estava entregue ao desespero. E quando se está desesperado não se espera, não se pensa, não se deseja, apenas se sofre. Eu estava ali apenas sofrendo a minha dolorosa perda. A perda do primeiro amor. Depois de muito tempo senti, uma mão pesada a mexer em meus cabelos. Virei-me e com vistas embaciadas pelas lágrimas vi dona Solange. Enterrei de novo o rosto no travesseiro.

— Não chore, Caio — disse-me a mulher à guisa de consolo.  
— Ela não merece suas lágrimas.

Essas palavras obtiveram efeito completamente contrário ao esperado pela mulher. Desatei em mais uma ruidosa onda de choro. Depois, lhe perguntei entre soluços:

— Você a encontrou?

— Não. Falei com minha sobrinha, a Gina. Eu não sabia que a mãe e o pai dela tinham viajado, nem mesmo que estava promovendo uma festinha. Aquela é mesmo uma perdida. Basta os pais darem as costas, e pronto! Traz toda espécie de gente para dentro de casa. Meu Deus, onde eu estava com a cabeça? Deixar a Caresa ir àquele lugar de perdição!... Depois encontrei uma amiguinha dela que diz tê-la visto na companhia de um rapazinho de apelido Gaviola, um ladrão de varal.

— Você o conhece?

— De vista, apenas...

— Sabe onde mora?

— Não. Mas não deve ser muito longe, porque ele sempre está rondando pela região.

Antônio interveio:

— Caio, está tarde. Devemos ir agora!

— Não vou a lugar nenhum! — respondi.

— Sua mãe ficará muito preocupada.

— Diga-lhe que morri... porque é isso que realmente me

aconteceu: morri! Ah, Caressa... por que fez isso comigo? Por quê? Por quê?... — explodi em soluços histéricos.

— Fica calmo, meu filho... Como Caressa pôde ferir assim um rapaz tão sensível? Diga-me, Elimar!

— Caio — disse-me Antônio —, vou falar à sua mãe que Caressa adoeceu e que você pediu para passar a noite aqui, fazendo-lhe companhia. Está bem assim?

Mergulhado em minha agonia, nem sequer agradei o gesto de verdadeiro companheirismo daquele homem simples e humano.

— Faça isso, Antônio — recomendou dona Solange — faça isso pelo menino. Eu tomo conta dele. Depois é melhor que ele esteja aqui quando aquela ingrata cruzar o batente desta porta! Mas deixa estar, esta menina me paga!

— Senhor Elimar, até amanhã, então. Dona Solange, amanhã eu venho buscá-lo.

— Vai com Deus!

A mulher continuou a me reconfortar com carícias e palavras de consolação. Mas, o que são as palavras para alguém que acabara de perder todo o seu mundo? Pois, era exatamente assim que me sentia. Ela era mais que o mundo, era parte de mim. Não como um órgão qualquer faz parte de nosso corpo, mas era a própria essência de meu ser. Sobreviveria à supressão de um rim ou um pulmão, mas a vida sem ela era inconcebível. Ficamos ali por um período de tempo impossível de se medir. Eu, soluçando a agonia da perda de um amor “eterno”, que tinha sido desfeito abrupta e dolorosamente, e aquela mulher, tentando me consolar com suas palavras. Depois ela me serviu outro copo quente de chá. Quando me sentei para beber me ocorreu de buscar, no retrato, o sorriso daquela que me fazia sofrer. Lá estava Caressa, sorrindo. “Sorrindo, enquanto sofro”, pensei intimamente, contendo os soluços. Foi olhando para aquele retrato que me ocorreram as mais reprováveis reflexões. Se, naquela noite não tivesse olhado para aquele retrato, talvez, tudo fosse diferente. E, hoje, eu seria um homem casado com filhos já adolescentes. Naquela noite, porém, eu olhava para o retrato e ela sorria para mim. Toda a reflexão me surgira, mirando o sorriso do retrato. “Quando fora pintado, Caressa sorria para mim, e agora para quem ela estava a sorrir?”, indaguei, entristecido. “A prima dela está certa”, pensei. “Ela se atirara aos braços de outro rapaz com a mesma facilidade que se jogara nos meus. Eu não a havia conquistado, eu a “ganhara”, sem nenhum esforço. Ela veio fácil para mim e o ditado popular diz que

“aquilo que vem fácil, se vai fácil também”. Sim. Agora ela já estava com outro. Afinal, não fora naquele mesmo lugar que nosso amor havia começado? Talvez ela tenha dançado com o outro. Talvez ele tenha lhe dito coisas bonitas... e ela foi para casa dele, ou sabe-se lá para onde”. Enquanto agonizava diante do retrato, nossos mais doces momentos retornavam à minha cabeça, como verdadeiros símbolos da efemeridade e da debilidade daquele amor que eu julgara eterno e exuberante. Eu a havia amado e a amava. Mas os sentimentos dela por mim não passavam de um capricho, de uma paixõnite de menina. Sim! Não havia outra explicação para o seu comportamento. O quadro, por exemplo! Com que facilidade desbotara sua satisfação diante do quadro, que mandei pintar, ao preço de um par de abotoaduras de ouro? Quando a conheci, na noite da festinha, com que facilidade e indiferença ela dissera àquele menino: “agora procura outra menina para dançar com você”. E isso apenas porque tinha se dado conta da minha presença! Tinha ainda a cena das rosas. Sim! a cena das rosas era clara por demais: com que descaso ela havia jogado à estrada as vinte e três rosas que lhe havia comprado na entrada do cinema! Erroneamente admiti, diante do retrato que me sorria, que os sentimentos de Caressa eram por demais repentinos, tempestuosos, pujantes como chuva de verão e, por conseguinte, também eram por demais passageiros, instáveis. “Ela é volúvel. Pobre de mim, havia plantado o meu amor na areia. E agora que era crescido e viçoso... o primeiro vento o havia arrebatado até à raiz”.

Naquela noite, diante do retrato, eu admiti que já não possuía mais o seu amor. E, paradoxalmente, ao admitir isso o meu sentimento por ela se tornou ainda mais intenso, obsessivo, mórbido.

O velho despertador sobre a cômoda marcava meia-noite e vinte minutos. Eu não podia ficar ali parado, me martirizando, enquanto ela estava nos braços de outro rapaz. Tinha que fazer alguma coisa, qualquer coisa! Encontrá-la, pensei. Encontrá-la a qualquer custo. “Sua prima Gina deveria saber onde o novo namorado dela morava, posto que ela o convidara àquela maldita festinha. E não haveria de ser muito longe. Sim, era patético, infantil, mas tinha que ir lá. Caressa tinha que ouvir isso! Tinha que olhar para a cara do outro. Talvez, com um pouco de sorte, surgisse um desentendimento entre nós e eu lhe acertaria a cara com umas boas braçadas. Bater nele não diminuiria o meu sofrimento, mas este gesto mostraria para ela que eu não era nenhum covarde”, justifiquei. Contudo o verdadeiro pensamento que me ia à cabeça era que, talvez,

no me ver brigando por seu amor, isso lhe reacendesse os sentimentos, e ela novamente retornaria para meus braços, desta feita conquistada pela bravura e brutalidade dos meus gestos.

— Dona Solange, não vou ficar aqui chorando como uma mocinha... — disse à mulher — Vou até à casa da Gina, vou obrigá-la a me dizer onde mora o tal rapaz e vou pôr toda a história às claras.

A mulher teve um sobressalto.

— Pelo amor de Deus! — exclamou agitada —, não faça uma coisa dessas! Sabe-se lá que tipo de gente se trata?

— Não me importo com isso!

— Está tarde. Passa da meia-noite, Caio!

— Para mim a noite e o dia se confundem, neste momento. E o dia só nascerá de verdade quando ela voltar para mim.

— Vou com você! — comentou Elimar, com sua voz sumida.

— Não! Por favor, quero resolver isso pessoalmente... — disse-lhe. Não que fosse corajoso, mas porque estava disposto, se necessário fosse, a implorar para que ela voltasse para mim e, obviamente, desejava o menor número possível de testemunhas no decorrer desta cena.

Sai caminhando pela rua. A madrugada estava fria. Depois entrei por uma rua sem calçamento, desolada, ladeada de construções incabadas, balaustras apodrecidas. Matilhas de cães latiam e uivavam como lobos à minha passagem. Nada se pode comparar à sensação de insegurança e abandono, sentidos ao caminhar numa rua da periferia, durante a madrugada.

Cheguei diante da casa. Bati palmas, mas só os cachorros da vizinhança responderam. Empurrei o portãozinho de madeira, as dobradiças enferrujadas rangeram sinistramente. Caminhei até a porta da sala e bati três vezes. Do interior da casa, ouvi a voz de Gina:

— Quem está aí?

— Caio Graco! — respondi.

Momentos depois ela abriu a porta.

— Caio? O que aconteceu? Entra. Está muito tarde e é muito perigoso ficar com a porta aberta a esta hora da madrugada.

— Sente-se! — disse-me ela.

— Não, obrigado, Gina! Quero que me explique como faço para chegar à casa do rapaz com quem Caressa saiu daqui.

— Ela ainda não chegou à casa? — indagou, com voz de espanto e reprovação.

— Ainda não chegou — respondi, com indiferença. Mas

qualquer tentativa que fizesse no sentido de dissimular meu sofrimento soava ridícula. Meus olhos estavam inchados de tanto que havia chorado.

— Nossa! — murmurou, olhando-me com olhos ambíguos. — Como ela tem coragem de magoar um rapaz como você, Caio?

— Isso não importa agora! — respondi, secamente — Pode me dizer onde fica a casa desse tal Gaviola?

— Quem lhe disse o apelido dele?

— Isso não importa, Gina. Pode me dizer ou não?

— Ela fitou-me com um olhar tão comiserador que, por um momento, fiquei envergonhado de mim mesmo.

— Ah, Caio, você não merece sofrer desse jeito! — sussurrou, colocando a mão em meu rosto — Como eu gostaria de poder ajudá-lo! Eu não sei onde esse cara mora...

Baixei a cabeça, vencido pela dor.

— Não sabe mesmo, Gina? — perguntei-lhe mais uma vez, antes de recomeçar a chorar.

— Oh, Caio, não chore assim... Eu disse à minha tia e agora repito a você: minha prima não merece suas lágrimas.

Gina abraçou-me, baixou a cabeça, procurando meus olhos e repetiu:

— Minha prima não merece, nem suas lágrimas, nem o seu amor.

Virei o rosto, encostei a cabeça na parede e continuei a chorar. Gina prosseguiu com voz baixa e sedutora:

— Você merece uma pessoa que o ame de verdade. Que o ame desde o primeiro momento que viu você passar por esta porta.

Quando a ouvi dizer “primeiro momento que vi você passar por esta porta”, ocorreu-me, de repente, a lembrança de aquele era o palco do primeiro encontro que tivera com Caressa. Sim, tinha sido ali que nascera o nosso amor. Ela encostou-se naquele mesmo espaço da parede, onde agora eu me encontrava chorando. Ela estava ali, quando lhe perguntei: “Aceita dançar comigo?” Estimulado pela nitidez dessas lembranças, as lágrimas rolaram ainda mais abundantes em meu rosto. Gina me fez sentar e, em seguida, sentou-se ao meu lado. Foi então que dei conta que estava chorando ruidosamente e senti vergonha de que mais alguém além daquela moça viesse a presenciar o meu sofrimento. Disse-lhe, com a voz entrecortada por soluços:

— Vou-me embora, não quero acordar ninguém... seria muito

desagradável.

— Não se preocupe, Caio! Não tem ninguém em casa. Meus pais viajaram, minha irmã foi com eles e meu irmão está dormindo na casa da namorada. Pode chorar à vontade. Não precisa ter vergonha de mim. Sou sua amiga. Eu entendo o quanto está sofrendo.

— Não entende, Gina. Não pode entender o quanto estou sofrendo! — resmunguei, entre soluços. Coloquei a mão no rosto e fiquei sentado naquele velho sofá, apenas tentando conter as lágrimas e a dor. Depois de um momento, Gina comentou com voz afetada:

— Ah, Caio, se soubesse do que sou capaz de fazer pelo seu amor... Eu amei você desde o primeiro momento que o vi passar por esta porta. Talvez não se lembre, mas não tirei os olhos de você durante toda a festa. Tenho certeza que se a Caressa não estivesse aqui... você teria me notado. E tudo seria diferente agora... Tira as mãos do rosto, Caio, e olhe para mim! — Gina puxou minha mão e levantou minha cabeça:

— Olhe para mim, Caio. Sei que não sou feia. Aliás, eu e Caressa somos muito parecidas de rosto. Eu não gosto de me parecer com ela... mas pareço, não pareço?

Depois de um momento o véu de lágrimas que me encobria as vistas foi se abrindo e, de uma mancha avermelhada, foram se definindo lentamente as feições daquela que me falava.

— Tem gente que insiste que somos irmãs... Você não acha que somos muito parecidas, Caio?

Olhei com atenção para aqueles olhos que me fitavam. Seus olhos eram castanhos claros como os meus, possuíam um brilho estranho, indecifrável, como se escondesse um terrível segredo. Seus lábios estavam abertos, expunham despidamente dentes amarelados pela nicotina. Os cabelos, também, eram negros como os de Caressa, bem mais lisos, porém. Isso não quer dizer que não havia beleza no rosto de Gina. E como havia! Talvez até fosse cortejada, desejada por muitos rapazes. Para mim, entretanto, aqueles olhos eram inexpressivos, seus lábios eram mudos, seus cabelos apenas tristes pinceladas de um pintor de terceira categoria, seu rosto uma máscara mortuária sem vida. Realmente ela era parecida com Caressa, mas não possuía a mesma doçura na fisionomia, o mesmo brilho nos olhos, não possuía aquela atração súbita e inexplicável que o amor provoca. Olhando para aquelas feições me senti tomado por uma pujante e inexplicável repulsa. Coloquei a mão no rosto e baixei a cabeça.

— Não somos parecidas, Caio? Insistiu ela com uma nota de desilusão na voz.

Eu não queria magoá-la, resmunguei:

— Sim, parecem-se. — Gina soltou um risinho comemorativo.

— Eu sabia que você também achava! — comentou. Depois se levantou.

— Vou lhe dar um negócio para você beber que vai lhe fazer muito bem.

Ouvi o tilintar do gargalo de uma garrafa de encontro a um copo. Ela sentou-se ao meu lado.

— Beba, Caio!

Levantei a cabeça. Gina oferecia-me um copo pela metade de um líquido amarelo.

— O que é isso? — indaguei-lhe

— Não é forte. Ajuda a acalmar as emoções.

— Eu não quero beber nada, Gina. — disse-lhe com voz cansada.

— Pois saiba que sua querida Caressa bebeu! — observou, desdenhosa.

— Bebeu?

— Sim, bebeu...

— Antes tivesse bebido um veneno mortal!

— Quería vê-la morta, Caio? — indagou com uma sinistra fisionomia. Esta pergunta de Gina fez com que a imagem de Caressa morta tomasse uma forma nítida em meu pensamento, respondi com lábios contraídos pelas lágrimas que se anunciavam:

— Quería... Para beber-lhe o veneno da boca e morrer ao lado dela!

Chorei. Gina soltou um suspiro de protesto e impaciência.

— Deixa de fazer papel de criança, Caio!

— Não sou criança! Dê-me esta porcaria! Se ela bebeu, vou beber também!

Tomei o copo na mão e o levei à boca. Tomei todo o líquido num único trago. Gina sorria com ar divertido.

— Isso... Beba tudo...

Eu jamais havia bebido nada com teor alcoólico. E aquele líquido continha algo mais terrível que álcool. Devia conter algum tipo de droga poderosa, tal foi a consequência em meu corpo e em minha mente. O efeito foi quase que imediato. Primeiro, senti como

se, debaixo de minha pele, uma chama estivesse a alastrar-se por todo meu corpo. As veias pareciam inchadas por uma substância incandescente. A vista turvou-se; os membros tornaram-se mais leves, tive a impressão de que o sofá e o piso desapareciam sob meu corpo e eu flutuava num mar multicolorido. Olhei para Gina e só pude ver um rosto pálido, sem feições, moldurado por cabelos negros. Concentrei os olhos para certificar-me daquilo que via. Então os cabelos sumiram e ela se tornou apenas dois pares de olhos vingativos que me miravam. Depois, um único olho. Depois, apenas uma boca. Depois, uma coisa inumana, uma criatura deformada que me inspirou um medo terrível.

— Vou colocá-lo num lugar mais confortável.

Era a voz de Gina. Senti ainda quando ela abraçou-se à minha cintura e demos alguns passos incertos sobre o vácuo. Olhei para os meus pés e vi o planeta Terra; azul como havia anunciado o astronauta. Levantei a cabeça e creio ter visto o sol, tamanho foi o brilho que me ofuscou a visão. O sol se apagou, engolido pelas trevas. Em seguida, vi a lua. A sensação era de euforia e medo ao mesmo tempo.

— Deite-se aqui...

Foram as últimas palavras que ouvi Gina me dizer. Meu corpo afundou-se em uma nuvem, e tudo se tornou escuro. Um medo terrível se apossou de meu coração, gritei:

— Caresa! Caresa!

Então, eu ouvi sua voz melodiosa e, no mesmo instante, a alegria arrebatou-me o espírito. Abri os olhos.

— É você, Caresa?

— Sim, Caio meu amor, meu príncipe encantado, sol da minha praia. Diga que sentiu saudades de mim, diga, Caio!

Caresa estava quase que deitada sobre meu corpo. O rosto tão próximo ao meu que eu podia sentir seu hálito quente e o perfume de seus cabelos. As lágrimas molhavam-me o rosto.

— Amor da minha vida... quase morri de saudade. Onde esteve? Porque me fez sofrer tanto assim?

Ela riu com seus característicos trejeitos.

— Eu queria ter certeza de que você me ama de verdade.

— Pois não faça mais isso, nunca mais! Não vê que eu poderia morrer? — solucei como uma criança.

— Oh, querido, não chore. Não chore... — pediu dando-me beijos no rosto. Depois sorriu com malícia.

— Abre essa camisa, Caio. Está calor aqui.

— Caressa! — protestei.

Ela riu sem se intimidar. Depois desafivelou meu cinto e tirou minhas calças. Foi então que reparei que ela também estava nua.

— Não... Lembre-se de nossa promessa... Depois do casamento... a ilha grega...

— Esqueça tudo isso. Eu quero agora! Você também não me deseja, Caio?

— Sim, mas...

Seu corpo nu roçava sensualmente sobre o meu.

— Vamos, Caio. Faça sexo comigo... Isso, me segura pela cintura. Assim... Assim, Caio... isso... isso...

Caressa beijou-me; um beijo voluptuoso, experiente, diferente de todas as vezes que havíamos nos beijado: um beijo vulgar, com gosto de cigarro. Sua língua entrou em minha boca. Parecia enorme. Então eu abri os olhos e vi que o que tinha em minha boca era, na verdade, uma serpente. E, quem se movimentava obscenamente sobre o meu corpo, não era Caressa, mas a irmã de Elimar. E a serpente era sua língua. Ela estava vestida com uma roupa vermelha, falando obscenidades como uma prostituta embriagada, estava possuída pela Pombajira. Eu a empurrei com violência e ela caiu aos meus pés, mas a serpente continuou em minha boca. Então virei para o lado e vomitei. Quando me virei para a mulher, ela estava a rir, com aquele mesmo riso estridente e debochado da noite em que aconteceu a gira. Depois tudo escureceu e eu mergulhei numa profunda inconsciência.

*Chuva de Novembro*

Acordei com a luz da manhã sobre o rosto. O corpo estava dolorido, um cansaço terrível tinha se esparramado por todos os ossos. Na boca havia um gosto amargo. A cabeça doía, uma dor aguda e constante. Levantei um pouco a cabeça e vi Gina, nua, escovando os cabelos, diante de uma penteadeira forrada de vidros de perfumes e bibelôs.

— Acordou, Caio? — disse, sem interromper o trabalho da escova.

— Tive um sonho bom e um ruim... — comentei, fechando as pálpebras para atenuar a dor. — O bom foi ter sonhado que Caressa voltava para mim. E a gente... — interrompi a fala quando, me lembrei de que fazíamos sexo no sonho. — Meus sonhos não importam! Quero levantar-me já, talvez Caressa já esteja em casa.

Puxei as cobertas e percebi que estava nu. Então me enrolei novamente nela e sentei na beira da cama.

— Onde estão minhas roupas, Gina? — indaguei, com irritação e revolta por ela ter me despido, enquanto dormia. Ela se levantou e pegou-as de sobre uma banquetta. Sem nenhum pudor, como uma moça de vida sexual precoce, caminhou nua em minha direção, aproximando-se tanto que seu sexo peludo ficou a um palmo de meu nariz.

— Toma! — disse irritada, ofendida. Você não passa de um otário, Caio Graco! Depois de tudo que fizemos você ainda me fala dela pela manhã!

Levantei-me e vesti a calça.

— Não me lembro de ter feito nada com você, ou melhor, lembro apenas de ter bebido aquela porcaria que você me serviu!

— Claro que não se lembra. Você estava doidão, Caio! — sua expressão e sua voz agora se tornaram zombeteiras. — Bebeu muito daquela droga do amor. Bebeu tanto que quase vomitou em minha boca... Mas eu o perdôo, porque apesar de tudo foi bom... Sem hipocrisia, Caio, você não achou bom?

— Não sei do que você está falando, Gina! — respondi-lhe com rispidez, enquanto abotoava minha camisa. Ela encostou-se em meu corpo, colocando sua boca quase de encontro à minha.

— Talvez não se lembre mesmo... você só falava o nome daquela pirralha.

— Caressa?

— É. Eu deveria odiá-lo por isso! Mas, eu amo você! E porque o amor foi bom, mesmo tendo que ouvir você me chamar de Caressa, enquanto fazíamos sexo.

— Sexo? Fizemos sexo? — indaguei incrédulo, segurando-a violentamente pelos ombros. Ela soltou um suspiro que mais se assemelhava a um sussurro.

— Mais eu, que você: mas fizemos...

Eu a joguei sobre cama. O prazer que sentira no sonho cedeu lugar ao nojo e à indignação.

— Vulgar! — exclamei com os nervos açoitados pelo ódio.

— Você deveria estar feliz... Afinal, eu e Caressa somos tão parecidas. Somos sócias...

— Não seja pretensiosa! Você pensa que me faz lembrar Caressa, que possuí os traços dela, mas está enganada! Não existe nenhuma relação entre você e ela. Assim como jamais existirá nada entre você e eu. Porque você não é nenhuma sócia de Caressa, mas uma paródia de mau gosto, uma caricatura deprimente, um lamentável e triste engano do Criador... — corri meus olhos por aquele corpo nu sobre a cama e acrescentei, com asco e desprezo:

— Você conspurcou meu corpo e as promessas que fiz a Caressa com seu corpo imundo, com sua carne branca e insossa. Eu a desprezo, Gina! Eu odeio você!

Calcei os sapatos e dei-lhe as costas. Quando estava saindo ela segurou-me pelo braço.

— Eu te amo, Caio. Só fiz isso porque te amo.

Desvencilhei-me de sua mão.

— Você me dá náuseas, Gina. Náuseas!

Entorpecido pela emoção eu caminhava cegamente pelas ruas, que separavam as duas casas. Minha cabeça doía tanto que dava a impressão de que o coração alojara-se na cabeça e, a cada pulsação, se dilatava, espremendo-se contra a parte interna do crânio. Sentia-me sujo por aquilo que inconscientemente tinha praticado com aquela moça leviana. A sensação que eu tinha era que meus órgãos sexuais, contaminados por uma terrível doença,

estivessem se decompondo entre minhas pernas. Sentia-me corrompido pela obscenidade daquela moça sem pudor, pela sua vulgaridade. Não toquei a campainha da casa de Caressa. Estava com muita pressa para deter-me neste detalhe. Desci. Bati à porta da cozinha. A casa estava silenciosa, ainda não haviam se levantado. Talvez, Caressa estivesse dormindo. Evoquei as palavras redentoras de Antônio: “tudo não passou de um mal entendido”.

— Já vou... — retornou a voz de dona Solange. Meu coração disparou de ansiedade. A porta se abriu e eu olhei para a expressão da mulher a fim de ler em seu rosto a resposta para minha angústia. Mas sua expressão denotava tanta apreensão e desânimo quanto a minha própria.

— Pensei que fosse Caressa... Você não a encontrou? — disse ela.

Aquilo não podia ser verdade. “Sim. Talvez tudo não passasse de mais uma brincadeira de Caressa. Tinha que ser isso. Ela estava a zombar de mim. Ela e sua mãe. Todos se divertiam com meu desespero. Mas ela tinha que estar ali. Tinha que estar dentro de casa”. Sorri para as palavras da mulher, e, empurrando-a, entrei.

— Sei que Caressa está aqui, dona Solange! Sei que tudo isso é uma brincadeira dela! E a senhora está de combinação com ela a fim de me pregar uma peça... — entrei, agitado, em direção ao quarto.

— Caressa! Caressa...

A cama estava desarrumada, exatamente como eu a havia deixado na noite anterior. Sentei-me na cama transpassado por um intenso sentimento de perda, de desilusão. Pela primeira vez eu tinha certeza de que a perdera de vez. Não chorei. O sentimento de perda era tão intenso que as lágrimas estavam como que congeladas em meus olhos, o pranto tornara-se um nó na garganta que se recusava ser engolido, tampouco posto para fora. Levantei-me e fiquei a contemplar-lhe o retrato. Ela sorria, mas já não era mais para mim, pensei, sorria para um outro. Dona Solange ofereceu-me café, chá, biscoito, pão. Recusei tudo. Eu não queria comer mais nada, exceto ficar ali, petrificado, estático como uma estátua, a contemplar aquele sorriso que um dia fora meu, mas agora era dirigido a outrem. Permaneci ali, por um longo tempo. Depois, senti uma mão que me apertava os ombros. Era Antônio.

— Caio, sua mãe autorizou que você pernoitasse aqui. Mas

exigiu-me que o levasse de qualquer maneira agora pela manhã.

Eu estava entorpecido. As palavras e o rosto de Antônio pareciam imagens de um sonho distante. Mas era real. Não sei se lhe perguntei que horas eram, mas ele disse-me:

— São quase onze horas...

— Quase onze horas. — repeti como um autômato.

As lágrimas correram em meu rosto sem nenhum alarde, sem pranto, sem choro, apenas lágrimas de desilusão. Disse como que num monólogo:

— Ah, se ela tivesse voltado... estaríamos tão iguais! Sujos, mas apaixonados. Dignos um do outro. Mas ela já não me ama mais. Seu amor por mim era como o fogo na palha, como a chuva de verão, como seu estado de espírito. Apenas um capricho... Não guardo mágoas nem rancor, mas também não quero mais vê-la. Porque... porque... — as palavras se perderam nos soluços.

— Vamos, Caio! — disse Antônio, amparando-me.

— Vamos.

Momentos depois estávamos na estrada. Eu estava deitado no banco, chorando, sem coragem de olhar para o vitrô e ver a paisagem que ficava para trás, junto com o amor de minha vida.

Mamãe encontrou-me quando eu atravessava a sala em direção à escada. Eu sequer lhe dirigi o olhar, a fim de não trair o segredo da minha desilusão. Não consegui passar sem que ela notasse meu semblante:

— Veja seu estado, Caio! — exclamou — Você é que está necessitando de cuidados médicos!

Não respondi nada. Galguei os degraus e tranquei-me no quarto. Abandonei-me na cama sem forças sequer para pensar. Depois ouvi batidas na porta:

— Senhor Caio, — chamou-me Maria, atrás da porta: — sua mãe pede para que desça para o almoço.

— Não quero almoçar... — respondi.

— Mas, sua mãe...

— Não quero almoçar. Diga isso para minha mãe!

— Eu direi...

A revolta e a dor giravam dentro de mim num redemoinho de angústia e ressentimento. “Ela não podia ter feito isso comigo! Não podia! Eu deveria tê-la esperado. Deveria! Tinha que ouvir de sua boca... Não podia ser verdade. Tudo haveria de ser um mal

entendido”

— Eu vou lá! Eu vou lá! — estava decidido. Tinha que voltar à casa dela. Caressa teria de olhar para mim e dizer na minha cara, com todas as palavras: “Caio, não te amo mais. Esqueça-me!” Então eu choraria a última lágrima, sofreria a última dor. Mas tinha que vê-la dizer, com sua própria boca, com sua voz e com seus olhos. Desci e encontrei mamãe e vovó à mesa.

— Sente-se, Caio!

— Não vou almoçar...

— Tampouco ficará de pé com este aspecto de andarilho, não é mesmo? Se não quer comer, ao menos tome um banho e troque as roupas.

Minha avó resmungou:

— Quanta degradação física e moral.

— Não se intrometa em minha vida, vovó! — esbravejei.

— Caio! — protestou minha mãe.

— Quero o carro, mamãe. Preciso voltar à casa de Caressa.

— Mas o que está acontecendo lá, Caio?

Vovó soltou um risinho de escárnio, como se soubesse de toda a minha aflição.

— Preciso ir lá! — repeti, com voz embargada.

Mamãe considerou-me demoradamente como que tentando adivinhar o meu sofrimento. Depois, se virou para Maria:

— Maria, chame o Antônio, por favor.

Maria saiu em disparada. Momento depois, o motorista já estava ao lado de minha mãe.

— Antônio, disse ela, leve o Caio à casa dessa garota. Mas, peço-lhe que não o deixe só nem um minuto sequer! A partir de agora você é responsável por tudo que possa lhe acontecer. Entendeu-me?

— Sim senhora, dona Rute!

No percurso eu dizia para mim mesmo que tudo o que eu desejava era encerrar definitivamente aquela insólita situação. Mas, o que se passava em meu íntimo era outra coisa. Eu pretendia, se necessário fosse, me humilhar para reconquistar o amor de Caressa. O que queria na verdade é que ela visse o estado deprimente em que eu jazia com sua perda. Caressa haveria de reconsiderar o meu amor. Ao me ver ela teria certeza que ninguém no mundo poderia oferecer-lhe um amor mais sincero do que o meu. Admitindo este pensamento, pela primeira vez, eu me sentia ligeiramente aliviado.

— Antônio, você ainda acredita que tenha sido um engano?

— Sim...

— O que você acha que aconteceu, Antônio?

— Não sei o que lhe dizer, patrãozinho. Tudo o que sei é que aquela menina o ama.

— Verdade, Antônio?

— Palavra!

Assim que o carro encostou junto à calçada, eu saltei. Desci em disparada pelo corredor. Eu tinha quase certeza de que a envolveria em meus braços dentro de alguns instantes. A porta estava encostada. Empurrei-a.

— Dona Solange? Caresa? — indaguei, dirigindo-me ao quarto. Não foi preciso. Elimar saiu ao meu encontro:

— Estava esperando por você — disse-me ele — com um ar funesto. Seus olhos estavam inchados e vermelhos.

— O que foi, Elimar? Fala, logo!

— Caresa está no hospital.

— No hospital?

— Sim... foi atropelada.

— Como? Atropelada? Como isso aconteceu, Elimar?

— Ela chegou logo depois que você saiu. Acho que seu carro nem tinha dobrado a esquina ainda. A Solange ralhou com ela. Ela começou a chorar, dizendo que a culpa era da prima. A Solange disse-lhe que você não queria vê-la nunca mais. Ela sentou-se na cama e escreveu este bilhete... É para você — disse ele estendendo-me uma folha de caderno dobrada. Eu a peguei. Elimar silenciou por um instante na expectativa de que eu lesse, mas eu sequer desdobrei o papel. Disse-lhe:

— Continua, Elimar. Continua...

— Depois ela saiu. Passou algum tempo... uma menina veio avisar que... ela tinha sido atropelada na avenida e que fora levada ao hospital.

— E como ela está, Elimar? Está bem? Está mal? Como ela está?

— Não sei. Não sei. Eu fiquei aqui para avisá-lo, caso retornasse.

— Então vamos! Vamos para lá agora mesmo!

Entramos no carro.

— Para que lado, Elimar? — perguntei-lhe afobado.

— Em frente, depois entre à direita; na avenida, entre à

esquerda.

Antônio saiu em alta velocidade. O bilhete estava em minha mão, eu o apertara tanto entre meus dedos que estava amarrotado. Desdobrei-o, com mãos trêmulas. Ao abri-lo, reconheci a letra. Era mesmo a de Caresa: letrinhas miúdas, pontiagudas, garatujas escritas por uma mão trêmula, comandada por um coração despedaçado.

"Caio,

*Meu Romeu, meu príncipe encantado, amor meu, sol da minha praia. Sei que você não vai me acreditar, nem me perdoar. Mas desejo contar-lhe o que ocorreu nesta noite terrível. Sei que não deveria ter ido à casa de minha prima. Mas toda a minha culpa se resume nisso, em ter ido àquele lugar. Ela enganou-me, Caio. Disse-me que você estava esperando por mim na casa dela, que era uma surpresa e que ela era minha amiga. Eu não sabia que ela estava com aquelas pessoas esquisitas em sua casa. Gina me disse que você estava para chegar e deu-me uma bebida de sabor doce, mas de efeito terrível como veneno. Minhas lembranças mais claras vão somente até o momento que bebi aquele maldito copo de bebida. Oh Caio, coisas terríveis aconteceram-me. E eu estava indefesa, era como se estivesse presa de um horrível pesadelo. Pela manhã, acordei num lugar imundo. Na companhia de um sujeito horrível, bruto como um animal selvagem, um bandidinho cruel. Ele me bateu e abusou de mim. Xingou-me com todos os mais feios nomes que se pode dar a uma moça. Disse que há muito tempo me desejava, e que eu era uma orgulhosa, uma burguesinha, e que você era um covarde.*

*Oh, como estou infeliz, como sofro neste momento! Não são os ferimentos em meu corpo que estão a doer, mas a tristeza em minha alma, o medo de que você não creia em minhas palavras. Caio, meu querido, eu te amei e te amo tão intensamente. Mas agora descobri que seu amor por mim é superficial... Minha mãe me disse que você não quer me ver nunca mais...*

*Lembra-se do lhe disse quando você teve medo que eu me atirasse da marquise do museu? Eu disse-lhe que me mataria se perdesse o seu amor; sei que perdi o seu amor, porque sei que o vai escrito nesta carta parece uma mentira grosseira. Mas quero que saiba que não menti daquela vez e que, por mais absurda que possa lhe parecer, também não minto agora. Minha vida sem o seu amor*

*não faz nenhum sentido. O que há de mais doloroso nesta partida é que não vou levar nem mesmo o seu beijo junto de mim para a eternidade. Eu te amo muito,*

*Caressa."*

Ao terminar de ler a carta eu estava transtornado com tudo aquilo. "Como não haveria de crer em você, Caressa?" pensei. Se até mesmo eu fui vítima da astúcia diabólica de sua prima. O que eu não perdoava em mim mesmo era ter sido tão tolo em acreditar nas palavras venenosas daquela serpente maligna. As lágrimas me banhavam o rosto. O ódio brotava em cada célula do meu corpo. O carro avançava veloz. Chegamos. Subimos correndo a rampa que dá acesso à recepção do hospital. Elimar tomou as informações necessárias e, então, seguimos pelo corredor indicado, depois dobramos à esquerda. Vimos dona Solange. Estava sentada em um banco encostado à parede oposta da sala da UTI. Aproximei-me dela com passos maiores que minhas pernas. Quando percebeu-nos levantou-se e caminhou em nossa direção, com olhos inchados pelo pranto.

— Minha menininha... o que fizeram com minha menininha?

— perguntou ela entre soluços, ocultando o rosto em meu ombro.

— Como ela está?...

— Inconsciente... Toda machucadinha... Foi um feitiço, Caio... Foi um feitiço que fizeram... — explodiu em dolorosas lágrimas de mãe. Diante de sua dor, por um momento me tornei forte.

— Calma...o importante é que ela está viva... ela vai se recuperar. Caressa é teimosa. A senhora vai ver... Venha, sente-se aqui. Vamos aguardar. Ela vai ficar boa.

Sentamo-nos. Para nosso consolo não demorou muito para que um médico saísse à porta.

— Mãe — disse o médico —, ela está reagindo bem... Ainda não fizemos uma tomografia. O que significa dizer que ainda não dá para saber se ocorreu uma lesão craniana. Tenham paciência que tudo haverá de correr bem.

— Obrigada, doutor! — resmungou ela. Depois o médico se foi pelo corredor.

— Uma macumba, Caio! — insistiu a mulher. — Você leu o bilhete que ela escreveu para você?

— Sim.

— Prima amaldiçoada. Foi ela quem encomendou o feitiço à Eloá! Foi ela quem roubou a peça de roupa de Caressa. Ela foi a autora de toda esta desgraça...

Sentado naquele banco frio, apenas uma coisa ocupava minha cabeça: encontrar o marginal que machucara Caressa. O ódio era tão pujante que chegava quase a me sufocar. Era mais que ódio, era vergonha misturada a um desejo de vingança. Era uma incontrolável necessidade de cobrar-lhe, olho por olho e dente por dente, o mal que ele tinha feito a minha amada. Quando ela voltasse à consciência, como eu haveria de olhar em seus olhos, sabendo que os responsáveis por aquilo estavam impunes? Senti-me, naquele instante, o mais ignominioso, o mais impotente dos mortais sobre a face da Terra. “Quero acertar as contas com eles, antes mesmo que ela volte à consciência”, pensei. Isso seria um pequeno presente para ela. Esta idéia encheu-me o espírito de um desejo incontrolável.

— Esperem-me aqui! — disse para os dois — Não vou demorar. Vou acertar as contas com o facínora que fez isso a Caressa.

— Fique aqui, Caio! Caressa precisa de você aqui! — implorou a mulher.

— Não vou demorar, dona Solange — respondi-lhe.

— Aquele rapaz é um trombadinha, Caio... Pode ser perigoso! — advertiu-me ela, mas minha decisão era inapelável. Dei-lhes as costas.

Antônio parou o carro em frente ao portão da casa de Gina.

— Será que ela realmente tem conhecimento do endereço desse rapaz?

— Tenho certeza disso, Antônio. Manobre o carro enquanto faço-a sair — desci e bati palmas. Ela saiu com ar melindrado: “A desgraçada já sabe dos acontecimentos”, pensei. Ela caminhou na direção do portão. “Vem! Vem! Vem!”.

— Poxa vida, Caio, que coisa terrível... uma amiga minha esteve aqui... — antes que ela terminasse de pronunciar mais uma de suas mentiras lancei minha mão em seu braço e o apertei violentamente, dizendo-lhe:

— E contou tudo a você, não é mesmo?

— Caio, eu não tenho culpa de nada... Você está machucando meu braço. Largue meu braço...

Abri a porta do carro e a enfiei lá dentro.

— Para onde vamos? — indagou, assustada.

— É você quem vai dizer para onde vamos! Para qual lado vamos, Gina?! — gritei-lhe.

— Não estou entendendo...

Antônio arrancou com o carro.

— Quero saber onde mora o seu maldito cúmplice!

— Não tenho cúmplice. Não sei do que está falando!

— Não se faça de sonsa!

Antônio blefou com uma voz ameaçadora:

— Quer que eu a faça falar, patrãozinho?

— Você poderia, Antônio?

— Sim. Conheço alguns truquezinhos muito cruéis, mas bastante eficazes.

— Então, quer experimentá-los? — perguntei à moça.

— Dobra a primeira rua à direita — murmurou assustada.

Chegamos à casa. Paramos a uns trinta metros de distância. Dali dava para vê-la: a habitação sequer merecia o nome de casa. Era uma pocilga. Um verdadeiro esconderijo. A rua era sem calçamento e os esgotos corriam a céu aberto, em profundas valetas a cada um dos lados. A frente era cercada por uma balaustra apodrecida e a pocilga dava pena e medo de se ver. Um casebre antigo, com rachaduras sulcadas nas paredes, o reboco caído, expondo tijolinhos de barro. Na frente, via-se uma velha veneziana, no fundo do quintal uma montanha de papelão e sucatas. Aquilo se assemelhava a um pequeno depósito de ferro-velho. Ao pensar que Caressa havia passado a noite naquele lugar deprimente, a tristeza e a cólera voltaram como um vagalhão sobre mim.

— Aquele é o Gaviola! — observou Gina, referindo-se a um rapaz que vinha na direção do portão da pocilga.

— Então, é ele!

Era um rapaz com aproximadamente a mesma idade minha. Tinha o mesmo corpo que o meu, sendo, talvez, um pouco mais baixo. Os cabelos eram crespos e as feições carrancudas, embrutecidas. Vestia-se com uma jaqueta, calçava um tênis que pode se descrito como nojentos.

— Antônio — disse ao meu companheiro, vou acertar as contas com aquele mau caráter. Peço-lhe que não interfira no curso desse ajuste... Mesmo que eu leve a pior deixe-me debater com honra até o último fôlego de vida. É uma questão de justiça para com Caressa, e honra para mim. Aliás, agora a vida não me agrada o

suficiente para que eu tema perdê-la e a morte não me inspira nenhum medo. Mas, se ele levar a pior, não me impeças de esvaziar todo o meu ódio em sua fuça imunda. O diabo deve estar ansioso em receber sua alma nas profundezas do inferno.

Busquei os olhos de Antônio no retrovisor:

— Combinado?

— Combinado!

Desci e caminhei na direção da pocilga. Uma tábua colocada entre as duas beiradas da valeta fazia a vez de pinguela. Coloquei um pé sobre a tábua e o outro na beirada em frente à balaustra. Bati palmas. Para minha sorte foi o repugnante rosto de Gaviola que deu uma olhadela pelo batente da porta. “Será que ele vem?”, perguntei. Como se tivesse entendido meu pensamento, ele saiu em minha direção. Enfiei a mão no bolso a fim de sentir em minha mão o metal duro e frio do soco inglês.

— Fala, cara!

— Você é o Gaviola? — afirmei, mais que indaguei.

— Sou. Por quê?

— Sabe quem sou?

— Ele deu um risinho de escárnio:

— Claro que sei, burguesinho. Você é o namorado daquela endelinha que arrastei prá maloca esta noite...

— Você a drogou e a machucou...

— Alto lá, burguesinho! Droguei, vírgula. Isso aí quem fez foi a priminha... agora, a trepada, sim! Isso fui eu! — disse-me sorrindo, expondo dentes putrefatos. Aquilo fez correr um rio de adrenalina em minhas veias. Tirei a mão do bolso e disparei um cruzado em sua cara. Ele esquivou-se com experiência de um moleque de rua, sem um único raspão.

— Ah, então o *boyzinho* quer brigar, hein? — indagou colocando os punhos fechados diante do rosto e gingando o tronco de um lado para o outro dos quadris. Eu saltei sobre a pinguela.

— Venha aqui para a rua, miserável!

Ele não ser acovardou. Saltou sobre a pinguela e me encarou com olhos homicidas.

— Então, *boyzinho*... fiz a parte mais difícil para você, cara!

— comentou sarcástico — E você ainda vêm aqui para brigar? Gosta de apanhar, é isso?

Eu lhe dei outro golpe desajeitado. Ele se esquivou e devolveu-me um soco violento que me fez turvar a vista esquerda. Eu

estava descontrolado e reagiu emocionalmente a este golpe baixando a guarda e me arremessando sobre ele com os braços praticamente abertos. Tomei outro violento golpe! Ele escarneceu baixando os braços:

— Opa, o “pó de arroz” veio do Morumbi para apanhar aqui na quebrada!

Tentei aproveitar a oportunidade e desferi outro golpe, outra vez ele esquivou-se e acertou-me com novo golpe no olho esquerdo.

— Isso é para você aprender a não se meter com as cadelinhas do território alheio! — berrou — E aquela cadelinha orgulhosa é minha! Ouviu? Minha!

O supercílio esquerdo sofrera um corte com o golpe e o sangue começava a correr por dentro do colarinho da camisa. As lágrimas rolavam em meu rosto. Não era de dor. Era de raiva por estar ouvindo aquelas humilhações e justo daquele de quem desejava me desferrar. Ele saltava de um lado para o outro, ginguando com zombaria, as pernas e o tronco.

— O *boyzinho* está bem equipado... soco inglês e tudo. É importado, *boyzinho*? Pena que o soco inglês não briga sozinho, não é mesmo?

Foi, então, que me lembrei das aulas de Caressa: “Esquerda para baixar a guarda, direita com violência! Esquerda para baixar a guarda, direita com violência!”.

— Agora eu vou partir sua cara. Venha *boyzinho*! Venha!

“É agora!”, pensei. “Esquerda” — dei-lhe um golpe sem muita força para baixar a guarda. E ele baixou a guarda! “Direita” Impus, com violência, toda a força de meu corpo unicamente no punho direito. A cabeça de Gaviola balançou sobre o pescoço. Seu olhar tornou-se um pouco vago, suas pernas tremeram com o peso do corpo.

— A coisa é séria, não é mesmo? — gracejou ele.

Veio para cima de mim, recomposto, e me acertou de raspão com a direita. Eu movimenteimei-me de um lado para o outro, imitando seu jogo de cintura. “Esquerda para baixar a guarda, direita com violência”. Acertei-o e em cheio! Gaviola ficou gogue. “É agora”. Eu tinha que aproveitar a fraqueza de meu adversário. “Esquerda. Direita. Esquerda. Direita. Esquerda”. Desferi-lhe um golpe certo que os narradores de pugilismo chamam de gancho: Direita com violência! Gaviola caiu. Parecia um frango com o pescoço

destroncado, debatendo-se no chão. Eu engoli minha saliva, o gosto ferruginoso de sangue me fez lembrar de Caressa. Ali estava o autor de minha desgraça: jogado no chão, aos meus pés, indefeso, à mercê do meu ódio e da minha vingança, tal como minha amada estivera à mercê de seu sadismo! Então me tornei tão cruel quanto ele e me pus a chutá-lo no rosto, na barriga, no rosto. Era preciso algo mais... Mirei o vértice de suas pernas e desferi um violento chute em seu sexo. Ele gemeu retraindo todo o corpo.

— Isso é pelo que fez a ela! — berrei.

Ao invés de este meu último gesto atenuar o ódio parece ter produzido um efeito contrário. Eu queria algo mais justo e merecido para aquele vilão. Vi um paralelepípedo a menos de um metro daquele corpo que gemia indefeso no chão. Não posso dizer que, naquele instante, eu tenha pensado em alguma coisa, porque não pensei. O que me movia era apenas ódio. Ódio cego. Abaixei-me e peguei aquele cubo maciço e pesado com as duas mãos, levantei-o acima da cabeça e... uma mão me impediu de executar meu nefasto desígnio. Virei-me e, sob uma cortina de lágrimas, com vista embaciada, vi o rosto de Antônio.

— Não, Caio! — disse ele, quase numa súplica.

Eu joguei a pedra na lama e me lancei ao seu ombro chorando sem parar. Caminhamos até o carro. Quando olhei para dentro do carro vi aquele rosto traiçoeiro, a verdadeira autora do meu sofrimento. Abri bruscamente a porta do lado em que ela se encontrava sentada. Puxei-a pelo braço. E, aproximando-a de meu rosto, fitei-a bem nos olhos.

— Diga para mim de que matéria você é feita! Diga! Porque, humana, você não é... Você é qualquer coisa, menos humana! O que corre em suas veias? Ácido? Vinagre? Linfa, apenas?

— Perdoe-me, Caio! Perdoe-me!

— Sua voz... Sua voz agride minha alma. O seu ser me repugna. A lama é o seu lugar! — arremessei-a no esgoto pútrido, no charco de lama estagnada e mal cheirosa da valeta.

—Eu te amo, Caio! — gritou, levantando-se imunda da lama — Fiz tudo por amor! Eu te amo, desde o primeiro momento que te vi! Perdoe-me! Perdoe-me!

— Cale a boca! — berrei em prantos — Não ouse conspurcar essa palavra na imundície de sua boca! Você não sabe o que é o amor! Você não sabe o que ela sente por mim, se soubesse não faria um milésimo do que nos fez.

— Foi por amor, Caio! Acredite-me! Foi por amor!

— Foi por inveja...

— Não, Caio. Foi por amor! — gritava com histerismo, banhando-se em lágrimas. Entrei no carro. Bati violentamente a porta. Abaixei-me sob o painel e coloquei as mãos nos ouvidos.

— Toca este maldito carro, Antônio! Não quero ouvir esta voz, não quero ver esta víbora traiçoeira!

Momentos depois eu sentia, pela suavidade com que o carro deslizava sobre o asfalto uniforme, que já seguíamos na direção do hospital. Continuei ali, abaixado até o estacionamento do hospital. O supercílio esquerdo e o lábio direito começavam a doer. O sangue estava coagulado sobre o ferimento e ressecado sobre a pele. Ao descer do carro me senti mais leve, me senti redimido. Aquela luta corporal e as palavras que dissera à prima desnaturada funcionaram como uma catarse. Agora eu não teria vergonha de olhar no rosto de minha amada. Entrei no hospital e me encaminhei para a UTI. Tão logo dobrei o corredor pude ver dona Solange. Sua expressão era de uma alegria reservada. Por um momento quase sorri.

— Caio! — exclamou pondo a mão na boca — Que foi isso?

— Nada grave, dona Solange. São ferimentos superficiais...

— Quem lhe fez isso, menino?

— Quem fez está bem pior. E se ainda está vivo deve sua vida ao Antônio, não a mim. E Caressa, como está? — a mulher fez um breve suspense. Seus lábios se abriram.

— Recuperando-se. Está consciente...

— Já falou com ela?

— Ainda não. Ainda hoje, o médico nos permitirá vê-la.

As lágrimas encheram-me os olhos. Chorei.

— Que isso, Caio?

— Felicidade! — baluciei —, felicidade por sabê-la viva.

— Que rapaz mais emotivo! — disse cuidando para não chorar também.

A noite já estava em curso quando o médico nos autorizou vê-la. Aproximei-me da cama ocupada por Caressa. Ela estava com os olhos fechados. O direito intumescido, com um pequeno hematoma entre a maçã do rosto e o olho. A cabeça estava completamente despojada da linda cabeleira negra. Tinha sofrido um corte profundo; podiam-se ver as linhas entrelaçadas dos pontos que tinham costurado o ferimento. Seu rostinho estava lívido, os lábios,

pela primeira vez, estavam pálidos. Peguei sua mão entre as minhas:

— Caio? — murmurou

Beijei-lhe a mão, com suavidade.

— Sim, minha Caressa!

Ela abriu os olhos devagar e suas feições sorriram sutilmente para mim.

— Saudade? — perguntou ela.

— Muita!

— Machucou-se? — perguntou-me, com uma nota de preocupação na voz.

— Nada grave... “Esquerda para baixar a guarda, direita com violência”. Foi um treino.

— Um treino?

— Com o soco inglês...

— É?

— Acertei a fuça do mau caráter que raptou você...

— Como foi?

— Quase o fiz engolir o soco inglês.

Os lábios se contraíram num sorriso débil.

— Queria ter visto...

— Se não fosse o Antônio, eu teria lhe esmagado a cabeça com uma pedra.

Ela tornou-se séria.

— Antônio lhe fez bem... Queria vê-lo morto. Não que você o matasse.

Houve um instante de silêncio. Ela reprimiu um soluço, revivia na alma o sofrimento da noite anterior.

— Nada de choro! — intimei, colocando os dedos em seus lábios.

— Ele me machucou...

— Esqueça isso — pedi-lhe.

— Meu corpo não é digno do seu amor, Caio.

— Seu corpo e sua alma são dignos de todo o meu amor,

Caressa!

— Como pôde acontecer tudo isso, Caio?... Como?

— Sua mãe diz que foi um feitiço, uma macumba...

— E você... o que diz?

— Que amo você!

— Do mesmo jeito que me amava?

— Com a mesma devoção que eternamente a amarei.

Caressa soltou dois incontidos soluços e as lágrimas rolaram de sua face exangue.

— Eu estava com tanto medo... Tão confusa... me desculpa... eu queria que você acreditasse em mim.

— Acredito. E acreditaria em suas palavras apenas, no seu silêncio, no brilho de seus olhos... Agora não chora, Caressa! — eu continha minha própria emoção — Vamos. Para que chorar? Agora está tudo claro, e tudo vai acabar bem.

— Tenho medo de perdê-lo.

— Não tema porque nada vai tirar você de mim.

— Tenho medo de morrer... Se morrer, o perderei para todo o sempre

Fiz-lhe o gesto característico de quem solicita silêncio:

— Não! Não diga isso... Não vai lhe acontecer nenhum mal, você vai ver. Não vai!

— Dê-me um beijo, Caio! Dê-me um beijo!

Enxuguei as lágrimas de meu rosto, inclinei-me sobre ela. Seu rosto recendia a formol e seus lábios estavam frios e ressecados. Beije-a, com suavidade e devoção.

— Eu te amo, Caressa. — sussurrei em seu rosto como se fosse um segredo entre nós. Creio ter visto um sorriso.

— Oh, Caio... Meu Caio...

— Sua cabeça está pelada como a de um bebê recém-nascido, sua louquinha.

— Eu nasci cabeluda...

— Não duvido. Agora vão demorar alguns meses para crescer-lhe novamente os cabelos... — ela riu. O médico, educadamente solicitou nossa retirada. Beije-a.

— Amanhã pela manhã estarei aqui! — disse-lhe.

Caressa segurou minha mão.

— Queria vê-lo mais uma vez... — disse-me. — Sabe que meu namorado é muito bonito? — eu sorri.

— É o seu coração que me olha, não seus olhos.

Beije-a e deixamos a sala.

Voltei para casa tenso, triste. Mas era uma tristeza esperançosa, uma tristeza cheia de alegria. Não era uma alegria revelada, exuberante, mas um sentimento recolhido. Era uma semente plantada em meu espírito, uma semente fecundada pela convicção da reciprocidade de nossos sentimentos. Era uma alegria proveniente da certeza de que tão logo ela deixasse aquele hospital

nossos sentimentos haveriam de se realizar. Talvez Antônio tivesse relatado os acontecimentos à minha mãe. Jamais lhe perguntei se, na ocasião, ele os revelara ou não. A verdade é que, naquela noite, mamãe pareceu-me compenetrada, solidária com o meu sofrimento. Quando cheguei, ela não fez nenhuma pergunta, o que escapava da regra. Apenas olhou-me com olhos solidários, ou olhos de mãe; talvez.

Eu não estava sentindo fome, mas comi alguma coisa. Afinal a ordem agora era recuperar tudo aquilo que eu havia perdido. Eu precisaria de forças, para estar no outro dia ao lado de Caressa, inspirando-lhe de novo a vida. Subi para o quarto. Abri a vidraça e até voltei a tocar para a noite estrelada, uma noite fria, de inverno. E me deitei. Queria dormir rapidamente, posto que o sono abreviaria o tempo que me separava de Caressa.

# 12

## *Chuva de Novembro*

*Segunda-feira, 31 de julho de 1978.*

*O dia haveria de ser longo. Antônio me levaria ao hospital e só me buscaria à tarde. Foi o que combinei com mamãe. Ela me deu cinquenta cruzeiros para que eu almoçasse. Disse que não queria me ver adoecer. Vesti-me com capricho. Queria que Caressa me visse com emoção renovada.*

*No caminho, pedi ao Antônio que passasse no shopping. Depois de circular por várias lojas, consegui o objeto que tinha em mente. Antônio se mostrou curioso em saber o que eu havia comprado. E eu não ocultei de meu amigo. Não era nada demais: apenas uma tiara forrada com tecido branco e com uma minúscula florzinha fixada ao lado direito. Queria tornar a cabecinha grega de Caressa ainda mais bonita e delicada com aquele adorno infantil.*

O carro avançava pela estrada e eu ia com o rosto quase colado no vidro, com os olhos correndo pela paisagem urbana. O céu estava azul e o sol, embora tímido, inundava o ambiente com sua luz. Meu espírito estava sereno, apaziguado, quase feliz. Tinha motivo para isso: “mamãe parecia ter se rendido à inexorabilidade de meu amor. Os inimigos declarados, e os não declarados, estavam derrotados. Eu amava Caressa e ela me amava. Seria apenas uma questão de tempo e estaríamos juntos para sempre. Agora, nada haveria de nos separar. Queria estar com ela vinte e quatro horas por dia”. Estes eram os pensamentos que desfilavam em minha mente.

De repente, mirando a paisagem, percebi que o céu havia se tornado tenebroso. O sol tinha sido encoberto por assustadoras nuvens negras. A paisagem se tornara acinzentada e ventos sinistros envergavam as copas das árvores.

— O que acontece com o tempo, Antônio?

— A meteorologia anunciou chuva para hoje — informou.

Um vento gelado fez eriçar todos os pelos dos meus braços.

— Seu *vitro* está fechado, Antônio?

— Sim.

— Que vento frio foi esse, então?

— Vento frio? Só lá fora, patrãozinho... eu não sinto nada.

— Sim! Um vento frio, Antônio...

Senti novamente o vento frio. Só que desta vez, eu o senti soprar de dentro para fora do meu corpo.

— Um mau presságio, Antônio! É isso o que senti! Um vento gelado como o sopro da morte em meu coração!

— O que lhe está acontecendo? — perguntou reticente.

— Corre, Antônio! Corre! — gritei — estou pressentindo algo terrível, uma emoção estranha encheu meu coração com um líquido gelado, como se parte de mim estivesse morrendo! Minha alma, Antônio! É isso! Parte de minha alma está morrendo!

Lancei-me, ao assento do carro e comecei a chorar.

Assim que Antônio estacionou o carro, saí em disparada na direção da sala em que, na noite anterior, eu tinha visitado Caressa. Ao dobrar o corredor, minhas pernas ficaram trêmulas e recusaram o comando do cérebro. Talvez estivessem a acatar o comando do coração que se recusava a acreditar naquilo que eu estava vendo: Solange chorava, com inconsolado histerismo, nos ombros de Elimar, sacudia-o, apertando-lhe pelos ombros:

— Não! Minha menininha, não! Minha menininha, não!

Meu coração, que até então batia violentamente, parou para ouvir o pranto daquela mãe.

— Elimar! Elimar! Porquê? ...Diz que não! Oh, meu Deus! Minha filhinha, não!

A tiara escorregou das minhas mãos e caiu ao chão. Caminhei devagar na direção dela. Ela me viu e correu em minha direção. Chocou-se bruscamente contra meu corpo e seus braços fortes me envolveram.

— Oh, Caio, que terrível! Que terrível! Caressa... Caressa... morreu. Minha filha morreu! — seu corpo sacudiu-se em incontrolláveis soluços e ela não disse mais nada, apenas gritava.

As lágrimas escorriam em meu rosto. Minha força tinha abandonado meu corpo. Elimar segurou dona Solange na tentativa de consolá-la. Eu ainda caminhei incrédulo até a porta da UTI para me certificar do que acabara de ouvir. Mas, dali, não dava para se ver nada. Virei-me para o outro lado e me sentei no banco junto à parede.

A verdade é que o choque emocional tinha sido tão brutal que minha razão e os meus sentidos por um momento ficaram suspensos, como se eu estivesse dopado. Então despertei e uma intensa dor se irrompeu em meu peito. Gritei:

— Não, Caressa! Isso não!

Deitei-me no banco gelado e me embriaguei com minhas próprias lágrimas.

Não sei dizer por quanto tempo chorei sobre o balcão do hospital, pois só me recordo de quando comecei a chorar e que, depois de um intervalo inconsciente ter, acordado em minha cama. Abri meus olhos e lentamente o teto do meu quarto, com o enorme lustre no centro, foi ganhando nitidez de cores. Alguém, sentado à cabeceira da cama segurava minha mão, virei a cabeça: era minha mãe.

— Como está meu filhinho? — perguntou-me com voz maternal. Não respondi, apenas condescendi em olhá-la por algum tempo. Depois, virei o rosto.

— Hoje é domingo? — indaguei sem olhá-la.

— Não, Caio... hoje é segunda-feira. Passa das dez da noite.

— De onde eu vim?

— Como, de onde veio, Caio? Não se recorda? Veio do hospital...

Eu me recordava perfeitamente, mas queria acreditar ter sonhado tudo aquilo. As lembranças voltaram, torrenciais e dolorosas. Perguntei-lhe, com voz embargada:

— Caressa morreu?

Mamãe apertou minha mão, sem responder.

— Morreu, não morreu? — insisti.

— Mantenha sua esperança em Deus, meu filho — respondeu-me ela. — Deus sabe o que faz... Você vai ver como ainda se apaixonará por muitas mocinhas lindas em sua vida.

— Eu não quero nenhuma mocinha linda... Quero Caressa! — respondi-lhe com voz amargurada. Mamãe me enxugou o canto dos olhos, inclinou-se sobre mim e me beijou a testa:

— Tente não pensar em nada agora...

De nada me adiantavam suas palavras. O sofrimento estava instalado em meu corpo, em minha alma, e, novamente, emergia frio e impetuoso. Ali estava minha mãe, a meu lado, me apertando a mão e beijando-me a testa. Tão perto e tão distante. Não, ela não sabia o que eu estava sentindo. Ela desconhecia os momentos bonitos que eu

tinha vivido com Caressa. Desconhecia que, apenas para fazer-lhe um retrato, eu havia furtado as abotoaduras de ouro. Desconhecia que para conquistá-la, havia roubado uma flor. Desconhecia que, para vingá-la, eu quase havia matado uma pessoa. Mãe desconhecia a beleza e dimensão do meu amor e, conseqüentemente, escapava-lhe a intensidade de minha dor. Lembrei-me de Antônio. Só Antônio poderia me consolar. Ele não precisava me dizer nada, assim como eu não precisaria dizer nada para ele. Bastar-me-ia a sua presença.

— Chame o Antônio, mãe.

— Você o quer aqui?

— Sim. — murmurei

Ela não acrescentou nenhuma palavra, apenas se levantou e saiu. Momentos depois, Antônio sentava-se à beira da cama. Virei-me para o seu lado. Olhos inchados, lábios contraídos. Nada dissemos. Ele apenas me abraçou e eu chorei. Depois, como se ainda não fosse de seu conhecimento, informei-lhe entre prantos:

— Ela morreu, Antônio. Ela morreu...

Ele batia a mão de leve em minhas costas.

— Sim. Morreu, patrãozinho. Seu corpo morreu...

— Eu deveria ter esmagado a cabeça daquele desgraçado, Antônio. Eu deveria! — ele apertou-me em seus braços:

— Você poderia ter esmagado um homem e, até mesmo, um exército de homens, mas não o destino, Caio.

— Ah, como dói! Como dói em mim! Como dói!... Dói em meu peito, Antônio! Em meu coração... Dói em meu espírito... Em meu espírito...

— Em mim também, Caio! Em mim também...

Depois, enxugando as lágrimas no travesseiro, perguntei:

— E o funeral?

— Será amanhã...

— Você me leva ao funeral?

— Gostaria de não o levar, patrãozinho, mas o levo.

— Obrigado!

Mãe entrou com um copo de leite e um comprimido e me fez beber. Dormi novamente.

O funeral aconteceu na terça-feira, pouco depois do meio dia, num grande cemitério municipal da parte leste da cidade. O cortejo foi tão humilde quanto o próprio enterro: apenas três veículos acompanharam o negro carro funerário. O cortejo parou na capela do cemitério, onde um padre fez uma oração. Seguimos a pé por

alamedas que se cruzavam pelo enorme terreno coberto de jazigos e cruzes. Um sol vigoroso brilhava sobre nossas cabeças. Antes de descer o ataúde à sepultura, abriu-se a tampa, pela última vez. Dona Solange chorava desconsolada e segurava com tanta veemência um lenço que dava a impressão de desejar torcê-lo. E dizia coisas sem sentido, frases inacabadas, suspirava e derramava lágrimas, muitas lágrimas. Depois ela disse algo que tinha um sentido completo. Ou melhor: já estava dizendo. Eu é que não conseguia apreender seu significado:

— Foi uma menina egoísta, do princípio ao fim — disse para Elimar — Desde o primeiro choro na maternidade, até o último suspiro de vida. Ela não podia ter nos deixado, não podia!

Eu me aproximei do ataúde e a olhei em silêncio.

Caressa dormia em sua caminha de rosas brancas. Seu rostinho, como o de um anjo, emergia do colchãozinho de rosas. As pálpebras estavam fechadas pela última vez. Sua frente estava adornada com meu presente: a tiara branca. Eu chorava baixinho, sem forças para um pranto espalhafatoso como o de dona Solange. De repente a última frase de sua carta me veio à cabeça: “o que há de mais doloroso nesta partida é que não vou levar nem mesmo o seu beijo junto de mim para a eternidade”. Inclinei-me sobre seu rosto e a beijei. As lágrimas umedeceram a maquilagem do rosto dela. Sussurrei-lhe ao ouvido:

— Agora tem o meu beijo, mas não é só meu beijo que levará com você para a eternidade... Junto de você também vai minha alma e meu coração.

Depois me coloquei ereto, engolindo em seco esta angústia terrível que se forma na garganta. A tampa do ataúde foi lacrada e dois funcionários do cemitério, com duas cordas, fizeram-no descer na cova aberta na terra nua. As pessoas jogaram punhados de terra que produziam um ruído surdo ao chocarem, no fundo da cova, com a tampa de madeira. Em seguida os coveiros encheram rapidamente a sepultura e formaram um pequeno monte retangular de terra sobre o túmulo. Foram depositadas três coroas de flores e fincada uma ripa indicando a quadra e o jazigo. Lentamente as pessoas foram se retirando. Só restei eu...

Permaneci ali, imóvel; olhando em silêncio para aquele monte de terra encimado por três tristes coroas de flores. Agachei-me para que nossos corações ficassem o mais próximo possível. Não me ocorria nenhuma idéia, apenas a dor. É estranho como o sofrimento

e a dor silenciam nossas palavras e até mesmo os pensamentos. Minha alma parecia perdida num mundo sem significado, um mundo fantasmagórico, vazio, sem nomes. O sol já tinha perdido o apogeu da tarde e declinava. O crepúsculo, mortalmente tingido pelo formol, anunciava a noite. Alguém me cutucou com insistência e eu me virei. Era um funcionário do cemitério que me fazia regressar ao mundo dos vivos. Eu fiquei contemplando o rosto ossudo do homem com a vista embaciada de lágrimas. Sua frase repetiu-se por milhares de vezes em minha cabeça, antes que eu entendesse o que ele estava dizendo:

— Rapaz, o cemitério já vai fechar... Você tem que ir agora. Poderá retornar amanhã. Abre às sete.

Foi quando o primeiro pensamento surgiu em minha mente: assim que partisse Caressa ficaria sozinha naquele buraco escuro, naquele lugar horrível, repleto de almas carregadas de maldade. Logo ela, que era tão pura. Olhei mais uma vez para a ripa com os números da quadra e da sepultura. Dois números, apenas. Ali estava todo o meu mundo. Ali estavam todos os meus sonhos juvenis, o grande amor de minha vida! Enxuguei as lágrimas e comecei a descer. Logo abaixo do jazigo de Caressa vi um túmulo com um grosso maço de rosas amarelas. Aproximei-me. Com certeza teriam sido depositadas ali naquele dia, pois ainda estavam frescas e alguns botões ainda estavam por abrir. Escolhi a mais robusta e a tirei do maço. Retornei ao túmulo de Caressa.

— Roubei para você, Caressa... Para conquistar o seu amor! — disse ao depositar a rosa junto ao pé da placa com os números.

Voltei pelo mesmo caminho por onde passara o cortejo. Ao levantar a cabeça, vi Antônio. Estava de pé, próximo à capela, o olhar voltado em minha direção, as mãos metidas no bolso da blusa. Talvez tenha ficado ali o tempo todo e, se meus sentimentos o exigissem, ele passaria a noite ali, como uma estátua. Jamais conheci homem mais humano e paciente em toda minha vida. Passei por ele e entrei no carro. Ele contornou o veículo, entrou e sentou-se. Ficou em silêncio por um longo período. Ouvia-se apenas minha respiração entrecortada, meu choro contido. Perguntou-me:

— Para onde vamos?

— Para qualquer lugar. Menos para casa.

Depois que o carro ganhou velocidade, eu lhe pedi:

— Antônio, pode fazer o mesmo percurso daquele sábado.

— Cinema e Avenida Paulista?

— Sim.

— Talvez, fosse melhor não o fazer. Isso trará lembranças dolorosas, Caio...

— Por favor, Antônio... Eu quero sofrer muito... Todo sofrimento que meu corpo puder suportar, não se compara a dor do que estou sentindo... Não se compara à grandeza do amor que perdi.

As ruas estavam movimentadas. Era o horário do *rush*. As pessoas voltavam do trabalho. Passamos em frente ao Marabá. O cartaz anunciava um novo filme, um drama. Não se via a mesma movimentação nos guichês. Talvez, por ser um dia de semana. A florista estava lá, vendendo flores:

“— *Duas dúzias são vinte e quatro, não vinte e três.*”

— Segue, Antônio!

Subimos a Consolação e entramos na Paulista. Meus olhos, à esquerda do carro, procuravam o prédio do Masp. Lá estava... Um caixotão de concreto entre quatro pernas curtas. Antônio contornou e parou com o pisca-alerta ligado. Eu desci e caminhei pelo vão livre, refazendo exatamente a trilha por onde Caressa passara naquela noite. É interessante como as pessoas deixam vibrações por onde passam. Eu podia sentir a presença dela, quase podia vê-la, tocá-la. Sim, alguma coisa dela permaneceu no ar, no espaço por onde seu pequeno corpo atravessara. Aproximei-me da mureta da marquise. E vi Caressa caminhando sobre a mureta, com seu sorriso tenso, lentamente, na minha direção:

“— *Venha pegar-me, Caio.*”

“— *Espere-me, estou indo.*”

“— *Venha pegar-me, Caio.*”

“— *Não, Caressa... É muito perigoso!*”

“— *Venha pegar-me, Caio.*”

“— *Sua louca! Você é louca, Caressa?*”

“— *Foi muito emocionante.*”

“— *Nunca mais faça isso, Caressa!*”

“— *Você acha que eu teria coragem de me jogar lá embaixo?*”

“— *Você é tão imprevisível.*”

“— *Jamais uma pessoa apaixonada tem coragem de se matar. Exceto se...*”

“— *Se?*”

“— *Se perder o amor de quem se ama...*”

A última frase repetiu-se milhares de vezes na minha cabeça, como um eco enlouquecedor. Eu olhava para o escuro chão de

concreto, que aguardava meu corpo quinze metros abaixo.

“— *Se perder o amor de quem se ama.*”

Eu tinha tudo para aproveitar a oportunidade e abreviar minha vida, também... Não o fiz. O destino? A providência? Deus?... A covardia. É vergonhoso dizer, mas creio que tenha sido a covardia. De qualquer modo, eu ainda não tinha bebido todo o sofrimento que me fora reservado pelo cósmico comediante.

Flexionei os cotovelos. Esparramei os braços sobre a mureta e explodi num choro inexprimivelmente infeliz. Antônio levantou-me e, me segurando pela cintura, fez-me caminhar até o carro.

— Acho que é melhor irmos, agora! — disse. Minha resposta foi apenas lágrimas e soluços.

\*\*\*\*\*

Encostado a uma prateleira da estante, Caio Graco chorava baixinho. Levantei-me embaraçado. Apesar de, em pouco tempo, me tornar conhecedor da história íntima do meu anfitrião, ainda não me sentia à vontade para consolá-lo em seu sofrimento. O que haveria de dizer-lhe? Caio Graco agora se entregava a um paroxismo de choro. As palavras escaparam-me:

— Eu o compreendo.

Caio nada respondeu; continuava a chorar copiosamente, como o adolescente de 1979. Para minha salvação, a porta se abriu e o senhor, que havia me recepcionado, deu um passo para dentro da biblioteca e perguntou:

— Deseja alguma coisa, patrão?

Caio nada lhe respondeu.

O homem insistiu:

— Tão logo o desejar, o jantar será servido — informou.

Caio resmungou-lhe:

— Sim, Antônio... muito obrigado.

O velho balançou a cabeça com suavidade e se retirou fechando silenciosamente a porta atrás de si. Caio enxugou os olhos com o braço e retomou a narrativa, com voz ainda embargada, imprimindo-lhe um tom explicativo:

— Narrar é reviver. E eu revivi em minha boca, ainda há pouco, o gosto dos beijos de Caressa e o prazer de tê-la amado. Nada mais justo que sofresse de novo esta coisa terrível que foi a dor de sua perda.

— Caressa — prosseguiu Caio Graco, monologando — sua maior virtude foi a vida! Não no sentido de se prender covardemente

à ela; mas de lhe dar movimento e beleza. O que é a vida em si mesma? Nada, exceto a sucessão dos dias e das noites, sobretudo as noites. A vida em si mesma é insossa, fugaz. E, Caressa, com graça e teatralidade, conseguiu torná-la mais doce que o mel, mais duradoura que um clássico da literatura. Ela permaneceu em mim como heroína shakespeariana. Hoje compreendo porque ela me chamava insistentemente de meu príncipe encantado, meu Romeu. Caressa representou com perfeição o seu papel de heroína trágica, conseguiu produzir em mim todas as emoções que o efeito dessa arte pode produzir no espírito humano: provocou-me o riso, para depois me fazer correr as lágrimas. Cativou-me, para depois me abandonar em sofrimento. Elevou-me ao céu, para depois me lançar ao mais profundo inferno. Mostrou-me o frescor da vida, para depois deitar em meus braços o rosto pálido da morte. Tê-la, foi viver um sonho adolescente, conhecer o limite da paixão humana. Tê-la, foi como se as negras cortinas de minha vida se abrissem para que, ao lado dela, representasse a mim mesmo e para mim mesmo. Perdê-la, foi como se o pano corresse, as luzes se apagassem, fazendo-me retornar à penumbra do ser, à incongruência da realidade.

— Com a morte dela reencontrei o insustentável fardo do meu próprio ser. Minha vida perdera a leveza, o porquê que a fizera levitar por quatro semanas. Sem ela minha existência tornou-se um peso morto... como o chumbo, como um corpo precipitando no poço de trevas da vacuidade infinita do caos.

Depois se abandonou num antigo divã e ficou em silêncio

Alguns minutos depois, Caio Graco, sem levantar a cabeça, disse-me:

— Vá à copa, e peça ao Antônio para lhe servir o jantar... por hoje, basta! Amanhã darei prosseguimento à narrativa.

# 13

## *Chuva de Novembro*

Desliguei o gravador. Esperei alguns segundos na expectativa de que meu anfitrião me acompanhasse ao jantar. Contudo ele permaneceu em silêncio no divã, sem dar nenhuma mostra de que desejasse jantar. Eu estava ansioso pelo prosseguimento da narrativa, mas a fome começava a me torturar.

— Você não vem? — indaguei-lhe à porta da biblioteca.

— Não tenho fome, por enquanto. — respondeu-me.

Fechei a pesada porta e me dirigi para a sala, que julguei ser a copa. Não tinha ninguém. Dirigi-me à cozinha. Encontrei o velho e uma senhora negra.

— Ele não quer jantar? — perguntou o velho, num tom afirmativo.

— Não!

A mulher movimentou-se.

— O senhor deve estar com fome. Vou servi-lo num instante... — disse ela.

— Obrigado.

— Eu o acompanho à sala de jantar — disse-me o velho.

Passamos por duas salas e chegamos à sala de jantar. O mobiliário era em estilo clássico, como quase toda a casa. A mesa era enorme, de madeira escura. Ao me sentar à mesa, me senti estranhamente solitário. O velho permaneceu em pé a me observar com olhos tristes, atemorizados, como se eu lhe despertasse medo ou coisa assim. O silêncio, de fato, era opressor. Perguntei-lhe:

— Há muito tempo trabalha na casa?

— Sim.

— Conheceu os pais de Caio Graco?

— Somente dona Rute e a avó, dona Matilde. O senhor Thales já estava desaparecido quando vim para cá.

— Conheceu o Caio quando ele ainda era adolescente, não é?

— Sim.

— E como ele era?

O velho fez um ar reticente, quase de desagravo, como se, de repente, se sentisse incomodado com a minha presença. Percebi que poderia passar por um inoportuno e tratei de explicar, o mais rápido possível, o motivo de minha presença naquela casa. Acrescentei:

— Não sei se sabe: Caio me contratou para que eu escreva a história de sua vida.

— Sei, sim senhor... E isso muito me entristece.

Esbocei um sorriso.

— Mas, por que o entristece?

— Porque alguém que se põe a escrever a história de sua própria vida é porque a considera uma história encerrada, uma história com um fim já pronto.

Senti-me um estúpido diante da reflexão do velho. Como não pensei nisso?

— É verdade... — murmurei.

— Mas, se a vontade de meu patrão é que se narre sua vida... Eu o respeito... — seguiu-se um silêncio opressor. Perguntei-lhe:

— Trabalha há muito tempo nesta casa?

O velho lançou-me um olhar de consideração, depois puxou a cadeira e sentou-se ao meu lado:

Bem... — disse, depois de um suspiro — comecei a trabalhar nesta casa em janeiro de 78. O motorista anterior viajara por ocasião das festas de fim-de-ano e não mais retornou. Eu o substituí.

— Fale-me alguma coisa da avó de Caio. Você a conheceu, não é mesmo?

— Sim. Eu a conheci tão bem que nos primeiros dias estive próximo de pedir a conta. Dona Matilde era uma mulher arrogante, gostava de humilhar os empregados da casa. Para ela não passávamos de criaturas abomináveis, que as necessidades práticas da vida a obrigava tolerar... mas que a vida vindoura haveria de separar cada um no seu respectivo e verdadeiro lugar. Era muito calada também, só usava a boca para soltar uma ofensa ou uma palavra de humilhação. Parece que tinha um ódio visceral pelo senhor Thales, o pai de Caio. Eu não o conheci pessoalmente e não posso dar nenhum detalhe, a propósito desse ódio. Mas o que sei, é que era jornalista, desses de esquerda, e que, por ocasião de uma greve na Indústria Canaã, ele tomou o partido dos empregados. Ela vivia comentando esse episódio, rogando sempre que sua alma recebesse

|| devida pena no inferno. Uma mulher terrível e tirana.

— E Dona Rute?

— Uma mulher submissa às vontades da mãe. Jamais a vi se rebelar contra a mãe. Raramente tomava o partido do filho, quando avó e neto se indispunham. Tornou-se viúva cedo, quero dizer, não bem viúva, porque a morte do senhor Thales ainda não era confirmada. O fato do marido ter desaparecido fez com que ela se torturasse por toda a vida. Penso que ela era muito orgulhosa para admitir que ainda amava aquele homem desaparecido. Sei, porém, que o amava. Sem que sua mãe soubesse, ela sempre me pedia para irmos ao prédio do Dops, à procura de informações sobre o marido desaparecido. E até a sua morte em 1982, fazia-me com que lhe buscasse os jornais, sempre que os exilados ou desaparecidos políticos retornavam às manchetes. Ela esperou o retorno do senhor Thales até o último momento de sua vida.

— E Caio Graco, como era ele, quando adolescente?

— Quando o conheci era muito calado. A mãe informou-me que ele estava se recuperando de uma depressão. Eu nem mesmo sabia o que vinha a ser isso, mas quando o conheci deduzi tratar-se de uma tristeza profunda. Caio era apático à vida. Passava o dia no quarto, ou sentado nalgum canto, ou absorto na leitura. Não falávamos. Aliás, o rapaz era insociável, não falava com ninguém. Dava pena de ver sua tristeza.

Maria colocou o jantar na mesa.

— Foi nas férias de 1978 que, pela primeira vez, eu o vi realmente vivo, — prosseguiu Antônio. — Caio passou uma semana inteira a tocar seu saxofone pelo jardim, pelos corredores, ao redor da casa. Levantava tocando e, ao deitar-se, ainda estava tocando. Quem desconhecia suas notas no colégio certamente o julgaria um idiota. Mas, não era nada disso! Caio havia conhecido uma mocinha, na verdade, era uma menina. Uma menina temperamental, mas com lampejos de meiguice e doçura. Uma menina dramática, em tudo ela achava um motivo para fazer-lhe uma cena. Quando o levei à casa da menina, foi a primeira vez que conversamos. Com ela, a vida de Caio ganhou vivacidade e ele tornou-se um adolescente, ou melhor: ganhou vida! Ela despertou-lhe a alegria de viver. E com que facilidade ele se apegou àquela menina! Isso, porém, não durou mais que um mês. No fim de julho, veio a tragédia... A menina morreu. Fratum craniana... Foi um gesto infantil... Houve um desencontro entre os dois e ela, para lhe chamar a atenção, jogou-se diante de um

carro. O carro não estava em alta velocidade, e ela só teria tido pequenas escoriações se, na queda, não tivesse batido com a cabeça na guia da calçada. Isso foi num domingo. Na segunda-feira, trinta e um de julho, ao meio dia e vinte, ela morreu... O rapaz quase morreu com ela... Nos dias que se sucederam à morte dela, Caio se entregou àquilo que sua mãe chamava de depressão. Jamais conheci um ser vivente mais indiferente à vida do que esse rapaz. Depois, devagar, ele foi retornando à vida. Não à vida que vivera, ao conhecer a menina, mas àquela vida recolhida de quando o conheci... Só despertaria de novo quando a reencontrou, em setembro de 1992.

— Reencontrou-a?

— Sim.

— Você quer dizer que ele encontrou uma nova paixão?

— Não. Quero dizer que ele reencontrou a mesma alma que a tragédia havia lhe tomado em 1978... Eis o seu jantar, senhor Carlos, é melhor comer, senão esfria.

Atendi ao pedido do velho e passei a comer aquilo que, para mim, era um verdadeiro banquete. Estava comendo com apetite voraz, quando me lembrei de meu anfitrião, na biblioteca. Consultei meu relógio. Passava das dez da noite.

— A que horas o patrão tem hábito de jantar? — perguntei ao homem.

— Há dois meses atrás, a esta altura da noite, ele já tinha jantado.

— E agora?

— Ele não tem se alimentado direito... Tem comido pouquíssimo. Come uma fruta ou bebe um suco, mas nada que dê forças para um homem manter-se de pé.

Lembrei-me da garota que vi na companhia dele na noite que nos conhecemos e indaguei ao homem:

— Isso desde que a última garota o deixou?

— Você a conheceu?

— Sim, há um ano. Depois da apresentação de uma peça de teatro de minha autoria.

— Humm! — resmungou o velho.

Depois se seguiu novo silêncio. Acabei de jantar com a mulher em pé, na minha frente, e o velho sentado a meu lado, cabisbaixo.

Ela pôs-se a recolher as travessas com comida.

— Obrigado pelo jantar! — disse-lhe. — Estava ótimo.

Ela respondeu-me com um sorriso.

— Vou despedir-me de Caio Graco... — disse, levantando-me. — Está ficando tarde e eu ainda dependo de duas conduções.

Na biblioteca encontrei meu anfitrião, abandonado no mesmo divã. Julguei que dormia. Eu encostava suavemente a porta, quando ouvi sua voz:

— Pretende ir embora?

— Sim!

— Por que não dorme aqui? Pelo que pude ver, ninguém o espera em sua casa... — falava com sinceridade, as palavras pronunciadas sem pressa.

— Não. Ninguém exceto aquela senhora que o recebeu no portão, ontem à noite, a proprietária do meu quarto. Tenho que acertar uma pequena pendência com ela.

— A casa tem quatro quartos para visitas, escolha um deles e durma por aí... Amanhã cedo, você vai acertar suas contas. Seria bom que conhecesse melhor a casa. Você pode precisar descrevê-la em nosso romance. Aliás, você não tem carro, tem?

— Não!

— Então. A esta hora da noite o transporte é muito escasso. Amanhã cedo você vai com meu carro. O Antônio sabe onde está a chave.

— Você não vai precisar dele, amanhã?

— Só pela tarde. Pela manhã, se precisar sair, uso o Alfa-Romeo.

— Está bem! — disse-lhe, encerrando a conversa.

— Peça ao Antônio um cheque no valor de quinhentos mil. É um sinal antecipado do seu trabalho de romancista.

Permaneci um momento em silêncio. Minha primeira remuneração como escritor, pensei quase que divertido.

— Obrigado, Caio.

Encostei a porta.

Antônio conduziu-me ao quarto de hóspedes. Na verdade, era uma ampla suíte. A cama era enorme, com a cabeceira em forma de dossel. Uma vidraça, com as cortinas abertas, revelava uma nesga vertical de céu estrelado. Abri a vidraça. Havia acesso a uma pequena mandala, de onde se via praticamente toda a extensão da propriedade: o que Caio Graco chama de pequeno bosque estava à minha esquerda; em frente, via-se o gramado verde em declive, recortado por um pavimento de pedra, que ia desde a garagem até o portão; à direita, a

piscina iluminada, a água resplandecendo um brilho azul claro. Deixei a vidraça aberta e me dirigi ao banheiro. O banheiro, por certo, havia passado por uma reforma recente: os azulejos, os metais sanitários e a banheira de hidromassagem eram de última geração. Enchi a banheira, tirei a roupa e me deitei na água quente. Fiquei mais de meia hora, apenas sentindo a água em meu corpo. Depois me levantei e vesti um pijama, que tinha sido separado por Antônio.

Quando eu já estava adormecendo, o vento fresco da noite entrou pela janela e me despertou. Levantei e fechei a vidraça. Meu relógio indicava quinze para uma da madrugada. O desejo de tomar uma xícara de café tornou-se-me insuportável. Resolvi ir à cozinha procurar por uma dose do meu veneno. Quando cruzava o corredor por entre os quartos, ouvi um murmúrio de voz suplicante que vinha da sala: a voz de Caio Graco. Avancei pelo corredor com passos macios e desci a escada. Ele estava diante do “Retrato de Caressa”, acariciava a tela e resmungava queixoso:

— Caressa, diga para mim onde você está agora! Diga, Caressa! Quero apenas ver mais uma vez seus olhos. Quero apenas ver-lhe mais uma vez, minha querida Caressa... Sei que você não voltará mais para mim, minha amada... Sei... Você se foi sem me deixar um beijo para que eu o levasse comigo para a eternidade... Por que fez isso? Por quê?...

Então ele explodiu num paroxismo de choro. Ao vê-lo naquele estado de desolação, julguei que meu anfitrião não dispunha de total sanidade mental. Conjetei que seria impossível que, durante quinze anos, ele tivesse pranteado com tanta dor e desolação a morte daquela adolescente. Aliás, ele tinha perdido há pouco o amor de uma outra namorada. Não seria mais coerente tentar reconquistar a última, que prantear uma menina falecida há quinze anos? Desci os degraus e caminhei em sua direção com intenção de interpelá-lo, admoestando-o, a propósito do excesso emocional que cometia; mas o velho surgiu da sala lateral e me impediu de consumir meu intento. Solicitou silêncio e me pediu que o acompanhasse. Dirigimo-nos à cozinha. Caio Graco permaneceu onde estava, absorto em seu delírio.

— Antônio, — disse eu ao velho — não pode deixar o homem assim! Ele necessita de um psiquiatra, urgente! Não vê que ele está perdendo a razão?

— E, à tarde, ele pareceu-lhe um louco? — retrucou com uma nota de indignação na voz.

— À tarde não! Mas um homem que pranteia uma falecida durante quinze anos, com tamanha descarga emocional, não me parece suficientemente equilibrado! Aquilo que vi na sala é quase uma explosão de loucura! E se aquela cena continuar se repetindo será o suficiente para que seu patrão perca até a última grama de juízo!

— Isso já passa de vinte e cinco dias! — respondeu ele.

— Vinte e cinco dias? Meus Deus!

— Na verdade, esta cena que você viu é o que o mantém lícido. É uma forma que Caio encontrou de falar com ela. Não fosse isso, talvez, já tivesse mesmo perdido o juízo.

As lamentações silenciaram-se.

— Vê? — indagou-me o velho, indicando o término daquele ritual. — Agora ele dorme.

Fiquei ouvindo os passos de Caio Graco nos degraus. Depois, o silêncio total. O velho sorria. Por um momento julguei que aquele velho, também, não gozava da mais completa sanidade mental. Ele interrompeu o curso do meu pensamento:

—...O que veio procurar aqui embaixo? — perguntou-me, sem que o tom de voz significasse uma censura.

— Café! — disse-lhe. — Se não tomar pelo menos uma xícara de café, eu não durmo.

— Ah, sim. Neste particular somos parecidos — me disse, dirigindo-se a uma garrafa térmica. Encheu duas xícaras de café fumegante e me serviu.

Bebemos em silêncio.

— Obrigado, Antônio.

Voltei sobre meus passos. Ao passar pela sala me detive diante do Retrato de Caressa. Olhando para aquele eterno sorriso de uma adolescente falecida há quinze anos, uma pergunta instalou-se em minha cabeça: o que o velho quis dizer com *ele reencontrou a mesma alma que a tragédia havia lhe tomado em 1978?*

[The page contains extremely faint and illegible text, likely bleed-through from the reverse side of the document. The text is arranged in several paragraphs and is completely unreadable.]

*Livro*  
*Segundo*

*Chuva de*  
**Novembro**



**Carlos de Andrade**



5ª edição

*Livro*  
*Segundo*

*Ai! Quem pudera desfazer o passado,  
e tornar atrás o tempo e alcançar o impossível,  
Que o que foi não houvera sido!  
Mas, já que isto não pode ser, Deus meu,  
ao menos seja o futuro emenda do passado,  
e o que há de ser, satisfação do que foi.*

**Padre Antônio Vieira.**

*A história se repete por duas vezes.*  
**Dizia Hegel**

*A primeira, como tragédia; a segunda, como farsa.*  
**Completo Marx.**

# 14

## *Chuva de Novembro*

Antes das nove da manhã, eu já estava de pé. Encontrei o velho no jardim e o cumprimentei. Ele explicou que regava as plantas pela manhã ou, às vezes, à tarde, cuidando para que a terra estivesse fresca. Depois, com ar distante, ele pôs-se a dissertar acerca das espécies que cultivava e dos cuidados especiais que algumas delas exigiam.

Mencionei-lhe de forma discreta o cheque que Caio Graco havia me prometido. Ele confirmou dizendo que o patrão tinha lhe falado alguma coisa neste sentido e perguntou-me o valor. Declarei-lhe a quantia e ele caminhou até à torneira e fechou-a. Acompanhei-o até sua residência, uma casa de quatro cômodos no fundo da mansão. Ele pegou uma pasta numa gaveta do bufê e retirou um talão de cheques. Pediu-me que preenchesse o valor. Assinou a folha e entregou-me.

Mencionei-lhe o uso do carro. Neste particular eu esperava que ele esboçasse alguma dúvida quanto à veracidade da autorização. Não foi assim que reagiu. Disse, com naturalidade, que tinha uma cópia das chaves. Abriu a gaveta e entregou-me. Depois, acrescentou que a abertura do portão era feita através de um controle remoto, que eu encontraria no console ou no porta luvas. Concordei e me dirigi à garagem. A passagem era um amplo e alto salão, cujas paredes eram decoradas por vasos de samambaias com folhas que desciam até o piso. No interior, havia três carros, um ao lado do outro: o BMW conversível, um Alfa Romeo, azul, ano 78 e um fusca, bege. Olhei sorrindo para aquela maravilhosa máquina bávara. Introduzi a chave na fechadura do BMW, abri a porta e sentei-me no estofado de couro. Coloquei a chave no contato e liguei o motor. Engatei a ré. Fiz uma curta manobra no calçamento de ardósia, que recortava o gramado. O controle remoto do portão estava no console, como o velho tinha me informado. Peguei-o e fiz com que o portão corresse paralelo ao

muro. Depois de passar por ele fiz com que se fechasse e ganhei a estrada. A sensação que se tem ao dirigir um carro como este é fantástica. É como se num passe de mágica a máquina do automóvel passasse a fazer parte de nosso próprio corpo, ou nossas tripas passassem a fazer parte da máquina. Uma verdadeira simbiose entre homem e carro. Primeiro, passei no banco e descontei o cheque. Depois me dirigi para casa. Estacionei junto à guia. Entrei no quintal e bati à porta da sala. Dona Joana abriu e me olhou com uma cara impaciente.

— Vim acertar dois meses de atraso, dona Joana... — adiantei-lhe. Ela soltou um resmungo incrédulo:

— Até que enfim! Entre.

Entreí, encostei a porta, sentei-me no sofá. A velha saiu e retornou com uma caixinha de papelão que continha papéis e documentos. Retirou um talão de recibos e uma caneta. Preencheu em silêncio dois cupons de recibo, destacou-os e me entregou.

— Aqui está o recibo, Carlos... Meses de junho e julho. São trezentos mil cruzeiros.

— Quero antecipar o mês de agosto! — respondi-lhe com uma nota de orgulho na voz, contando o maço de dinheiro. A velha me olhou por um instante e depois preencheu outro recibo. Entregou-me:

— Quatrocentos e cinqüenta mil cruzeiros, dona Joana. — disse-lhe estendendo o maço de notas.

Ela conferiu o dinheiro e o colocou no bolso de seu avental.

Levantei-me, dirigi-me à porta e a abri.

— Quem era o rapaz que veio procurá-lo antes de ontem?

— Um empresário teatral.

— Do teatro?

— Sim senhora... Veio me contratar para escrever uma peça de teatro. Ele vai reunir os melhores atores do país para representar minha obra.

— Nossa!... — exclamou ela. — Então você vai ganhar muito dinheiro!

— Muito dinheiro, dona Joana. Muito dinheiro.

Quando abri o portão a velha reparou no BMW.

— Mas este não é o carro dele?

— Sim. Ele me emprestou.

— Nossa!

— Até mais tarde, dona Joana — disse-lhe, ao entrar no carro.

— Tchau, Carlos.

No caminho não pude deixar de rir com esta cena.

Passava do meio-dia, quando cruzei o patamar da sala da mansão. Encontrei Antônio e Maria na cozinha.

— Maria vai lhe servir o almoço daqui a pouco, senhor Carlos — informou o velho e acrescentou: — Meu patrão pediu para informá-lo que ele retomará a narrativa à uma da tarde .

— Certo — respondi-lhe

Após o almoço, Antônio me avisou que Caio Graco esperava por mim na biblioteca. Abri a porta e entrei silenciosamente. A biblioteca estava na penumbra. As cortinas estavam fechadas. Caio era um verdadeiro fantasma, enfiado no mesmo roupão que usava no dia anterior.

— Boa tarde! — disse-lhe, caminhando em sua direção.

— Boa tarde, Carlos. — respondeu ele, voltando-se.

Apesar da penumbra, em que a biblioteca estava mergulhada, o aspecto de Caio Graco não escapou à minha observação. Ele ostentava uma barba de vários dias, que lhe tingia o rosto com uma aparência sombria. Suas feições enlanguescidas revelavam o cansaço de uma noite de insônia.

— Desculpe-me fazê-lo retomar o trabalho de modo tão urgente. Espero que me compreenda, desejo concluir a narrativa o mais rápido possível.

Sentei-me na escrivaninha. Posicionei a fita e liguei o aparelho.

Caio Graco prosseguiu:

— O poder da palavra é incrível. A palavra nos redime da dor, do sofrimento e de todos nossos pecados. Esta narrativa, por exemplo, a cada palavra proferida é como se subtraísse um peso determinado do meu ser, à medida que avanço, me sinto mais próximo do fim.

Na primeira noite, após o enterro de Caressa, eu estava e entorpecido pela dor, como se estivesse sob efeito de uma droga que me impedia de tomar completa consciência dos fatos. Na cama, mais tarde, um único pensamento me ocorria: minha amada estava lá, naquele lugar escuro, cercada de cadáveres por todos os lados, presa dentro daquele caixote abafado e coberta pela terra. Eu me recusava a aceitar sua morte como algo irremediável. Recusava-me a crer que ela tinha morrido. Era-me impossível imaginar que seu rosto, seus

olhos, seu corpo dentro de alguns dias estaria se decompondo, transformando-se em pó...

Passei a noite em claro. Pela manhã, doía-me a cabeça, os braços, as pernas, o peito, a alma. Julguei morrer. Não tomei o café da manhã. Minha mãe fez trazer o médico da família, que achou por bem me drogar, pois, segundo ele, eu estava num estado de profundo choque emocional. Dormi sob o efeito dos tranqüilizantes. Quando acordei era dia, não sabia quanto tempo havia transcorrido. Se o tempo houvesse passado, passara apenas para os outros, porque para mim ele não passara. Eu permanecia estagnado no mesmo instante de dor, no mesmo doloroso sentimento de perda. Durante vários anos, eu não podia fechar os olhos sem que o rosto dela retornasse nitidamente à minha lembrança. O sono só me vencia em plena madrugada, quando o cansaço entorpecia-me os sentidos.

Minha paixão juvenil desbotou para uma inesquecível tragédia. Minha história, porém, não acabou aí. A todos, são dadas duas oportunidades de viver suas histórias. Eu vivi duas vezes a minha. Na primeira, como tragédia; na segunda, como farsa.

Com a morte de Caressa, o mundo repentinamente perdera toda aquela exuberância que havia possuído nas últimas semanas, tornando-se acinzentado, sem brilho, sem significado. Faltava-me até mesmo a fome. Durante quinze dias, não comi nada, o que me deu um aspecto cadavérico. Logo que consegui colocar meu debilitado corpo de pé, peguei o saxofone com a intenção de executar "*A Whiter Shade of Pale*"; mas, ou faltava-me força no corpo para fazê-lo tocar, ou força no espírito. De qualquer modo o que saía do sax era algo terrível, deprimente... Peguei o instrumento e o arremessei contra à parede. O impacto não o estragou muito. Um pequeno amassado apenas. Mesmo assim, jamais voltei a tirar qualquer tipo de som de meu saxofone.

Antônio ia todos os dias ao meu quarto. Ficava horas em silêncio ao meu lado. Sua companhia era-me bastante agradável, mas mesmo ao meu companheiro não tinha muito que dizer. Passado pouco mais de um mês da morte dela, tal como tinha feito por diversas vezes, Antonio entrou em meu quarto. Naquele dia, ele tinha algo especial para me dizer. Logo percebi pelo seu jeito irrequieto e pelas perguntas estranhas que se pôs a me fazer. Eu estava na sacada olhando para fora, tentando fazer o tempo passar, quando ele entrou. Aproximou-se e se encostou ao parapeito, ao meu lado.

— Como está, patrãozinho? — perguntou-me.

— Bem — respondi, sem voltar-lhe o rosto.

— Eu o estava olhando lá do jardim — comentou — Sabe que já está aqui na sacada há mais de duas horas?

— As horas e os dias deixaram de existir para mim — respondi-lhe com ar ausente.

— Compreendo... Posso ficar aqui?

— Se é o que deseja...

Antônio não permaneceu calado por muito tempo e me perguntou:

— O que olha?

— O horizonte.

— E o que vê no horizonte?

— O horizonte, apenas...

— E além do horizonte, o que vê?

— O nada.

Houve um longo tempo de silêncio entre nós. Antônio permaneceu do meu lado, com ar absorto no horizonte. Depois de um momento, eu lhe disse:

— O seio da terra é o nosso lugar. A terra nos espera com o anseio de uma mãe enlouquecida, que deseja recolocar em seu ventre o filho parido por ela.

Antonio nada respondeu. Eu prossegui:

— Caresa está lá, Antônio... Naquele mesmo lugar... fechada... abafada... soterrada... Antes de ontem, choveu... A água desceu pela terra remexida e molhou o caixão...Será que a molhou, também?... Tomara que a tenha molhado... Porque hoje, está muito quente...

As lágrimas escorriam silenciosamente pelo meu rosto. Virei-me para ele:

— Ela está se decompondo, não é mesmo? Apodrecendo como um pedaço de carne qualquer. Como pode, Antônio? Como pode? Tão linda, tão viva, tão nova! Apodrecendo como um pedaço de carne qualquer. Você pode imaginar aquele rosto cheio de vermes, Antônio? Pode? Você pode imaginar dois buracos no lugar daqueles olhos que me olhavam com tanto amor? E a boca, Antônio? A mesma boca que me beijou por tantas vezes... — explodi em lágrimas. Antonio abraçou-me — Apodrecendo! Pode imaginar minha Caresa apodrecendo para sempre?... Engolida pela terra... indo embora... Eu não quero imaginar! Eu não quero... eu não quero... — Antônio apertou-me paternalmente em seus braços:

— Sente muita falta dela, não é mesmo?

— Muito, Antônio! Muito! Ela falta em mim como se me faltasse o ar, o coração, a vida... Estou morrendo de saudade.

— Você sofre tanto porque olha apenas a matéria da qual ela era feita, patrãozinho. Você fala apenas da morte carnal, mas ela não era só matéria. Ela era espírito, também. A matéria é efêmera, mas o espírito é eterno. Caressa ainda é viva, porque seu espírito é vivo.

— Não, Antônio! Caressa morreu. É verdade que não morreu completamente. Posto que isso só acontecerá quando ela for esquecida. Mas, então, eu também já terei morrido. Porque enquanto eu viver me lembrarei dela todos os dias de minha vida.

— Mas, somos mais que carne e ossos, Caio. Mais! Somos espírito também...

Enxuguei as lágrimas.

— Eu não acredito nessas coisas! Gostaria, mas não acredito. Se acreditasse, há muito já teria me matado para ir ao encontro dela. Dizem que os suicidas vão para o inferno, mas eu não me importaria, desde que também a encontrasse por lá. O inferno, com minha amada, tornar-se-ia o céu para mim. E um dia no céu, sem minha amada, seria suplício maior que uma eternidade de danação no inferno.

— Não pense nessas coisas, Caio: céu, inferno, purgatório e danação eterna... Pense no espírito. Apenas no espírito de Caressa. Pense que ela vive em algum lugar.

— Se vivesse nalgum lugar, já teria atendido ao meu chamado. Mais do que já a invoquei, é impossível...

Antonio olhou para mim com um sorriso ténue nas feições.

— Pensei ter ouvido você dizer que não acreditava em espíritos?

— E não acredito. Na hora do desespero, apela-se para todos os santos. Apela-se para o possível e o impossível.

— Você gostaria de evocar o espírito dela? — perguntou ele com ar reticente.

— Que pergunta, Antônio! É tudo o que mais quero neste momento!

— Eu posso ajudá-lo.

Meu coração voltou a pulsar.

— Verdade? — indaguei com um olhar ávido de esperança.

— Sim. — murmurou ele.

Peguei em sua mão.

— Diga-me como, Antônio!

— Calma, patrãozinho... Não é assim... Precisamos de um local apropriado. E de um médium, também.

— Sabe onde encontrar um médium, Antonio?

— Uma médium. E muito boa... Num centro espírita mesa branca. Eu a conheço há algum tempo. Lá não há misticismo, nem se cultua o mal.

— Sim, Antônio! Estou ouvindo.

—... Posso jurar por tudo quanto é mais sagrado, que certa vez presenciei a manifestação do espírito de uma pessoa falecida a um parente vivo.

— Verdade, Antonio?

— Palavra!

Meu coração saltava agitado dentro do peito:

— Então, me leve a ela, Antônio! Leve-me a essa mulher agora... — supliquei-lhe. Ele segurou-me pelos ombros.

— Posso fazer isso por você, mas sua mãe não poderá saber jamais. Estamos conversados?

Assenti com a cabeça e um sorriso nos lábios.

— Então me espere aqui, Caio. Vou dizer à sua mãe que você me pediu para levá-lo a um passeio pela cidade.

— Isso! Diga isso para ela...

Ele desceu e, minutos depois, minha mãe retornava com ele. Estava eufórica, felicíssima.

— Caio, meu querido, Antônio me disse que você deseja passear pela cidade! — exclamou, abraçando-me — Que alegria, meu filho! Enfim, você reage para a vida!

— Quero ver as ruas, as pessoas...

— Isso, meu filho! Isso! Vai, vai, sim... Antônio leve-o para todos os lados leve-o para as praças, para os pontos turísticos da cidade. Faça-o voltar mais vivo do que agora, Antônio.

— Sim, senhora, dona Rute.

— Vou tomar um banho e me vestir.

Mamãe apertou-me ainda mais em seus braços.

— Sim, meu querido, se vista com suas mais bonitas roupas. Alegre-se e alegre também sua mãe.

Mamãe desceu. Antonio foi esquentar e vistoriar o carro. Eu tomei um banho demorado. No chuveiro, estava cheio de expectativa. Naquele momento, a idéia de que pudesse ouvir a voz de Caressa não me pareceu nem um pouco fantasiosa. Pelo contrário, me pareceu

óbvia, tão óbvia quanto a necessidade emocional que eu tinha em acreditar nesse milagre.

Pouco depois, ganhávamos a estrada. O carro rodou pouco mais de uma hora no sentido norte da cidade. Depois estacionou defronte uma casa, cuja fachada era completamente fechada por uma vidraça. Entramos numa área onde funcionava uma espécie de sala de palestra. O público não era muito grande. Ocupava quatro bancos compridos de madeira bruta. Um senhor de óculos discursava diante do pequeno público.

— Primeiro temos que ouvir a palestra... — cochichou-me Antonio.

Sentamo-nos. O homem discorria sobre temas de “O Livro dos Espíritos”, de Allan Kardec. A palestra demorou pouco mais de uma hora. Depois as pessoas formaram fila para beber da água de um filtro. Um ritual. Eu também bebi, apenas um copinho descartável, tal como os outros participantes, as quais, em seguida, foram levados um a um, sucessivamente, para uma sala lateral.

Era uma sala pouco iluminada por uma luz azul. As paredes brancas eram forradas por diversos quadros, pinturas abstratas, paisagens e santos. Havia também um quadro do Cristo; um Cristo vivo, flutuando no ar, com as mãos abertas expondo as chagas, e onde também emanava um feixe de luz que simbolizava o poder e a santidade. No centro da sala havia uma cadeira onde me sentei. Quatro médiuns, vestidos com suas roupas brancas, estenderam suas mãos sobre minha cabeça e deram-me passes de magnetismo. Tudo isso seria para mim apenas um ritual vazio, se não fosse a parte final daquela sessão espírita. A sessão terminara para todos com o passe de magnetismo. Mas Antônio convenceu a médium da minha necessidade espiritual e ela nos atendeu com exclusividade. Entramos numa saleta de iluminação precária. No centro, havia uma mesa coberta por uma toalha branca e sobre ela um copo d'água. Antonio sentou-se ao meu lado, a médium diante de nós.

— Qual é o seu nome?

— Caio Graco...

— Você veio aqui apenas com a intenção de se comunicar com o espírito dessa garota?

— Sim...

— Lamento ter que alertá-lo: nem sempre um espírito desencarnado aceita se manifestar aos que ficaram.

— A mim Caressa não se negaria a falar — antecipei.

— Quando estava encarnada, sim, mas agora é diferente. Ainda que ela o deseje nem sempre é dada a liberdade a um espírito de se comunicar com os vivos.

— Se eu e Caressa não podemos nos comunicar a nenhum outro espírito pode ser dado esse direito, também! Nada é maior que o que sentimos um pelo outro.

— Vamos tentar, Caio. Vamos tentar...

— Sim — respondi-lhe, com o coração a bater dentro da boca.

— Coloque suas mãos sobre a mesa. Assim. O senhor também... — disse ao Antônio — Fechem os olhos... Concentre-se nela, Caio.

Concentrei todo o meu ser na imagem de Caressa, ou melhor, no amor que sentia por ela. As mãos suavam frio, o coração batia do compassado. A mulher fez uma oração para as almas, depois perguntou:

— Há alguma alma desencarnada nesta sala?

A minha respiração arquejante foi a única resposta. Então eu temi que aquilo resultasse inútil e clamei desesperado em meu íntimo: “Vem, Caressa! Vem, Caressa! Vem! Por favor, Caressa, vem!” A mulher voltou a perguntar:

— Há alguma alma desencarnada nesta sala? Manifeste-se!

Então eu ouvi duas pancadinhas sob a mesa.

“Charlatanice?” — perguntou minha razão, intimamente.

“Não!”. Foi a resposta do meu coração.

“É você, Caressa? É você?” — perguntei a mim mesmo.

As pancadinhas se repetiram. A mulher parecia tremer, tal era a vibração que seu braço imprimia à mesa.

— Há alguma alma desencarnada nesta sala? — repetiu ela.

“Vamos, Caressa... por favor. Diz que é você. Diz...” Desta vez, foram três pancadinhas mais fortes; deduzi que era um sinal positivo.

“É você, Caressa?” — indaguei com a voz trêmula.

As pancadinhas se repetiram. Naquele momento, senti vontade de abrir os olhos a fim de verificar se aquela mulher não estava me enganando. Mas o desejo de que tudo fosse verdade era maior que a humilhação de se passar por tolo. Perguntei, de novo:

— Caressa, meu amor, é você? Diz que sim!

Desta vez eu ouvi algo como um pequeno riso, muito fraco e ainda distante. A mulher parara de tremer. Posto que eu não sentia

mais a mesa vibrar.

“Será que ela se foi?”, perguntei-me.

Então eu ouvi um risinho que me pareceu o riso debochado de Caressa.

— Caressa, fale comigo...

Aí, eu a ouvi! A voz não era exatamente a voz dela, mas com um timbre muito semelhante. As palavras eram inconfundíveis:

— Meu Caio... meu Romeu — sussurrou-me ela com um risinho divertido. Por um instante fiquei em silêncio. Lágrimas de alegria e arrebatamento corriam pelo meu rosto. Caressa advertiu-me com um jeito meigo, quase súplice:

— Caio, fale comigo!

— Caressa, meu amor... Desculpe-me. Estou tão feliz que quase perdi a voz... Onde você está?

— Não sei, Caio...

— Diga-me, Caressa. Para que eu vá ao seu encontro.

— Não sei, Caio... É tão claro aqui. A luz me faz cegar...

Onde você está, Caio?

— Aqui... Não pode me ver?

— Não. Só estou ouvindo sua voz... Estou com saudade. E você?

— Muita! Muita saudade... Porque você fez isso, Caressa?

— Para provar que o meu amor por você é verdadeiro, Caio.

Se tivesse muitas vidas, eu as entregaria todas a você para que creia em meu amor.

— Eu creio em seu amor, Caressa! Eu creio em seu amor.

Houve um período de silêncio.

— Caressa?... Caressa?

— Tenho que ir agora, Caio.

— Para onde, Caressa? Para onde?

— Não sei, Caio... Tenho que ir sempre em frente, na direção da luz.

Leve-me com você, Caressa. Leve-me com você.

— Não, Caio... Espere por mim, Caio. Espere por mim... Ele me disse que vou voltar...

— Ele? Ele quem?

— O homem... Ele não me disse seu nome... Ele diz que temos que continuar agora... Temos que ir, Caio... Sempre em frente — a voz foi se tornando distante — sempre em frente... na direção da luz.

— Não vá! Não vá! — gritei, mas a voz se extinguiu por completo. A médium voltara a tremer. Quando abri os olhos vi a mulher derrubando a cabeça sobre a mesa, como se desmaiasse ou lhe faltasse forças.

— Caressa! — clamei, correndo os olhos por toda a saleta — Caressa!... Caressa!...

Antônio pegou em minha mão.

— Ela se foi, patrãozinho.

Perguntei-lhe com voz embargada:

— Você a ouviu, Antônio?

— Sim.

— Ela disse que vai voltar para mim? Diz que foi isso o que ela disse Antônio! Diz!

— Sim, patrãozinho, foi o que eu ouvi.

A felicidade era muito intensa para que eu represasse as lágrimas. Reclinei o rosto na mesa e chorei ruidosamente.

# 15

## *Chuva de Novembro*

Nos dias que sucederam a esse acontecimento me entreguei a uma profunda ansiedade. Eu sabia que consultar os mortos não é algo que se pode fazer diariamente, como se lhes falássemos ao telefone; mas, minha ansiedade por falar outra vez com Caresa não admitia, por mais óbvio que fosse, tal raciocínio. Queria falar-lhe, se permitido fosse, vinte e quatro horas por dia. Queria brincar com ela e queria que ela brincasse comigo, mesmo que fosse na forma de um fantasma. Eu não temia uma aparição fantasmagórica. Pelo contrário, a desejava desesperadamente. Quantas vezes, clamei por uma visitaçãõ noturna? Incontáveis vezes! Quantas, vezes implorei para que durante o sono as entranhas da noite me arrebatassem o espírito para junto dela? Muitas. Tive, porém, que me render à verdade inexorável. E a verdade era que, por mais que meu coração a desejasse, sozinho em meu quarto, eu não conseguiria trazer seu espírito ao mundo dos vivos, e a sessão espírita ocorria só uma vez por semana. Deveria, portanto, suportar sete dias e sete longas noites de angustiante ansiedade.

Na semana seguinte, retornamos ao centro espírita. É impressionante como todo meu ser se rejubilou ao cruzar a porta da saleta da médium. Com que resolução eu havia me agarrado à idéia de contatar o espírito de Caresa!

Sentamos-nos à volta da mesma mesinha redonda. A médium fez a mesma oração. E eu mais uma vez implorei intimamente para que Caresa falasse comigo. Entretanto desta feita o resultado não foi igual ao da primeira sessão. Ela não veio falar-me. Depois de várias tentativas, a médium me disse que não adiantava insistir. Repetiu-me que nem sempre era dada ao espírito desencarnado a liberdade de manifestar-se. Roguei-lhe por uma última tentativa e ela atendeu ao meu pedido.

— Há alguma alma desencarnada nesta sala? — voltou a perguntar a médium. Eu tremia de ansiedade e medo. Medo em não

ouvi-la mais. Medo de não ter mais nenhum contato com aquela que era parte da minha alma. “Vem, Caressa, mais uma vez... vem! Vem!”.

A médium repetiu a mesma prece seguida por uma invocação. Para minha tristeza não ocorreu nenhuma manifestação do espírito de Caressa. A incerteza crescia dentro de mim a cada invocação sem resposta. A dor subiu pela minha espinha como um líquido gelado.

“Vem, Caressa... fale comigo, por favor... por favor... fale!”. Eu estava resfolegante de ansiedade e temor. Minhas mãos tremiam. O pensamento girava num verdadeiro torvelinho de amargura e desilusão. De súbito, a mesa começou a tremer como se estivesse sendo sacudida por uma força misteriosa. Apesar dos tremores dos meus braços, a mesa trepidava pelo efeito de uma força misteriosa, sobrenatural.

Então, ouvi uma voz masculina.

— Enxugue suas lágrimas — disse-me.

— Sim — murmurei com lábios trêmulos de emoção.

Houve um pequeno silêncio. Depois indaguei:

— Quem está falando?

— Um espírito de luz... — respondeu com voz acolhedora — Suas preces e o seu pranto de dor chegaram ao céu... Estou aqui para confortá-lo.

— Sim... Então me diga, por favor, como faço para falar com aquela que amo?

— Acalme seus temores. Sossegue sua alma, porque esta por quem chama já está encarnada. Seu espírito retornou à Terra para cumprir com sua missão interrompida.

— Encarnada?... Na Terra? — perguntei embevecido. Fiquei um instante a pensar na vastidão da Terra.

— E onde posso encontrá-la? — acrescentei.

— Onde sempre estive — respondeu-me o espírito.

— Onde?

— Em seu coração...

— Em meu coração?... Eu não entendi...

Houve uma longa pausa

— Onde posso encontrá-la? — tornei a perguntar.

— Em que lugar? — insisti — Em que lugar?

Nenhuma palavra acudiu às minhas súplicas. Abri meus olhos.

— Em que lugar? — perguntei à mulher, que me fitava com ar ausente e fisionomia extenuada.

— Ela nada pode responder-lhe! — disse-me Antônio.

Coloquei-me de pé e saí correndo feliz e confuso, em direção à rua. Não sabia o quê procurava. Talvez, apenas sentir a extensão geográfica chamada Terra. Talvez, sentir os pulmões repletos daquele mesmo ar que, agora, nalgum lugar, Caressa estava a respirar.

Lá fora contemplei por alguns minutos a negra noite. Depois Antonio chegou e retornamos silenciosos para casa. Em meu quarto coloquei-me na sacada. Era uma noite fria de setembro, mas o frio não me intimidava, eu queria estar em contato direto com o horizonte. Agora eu olhava para a escuridão com a certeza de que a alma de Caressa estava em algum lugar.

“Seu espírito retornou à Terra para cumprir com sua missão interrompida”. Mas, para qual lugar? A Terra é imensa... onde poderei reencontrá-la? Onde? E como? Com que rosto terei de encontrá-la?

Saber que ela vivia fez-me feliz de novo. Mesmo sabendo que seria praticamente impossível reencontrá-la entre os bilhões de viventes que se esparramam sobre a face da Terra. E mesmo que, por hipótese, a reencontrasse, como haveria de descobrir-lhe a alma em seu novo corpo? Talvez, ela reencarnasse como uma chinesinha de olhos repuxados, ou como uma africaninha negra e grossos lábios vermelhos, ou ainda como uma indiazinha de rosto redondo, na mata amazônica. Aliás, pensei, ela seria apenas uma criança de colo, um bebê, ou mesmo um feto em gestação. E mesmo que esperasse crescer e tornar-se uma mocinha qual a garantia que eu tinha de que ela sentiria por mim o mesmo amor que sentiu nesta vida? Estas perguntas deveriam me pôr em desespero. Não foi o que ocorreu. Naquele instante bastava-me o consolo de saber que estávamos no mesmo plano de novo. Sobre a mesma imensidão de terra e sob o mesmo céu. Durante toda aquela noite fria de setembro, fiquei a contemplar aquele céu estrelado, tentando penetrar em seus insondáveis mistérios, tentando compreender quais seriam os verdadeiros propósitos do destino.

\*\*\*\*\*

Decorridos dois meses, após a última sessão espírita a tristeza já havia retomado conta da minha alma. A verdade é que a incredulidade e a insegurança suplantaram toda a esperança

experimentada em decorrência do que eu havia presenciado durante as sessões. Refleti que, naqueles dias, eu estava terrivelmente emocionado para ter certeza de que tinha de fato ouvido aquilo que supunha ter ouvido. Talvez, estivesse até delirando. Agora as dúvidas atingiam-me por todos os lados como verdadeiras flechas envenenadas pelo desespero. Ocorria-me, por exemplo, a idéia de que Antônio por pura paixão combinara com aquela mulher toda a cena em que Caressa falara comigo. Sim, era bem possível, visto que a voz não era exatamente igual. Afinal o que me fizera crer que se tratava do espírito de Caressa não foram simplesmente as expressões “meu Romeu” e “sentiu saudade?”. Por diversas vezes, Antonio tinha presenciado essas expressões de Caressa e poderia, portanto, tê-las revelado àquela mulher para tornar a cena verossímil. Quanto à segunda e última sessão não havia nenhuma dúvida: seria-lhes impossível sustentar aquela farsa por um período de tempo indeterminado. Fazendo-me crer que ela reencarnara era um meio de pôr termo a esta situação: uma vez que eu pensasse que ela havia reencarnado não teria mais motivos para tentar contactá-la no além. Um dia chamei Antonio e externei-lhe esses pensamentos.

Ele respondeu-me com o cenho franzido, balançando a cabeça:

— Por Deus, que está no céu, patrãozinho, eu não seria capaz de brincar assim com coisas tão sérias!

— Eu não disse que estava brincando, Antonio. Nem mesmo o estou censurando... pelo contrário, agradeço-lhe por este gesto... A verdade, em si mesma, já não importa. Aquelas cenas me confortaram num momento muito difícil. — Antônio pareceu-me muito indignado.

— Eu volto a afirmar, Caio! — disse-me com ar sério — eu não combinei nada com aquela mulher. E também não lhe revelei nenhuma das expressões pelas quais a menina tinha o costume de lhe falar.

Seus olhos ficaram sondando os meus, depois acrescentou:

— Acredita em mim?

Eu o fitei em silêncio, por alguns segundos. Eu queria acreditar cegamente em suas palavras; mas, no pensamento só pairavam dúvidas e incertezas. Mesmo assim, respondi-lhe:

— Sim, Antônio. Acredito... Esqueçamos isso, está bem?... Esqueçamos isso...

\*\*\*\*\*

Certo dia resolvi rever dona Solange e a pequena casa onde morava Caressa. Quando lá cheguei, encontrei um caminhão carregado de móveis velhos e antigos eletrodomésticos. Dona Solange estava de mudança. Ela me disse que deveria ter deixado muito antes aquele lugar. Que alguma coisa a avisava de que aquele lugar era maldito e, chorando emocionada com minha presença, presenteou-me com o “Retrato de Caressa”. Depois subiu no caminhão e partiu. Antônio amarrou o retrato sobre o teto do carro e voltamos para casa.

\*\*\*\*\*

Uma vez terminado o colégio tinha que escolher uma faculdade para cursar. Quando Caressa era viva, eu me opunha a cursar uma faculdade por achar que a vida não precisava de estudos, nem explicações: Caressa e a felicidade que sentia ao lado dela, eram o mistério revelado de minha existência. Este pensamento, contudo, havia morrido junto com minha amada. Agora eu dispunha de toda a minha vida para cursar as faculdades que desejasse. Eu dispunha de toda uma vida para encontrar-lhe um novo significado, um novo sentido. A morte de Caressa despertara uma terrível inquietação em meu espírito: o que é a vida? O que é a morte? E quais os significados dos mesmos? Perseguido por estas perguntas decidi ingressar na faculdade de Filosofia. Flagelar a razão para calar o coração. Esta era a máxima com que, sem percebê-la conscientemente, ingressei na faculdade de Filosofia e Letras. Uma vez que a emoção estava perdida, eu desejava fundar o sentido da existência na razão. Agarrei-me à filosofia para fugir da dor da perda do primeiro amor.

Em 1981, eu cursava o primeiro ano, quando, em maio, minha avó faleceu. Morreu silenciosa, com as mãos crispadas no encosto da poltrona, como se recusasse a deixar este mundo que ela dizia menosprezar. Durante os preparativos e o cortejo, por respeito à minha mãe, tentei expressar recolhimento, mas não consegui. Mas, na hora em que o caixão descia para a prateleira do jazigo, eu não pude conter a dor e a emoção. Chorei. Não por minha avó. Chorei por Caressa. Chorei porque aquela cena fazia-me lembrar de seu enterro.

Com a morte de minha avó, mamãe tornou-se outra mulher. Era fantástico o poder de subjugação, que vovó exercia sobre ela!

Às vezes, pensamos conhecer as pessoas, mas trata-se de um engano forjado, amiúde pela simples aproximação física, ou pelo convívio, sob o mesmo teto. E chega um dia, em que aquela pessoa, que julgávamos conhecer, se revela surpreendentemente noutra pessoa, cuja existência sequer suspeitávamos. Assim foi com mamãe. Aquela mulher, ainda jovem, que me parecia fria, ressentida e insensível aos apelos do coração, revelou-se tão passional quanto eu. De um momento para outro, mamãe fez surgir uma mulher obsessivamente apaixonada por um homem, que parecia enterrado pelo tempo. A verdade é que a presença de vovó, de certo modo, reprimia o amor que minha mãe ainda sentia por meu pai. Ou, talvez, fizesse com que ela pensasse que o amor era algo sem muita importância diante da salvação da alma, ou coisas parecidas. Com a morte de vovó, esse amor retornou à tona com força devastadora. Como se, pressentindo a brevidade de seus dias, mamãe desejasse dar provas a si mesma e a ele da veracidade e força do seu amor. Talvez, o último ano da vida de minha mãe tenha sido o período em que seu amor por papai adquiriu mais força e convicção.

Esse amor revelado de minha mãe por meu pai serviu, também, para que nos aproximássemos um do outro: tornamo-nos verdadeiramente mãe e filho.

Certa ocasião, ao passar pelo quarto de minha mãe, eu a ouvi tocar uma canção que tinha sido um hino popular contra o regime militar. Era a música “Prá não dizer que não falei das flores”, de Geraldo Vandré. A porta de seu quarto estava fechada. Encostei-me no batente da porta e fiquei a ouvir. A música terminou e, depois de alguns segundos, recomeçou:

*“ Caminhando e cantando e seguindo a canção  
Somos todos iguais, braços dados ou não”.*

Dei três suaves pancadinhas na porta, mas o volume do som certamente não lhe permitiu escutar. Abri a porta. Mamãe estava sentada diante do aparelho de som, com ar ausente. Aproximei-me dela com passos macios. Ela perguntou-me, sem se voltar:

— Gosta dessa música, filho?

— Sim... gosto. E a senhora?

— Muito... — sussurrou.

— É a primeira vez que ouço a senhora tocá-la.

Mamãe sorriu, um riso débil, triste.

— Não, filho, eu a tenho tocado há doze anos...

Mamãe deu um suspiro e continuou:

— Há doze longos anos eu a tenho tocado baixinho, como há alguns anos você fazia com aquele disco que sua avó repudiava.

*“ Pelos campos há fome em grandes plantações  
Pelas ruas marchando indecisos cordões  
Ainda fazem da flor seu mais forte refrão  
E acreditam nas flores vencendo o canhão ”*

— Este disco foi de papai? — perguntei-lhe, olhando o disco girar sobre o prato.

— Sim...

— Ele ouvia muito esta música — comentei — Por que não levou o disco junto com os livros?

— Porque, ele me pediu para que ficasse escutando sua música preferida... enquanto esperasse por ele... — mamãe tinha os olhos marejados de lágrimas. Fez deliberadamente uma pausa a fim de ouvir a estrofe:

*“ Há soldados armados, amados ou não  
Quase todos perdidos de armas na mão  
Nos quartéis lhes ensinam uma antiga lição:  
De morrer pela pátria e viver sem razão ”*

Depois prosseguiu:

— Aqui estou, doze anos depois, ouvindo sua música, esperando por ele... esperando pelo seu corpo... esperando pela sua morte. Sim, sua morte! Porque para mim ele ainda não morreu, e acho que não morrerá... enquanto minha própria consciência sobreviver. Ele, apenas, tornou-se um morto-vivo, um dos milhares de fantasmas da maldita ditadura. Um dos fantasmas que faz sofrer o coração e assombrar a cabeça de seus entes vivos, como um sótão abandonado, cheio de quadros e lembranças do passado. Eu desejava vê-lo morto, uma única vez. Ver seu corpo. Ver o que sobrou do homem, que amei. Gostaria de vê-lo morto, definitivamente morto... Porque ele morreu milhares de vezes... E ainda não morreu! Ele morre a cada noite de solidão e um pouco de mim morre com ele, em dolorosas prestações. E eu sofro a cada uma de suas mortes, de forma intensa, como se fosse a última, mas, dias depois, ele morre de novo,

depois de novo e de novo...

Falando isso, mamãe prorrrompeu em lágrimas.

— Oh, Caio, meu filho, como eu queria que ele morresse pela última vez... Ah, como eu queria enterrá-lo, meu filho! — disse-me engolindo as lágrimas.

***“Vem, vamos embora que esperar não é saber  
Quem sabe faz a hora não espera acontecer”***

Sentei-me sobre os calcanhares e abracei aquela mulher, que soluçava banhando-se em lágrimas: minha mãe. E chorei... Como éramos semelhantes! Como éramos passionais! Como éramos fiéis no amor perdido! Consolando-a, eu a entendi e a amei... como jamais a havia amado em toda minha vida.

# 16

## *Chuva de Novembro*

No ano seguinte, em 1982, minha mãe adoeceu. Sentia dores nas costas e febres intermitentes. Depois de uma série de exames, o médico deu a sentença: leucemia.

A peso de drogas, transfusões e quimioterapias mamãe ainda haveria de resistir alguns anos. Para isso, era imprescindível que ela também desejasse viver. E isso era algo que ela já não desejava, pelo menos com a força que a situação exigia. Mamãe entregou-se à morte. Foi conivente com essa sombra da vida; dir-se-ia que a desejava em segredo. Sete meses depois do diagnóstico da doença, mamãe morreu. Era o mês de dezembro. Faltava uma semana para o Natal. Morreu no hospital, na madrugada de sexta para sábado. Morreu só. Completamente só. Pela manhã, fui chamado ao hospital. O médico que a havia acompanhado na fase terminal, após um circunlóquio e palavras vazias que preenchem as frases que são ditas nestas circunstâncias, me deu a triste notícia.

A mais vívida lembrança que tenho dela remonta ao seu último dia em casa, no início de dezembro. Pela manhã ela tinha sofrido uma hemorragia nasal, mas o fluxo foi estancado. Depois ela adormecera e eu deixei o quarto. Em torno das três da tarde, Maria me informou que mamãe tinha acordado e que me pedia para que subisse ao seu quarto. Subi e me sentei à beira da cama. Ela me considerou com um sorriso nos lábios. Mas era um sorriso tenso, e o olhar tinha um brilho nostálgico, de quem sacia antecipadamente a saudade que virá. Sorri para ela.

— Como está? — indaguei-lhe com carinho.

— Melhor... — murmurou forçando um sorriso, depois acrescentou:

— Quero lhe dar algo, meu filho...

— O quê?

— Algo que eu já deveria ter lhe dado há muito tempo.

— Sim.

— Ah, Caio, quantos erros cometemos durante a vida? Quantos! Eu não sei exatamente o que acontece com a gente, mas forças estranhas nos arrastam de um lado para o outro sem que nem mesmo saibamos o que está acontecendo à nossa volta... Vê você?... O meu menino... tão crescido. Já é um homem... Contudo, sei que não o amei o quanto deveria amar... e você me lembra tanto seu pai... os traços, olhos, boca, cabelos e a generosidade também. Sim, Caio, meu filho, seu pai era um homem generoso e sensível. Jamais foi capaz de qualquer brutalidade, ou de qualquer ato de agressividade. Toda sua força consistia na palavra. Sempre a palavra... Gostaria que você o tivesse conhecido. Tenho certeza de que se orgulharia dele.

— Mas eu me orgulho dele, mamãe...

— Sei disso, meu filho... Mas não o conheceu como deveria ter conhecido. Desejava que vocês tivessem convivido como pai e filho. Ele tinha tanta coisa boa para lhe transmitir, tanta coisa sutil, suave, coisas que nem mesmo a palavra consegue traduzir. Coisas que você apreenderia em seu olhar, em seus pequenos gestos e, até mesmo, em seu silêncio.

Houve uma pausa. Mamãe apertava minha mão.

— Por que a senhora está dizendo tudo isso? — perguntei-lhe. Ela abanou a cabeça.

— Porque deveria ter lhe dito há muito tempo... Quero o seu amor, Caio. Seu amor e sua compreensão...

— Deixa de falar coisas que não deve, mamãe. A senhora tem o meu amor...

— Tenho. Sei que tenho, filho. E sei, também, que não o mereço. Tenho seu amor porque você é incapaz de odiar, como seu pai. Não porque eu o mereça.

Sorri indulgente, ante essas tolices de mamãe.

— Não diga isso. A senhora é a minha mãe e merece o meu amor. — ela ficou a sondar meus olhos, depois me perguntou:

— Você ainda não a esqueceu, não é mesmo?

— De quem a senhora fala?

— Falo daquela menina: Caressa...

— Já se passou muito tempo. — divaguei.

— Sim. — concordou ela — Mas você ainda não se apaixonou por outra menina... Ah, Caio, se soubesse o quanto me sinto culpada por isso... Pelo jeito que reagi com aquela menina...

Não entendo aquela minha reação. Ciúme? Preconceito? Medo? Sei lá!... Como gostaria de poder voltar atrás... e corrigir meus erros... Porque sei que você a amava... e, quando nossa vida chega ao fim, tudo se perde, nem o ódio sobrevive. O amor permanece, só o amor. E a lembrança do amor vivido parece ser a única coisa a soprar em nossos ouvidos que nossa louca vida teve algum sentido. Nos últimos meses estive a me perguntando porque reagi daquela forma, com relação ao seu namoro com aquela menina... Deve ter sido medo... medo de perder você... Medo e preconceito, também. Sua avó conseguiu fazer com que, para me salvar da solidão e das incertezas, eu me agarrasse à fé. E a fé, entre outras coisas, faz critério quanto ao tipo de pessoa a quem nosso coração pode se apaixonar. Quanta estupidez! Logo eu... que estive em vias de fugir com um estudante universitário, sem eira nem beira... Agora aqui estou, em fase terminal da minha vida. Não é com esta palavra, que o Dr. Alberto lhe descreveu o estágio da minha doença? Sei que é... Então quero pôr um ponto final em minha estupidez. Quero ouvir de você o seu perdão...

— Perdão por que, mamãe?

— Perdão pelos meus erros, pela minha mesquinaria por não ter dividido seu pai com você... Perdão pela minha pequenez, que, durante todos estes anos não deu a você o testemunho do amor que sentia por ele; pela minha fraqueza, uma fraqueza que não ousou defender você da prepotência de sua avó... E, por último... perdão porque acho que... nunca lhe disse o quanto amo você, meu filho... É desses erros que quero seu perdão...

— Eu não tenho ressentimento algum, mãe... — disse acariciando-lhe os cabelos terrivelmente escassos. — Mas se isso é importante para a senhora... Tem o meu perdão.

— Obrigada, Caio querido! Obrigada... Agora, quero lhe dar algo. Algo que, como lhe disse, já deveria ter lhe dado há muito tempo.

— Sim...

— Levante-se, Caio... Abra o guarda-roupa, a porta da direita... isso... Vê uma maleta aveludada sob as caixas? Pegue-a...

— É esta maleta que pretende me dar?

— Sim. Traga-a aqui... Ponha-a aqui, ao meu lado... Pode abri-la.

Destraivei dois fechos metálicos e abri a maleta. O conteúdo era inesperado e de grande valor emocional.

— Fotos! — exclamei — Fotos de papai!

— Sim. E dos seus avós paternos. De toda uma família de imigrantes italianos... e artigos de jornal, escritos por seu pai, entre os anos 59 e 66.

— Isso é maravilhoso, mãe! — disse-lhe remexendo os papéis, com curiosidade e emoção crescentes. Mamãe pegou uma foto em preto e branco, já amarelecida pelo tempo, de um rapaz de pouco mais de vinte anos.

— Veja como ele sorri, Caio... Você jamais o viu sorrir assim! Naquela foto, — observou mamãe, indicando um pequeno quadro na parede que retratava ela e meu pai lado a lado. — seu pai parece um homem aborrecido. Tem fotos que já nascem póstumas e aquela é um exemplo de foto póstuma... Quanto a esta não... Veja como a vida flui de seu sorriso. Veja os braços fortes. Veja como as mangas da camisa dobradas acima dos cotovelos lhe dão um ar de trabalhador braçal... Ele me deu esta foto, quando ainda éramos namorados.

Observei a foto com atenção. Realmente a semelhança física era inegável: a testa grave, o nariz fino, os cabelos castanhos, os ombros e os braços. Ali estava meu pai, filho daqueles imigrantes italianos, que sorriam num retrato amarelecido.

Virei a foto e li no verso:

*“ Rute,  
Nunca se esqueça do amor que sinto por você,  
te amo,  
Thales.”*

— Ele não mentiu nesta dedicatória... — observou minha mãe. — Seu amor por mim foi verdadeiro... E esta certeza diz que toda minha vida fez algum sentido.

— Estas lembranças lhe pertencem, mamãe. Por que as entrega para mim? — Ela sorriu.

— Pertencem a você, também, Caio... Sempre que abro esta maleta é como se, por um momento, seu pai ganhasse vida... Queria compartilhar com você este sentimento, esta impressão...

Fez-se um longo silêncio. Mamãe engoliu as lágrimas.

— A morte está sendo produzida incessantemente aqui, bem aqui, no âmago do meu corpo, na minha coluna vertebral, na medula.

Por ironia, o órgão que deveria fazer a manutenção da vida, está me fabricando a morte! Meus dias sobre a Terra já venceram. Estou sobrevivendo por empréstimo. Os médicos estão prorrogando minha partida com drogas e experiências.

Não havia palavras pelas quais poderia consolá-la. Mamãe sabia tudo a respeito da evolução de sua doença.

— Por isso estou lhe entregando estas lembranças que, de qualquer modo, mais cedo ou mais tarde tinham de ser suas. Quando eu tiver ido, peço-lhe que pense em seu pai por mim. Peço-lhe que olhe suas lembranças por mim...

Mamãe apertou-me a mão com força, olhos lacrimosos, moribundos. Disse-me com as lágrimas rolando pelas faces:

— Peço-lhe que prometa que, se um dia encontrar o corpo de seu pai, você o enterrará ao meu lado. Prometa isso à sua mãe, filho!

Enxuguei o canto dos olhos:

— Sim, mamãe. Eu prometo!

Então ela recostou-se no dossel de sua cama com uma expressão de cansaço e júbilo. Momentos depois, o júbilo cedeu lugar a uma expressão de angústia. Fechei a maleta.

— Toda uma vida consagrada à aceitação da morte, à crença no porvir — disse ela, com um olhar ausente. — e quando pressentimos sua chegada, o medo e a incerteza são as mesmas que devem acometer o mais ateu dos humanos. De que valeram tantos anos de preparação, se, agora, no momento final, minhas dúvidas são iguais as de todo mundo?

Mamãe fez uma pausa silenciosa, entrecortada por sua respiração. Quanto a mim, tudo o que poderia fazer era escutar-lhe as palavras. Ela prosseguiu:

— Agora tenho medo, filho! Medo de que não seja verdade tudo aquilo que aprendi com sua avó, tudo aquilo que ouvi na igreja. Medo de que tudo se acabe no nada, no vazio absoluto. E mesmo que tudo seja verdade, ainda temo de não reencontrar o espírito de seu pai, na eternidade.

Mirei seus olhos e vi o mesmo brilho de medo e incerteza, que cintila nos olhos das crianças. Deitei-lhe um suave e afetuoso beijo em sua face cor de cera, disse-lhe:

— Então não tema, mamãe. Porque se o céu existir a senhora o encontrará lá. Se Deus existir e for justo, papai estará lá. Mesmo não crendo na existência de Deus, o seu amor pelos homens o justificará perante o Senhor. Amando a criação, ele amou o Criador.

Amou tanto essas criaturas de Deus, que morreu por elas. Morreu porque as amou mais que a si mesmo. E, não está escrito, que este é o maior dos mandamentos?

Mamãe assentiu sorrindo, engolindo o pranto.

— Ele estará lá, mamãe. Ele estará lá...

\*\*\*\*\*

O funeral de mamãe ocorreu na manhã de domingo. À tarde, ao voltar para casa, encontrei-me definitivamente com aquilo que me perseguiria através dos anos: a solidão. A solidão absoluta. O preparo intelectual tinha tingido minha personalidade com um verniz que provocava a impressão de convicção. Mas sob este verniz, o meu ser se derretia como um frágil castelinho de areia, minado na base pela maré alta. Andei vagarosamente pelos corredores, detendo-me em cada um dos cômodos da casa. O vazio dos quartos era tão opressivo que nem mesmo ar parecia habitar entre aquelas paredes. Entrei naquele que pertencera aos meus pais. Ali só havia os murmúrios das lembranças. Algumas recentes e nítidas, outras dos tempos de infância, obscuras como uma pressão emocional.

— Mamãe? Papai? — invoquei-lhes em voz alta — Podem me ouvir? Estão nalgum lugar? Podem me ver? A resposta foi o silêncio e a certeza atroz da solidão.

Olhei para o retrato de um jovem casal na parede: definitivamente póstumo. “Foi neste rosto que ela pensou antes de expirar”, pensei, “e em seus momentos felizes, em seu amor”. Onde estariam agora? Vieram do pó... ao pó retornaram?

Restara apenas eu. Eu, e as Industrias Canaã. Eu e os imóveis, as terras, a casa... Herdeiro de algo que não construí, sequer desejei. Herdeiro pela fatalidade. O sentimento de alheamento começava a tomar conta de mim. “Eu realmente estava no exato lugar que deveria estar? Era eu mesmo? Ou um intruso que se apossara dos bens alheios? Um bastardo, que triunfara sobre a genealogia?” Estranhos pensamentos. Creio que derivavam do estreito laço que parecia atar os bens materiais à minha avó. E dela eu não admitia herdar absolutamente nada. Não assimilei sua religião, tampouco seu caráter. Como haveria de me apossar de seus bens, sem que isso me provocasse uma ruptura interior? Este sentimento expandiu-se até tornar-se algo inerente ao meu próprio ser. De maneira que nunca me julguei o legítimo proprietário de um único tapete que cobre o chão

desta casa. Conservo-a tal como o diretor de um museu se obriga a conservar o acervo que deverá subsistir à sua administração.

Recusei tomar posse da presidência das Industrias Canaã. Acreditava que administrar o capital seria conspirar contra a memória de meu pai. Aliás, eu não tinha nenhum preparo administrativo. Sequer conhecia as cinco unidades fabris. Nomeei presidente um funcionário antigo da empresa. Entrou como operário, formou-se em administração e conquistou um cargo de diretoria. À primeira vista me pareceu humano e competente. Eu não me enganara. Em poucos anos, as Industrias Canaã ganharam notoriedade pela suas relações humanas, sendo uma das primeiras a socializar os lucros. Em dez anos de administração humanizada, esse rapaz fez mais pelas Indústrias do que os vinte anos de avidez desumana dos administradores nomeados por minha avó.

*Chuva de Novembro*

Entre 1982 e 1985 vivi os anos em que mais estive próximo à política e, portanto, à história recente do país. Não que a política me fascinasse, mas este período foi por demais efervescente para que até mesmo o mais distanciado cidadão fosse atingido pelas transformações sóciopolíticas e as discutisse, em seu cotidiano.

Em 84, fui às ruas gritar, junto com o povo. Reivindicar a democracia plena, as “diretas já”. As lembranças que trago desses comícios e manifestações, aproximam-me mais ao meu pai, do que à história recente do país. Eu não tinha sido educado para defender o interesse geral. Mas, também, não tinha sido educado para agarrar-me ao que deveriam ser os meus interesses de classe. Eu era apenas um pequeno burguês, sem nenhuma convicção política, sem envolvimento intelectual com a causa popular. Se eu tinha algum envolvimento com o povo, era um envolvimento somente emocional. Era compaixão por sua miséria e seu sofrimento. E foi por compaixão, e não por ideologia, que saí às ruas. Nas ruas eu gritava, cantava o Hino Nacional e “Prá não dizer que não falei das flores”. Não cantava por mim, cantava pelos outros. Sequer era eu quem cantava: era meu pai, que cantava em mim. Aquele gesto para mim era mais que gritar pelas eleições diretas: era gritar por um herói anônimo. Era cantar por um herói sem corpo, por um espectro que parecia me espreitar na multidão. Era um modo de orar por meu pai.

Em 82, quando cursava o terceiro ano de faculdade, conheci um jovem idealista estudante de História: Silvio. Era militante do, então recém fundado, Partido dos Trabalhadores. Era neste partido que tinha desaguado grande parte dos intelectuais, estudantes e militantes de esquerda que se enfileiraram contra a ditadura imposta pelo golpe de 64. Nessa época, eu alimentava a idéia de localizar o corpo de meu pai. Silvio me apresentou para diversas pessoas que o teriam conhecido. Entretanto, ninguém podia me dar uma pista segura que me levasse à localização de seu corpo. No último ano de

faculdade, como se fosse uma espécie de despedida, Silvio me prometeu que encontraria o corpo de meu pai. Na ocasião, fiquei ansioso com esta promessa. Essa ansiedade se perdeu com os anos. Após o término do curso de filosofia, perdemos o contato. Julguei que o idealismo do jovem estudante tinha desvanecido e cedido lugar à necessidade prática da vida e, com seu idealismo, também tivesse morrido sua promessa.

Em 1986 fiz mestrado de Filosofia e Letras, o que me permitiu lecionar as duas disciplinas.

\*\*\*\*\*

Todos os anos, o inverno chegava primeiro em meu coração para depois chegar como estação. As lembranças tornavam-se vívidas e dolorosas. Em 87, resolvi fugir de tudo isso. No final de junho, fiz as malas e rumei para uma temporada na Europa. No princípio planejava ficar apenas seis meses. Ao término dos seis meses, prorroguei por mais seis e assim transcorreram três anos de andança. Estive primeiro na Inglaterra, depois na França. Na Itália, visitei Turim, a cidade dos pais de meu pai, e de, lá fui à Grécia. Por três meses, estive numa pequena ilha grega, nas Cíclades. Caminhei por suas praias como que a procurar por uma jóia perdida entre suas areias brancas. No retorno, passei pela Espanha e demorei-me em Portugal.

Em Portugal fiz aquilo que o povo português faz por vocação: contemplar o mar. Empurrado pela Espanha para o mar, Portugal parece desejar desligar-se do continente e tornar-se uma pequena ilha cercada apenas pelo Atlântico. Nesse país aprendi a ouvir e entender “A voz do Mar”.

Corria o mês de agosto quando, em Portugal, recebi um telegrama de uma pessoa que pensava jamais iria reencontrar: Silvio. O estudante idealista tornara-se um professor engajado. O telegrama informava que ele tinha notícias importantes acerca do “companheiro” Thales Santoro, meu pai. O telegrama trazia ainda um número de telefone, em que eu o localizaria. Liguei na mesma tarde. Silvio não estava. Voltei a ligar na manhã do dia seguinte.

— Caio Graco! — exclamou ele do outro lado do Atlântico. — Tenho notícias. Localizei onde seu pai foi enterrado. Na verdade, já faz quatro anos que localizei. Mas o Serviço Funerário Municipal não autorizava a exumação. O prefeito não tinha compromisso com a

verdade histórica... agora não! Tomamos o poder, Caio. É só questão de dias, vamos exumar uma vala clandestina no Cemitério de Perus... Seu pai foi enterrado lá, como indigente...

Eu o interrompi:

— Obrigado, Silvio, por isso! Vou voar para São Paulo ainda hoje... quero ouvi-lo pessoalmente, sim?

Dois dias depois, eu estava diante do jovem professor de História. Era fascinante como ele sofria, amava e cultuava a recente história política de nosso país. Silvio morava no extremo leste de São Paulo. Foi lá que nos encontramos. Duas horas depois estávamos no Cemitério Dom Bosco, em Perus. Descemos sob guarda-chuvas. Caía uma garoa oblíqua, fina, gelada. Chuva de inverno. Silvio apontou-me um extenso terreno, coberto por um verde gramado.

— Tudo leva a crer que o corpo do seu pai está enterrado debaixo deste gramado...

— Como e quando chegou a esta informação?

— Quase que por casualidade. Há quatro anos falei com um velho companheiro, o senhor Honório, sobre você e seu pai. Para minha surpresa o companheiro Honório conheceu seu pai. Tinham sido amigos. Foi Honório quem avisou seu pai da premente necessidade dele deixar o país. Quando seu pai foi preso pelo DOPS, Honório foi informado. Partindo dessas informações e do fato de que neste cemitério já havia sido encontrado um integrante da ALN, resolvi fazer uma busca nos arquivos do Dom Bosco. No arquivo, encontrei as fotos de um homem que tinha sido enterrado como indigente e me pareceram muito semelhantes à foto que você me havia dado. O corpo estava com o rosto um tanto desfigurado e, a foto que você me deu, estava muito desbotada.

— Ele foi torturado? — indaguei, com a dor da certeza a me aguilhoar a dignidade.

— Sim. Tinha sido espancado e seu rosto apresentava muitos hematomas.

— Eu sempre soube disso... Continua...

— Eu não tinha certeza se, de fato, era seu pai. O corpo fotografado estava quase irreconhecível. Foi então que trouxe o companheiro Honório para que fizesse o reconhecimento das fotos do arquivo. Ele não teve dúvida: O homem que a ditadura enterrara como indigente era na, verdade, o jornalista Thales Santoro, seu pai... As fotos estão no arquivo do cemitério, quer vê-las?

— Não... A última vez que vi meu pai, ele estava vivo... Isso

foi há muitos anos. Não quero substituir essa imagem por outra tão dolorosa. Prossiga, por favor.

— Bem, o companheiro Honório, me disse que seu pai foi preso em setembro de 69...

— Exatamente...

— Foi enterrado no dia oito de maio de 71. Na “Gleba Um”.  
Silvio virou-se e apontou:

— A “Gleba Um fica lá...” A única informação que ficou registrada no arquivo é que ele tinha sido encontrado à beira de uma estrada, a noroeste da cidade.

— Sim...

— O corpo foi exumado em 75. Mas, os livros do cemitério não registraram o destino da ossada. Chegamos a uma informação um tanto suspeita: Em 75 duas quadras do cemitério, com aproximadamente mil e quinhentos cadáveres foram exumados nas mesmas circunstâncias da de seu pai. Faltava descobrir-se, afinal, o fim que levaram os mil e quinhentos cadáveres... Recebemos uma informação: os mil e quinhentos cadáveres exumados estariam inumados numa vala clandestina no cruzeiro do cemitério. Tentamos a exumação junto à administração anterior. O prefeito, porém, alegou que se fizesse a exumação não teria onde pôr as mil e quinhentas ossadas...

Silvio deu uma pausa. Ficamos a contemplar o cruzeiro em respeitoso silêncio. A chuva fria continuava a cair sobre nossos mortos, sobre a História.

— Por que não me informou de tudo isso antes? — indaguei.

— Porque de nada adiantaria você saber se não tínhamos possibilidade segura de prosseguir na busca pelo corpo de seu pai. Agora sim, dentro de alguns dias será feita a exumação... e, tenho certeza, ele será identificado.

Agachei-me e coloquei a mão na grama encharcada.

—... Ele está aqui debaixo deste chão... Um homem que amou seus semelhantes, que defendeu a dignidade do homem, que escreveu e participou da história do nosso país. E que foi enterrado sem história, sem nome e sem dignidade.

A emoção crescia dentro de mim. Eu não queria reprimi-la. Quantas vezes chorei por meu pai, sem saber para que lado deveria olhar? E agora ele estava ali, em alguma parte daquele verde gramado. Agora eu podia chorar sabendo que estávamos muito

próximos. As lágrimas escorriam pelo rosto. Lágrimas quentes debaixo da fria chuva de agosto. Lágrimas que caíam sobre a terra que cobria o seu corpo.

— E ele é um indigente numa vala comum... — prossegui depois de enxugar o rosto! —. Numa vala clandestina. O homem que viveu para registrar a história do seu tempo não teve direito ao registro de sua morte, de seu sepulcro, nem ao seu nome na lápide. Nem mesmo ao pranto de saudade da esposa e do filho... Que o amavam.

Levantei-me, esfregando a palma da mão no rosto:

— Obrigado, Silvio. Muito obrigado! — disse, aos soluços.

— Não deve me agradecer. Sou um historiador, Caio. Localizar o corpo de seu pai, e de outros desaparecidos políticos, que, por certo, serão encontrados nesta vala clandestina, significa preencher uma página em branco da história nacional. E um historiador tem a obrigação de reescrever a história de seu país. O historiador tem a obrigação de substituir a fraudada versão dos usurpadores com a verdade.

Abracei-o, comovido com suas palavras.

— Muito obrigado, meu amigo. Gostaria de ter a sua obstinação — disse-lhe, ao apertá-lo de encontro a mim — O homem que está enterrado debaixo deste chão se orgulharia se eu fosse como você.

Silvio sorriu e respondeu.

— Tenho certeza de que ele também se orgulharia de você, se o conhecesse.

Na tarde do dia três de setembro, recebi um telefonema de Silvio informando-me que a exumação seria feita na manhã do dia seguinte. Às oito, eu já me encontrava no cemitério. No local havia jornalistas e autoridades. Silvio, também estava lá. Às dez horas uma dezena de funcionários do cemitério iniciou a escavação do cruzeiro. Enfim, era a exumação, a possibilidade de se identificar e enterrar, com dignidade, centenas de mortos-vivos. Cada ossada jogada para fora da vala provocava-me um forte sentimento, como se aquela fosse a ossada de meu pai. Eram mil e quarenta e nove ossadas. E entre mil e quarenta e nove ossadas havia uma que me pertencia. O trabalho haveria de ser demorado. Afinal, eram mil e quarenta e nove homens enterrados no silêncio da noite. E entre mil e quarenta e nove ossadas uma pertencia a mim, uma outra que pertencia a um outro órfão; outra que pertencia a uma viúva, e além dessas, ainda

havam mais mil e quarenta e seis ossadas...

Às duas da tarde, depois de ter assistido à exumação de centenas de ossadas, deixei o cemitério com a impressão de quem espera por algo impossível, com um sentimento de pequenez e impotência, diante do monstro do Leviatã.

Em casa, a incerteza assaltava-me a consciência. Conseguiriam identificar a ossada de meu pai entre mil e quarenta e nove ossadas? O professor Silvio tinha me assegurado que, embora fossem demorados, seriam empregados os mais modernos e eficazes métodos na identificação das ossadas. Essa incerteza não durou muito. Os indícios eram convincentes. Ele haveria de ser identificado entre as ossadas do Cemitério de Perus. Num certo momento, tive certeza absoluta de que meu pai seria identificado. A convicção foi tanta que dei início aos preparativos de seu funeral. Dirigi-me à biblioteca e procurei na agenda o telefone do Cemitério do Morumbi, onde fica o jazigo da família.

“Mamãe me pediu que o enterrasse ao seu lado” — pensei. Sorri em saber que eu haveria de realizar o desejo póstumo de minha mãe e, certamente, de meu pai, também. Disquei para o cemitério. Um funcionário do me atendeu do outro lado da linha.

— Cemitério do Morumbi...

— Por favor, quem fala é Caio Graco Menezes Santoro...  
Quero fazer um pedido de exumação.

— Qual o nome da família, senhor?

— Família Figueiredo de Menezes...

— Só um momento. Vou verificar no computador...

— Pois não!

— Localizei... O senhor disse que deseja fazer uma exumação?

— Exato.

— Não há necessidade de se exumar, ainda tem uma gaveta disponível...

— Sei disso... Mesmo assim desejo fazer a exumação.

— E qual o corpo a ser exumado?

— Matilde Figueiredo de Menezes.

— E qual seu grau de parentesco, senhor?

— Sou neto...

— Será preciso a autorização dos outros netos, senhor.

— Não há outros netos.

— Sim, senhor. Está anotado. Ainda assim, o senhor deverá passar pessoalmente na administração para assinar a autorização. Pode fazer isso amanhã de manhã, antes das dez?

— Sim. Posso.

— Assinado o documento até as dez da manhã, exumaremos o corpo de dona Matilde Figueiredo Menezes às 14 horas... Está bem, senhor Caio?

— Ótimo. Amanhã passarei aí e assinarei a autorização.

— Disponha, senhor. Boa tarde!

Coloquei o telefone no gancho e suspirei. Imaginar que o desejo de minha mãe seria realizado me trouxe uma espécie de serenidade, um sentimento de paz.

No dia seguinte, passei no Cemitério e assinei a autorização de exumação do corpo de minha avó. Indagado pelo funcionário se desejava a cremação dos despojos, respondi-lhe que não, que depositassem no ossuário do cemitério.

De lá, fui direto para Campinas e entreguei pessoalmente algumas fotos de meu pai ao professor Fortunato Badan Palhares, da Universidade de Campinas. Palhares foi quem chefiou a equipe que fez a identificação das ossadas. Foi um trabalho demorado, meticuloso. Quase um ano depois, como tudo fazia crer, a ossada de meu pai foi identificada. Era o mês de julho de 1991. Encomendei-lhe o melhor serviço funerário. De Campinas para São Paulo, o carro funerário foi acompanhado por um extenso cortejo. Havia ali inúmeras pessoas, cuja amizade com meu pai eu desconhecia. Outros acompanhavam apenas para sentirem-se partícipes de um importante momento da história política do país. O dia estava frio e nublado, mas não choveu. No momento de descer o caixão no jazigo, um homem setuagenário tomou a palavra. Era o senhor Honório Arce, o velho conhecido de meu pai. Não chegava a ter um metro e setenta de altura, mas era um velho bastante forte. O bigode e os cabelos, curtos e ligeiramente espetados, já estavam completamente brancos. Usava óculos de lentes grossas e aro de tartaruga. Colocou-se ao lado do caixão e levantando o dedo direito em riste anunciou:

— Camaradas! — Fez uma ligeira pausa, prosseguiu quando percebeu a atenção dos circunstantes:

— Aos vivos, o respeito; aos mortos, devemos apenas a verdade... Camaradas, hoje é uma data especial para a democracia do nosso país... A data em que um camarada, o intelectual e jornalista Thales Santoro, retorna para terra com o respeito que lhe era devido...

Camaradas, quem era Thales Santoro? Um terrorista? Não. Um guerrilheiro? Não. Sequer era filiado ao partido, e se hoje estou aqui para vê-lo descer à terra não é porque, um dia, o tivemos nos quadros do partido. Hoje estou aqui para ver descer à terra os restos de um homem que lutou pela justiça aos seus concidadãos. Os restos de um idealista. E, quais foram seus crimes? Seu crime foi expor a miséria da classe trabalhadora! E, na suas luta, ele usou apenas as palavras... Thales soube interpretar os sentimentos e ansiedades de nosso povo... Thales foi sensível ao sofrimento do camponês sem terra, do operário sem pão, do pai de família sem a dignidade do trabalho. Thales simplesmente se opunha à exploração dos donos do capital... Camaradas, hoje a ossada deste homem retorna para o nosso chão... Só a ossada! Porque seu corpo ficou na vala clandestina! E queriam que a História também lá permanecesse, na vala clandestina! Suas idéias, seu anseio de justiça social vieram com sua ossada. E nada foi em vão. Esta terra, nossa pátria, comeu-lhe os músculos para que hoje tivesse força! Esta terra, nossa pátria, comeu-lhe a carne para que hoje tivesse vida! Esta terra, nosso povo, comeu-lhe a língua para que hoje tivesse voz! E é esta voz que hoje clama pelos direitos de seus filhos marginalizados. E é por causa de sua língua que hoje a nossa pode falar, sem que a farda nos faça calar!... Obrigado”.

Em seguida, cantou-se o Hino Nacional. Todos me dirigiam seus olhares solidários. Eu não podia acrescentar uma única nota às palavras de Honório Arce. Eu não tinha palavras, subitamente me recordei de minha mãe e do que um dia havia lhe falado. Na verdade aquela frase jamais havia abandonado o meu pensamento. Olhei em derredor e disse com voz apagada, quase embargada:

— Queria apenas dizer algumas palavras em memória de meu pai... Quando minha mãe estava aflita pelo destino deste homem, seu marido, meu pai... Eu lhe disse uma frase... E esta frase se parece tanto com ele e falou tão profundamente à minha mãe que desejo repeti-la neste momento solene. Eu lhe disse: “Mesmo não crendo em Deus, o seu amor pelos homens o justificará perante o Senhor...” É só isso...

O ataúde desceu ao jazigo. Pessoas que eu desconhecía vieram apertar a mão. O senhor Honório também me estendeu a dele, de dedos curtos e grossos; mão forte...

— Senhor Honório, — disse-lhe — obrigado por meu pai... e por mim, também. Gostaria de ter proferido esta homenagem póstuma. Sei que meu pai era digno de suas palavras. Contudo,

minha consciência política jamais seria capaz de concebê-las.

O homem me espiou através das grossas lentes:

— Não me agradeça quanto a isso, meu filho... Ainda que você fosse capaz de conceber estas palavras, eu não permitiria que você as enunciasse. O que lhe cabe, você faz agora: ama-o como um filho ama seu pai. Quanto a esta homenagem é de direito exclusivo de quem perdeu um amigo. Estas últimas palavras, eu tinha a obrigação de dizê-las.

— Obrigado.

— Ah, sim... — exclamou ele, enfiando a mão no bolso da calça. — Esta é uma recordação muito querida... — comentou estendendo-me uma fotografia — Mas já não posso ficar com ela. Tome. É sua...

Olhei a foto. Um homem alto, de físico atlético, quase um rapaz, estava ao lado do senhor Honório, um Honório ainda de cabelos negros. O homem, meu pai, sorria para vida que lhe seria abreviada. Sorria com a ingenuidade de um rapazote. Sorria enfiado em uma calça larga e vincada.

— Só tínhamos esta foto juntos. Naqueles tempos não podíamos guardar as lembranças... Uma foto como esta seria prova suficiente contra seu pai. Uma lembrança como esta poderia levar um amigo à morte... Esta, eu guardei com muito cuidado...

Não tive palavras para responder-lhe. Fiquei apenas em silêncio contemplando o homem do retrato. Contemplando o seu jeito confiante.

# 18

## *Chuva de Novembro*

Em 1990 tornei-me professor de Filosofia no curso colegial e de Literatura no curso ginásial da rede estadual de educação.

O tempo arrastara os anos para longe de mim com a mesma rapidez e impetuosidade com que o vento de outono desnuda a copa das árvores. Mas, a lembrança do amor perdido permanecia... me roía silenciosamente por dentro.

Eu me recusava em acreditar na reencarnação. Dizia a mim mesmo que não era por ela que eu esperava e, sim, por uma outra pessoa que despertasse em mim uma nova paixão. O coração, porém, não aceitava este argumento da razão. O coração desejava caprichosamente um reencontro com a mesma pessoa, que a morte tinha levado. Meu coração procurava ansiosamente por ela, por Caressa...

Toda noite, antes de dormir, a mesma sensação retornava. Era uma sensação de ligeira ansiedade, a vaga impressão de que o dia havia terminado sem que eu encontrasse algo que, sem admiti-lo, estava a esperar: o reencontro com o amor de minha adolescência. Às vezes, eu percebia minha loucura e prometia esquecer toda esta insensatez. A lucidez não durava muito. Dias depois eu já tinha me esquecido da promessa e já estava a observar o céu noturno com o coração repleto de ansiedade. Quando caminhava pelas ruas, eu procurava nos olhos de outras meninas o mesmo brilho que, um dia, tinha visto nos olhos de minha amada. Atravessei os anos com esta sensação de expectativa e ansiedade me dominando. Esta sensação tornava-se-me quase insuportável em julho, quando tudo que me cercava fazia com que relembresse o amor perdido. De manhã me despertava para ela. O vento soprava seu nome em meu ouvido. As noites eram tingidas por um céu feito de saudade e sonho. Certa vez, numa tarde de domingo, eu estava fazendo *cooper*, na pista do Ibirapuera quando, distante, vi uma menina sentada de costas para o lado da pista. Quero dizer: não vi a menina propriamente, mas seus

cabelos negros em forma de espirais: vi os cabelos de Caressa. Caminhei em sua direção e quando estava a um metro para lhe tocar o ombro, detive-me: “E se não for ela?” — perguntei-me —. Não havia nada de condenável em se tocar, por engano, no ombro de uma pessoa. Não foi por isso que me detive... Parei porque me julguei demasiadamente precipitado. Porque se não fosse ela, eu teria desperdiçado o prazer de estender ao máximo aquela ilusão. A sensação que me percorria o corpo era muito especial para ser assim tão facilmente anulada. Então caminhei para a outra margem da pista e me sentei na grama. Fiquei ali sentado, contemplando-lhe os cabelos negros; embriagando-me daquela doce ilusão. “Pode ser ela!” — pensei, depois de algum tempo. Minha vida, suspensa pelo fio da ansiedade balançava no tempo como o pêndulo de um relógio antigo, como a marcar o compasso cadenciado do meu coração. Seria muito simples obter uma resposta: ela estava a apenas alguns passos. Contudo, o medo havia tomado conta de mim. Eu não ousava avançar, olhar seu rosto, mergulhar em seus olhos. Não ousava quebrar a sensação desse suspense. Os ombros também se assemelhavam aos de Caressa: retos e estreitos como os de um menino.

De repente, ela se levantou e caminhou com passos apressados na minha direção. Levantei-me e a acompanhei discretamente. Alguns metros adiante um rapaz a envolveu em seus braços compridos e a beijou. Eu continuei andando com ar ausente. Os dois prosseguiram abraçados. O rapaz certamente tinha percebido que eu estava a observá-la, porque, logo depois dele lançar uma rápida olhadela para trás, a menina fez o mesmo. Em segundos, pude ver a fisionomia dela; pude, espantosamente, mergulhar em sua alma... Não era ela, não era Caressa. Parei e fiquei contemplando o casal até perdê-lo de vista. Entrei no meu carro e fui para casa, para o meu longo inverno...

# 19

## *Chuva de Novembro*

Minha vida foi marcada por um longo e tenebroso inverno de quatorze anos, que se estendeu de 31 de julho de 1978 a 23 de setembro de 1992. De repente, chegou ao fim. Surgiu a primavera. Primavera de pôr-do-sol flamejante. Primavera de flores. Primavera de chuvas súbitas que antecedem o verão. Primavera de lirismo e sonhos.

Era 24 de setembro de 92, uma quinta-feira, manhã ensolarada do segundo dia de primavera. No dia anterior, Antônio, que conhecia bem a mecânica do velho Alfa-Romeo, desde manhã, tentava em vão, resolver um problema em seu carburador. No início da tarde, ele jogou a toalha e me aconselhou a procurar uma mecânica autorizada para fazer a reposição das peças condenadas ou promover a substituição do carburador. Olhando em seu rosto suado, eu sorri ante sua determinação. Agradei seus esforços e disse-lhe que fechasse o capô. Liguei para a concessionária e solicitei o endereço da oficina autorizada mais próxima da minha casa. Liguei para lá e pedi que providenciassem um reboque para meu velho Alfa-Romeo. Meia hora depois, um guincho levava o carro a reboque. Mais tarde o gerente da oficina me ligou para e informou que a substituição das peças foram tinham sido efetuadas e que meu velho carro se encontrava à toda prova. O gerente me ofereceu um funcionário para trazer o carro até minha casa, mas recusei-lhe a gentileza. Queria trazê-lo pessoalmente. Fazia algum tempo que não dirigia esse carro, tão precioso em recordações. Chamei um táxi e momentos depois descii na frente da oficina. Com descrição e palavras técnicas, o gerente explicou-me o funcionamento do sistema de carburação do veículo e o porquê do problema. Não entendi absolutamente nada e quando ele acabou de falar, resmunguei algo, aprovando tudo quanto dissera. Paguei o conserto, agradei e deixei a oficina. O desempenho do veículo me surpreendeu e eu, deliberadamente, decidi alongar um pouco o percurso de volta.

Passava por uma rua sem tráfego quando, de repente, o carro deu dois pequenos trancos e parou de funcionar. Protestei com um suspiro. Esperei alguns segundos e liguei novamente o motor. Houve combustão, mas antes que eu pisasse no acelerador o motor apagou. Voltei a ligar a chave, mas desta vez só o motor de arranque funcionou. — “Carburacão!” — disse para mim mesmo. Saltei do carro e olhei em minha volta à procura de um telefone público. Não havia nenhum. Fechei o carro e saí caminhando. Poucos metros além uma senhora me informou que, na rua paralela, havia um orelhão.

— Em frente à escola estadual. — acrescentou ela. Renovei meus agradecimentos e me dirigi para o local indicado. Não foi difícil localizar a escola. Era o horário de entrada da turma do vespertino. A rua estava tomada por uma ruidosa procissão de ginásianos. Em uma bomboniere, em frente à escola, comprei duas fichas telefônicas e liguei para casa. Antônio me atendeu.

— Antônio — disse-lhe ao telefone —, sou eu, Caio...

— Pegou o carro, patrão? — indagou, ele.

— Sim. Peguei... Mas já está quebrado de novo...

— Quebrado?

— Sim... deu uns trancos e apagou o motor. Voltei a ligar o motor. Segundos depois, apagou de novo. Agora não quer dar nem mesmo a partida. O arranque gira, mas não faz combustão no motor... Estou na rua. Não tenho o telefone da oficina. Pode ligar para lá e pedir que venham buscar o carro?

— Sim, patrão... Diga uma coisa: você abasteceu o carro?

— Não. Pensei que tivesse combustível.

— Tinha, mas eu usei para lavar as peças... Pela sua descrição, deve estar faltando gasolina.

— Melhor assim... Pode me trazer gasolina, Antônio?

— Claro que sim, patrão... onde você está?

— O carro está na rua da escola estadual... A escola chama-se...

Até então, eu conversava de frente para a bomboniere e de costas para a escola. Eu me volvei para de ler o nome da escola na fachada.

— Professor Augusto Marcon...

De súbito a voz me silenciou, tal fora minha surpresa. Meu coração imediatamente disparou a bater. Ela estava ali, do outro lado da calçada, conversando com outra menina. Os mesmos cabelos, a

mesma boca, o mesmo corpo... a mesma alma...

— Caio?... Caio? — chamava a voz assustada de Antônio, do outro lado da linha.

— É ela, Antônio... — disse-lhe, sem tirar os olhos da calçada oposta. De repente ela executou aquele inesquecível gesto particular: dobrou o punho e, com graciosidade, tocou a ponta dos dedos entre o pescoço e os seios, soltando um risinho, enquanto balançava a cabeça.

— Ela quem, Caio?

— Caressa, Antônio! — eu estava estupefato — Caressa...

— Está se sentindo bem, patrão? — perguntou meu amigo com voz assustada.

— Professor Augusto Marcondes... — completei, antes de colocar o aparelho no gancho.

Meu corpo parecia todo tomado por uma sensação paralisante. A razão cedera todo o controle ao coração, que agora me fazia caminhar hipnotizado, com passos curtos e lentos, por entre um mar de estudantes ginásiais, na direção daquela menina. Ela deu um sorriso de despedida à amiga e caminhou na direção do portão da escola. Impelindo os estudantes para os lados com os braços, como se estivesse a nadar por um mar de ruidosos adolescentes, tentei alcançá-la antes que cruzasse o portão. Não consegui! Continuei abrindo caminho entre os estudantes disposto a entrar no prédio. Fui impedido, contudo, pelo porteiro.

— O senhor é pai de aluno? — intimou ele.

— Não. Sou professor! — respondi-lhe, depois de um segundo de hesitação.

— Pais e professores devem usar o outro portão. Este é só para entrada de alunos.

— O outro portão?

— Sim. Aquele lá adiante. É o portão da secretaria.

— Ah, sim, muito obrigado! — girei nos calcanhares e retornei à rua. Fiquei ali, olhando para a fachada da escola até que entrasse o último aluno. A escola era uma construção de dois andares, um retângulo paralelo à rua, cercada por um muro de aproximadamente dois metros. Havia uma fileira de árvores entre o muro e a parede da escola, o que dificultava a visão das janelas das salas.

“Ela está aqui, nesta escola... tão próxima de mim, mas tão

longe do meu alcance”.

Quando regresssei, o motor do carro já estava roncando, Antônio o havia abastecido com um galão de combustível.

— A oficina fez um bom trabalho, patrão! — observou ele, ao descer do carro.

— Eu a vi, Antônio... é ela... — comentei com ar ausente.

Antônio desconversou.

— Quer voltar em seu carro ou prefere o meu fusca? — pilheriou.

— Desejo dirigir o Alfa, Antônio... E agora, muito mais do que desejava antes — respondi-lhe ao entrar no veículo. Antônio debruçou-se na porta:

— Quer que eu o acompanhe em meu carro?

— Não era apenas falta de combustível? — perguntei-lhe.

— Sim. Creio que sim — respondeu-me.

— Então, não há necessidade.

— Tudo bem, Caio? — perguntou-me como quem olha para um fantasma. Sorri e, balançando suavemente a cabeça, disse-lhe:

— Não estou ficando louco, se é isso o que teme, meu amigo... Eu a vi. Tenho certeza de que era ela!

Antônio nada respondeu, limitou-se a dar tapinhas em meu braço. Arranquei com o carro, contornei a quadra e não pude deixar de passar mais uma vez diante da escola. Passei devagar, como se estivesse a marcar os passos de um pedestre. Os olhos atentos observavam as vidraças das salas, por entre as copas das árvores.

\*\*\*\*

Naquela noite do reencontro, minha aula foi ainda mais eclipsada do que, em geral, era. Entrei na sala da turma do colegial e, sem dizer-lhes uma única palavra, escrevi na lousa: “O coração às vezes tem razões que a própria razão desconhece”. Depois me volvei para os alunos, cumprimentei-os com um olhar melancólico e perscrutador e lhes pedi:

— Hoje, quero que vocês façam uma dissertação sobre esta célebre frase de um pensador francês: Blaise Pascal. Depois caminhei para minha mesa e eu próprio entreguei-me a refletir sobre essa frase de Pascal. Na turma do ginásio, também não foi diferente. Escrevi na

lousa: “Qual o sentido da minha história pessoal?”

— Façam uma redação respondendo a esta pergunta. — disse-lhes.

Os alunos fitaram-me com ar perplexo e reticente. Explique-lhes:

— Para entendermos a história coletiva da humanidade é preciso que primeiro encontremos um sentido para nossa história pessoal.

Sentei-me à mesa e acrescentei:

— Escrevam em silêncio e me entreguem os textos só no término da aula.

Naquela noite, usando deste artifício, fiz com que meus alunos estudassem, sem que me houvesse necessidade de interromper meu silêncio de perplexidade e reflexão.

Ao chegar à casa me dirigi para a sacada do quarto e de lá fiquei contemplando o azul profundo do céu de primavera. O vento soprava com suavidade, trazendo as lembranças em lufadas de emoções:

*“Eu vou voltar para você, Caio”.*

*“Aquela por quem chama já reencarnou”.*

Estas palavras se repetiam dentro da minha cabeça. Palavras pressentidas à distância, murmuradas por vozes vindas do passado. A razão me argumentava tratar-se de alguém por demais semelhante, nada mais que uma mera casualidade. O coração, por sua vez, replicava que seria casualidade por demais. Quanto a mim, inclinava-me pela última.

E depois, ainda que não admitisse a hipótese da reencarnação, seria obrigado a aceitar a predestinação. Afinal, qual outro sentido haveria para a malha de acontecimentos que contribuíram para aquele encontro? Se for, ou não, uma reencarnação, isso pouco me importava. Esta questão era secundária e irrelevante diante de uma verdade absoluta: a emoção que me percorria o espírito era a mesma que senti há quatorze anos. Como haveria de chamar-se? Jéssica? Carolina? Patrícia? Viviane? Estes eram os nomes que mais se repetiam nos últimos anos. Eram os nomes da moda e, certamente, ela teria um desses nomes. Mas, qual? Eu queria sabê-lo para ficar repetindo-o até ser engolido pelo sono. E que, à força de tanta repetição, a sua imagem invadissem meu

inconsciente e me fizesse sonhar com aquele doce reencontro.

Não me lembro se realmente sonhei com ela naquela noite. Mas no outro dia, sexta-feira, levantei com uma agradável sensação de bem-estar, de libertação, de alegria. Porém, no decorrer do dia, este sentimento foi substituído pela ansiedade. Tinha que esperar até às três da tarde, horário de entrada da turma do vespertino, para poder revê-la. Às duas e trinta eu já estava lá. A rua estava deserta. Encostei o carro na calçada oposta ao portão da escola e fiquei esperando. Devagar, foram surgindo os primeiros alunos. Meus olhos saltavam de um lado para outro na incessante procura daquela menina. Então deram três horas e ela ainda não havia passado por mim. Três e três. Nada! Três e cinco, chegavam os alunos remanescentes. Três e seis... o porteiro fechou o portão de entrada. Talvez, ela ainda chegue atrasada, justifiquei. A rua estava deserta de novo. Três e quarenta e cinco: entrei no carro e voltei para casa. A ansiedade cedeu lugar à dúvida:

Eu teria mesmo visto uma menina tão semelhante à Cressa, como julgara ter visto? Poderia confiar nos meus sentidos, ou eles estavam comprometidos pelos anos de amor e devoção por uma pessoa que irremediavelmente a morte tinha levado? Teria os anos de solidão perturbado o meu juízo? Aquela imagem, que eu vira na frente da escola, era uma realidade ou uma criação da minha fantasia? Já não tinha mais certeza de que a tinha visto. Naquele fim de semana, só uma única certeza me martirizava: o medo de perder o contato com a realidade. A loucura das minhas emoções chegou a ponto de, em plena tarde de domingo, levarem-me para diante do portão da escola! Eu achava que uma inexplicável providência ou casualidade a levaria ao meu encontro. Quanta loucura! Quando a noite caiu, deixei a rua da escola vazio e mais solitário que nunca. Vencer a noite daquele domingo foi uma longa batalha. Aquela menina, ou visão, ou seja lá o que fosse, tinha feito aflorar a paixão que eu julgara ter vencido. Agora, a paixão e a loucura pareciam rodear minha alma como a uma matilha de lobos famintos.

# 20

## *Chuva de Novembro*

*Segunda-feira, 28 de setembro de 1992.*

À tarde, caiu a primeira chuva de primavera. A chuva que faria desabrochar as flores. A chuva que faria renascer minha vida. Naquele dia fui para frente da escola sem nenhuma certeza de vê-la. A chuva me obrigou a permanecer dentro do carro. Estacionei a apenas dez metros do portão, para garantir, se acaso ela existisse, a de possibilidade de vê-la. Liguei o desembaçador e o ar condicionado para tentar evitar que os vidros se embaciassem. Ainda assim a visibilidade ficou prejudica. Havia, também, os guarda-chuvas dos meninos e as sobrinhas das meninas que me obstruíam a visão do rosto dos que passavam. Em resumo, naquela segunda-feira, ainda que ela passasse por mim, a possibilidade de revê-la estava muito reduzida. O destino, porém, não escolhe dia. Haveria de revê-la naquela tarde chuvosa. Haveria de revê-la sob a chuva de primavera. Eu observava cada estudante. Nem sempre conseguia ver-lhes os semblantes, sob suas sombrinhas. Com ela teria sido o mesmo se, ao passar ao lado do carro, ela não tivesse levantado, a sombrinha e lançado um rápido e curioso olhar para dentro do veículo. Foi um instante apenas. Nesse instante, ela olhou para mim. Ela não olhara só para dentro do carro, mas para mim e, por um instante, nossos olhares se reencontraram. Ela era real. Imediatamente abri a porta e saltei debaixo da chuva, corri para a calçada e fiquei a vê-la. Então, algo de mágico, de misterioso aconteceu: antes de entrar no vão do muro ela parou e virou-se na minha direção. Estávamos a dez metros de distância, mas nossos corações estavam tão próximos que podia sentir o batimento do seu coração. Ficamos nos olhando por alguns segundos. Depois, ela voltou-se para o portão e entrou. Eu estava encharcado, feliz. A felicidade sentida naquele instante foi algo que, como a dor da saudade, não traduz em versos, nem em palavras.

À noite cumpri minha obrigação de professor. O homem que

entrou na da sala de aulas, naquela ocasião, era completamente diferente do sisudo mestre, que meus alunos conheciam. Era um homem menos enrijecido, melhor: era um adolescente feliz com o paraíso reencontrado.

Entrei na sala e repeti o mesmo gesto de censura que me caracterizava: fechei a porta às minhas costas e lancei sobre a sala o meu olhar autoritário. O burburinho de vozes foi decrescendo até o mais completo silêncio. Então minhas feições se distenderam e eu sorri para meus alunos.

— Queridos alunos, boa noite! — disse enquanto caminhava para a mesa. Os alunos ficaram me olhando, sem compreender que eles estavam diante de um novo homem. Coloquei meu material sobre a mesa, dirigi-me à lousa e escrevi: “Os sentidos da paixão”. Depois me volvei para a sala e expliquei:

— Este é o tema que vamos debater nesta semana.

O engraçadinho da turma fez sua observação:

— Professor!

— Sim?

— Ainda estamos na aula de Filosofia?

A classe soltou sonora gargalhada. Esperei que silenciassem para então lhe responder, balançando a cabeça:

— Sim, Osvaldo! Ainda estamos na aula de filosofia...

Outra voz se irrompeu na sala. Uma aluna:

— Professor, posso fazer uma pergunta pessoal?

— Pode. Porém, dependendo da pergunta, me reservo o direito de respondê-la, ou não.

— Professor, o senhor está apaixonado?

Os alunos soltaram um coro de exclamações e gracejos. Depois um puxou o refrão e os outros o acompanharam:

— Responde! Responde! Responde!

Com mão adejante, solicitei silêncio.

— É uma pergunta muito pessoal. Eu poderia não respondê-la. Entretanto, a pergunta se enquadra no tema de nosso debate, não é mesmo?

— É! — responderam.

— Acho que sim. — disse-lhes. — Acho que estou apaixonado.

— Êeeee... — urraram um coro.

Quando diminuíram os rumores surgiu mais uma pergunta. A

última e mais interessante:

— Professor, pensei que os filósofos não se apaixonassem. Pensei que isso fosse coisa só de poetas.

— Esta sua reflexão é bastante interessante, Jorge. Muito interessante. Pessoal, vamos fazer silêncio! Sua reflexão é tão interessante que vamos guardá-la para a abertura de nosso debate... Hoje vamos mudar a disposição das carteiras... — anunciei-lhes — Vamos desmanchar as fileiras e dispô-las em forma de círculo. Certo, pessoal?

Soltaram um grito comemorativo e se puseram a arrastar as carteiras. Sentei-me com eles, no círculo.

— Bem — comecei —, o Jorge nos fez uma pergunta bastante pertinente. Vamos, portanto, usá-la como abertura para nossos diálogos. A pergunta do Jorge traz, na verdade, uma reflexão fundamental sobre “O sentido da paixão”: seria o amor domínio exclusivo dos poetas? A paixão seria território inadmissível ao pensador? — indaguei aos alunos, que me dirigiam olhares curiosos. — Existe uma frase — prossegui —, creio que seja de Sören Kierkegaard, que diz: “Conheci muitos pensadores que surgiram de um amor não correspondido, mas nunca encontrei um que fosse nascido de um amor correspondido”. Talvez, em parte, o autor da frase tenha razão. O exercício da filosofia pura, de certo modo, se contrapõe à paixão: Razão versus Emoção. Como conciliar em uma única alma dois deuses, que exigem a totalidade de nosso Ser?

Com essas palavras, iniciei a aula daquela noite que, inevitavelmente, acabou em confissões de alunas apaixonadas. Uma delas arriscou declamar uma poesia de sua autoria.

Na terça-feira, voltei a vê-la. Plantei-me a dois ou três metros do portão. Fiquei lá com o olhar atento para o lado esquerdo da rua, o mesmo lado de onde ela tinha vindo nas duas primeiras vezes. De trinta em trinta segundos, eu consultava impaciente o relógio no pulso. Mais alguns minutos e o portão se fecharia. Então eu a vi. Ela estava parada, olhava para mim, como se divertisse com minha impaciência. Sorriu. Um riso matreiro, depois executou quatro curtos e lentos movimentos com a cabeça, como que a menosprezar o meu cerco, e enfiou-se pelo portão da escola. Não sei se foi devido à proximidade, ou pelo tempo mais prolongado em relação às ocasiões anteriores, mas desta vez pude apreender-lhe detalhadamente a imagem: o rosto era o mesmo, a mesma cor da pele, a mesma

fisionomia, os mesmos lábios. Exceto o batom, que agora era mais claro, quase rosa. O cabelo, embora não possuísse os mesmos cachos, em espirais, possuía mesma cor e era igualmente belo. Os olhos eram iguais; a mesma cor escura, o mesmo brilho, o mesmo magnetismo, o mesmo inevitável poder de atração. O corpo possuía a mesma fragilidade, a mesma graça poética de menina-moça. Observei suas roupas também: calçava tênis de cor rosa, usava uma velha calça jeans e vestia uma blusa de corvim preto com uma imitação de pêlos sobre a gola. A simplicidade de suas roupas me fez deduzir que ela levava uma vida muito próxima da miséria.

Antes de dormir evoquei a imagem dela em meu pensamento, seu corpo e seus trejeitos de menina. De súbito, como que atravessado por um lampejo de lucidez, uma idéia aterradora tomou conta de mim, algo que eu ainda não tinha considerado com o necessário cuidado: ela era uma menina... Quase uma criança! Como pude me deixar arrastar pela loucura por tanto tempo? perguntei-me. Tinha que romper com aquela obsessão, antes que não pudesse mais controlá-la. Tinha que esquecer aquela menina, assim como tinha que me lembrar de que eu já não era mais o mesmo garoto que vivera uma paixão juvenil, há quatorze anos. Enquanto frisava este pensamento, a lembrança daquele rosto me voltava à cabeça com suavidade. Quanto encanto! Em meu pensamento, eu a revia balançando a cabeça com suavidade e graça. Quanto havia de infantil nesse seu gesto e em seu corpinho! Pensar que justamente estes trejeitos e traços que sempre amei e mantive vivos na lembrança, pareciam querer advertir-me do abismo de tempo que nos separava. O tempo, em si, não era um obstáculo. Afinal, quatorze anos passam depressa, assim como se passaram para mim. O obstáculo era a meninice dela. Se ela tivesse vinte anos e eu trinta e sete nossas idades seriam perfeitas. Mas ela era uma criança! E apesar da consciência dessa terrível realidade, eu a amava com o mesmo amor que, outrora, um adolescente amado uma menina.

— Não! Não! Não posso! — gritei para mim mesmo.

Dirigi-me à porta de vidro da sacada e a abri. Olhando para o infinito da noite, prometi para mim mesmo que aquilo não haveria de se repetir. Prometi que não a procuraria nunca mais. Nunca mais.

*Quarta e quinta-feira: dois dias de vitória da razão sobre o coração.*

*Sexta-feira: Encontrei-me inesperadamente diante da escola. Ela não foi à aula, ou então a perdi de vista. Em casa, aceitei com*

*resignação o desencontro. Era melhor assim. Foi apenas uma queda passional. Isso não se repetirá jamais. Não se repetirá.*

*Sábado: pensei nela durante todo o dia.*

*Domingo: desci para o litoral. Admiti que a casa de praia está em boas mãos. Tudo bem cuidado. O mar estava agitado, as ondas explodiam de encontro às rochas mudas. O rugido do mar contrastava com o silêncio que ia dentro de mim.*

*Segunda-feira: os sentimentos me corroeram por dentro. Os pensamentos martirizavam-me: eu tinha sonhado com ela minha vida inteira e, agora, ela estava tão próxima no espaço, mas tão distante no tempo. O tempo não havia passado para ela, passara apenas para mim. Tudo em consequência da minha covardia. Os atos de Romeu e Julieta não poderiam ser mais acertados. Se eles tivessem ousado desafiar o imponderável, a tragédia se estenderia pelos séculos. Quem poderá dizer que eles não se reencontraram num outro momento e viveram toda intensidade do amor? Se não fosse a minha covardia, hoje, seríamos dois adolescentes reencontrando as metades de suas almas, dois adolescentes que viveriam nesta vida o amor interrompido na vida anterior.*

*Olho para mim no espelho. Não sou velho, sou jovem ainda. Mas sou adulto. Não tenho o rosto imberbe do rapazote que, com ardor, beijara o inocente rosto da menina. Agora sou um homem. E ela ainda é uma menina. Pensar nela me enche de desejo e de vergonha. A diferença chega ser escandalosa, hedionda até. O simples ato de pensar é escandaloso. Preciso evitar justamente o pensamento. Porque todo pensamento inevitavelmente corre para ela. É preciso não pensar, para não pensar nela. Duas da tarde. Se Antônio não me julgasse um louco eu lhe imploraria para que me trancasse numa gaiola. Seria menos doloroso estar enjaulado do que, a cada segundo, travar uma nova batalha com a brutalidade do desejo. Duas e trinta. Ando pela casa. Subo e desço a escada. Ando pelo gramado. Contorno a piscina. Ando pelo pequeno bosque. Olho para o relógio: 2h40m só mais dez minutos. Ligo o aparelho de som e coloco um CD para tocar: "Noturno N.2", de Chopin. O tempo vibra com as notas de Chopin. 2h47. Pressiono a tecla repeat. Abandono-me no divã. É preciso não pensar, para não pensar nela. Deixo o CD tocando e corro para a escada. Corro para a sacada. Olho na direção da escola em que ela estuda. 3h4. Ela entrou. Está dentro da escola. A dor da saudade é atroz. O desejo de vê-la é brutal. Mas, hoje eu os venci.*

Era preciso por um “basta!” naquela situação, antes que ela escapasse ao meu controle. Era preciso fugir daquela que eu esperara durante anos. Às seis da tarde, procurei pelo Antônio e comuniquei-lhe a minha decisão. Disse-lhe, sem nenhuma cerimônia:

— Vou à escola para dar minha última aula. Amanhã irei viajar. Pretendo passar algum tempo na Europa.

— Mas... assim, de repente?

— Sim... de repente. Preciso me ausentar por um tempo para colocar as idéias em ordem.

— Posso pedir para que não vá?

— Se quiser, pode pedir para ir comigo. Aliás, muito bom que fossem, você e Maria. Isso me faria sentir mais próximo de casa. Mas não me peça para ficar. Depois ligue para uma companhia aérea e me faça a reserva, ou as reservas, para amanhã à tarde, sim?

— Para qual país, patrão?

Pensei por um instante:

— Portugal. Seria bom passar algum tempo lá: o idioma não me deixará sentir um estrangeiro.

— Está bem, patrão. Farei as reservas.

Sorri-lhe, como se sorri a um fiel companheiro.

— Hoje, só tenho duas aulas com a turma do ginásio, por isso devo voltar logo. Pretendo fazer as malas ainda hoje.

Desci à garagem, entrei em meu carro e me dirigi para a escola. Dez para as sete eu já me encontrava na sala dos professores. Não tinha preparado nenhuma matéria para aquela noite. Naquela noite, não tinha a intenção de lecionar. Nem naquela noite, nem nunca mais. Aquela seria a minha última aula. Desejava apenas despedir-me dos alunos. Dirigi-me à sala da diretoria para comunicar-lhes minha decisão. No caminho, encontrei a assistente de administração e lhe perguntei sobre a diretora. Ela me informou que a diretora se encontrava no gabinete, conversando com a mãe de uma aluna. Agradei-lhe e girei nos calcanhares. Assim que terminasse a aula, eu haveria de comunicar-lhe o meu pedido de exoneração.

Naquela segunda-feira, o professor, que entrara pela porta da sala, não era o mesmo da semana anterior, que havia escrito na lousa: “Qual é o sentido da minha história pessoal?” Não era sequer aquele professor que os alunos estavam habituados a ver dissertar longa e cansativamente sobre literatura. Sentei-me em minha mesa e

corri um olhar de adeus àquelas fisionomias. Queria levar comigo um pouco das qualidades de cada um deles, apreender-lhes suas existências, unindo-as à minha. Os jovens alunos observavam este melancólico professor em respeitoso silêncio, como se em meu semblante estivesse estampado o mapa de todas as minhas angústias, de toda a confusão que havia em minha alma. Depois de um longo silêncio, levantei e disse-lhes:

— Hoje, não passarei nenhuma matéria...

Eles vibraram.

— Hoje, também, é o meu último dia de aula.

A sala protestou num ooh! Seguido de um burburinho.

— Hoje, quero que vocês façam uma coisa por mim... —

Silenciaram-se. Prosegui: — é apenas uma brincadeira para que nos conheçamos ainda melhor. Uma brincadeira de despedida. Quero que vocês venham à frente, um de cada vez, e digam para mim e para todos os colegas, nome, idade, medo, sonho, amor e o que pretendem do futuro.

A brincadeira obteve aprovação geral.

— Vamos, então, estabelecer duas regras para o jogo: Primeira regra: sinceridade. Segunda regra: àquele que vier à frente fica reservado o direito de escolher o próximo, sem que o mesmo possa se desobrigar, certo?

Houve aprovação geral.

— Quem quer ser o primeiro?

Todos me olhavam, mas fingiam não me ver.

— Ninguém quer ser o primeiro?...

Um aluno de nome Osvaldo sugeriu algo interessante:

— Professor, por que você não inicia a brincadeira?

Os alunos vibraram com a proposta. Pensei por um instante:

— Esta bem! lhes disse. Vou dar início à brincadeira.

Façamos de conta que eu retornei no tempo e que sou aluno desta turma. Combinado?

— Meu nome é Caio Graco Menezes Santoro. — comecei!

— Tenho dezessete anos de idade... Às vezes tenho medo de que Deus me mande para o inferno, porque não consigo crer nele como minha avó diz que devo crer... — O riso tomou conta da sala. Esperei que silenciassem para continuar — O meu maior sonho é rever meu pai que desapareceu há... nove anos... Hoje, estou apaixonado por uma garota de treze anos, que conheci nas férias de julho... No futuro

espero apenas ser feliz.

Houve um instante de silêncio. Depois olhei para Osvaldo.

— Osvaldo, à frente! — disse-lhe com um gesto brusco com a cabeça e um simulado risinho de vingança bailando em meu rosto.

— Grande! — grunhiu ele, pondo-se de pé. Caminhou para diante da lousa.

— Não é vingança, não, Osvaldo!... Apenas desejo saber quem é que se esconde por debaixo deste riso fácil.

Sentei-me em minha cadeira.

— Meu nome todos sabe: Osvaldo Dantas da Silva. Tenho quinze anos... — o rapaz olhava timidamente para o alto, para os lados e, vez em quando, arriscava um rápido olhar na direção dos amigos — Um medo? Vejamos... — torcia os lábios como quem procura recordar-se. Bruscamente virou-se para mim abanando a cabeça — tenho nenhum medo, não, professor!

— Tente se lembrar, Osvaldo. Todos nós sempre temos um medo que procuramos ocultar dos outros.

O semblante do rapaz eclipsou-se.

— É... eu tenho um medo... nem compensa falar.

— Osvaldo, sinceridade... — observei-lhe a regra.

Ele encarou a classe com expressão estudada, quase irônica.

— Tenho medo de morrer muito velho... É. Por acaso já viram como fica o cadáver de um velho?

— Não me convenceu, Osvaldo... Diga-nos um sonho.

— Um sonho? Sonhos tenho muitos... — olhou para mim com um riso malicioso e esfregou os dedos — Mas o maior, professor, é ter muito dinheiro... é. Este é o mais importante: porque, com este, compro todos os outros sonhos.

— Você acha que o dinheiro tem o poder de comprar tudo? — perguntei-lhe.

— Quase tudo...

— Talvez o dinheiro não possa comprar-lhe a felicidade — observei.

— O dinheiro pode até não comprar a felicidade, mas quem tem dinheiro não tem tempo para se lembrar que é infeliz.

Os rapazes aclamaram a máxima filosófica do comediante da sala. Eu sorri:

— Já amou alguém, Osvaldo?

— No ano passado, gostei de uma burguesinha... Mas,

meninas, prestem atenção: isso já foi superado! Quem deseja um coração vazio e pronto para um novo amor pode me procurar...

Risos na sala.

— Futuro? — prosseguiu, mais artificial. — Não quero saber dele! Só o presente me interessa... — virou-se para a lousa e fez um risquinho sobre cada um dos itens.

— Estou absolvido, seu delegado?

Abanei a cabeça, aprovando.

Oswaldo dirigiu-se a seu lugar, gíngando o corpo de um lado para o outro. Antes de sentar-se, estendeu a mão para o amigo da carteira imediatamente anterior à dele, como se desejasse cumprimentá-lo. O amigo lhe deu a mão com cumplicidade e, inesperadamente, Oswaldo deu-lhe um puxão, colocando-o de pé.

— Vai lá! É a sua vez.

— Traidor! — gracejou o outro, dirigindo-se para diante da sala.

A estes dois primeiros alunos sucederam-se outros nove, antes que a diretora batesse à porta. Após se fazer anunciar com três pancadinhas, Cecília entreabriu-a e colocou o rosto pelo vão.

— Com licença, Caio! — disse ela e entrou. — A Dora me falou que você estava à minha procura. Eu estava falando com a mãe de uma aluna. É importante?

— Sim. Mas podemos falar ao término da aula.

— Está bem. De qualquer modo, estou aqui para trazer-lhe uma nova aluna — voltou-se para a porta e a abriu. — Pode entrar, queridinha.

A nova aluna entrou, deu dois passos e parou enrubescida, a um metro do meu rosto. Seus lábios abriram-se numa expressão de extrema surpresa.

— Você é o professor?!... Murmurou ela.

Sua voz me fez estremecer. Meu coração se pôs a pulsar num ritmo alucinado. Era ela quem estava ali, a um metro de mim. Era ela que olhava para mim. Vestia-se com a mesma jaqueta preta com que a vira na semana anterior, a camiseta branca saía de sob a curta jaqueta para lançar a beira sobre o velho jeans, encobrendo-lhe os quadris. O cabelo estava preso por uma presilha, não como as mulheres geralmente usam, nas pontas, ou junto ao couro cabeludo, mas na metade do curso dos fios. Eu sentia o corpo ser tomado por um suor frio. A sensação era intensa, vertiginosa.

— Vocês se conhecem? — perguntou Cecília.

— Não! — respondi à diretora, sem tirar os olhos da menina.

Meu coração não queria perder um segundo de sua adorável imagem, contudo era preciso ser discreto. Contive a emoção e procurei me comportar com naturalidade, como um professor se comportaria diante de um novo aluno. Apontei-lhe uma carteira vazia:

— Pode sentar-se ali.

Ela passou por mim com os cadernos abraçados junto ao peito.

— Ela estudava numa escola próxima aqui perto, no “Professor Augusto Marcondes” — explicou Cecília. Era para ter iniciado o ano letivo aqui, mas no começo do ano não tínhamos vaga. A esta altura do ano letivo teria sido melhor para ela continuar no “Augusto Marcondes”. A mãe, porém, quer que ela estude aqui devido à proximidade de sua casa.

Houve uma pausa de silêncio. Cecília dirigiu um sorriso para a menina, e acrescentou para mim:

— Se desejar conversar pode me procurar na secretaria, Caio.

Saiu estalando o salto Luiz XV no piso do corredor. Encostei a porta e me voltei para os alunos.

— Pessoal! Como podem ver, esta sala acaba de ganhar uma nova aluna... Ela veio de outra escola. Adaptar-se a uma nova escola é difícil... Espero que todos procurem fazer com que ela se sinta à vontade entre vocês...

Olhei para ela.

— Fique em pé e diga-nos o seu nome.

Ela hesitou antes de se levantar. Depois correu um olhar displicente e tímido pela sala. Falou:

— Meu nome é Caressa.

A estupefação provocada por tais palavras foi tão intensa que, no mesmo instante, senti o coração acelerar no peito, a testa orvalhar-se de um suor frio. “Ela não disse isso! Não pode ser...” pensei. Agora, ela olhava para mim com ar de espanto. Toda a sala olhava para mim. Dei alguns passos e parei a um metro dela, com o cenho franzido.

— O que você disse?

— Que meu nome é Caressa. — repetiu ela.

— Caressa? — indaguei resfolegante.

— Sim. — murmurou a menina.

— Não pode ser...

Os pensamentos giravam minha cabeça como um revoltoso redemoinho: “Ela disse Caressa... eu a ouvi dizer Caressa...” Meus olhos fitavam o rosto de cada um dos alunos “O que está acontecendo comigo? Eu a ouvi dizer Caressa... Eu, realmente, a ouvi dizer Caressa? Estou com o juízo perfeito? Aquele é meu aluno, seu nome é Marcos. Sim, seu nome é Marcos. E ele é meu melhor aluno. Esta é a sala da 6ª B. Eu sou o professor de Caio, de Literatura. O ano é 1992. É o mês de outubro. Segunda-feira. Esta menina que acaba de entrar na sala chama-se... Caressa...”.

— Você disse Caressa? — voltei a perguntar, incrédulo.

— Sim, professor... Eu disse Caressa.

— Um nome pouco comum... E muito bonito.

Ela sorriu, com acanhamento:

— Posso me sentar agora?

— Oh, desculpe... sente-se, por favor.

Olhei para os alunos. Eles me fitavam com espanto.

— Vamos prosseguir a brincadeira? Quem é o próximo? - Anunciei tentando dissimular o espanto.

— Eu, professor — respondeu um aluno franzino de nome Sebastião.

— Então, venha à frente, Sebastião!

O garoto colocou-se à frente da turma. Começou a responder as perguntas, que faziam parte da brincadeira. Eu nada ouvia. Sua voz era distante, disforme. Meu olhar se dirigia ao rapaz que falava: o aluno Sebastião. Contudo, eu não o via. Eu não via nada. A vista turvara-se, como acontece nos sonhos. Aliás, aquela situação era muito mais fantástica do que um sonho. Era uma fantasia que saltara dos meus sonhos, para se cumprir na vida real. O aluno já estava sentado em sua carteira, há muito tempo, quando percebi que outra aluna já estava em seu lugar. Ela também falava de seus sonhos, de seus medos, de sua vida, e mais uma vez eu não podia vê-la, nem ouvi-la. Meus sentidos estavam como que entorpecidos pelo espanto. Eu olhava para a aluna que falava de sua vida e, à minha direita, sentada na primeira carteira, estava minha própria vida. E eu nem ousava olhá-la. Eu repetia, no pensamento: meu nome é Caressa... Meu nome é Caressa... Sim, foi exatamente isso que ela dissera. Não era loucura: além de mim todos os alunos ouviram ela dizer que seu nome é Caressa. Sem que eu percebesse, meus olhos tinham se

voltado para ela. Ela, Caressa, olhava para a aluna, que falava de sua vida. E eu, para ela, que encarnava minha vida, que encarnava o mesmo sonho de adolescência, que povoara todas as minhas noites de solidão. Minha mente repetia: Caressa, minha Caressa! Alma da minha alma! Ela continuava olhando para a menina. A menina disse algo engraçado. Os alunos riram. Ela riu. O riso... Ela riu o mesmo riso, talvez um pouco mais reservado; mas, era o mesmo riso; o riso da minha Caressa. A razão me advertiu e eu tirei meus olhos dela e voltei para a aluna que respondia às perguntas.

A brincadeira chegara ao fim. O último aluno dissera que queria ser jogador de futebol. Olhei para ele, enquanto se dirigia à sua carteira. Sim, era natural que ele dissesse isso. Eu olhava para os alunos, evitando a primeira carteira. Evitando olhar para ela.

— Não falta mais ninguém? — perguntei.

Os alunos se entreolharam como que a procurar por um colega que não tivesse sido chamado. Não restava mais ninguém. Exceto a menina que acabara de ingressar na sala, Caressa! Eu não ousava pedir para que ela fosse à frente. Eu não, mas um aluno ousou. Era um garoto de dezessete anos. Dezessete anos! O tom de sua voz me fez tremer. Eu senti ciúme e estive próximo de recusar sua sugestão. Mas o desejo de conhecer melhor aquela que eu conhecia há muito tempo me fez atender o pedido do rapaz.

— Entendeu a brincadeira, Caressa? — Perguntei-lhe com um sorriso.

— Sim.

— Pode vir à frente para que seus colegas de classe a conheçam melhor? — ela balançou a cabeça e dirigiu-se à frente da sala. Estava ruborizada como uma rosa. Depois de um instante ela encontrou a voz:

— Meu nome é Caressa Magalhães da Silva. Tenho treze anos.

Houve um momento de silêncio e indecisão. Ela virou-se para o quadro e conferiu a próxima pergunta:

— Tenho medo de morrer... Meu sonho é rever meu pai, que não vejo desde que ele e minha mãe se separaram... Amor... — prosseguiu ela como que a procurar alguma lembrança que justificasse a palavra. — Amor mesmo? Acho que ainda não senti por ninguém... E pretendo estudar para ser professora.

Ela retornou à carteira. Restavam alguns minutos para o encerramento da aula. Eu recolhia em silêncio o material de sobre a

mesa quando, uma aluna me interpelou do meio da sala:

— Professor?

Voltei-me para ela.

— Sim?

— Você vai dar aula noutra escola?

— Não! — disse-lhe, balançando a cabeça — Não pretendo mais lecionar. Devo fazer uma viagem.

— E quem vai dar aula em seu lugar?

— Ainda não sei. A Secretaria de Educação indicará outro professor em meu lugar.

— Que pena! — resmungou minha interlocutora. De todos os professores, você é o mais legal.

— Talvez o meu substituto venha a ser mais legal do que eu... De qualquer modo, seja ele como for, você se acostumará ao jeito dele.

Ao levantar a cabeça não pude deixar de olhar para a nova aluna, para ela. Eu a fitei por alguns segundos. Desejava abraçá-la, nem que fosse um abraço de adeus, apertá-la em meus braços, sentir o cheiro de seus cabelos e confessar-lhe que a amei por toda a minha vida; chorar em seus ombros, lágrimas de felicidade e tristeza. Mas, eu não tinha este direito. Todos julgariam que eu enlouquecera. Poderia dizer-lhe alguma coisa própria de um professor e nada mais. Pensei e disse-lhe:

— Espero que se habitue o mais rápido possível aos novos colegas de escola... E que, um dia, você possa realizar todos os seus sonhos.

Sua expressão me pareceu tensa. Ela perguntou:

— Não vai mais dar aula nesta classe?

— Não. Vou viajar... — acrescentei, depois de um instante.

— Para longe?

— Bastante...

Olhamo-nos por um instante.

— Tchau, Caressa.

— Tchau, professor Caio — respondeu ela.

Depois, dirigindo-me à sala, disse-lhes:

— Pessoal, juízo e dedicação! A vocês fica meu verdadeiro desejo de que cada um alcance todos os sonhos que almejam. Um forte abraço!

A turma explodiu num ruidoso e repentino “tchau, professor”. Ao sair, fechei a porta da sala em minhas costas,

abafando o burburirinho de despedida. No corredor, encostei-me à parede. Simone, a professora de Geografia, aproximou-se e me cumprimentou com um ostensivo sorriso. Retornei-lhe um risinho forçado e débil. Não sei por qual motivo senti a necessidade de fazer-lhe uma observação:

— Há uma nova aluna na classe. Chama-se Caressa. Está sentada na primeira carteira, em frente à nossa mesa.

— Ah, é?...

Simone abriu a porta e lançou um olhar para ela.

— A de jaquetinha preta?

— Sim, ela... Parece boa aluna.

— Parece.

Simone entrou na sala. Fui à sala da diretoria e informei Cecília do meu pedido de exoneração. Ela se espantou com este súbito e imprevisível pedido. Tentou a todo custo me convencer a mudar de idéia. Depois, sem sucesso, me pediu para que passasse no dia seguinte, que ela providenciaria os papéis. Ressalvei que passaria pela manhã.

Ao chegar à casa, Antônio informou-me de que tinha feito as reservas. Era o vôo das 15 horas, com escala em Salvador. Depois me informou que já tinha condicionado em três malas alguns livros, CDs, e outros objetos que ele sabia me serem inseparáveis. Agradei sua decisão e me dirigi ao quarto. Não pude atravessar a sala sem me deter ante o quadro. Permaneci ali, observando o “Retrato de Caressa”, em silenciosa reverência, em dolorosa despedida. De súbito, lembrei-me de quando chorei pela primeira vez diante daquele retrato. Tantas lágrimas rolaram depois das primeiras lágrimas. Lágrimas de saudade irremediável. Lágrimas de dor. Lágrimas de desespero. Quatorze anos prateando algo impossível. Algo que já não pertencia a este mundo. De repente, ela está aqui: viva e encantadora, como uma flor na primavera. Viva, mas impossível para mim! Reencontrá-la foi como se a perdesse pela segunda e definitiva vez. Agora, eu já não podia nem mesmo acalentar a doce ilusão de sonhar com seu amor, sem que este simples desejo não trouxesse consigo algo de vergonhoso! Não podia sequer lembrar do momento em que nossos corpos se tocaram cheios de inocência e desejo. Enquanto me corria o pensamento, eu acariciava a tela. As lágrimas, sorratamente, corriam pelo rosto. Por dentro de mim corria a dor. A dor de quem ama o impossível. Roçando o rosto de encontro à

pintura, sussurrei:

— Diga-me, oh! destino: qual é o sentido secreto de suas brincadeiras? Quais são seus desígnios? Por que me faz sofrer?

Depois levantei o rosto e disse àquela que me sorria:

— Eu a amo, Caressa! Amo-a, hoje, com a mesma loucura que amei no passado. Nos últimos anos pensei que já não a amasse como antes. Agora descobri que sempre a amei. Descobri que você sempre esteve em mim e que agora este amor retornou ainda mais vigoroso, ainda mais arrebatador... E impossível! Oh, minha paixão, amanhã estaremos separados por um oceano inteiro. Um oceano que minhas lágrimas haverá de fazer transbordar, inundando todos os continentes... Para que todo o mundo saiba o quanto eu a amo.

*Chuva de Novembro*

O inconsciente possui estranhos mecanismos para fazer com que impulsos se realizem. Na noite de segunda para terça-feira minha alma se debateu tanto em sua opressiva gaiola, que meu corpo amanheceu adoecido. Acordei com calafrios e febre de 38 graus. Segundo Antônio, desde a madrugada, ele permanecera à beira de minha cama, colocando compressas geladas em minha frente para baixar uma febre de quase 40 graus. Eu podia sentir em meu corpo a fria umidade do suor.

— Agora está melhor, patrão...

— Pesadelos, Antônio... horríveis pesadelos... e sonhos maravilhosos.

— Pelas coisas que dizia posso imaginar... — disse ele.

Maria enxugava-me a testa em circunspecto silêncio.

— Foram tantos sonhos e pesadelos... Caressa, Antônio...

Não, não quero lembrá-los.

— Foram delírios produzidos pela febre, apenas isso!

— Delírios... Não! Foram sonhos. Mais que sonhos, foi uma viagem por lugares distantes. Uma viagem pelo além.

— O médico me disse que chegaria antes das nove. Daqui a pouco deve estar por aqui.

Maria ausentou-se do quarto com a bacia d'água. Puxei o braço de Antônio para junto de mim:

— Um dia, você me disse que acreditava na reencarnação.

Ainda crê?

— Sim, patrão, ainda creio!

— Lembra-se do que o espírito de Caressa me disse naquela sessão mediúnica? E o outro espírito de luz?

— Lembro-me.

— Então diga, Antônio!

— Que voltaria. Que ela já havia reencarnado.

— Sim, Antonio... foi com isso que sonhei. Esta noite meu

espírito deixou meu corpo para mostrar por onde ela tinha passado. Meu espírito foi buscá-la além do portão da morte. Meu amor trouxe-a de volta à vida... Lembra-se do dia que faltou combustível ao Alfa-Romeo, Antônio?

— Sim.

— Naquele dia eu a vi, e você não acreditou em mim... No dia em que faltou gasolina no Alfa Romeo... Não é estranho que justamente o Alfa-Romeo me levasse ao encontro dela? Diga, Antônio, não é estranho? Pois bem, eu ainda tentei evitar revê-la. Tinha prometido que não voltaria procurá-la na frente de sua escola. E sabe o que aconteceu, Antônio? Alguma coisa mais forte que minha promessa a levou até à escola onde leciono e a colocou na minha sala de aula, sentada na carteira em frente à minha mesa. Sim, Antônio, existe uma vontade maior que nos faz balançar em seus dedos como fantoches. Não pense que fiquei louco antes de ouvir a última: sabe qual é o nome dela? Não, não sabes... Se pensou em Patrícia errou, se pensou Juliana, Larissa, Michele ou qualquer outro nome, errou também. E errará enquanto não pensar em Caressa. Sim, Antônio. Caressa. Ela se chama Caressa. Acredita no que estou lhe dizendo, Antônio?

— Sim, patrão, acredito. Tente dormir um pouco, o médico não deve demorar.

— Não estou delirando, Antônio... Todos os alunos ouviram. Ela disse para que todos ouvissem: meu nome é Caressa. Ela é a minha Caressa, Antônio. A mesma Caressa...mas, ela é uma menina. A mesma menina... e eu... sou um homem. Ela é uma menina, apenas e, apesar de ser apenas uma menina... eu a amo!

— Sua temperatura voltou a subir, patrão. Vou buscar outra bacia d'água fria.

— Não adianta, Antônio. Não é o corpo que está doente, é a alma. É o coração que queima... meu coração queima de amor por ela... e ela é quase uma criança.

— Só um momento, patrão!

Pouco depois Antônio retornou. Ou talvez tenha sido muito tempo depois. A febre não me permitia a completa noção de tempo. Acho que tenha sido muito tempo depois, dado que o médico, o acompanhava. Minha temperatura tinha subido. Estas coisas aconteceram, como que no meio de um espesso nevoeiro e, se não as confundo com os sonhos e pesadelos que tive naquela noite, é porque estes últimos possuíam cores mais vivas que a própria

realidade. Adormeci.

Acordei pela tarde. O corpo úmido pelo suor. O vento primaveril entrava pela porta da sacada, balançando a cortina. A razão tinha retornado em sua plenitude. A porta do quarto se encontrava aberta. Com um débil grito chamei meu amigo Antônio. Ele não demorou em me atender. Chegou com passos tranquilos.

— Vejo que está convalescendo — comentou.

— Estou bem, Antônio... Sinto-me bem.

— Cancelei as reservas.

— Ah, sim... Então, faça novas reservas para sábado. Até sábado devo estar bem melhor.

— Não vou fazer novas reservas, patrão... — disse com voz pausada e segura.

— Por quê?

— Porque se eu as fizer, pode acontecer que você morra antes de sábado.

— Por que diz isso?

— Não se recorda do que me disse pela manhã?

— Pela manhã?... Lembro-me vagamente. Havia mais alguém com você, não havia?

— O doutor Mário.

— Ah, sim... O doutor Mário, claro!

Depois de me relatar minuciosamente todas estas coisas que eu lhe dissera em delírio pela manhã, Antônio acrescentou:

— Vê o que lhe aconteceu apenas pelo fato de ter programado uma fuga?

— Ah, Antônio... meu amigo. Eu lhe disse estas coisas? Sim, devo ter dito, há muito tempo estas coisas vêm me atormentando o espírito. O que devo fazer, Antônio?

— Nada. Não deve fazer absolutamente nada. Tudo aquilo que tiver de ser, será. Não tema, não fuja. Deixe que a vida revele seus segredos. Confie na vida, sempre...

— Os segredos... — murmurei — Quais serão os segredos da vida?

— Só vivendo é que se descobre.

— Sim, você tem razão, meu amigo. Devo viver a vida. Não ter medo dela.

Antônio estava para deixar o quarto quando lhe pedi:

— Antônio, ligue para a professora Cecília, diretora da

escola, e diga-lhe para desconsiderar meu pedido de exoneração.

Antônio abanou a cabeça, aprovador.

\*\*\*\*\*

Depois de vários exames, o médico confirmou aquilo que Antônio me havia garantido: tudo não passar de uma reação psicossomática. Não havia nenhuma doença. Sequer um simples resfriado. Dois dias depois, quinta-feira, eu estava de volta à escola.

Ao abrir a porta da sala, os alunos fizeram um súbito silêncio de surpresa. Em seguida, houve um burburinho de vozes e pequenos risos comemorativos. Eu entrei com simulado ar de seriedade e me sentei. Olhei para todos alunos, de uma forma geral, exatamente como um orador sonda o público, antes de iniciar um discurso. Olhei para Caressa. Ela olhava preciosamente em meus olhos. Lancei novo olhar sobre a sala e, esbocei um sorriso. Todos sorriam. Caressa, também sorria. Eu podia ver a alegria brilhar em seus olhos. Naquele instante, julguei que fosse uma alegria pessoal. Mas olhando para toda a sala conclui que ela estava tomada por uma alegria coletiva, impessoal, a mesma alegria de todos os alunos da sala: a alegria de ver retornar o professor de Literatura. Nada mais.

— Professor, — indagou uma aluna: — você não disse que ia parar de dar aula?

— Sim, disse! No entanto ocorreram coisas que me fizeram mudar de idéia.

— Coisas? Que coisas, professor? — insistiu ela com olhar astucioso.

Suspirei.

— Coisas muito pessoais. — respondi, esboçando um sorriso para dissuadir qualquer conotação de censura — De qualquer modo, ainda que essas coisas não tivessem me ocorrido, creio que não seria capaz de deixar esta sala.

Dei uma pausa, depois prossegui:

— Porque minha alma está entre estas quatro paredes.

— A Literatura, professor? — indagou outro aluno

— Sim, a Literatura — respondi — A minha literatura.

Os alunos não entenderam a ambigüidade das minhas palavras. Acrescentei, mudando o tom de voz:

— Agora, vamos correr atrás do tempo perdido. Preparem os punhos que hoje vamos ter matéria, muita matéria.

A sala fez uma interjeição de protesto que, logo, foi

substituída pelo ruído das folhas dos cadernos que se esparramavam sobre as carteiras.

Após a aula, retornando para casa, estabeleci para mim mesmo uma espécie de ética que haveria, doravante, delinear a minha relação e sentimentos por aquela menina, minha aluna: ser-me-ia permitido admirá-la por horas a fio, desde que tal admiração fosse da mesma natureza da que nos faz permanecer diante de uma bela paisagem. Ser-me-ia permitido aproximar fisicamente dela, desde que fosse apenas como um professor aproximando-se de sua aluna. Ser-me-ia, até mesmo, permitido amá-la, desde que fosse um amor platônico.

Naturalmente que esta tentativa racional de cercear os sentimentos é algo impraticável. Entretanto, tais pensamentos não deixaram de realizar o efeito esperado em minha alma: uma breve ilusão de que eu poderia vencer o desejo de envolver em meus braços aquela por quem meu coração tinha esperado durante toda minha vida. E essa ilusão me fez atravessar o fim de semana prolongado sem que o desespero e ansiedade se apossassem de mim.

Os dias e meses seguintes foram os mais felizes de toda minha vida.

Na terça-feira, quando entrei na sala de aula, ainda levava comigo a ilusória idéia de que poderia olhar para aquela menina com os mesmos olhos com que se aprecia uma obra de arte. Puro engano! Bastaram alguns minutos de aula para que a frágil moral que me sustentara durante o fim de semana desabasse. Na verdade, bastaram alguns olhares. Eu tinha pedido aos alunos que tirassem de seus livros e respondessem, em folhas separadas, dez questões sobre a Literatura Realista. Todos respondiam às perguntas em relativo silêncio, cabisbaixos. Caressa também respondia ao questionário. Meus olhos simulavam uma vista geral sobre a sala. Contudo era só para ela que eu olhava. Observava-lhe o cabelo; a franja caída sobre a testa; as mãos sobre a carteira; a forma com que ela pegava a caneta. De repente, ela levantou a cabeça e me lançou um rápido olhar. “Nada mais natural. Uma aluna olhar para o seu professor!” — pensei — Levantei-me e caminhei pela sala lançando, por sobre os ombros dos alunos, o olhar vigilante de professor. Depois retornei à minha mesa. Como o rio corre para o mar, meus olhos se voltavam insistentemente para ela. O simples fato de poder olhar para ela era delicioso e o prazer que derivava desse gesto, era demais intenso para

que eu pudesse resistir. Ela vestia-se com a mesma jaquetinha preta, que usava na semana anterior. Descobri, depois, que aquela era a peça predileta do seu guarda-roupas. Estava com a cabeça baixa; o queixo apoiado graciosamente sobre o dorso da mão esquerda. A mão direita movimentava-se com rapidez sobre o caderno aberto; o cotovelo esquerdo fincado sobre o livro. De repente ela parou de escrever, como se estivesse a pensar nalguma pergunta proposta pelo questionário e, lentamente, sem levantar a cabeça, por sob a franja, endereçou-me um olhar. Era um olhar meigo, tímido; mas um olhar novo, um olhar pessoal. Quase um sorriso. Aquele simples olhar provocou uma verdadeira avalanche de emoções dentro de mim. Seria, de fato, um olhar diferente ou tratava-se de mais uma das minhas fantasias? “Não, Caio, você está excedendo os limites estabelecidos. Controle-se!” — foi a advertência da minha razão —. Alguns minutos depois, a cena se repetia. Desta vez, ela levantou o rosto e seu olhar foi mais objetivo. Foi um olhar tenso, acanhado, quase um suspiro. Ela enrubesceu ligeiramente e baixou a cabeça. Eu me explodi por dentro. A paixão rompera as cercas estabelecidas pela razão e corria em minhas veias feito cavalo selvagem. Levantei-me e comecei a andar pela sala para acalmar as emoções e dissimular o embaraço. Depois, parei no fundo da sala, tentando compreender a natureza daquele olhar. Estava disposto em corrigir minhas loucuras e refazer as cercas emocionais. Contudo, esta última tentativa dissipou-se como fumaça quando Caressa, um tanto nervosa, ergueu a cabeça e me lançou novo olhar. O sinal que do intervalo souo ruidosamente. Caminhei com passos rápidos para minha mesa e recebi de cada aluno a folha com as perguntas e respostas.

— Até amanhã, pessoal! — disse-lhes depois de enfiar o maço de folhas entre as páginas do diário de classe. Assim que fiquei de pé, Caressa aproximou-se:

— O meu questionário, professor! — disse, estendendo-me a folha de caderno. Peguei-a, depois de um instante de silêncio e disse:

— Até amanhã, Caressa.

— Até amanhã, professor — respondeu, sondando meus olhos, como se desejasse conhecer tudo que ia em minha alma.

Em meu quarto olhei para aquela folha de caderno. Li: Caressa Magalhães da Silva. Era o questionário da nova aluna. Respondera apenas quatro questões. As outras seis estavam em branco. Sorri. Voltei para o nome analisando atentamente a grafia. Ocorreu-me de comparar aquela letra com a letra da fatídica carta,

escrita há quatorze anos. Abri o guarda-roupa e retirei um envelope cheio de papéis. Esparramei-os papéis na cama. Ali estava a carta:

*“Caio,  
Meu Romeu, meu príncipe encantado, amor meu...”*

Rapidamente, antes que a dor se instalasse, deslizei os olhos para as últimas palavras:

*“Eu te amo muitão,  
Caressa”.*

Aproximei o questionário da carta e comparei as grafias. Meu corpo estremeceu diante da comparação. Para minha surpresa e felicidade, eram semelhantes! Tão parecidas que eu juraria que o mesmo punho escreveu por duas vezes o mesmo nome. Não, não poderia ser apenas coincidência. Tinha que ser mais que pura coincidência. Sim! Uma mão misteriosa estava reescrevendo nossas histórias. Não havia como fugir. Naquela noite tive certeza de que Caressa retornara só para mim. Lembrei-me das palavras de Antônio: *“Tudo aquilo que tiver de ser, será. Não tema, não fuja. Deixe que a vida revele seus segredos. Confie na vida, sempre”.* “Sim, Antônio, vou confiar”, pensei. Depois, voltando os olhos para aquele nome, as palavras me brotaram espontaneamente nos lábios. E pronunciei, em voz alta, como se desejasse que todo mundo o soubesse.

— Caressa, minha doce menina, nosso amor é eterno. Ele nasceu com a criação do mundo, venceu a dor, o tempo e a morte para trazê-la de volta para mim. Caressa, você nasceu para mim! Só para mim...

Na quarta-feira, apesar do tempo ter esfriado bastante, Caressa não estava com a habitual jaquetinha. Nem estava usando blusa. Vestia-se com uma camiseta cor-de-rosa e calça jeans. Sorri ante a estranheza de seu comportamento: em dias quentes vestia-se com aquela jaqueta e agora, que o tempo exigia seu uso, ela vinha em mangas de camisa. Concluí que o uso da jaqueta estava mais relacionado à estética que ao tempo.

Teci comentário sobre a Semana de Arte Moderna e depois pedi aos alunos que fizessem uma redação sobre o tema, explicando o que haviam compreendido. Enquanto os alunos redigiam seus textos, fiquei andando pela sala. De vez em quando me detinha sobre os ombros de um e outro aluno, a fim de ver o desenvolvimento de seu

texto. Talvez, tal comportamento tenha sido premeditado com o objetivo de me aproximar de Caressa, visto que, quando dei por mim, eu já estava às suas costas, observando sobre seus ombros o que ela escrevia. Ou melhor: o que ela não escrevia! Na margem superior da folha, lia-se o tema “Semana de Arte Moderna”. O que se seguia, porém, eram apenas rabiscos, três versos em inglês e desenhos de corações. Havia corações de todo tamanho. Um deles, bem maior que os outros, trazia em seu interior a letra C. C de Caressa, pensei! Ela percebeu que eu estava às suas costas e, ocultando o coração sob a palma da mão, virou-se enrubescida para mim. Destacou a folha e colocou-a entre as páginas do caderno.

— Ainda não iniciou sua redação, Caressa? — indaguei-lhe.

— Não... não sei como começar... Ah, professor, hoje estou com a cabeça na lua!

— Na lua? Você não quer dizer na poesia?

— Poesia?

— “*When I look into your yes. I can see a love restrained*” (1). É assim que começa a estrofe, que você guardou no meio do caderno?

— Ah... Não é poesia, professor... É a letra de uma música do “Guns N’ Roses”.

— “Guns and Roses?” — perguntei-lhe — Revólveres e rosas?

— Conhece? — perguntou-me, sorridente.

— Não. É uma banda?

— Sim! Em dezembro farão shows no Rio e em São Paulo.

Veja!

Ela fechou o caderno e me mostrou um recorte que encobria toda a capa do caderno, possivelmente retirada de uma revista juvenil. Comentou indicando com o dedo cada um dos integrantes:

— Este é o Axl Rose, o vocalista; este cabeludo é o Slash, o guitarrista; este é o Matt Sorum, baterista... E este é o Duff Mac Kagan, baixista...

— Ele usa um lenço na cabeça? — perguntei, desdenhoso.

— Quem? O Axl? Não é um lenço, é uma bandana.

— Bandana... — repeti, balançando a cabeça.

— Eu acho o máximo...

— O máximo...

Permaneci em silêncio por um momento. O tom de sua voz e

---

1- Quando olho em seus olhos eu vejo um amor reprimido.

as palavras que ela empregara para falar da foto que cobria a capa de seu caderno, me fez lembrar do abismo que nos separava. Ali estava a expressão acabada de seu universo juvenil: a foto de uma banda de rock! E, diante dela, estava eu, um professor de Literatura, seu professor. Diante dela, estava um homem apaixonado por uma adolescente de treze anos! Haveria alguma possibilidade dela vir a se apaixonar por um homem de trinta anos? Era a pergunta que, naquele momento, atravessava-me a cabeça, quando ouvi sua voz macia:

— Professor? Professor?

— Sim?

— O senhor virá amanhã?

Ela me chamou de senhor, pensei. Uma simples palavra fez aumentar ainda mais a distância entre nós.

— Claro que virei. Por quê?

— Por nada! — respondeu-me, esboçando um risinho encantador.

— Deveria ter vindo com blusa. Hoje está frio. — adverti-lhe com carinho.

Ela enrubesceu.

— Não sinto frio. — murmurou, balançando a cabeça.

Eu estava para me afastar. Ela se apressou em perguntar:

— Gostou dos versos, professor?

— “*When I look into your eyes*”? Sim...

— Verdade?

— Sim, são lindos!... — depois, lançando um olhar para a sala, acrescentei: — Agora me deixe ver o que andam escrevendo sobre a Semana de Arte Moderna.

No fundo da sala, enquanto eu conversava com um aluno, percebi que ela, Caressa, ainda mantinha seus brilhantes olhos adolescentes em mim.

# 22

## *Chuva de Novembro*

*Quinta-feira, 15 de outubro, dia do professor.*

Naquele dia era natural que eu esperasse por surpresa, sobretudo de alunos da 6ª série, cuja média de idade era de 13 anos. No ano anterior os alunos da 6ª série tinham me presenteado com cartões e alguns objetos. Entre eles, me recordo ainda de uma caneta personalizada e de um cachimbo de modelo um tanto excêntrico. Em 1992, não foi diferente. Assim que entrei na sala, os alunos se calaram e o suspense tomou conta de todos, deslizei um olhar sobre seus rostos sorridentes e encostei a porta. Olhando minha mesa entendi o significado do misterioso silêncio. Puxei a cadeira e me sentei. Fiquei contemplando os cartões e três embrulhos. Recordei-me de certa vez que eu, um estudante na 5ª série no colégio protestante, presenteara meu professor com as obras completas de Lutero. Fiz uma expressão de espanto e lhes disse com um sorriso bailando no rosto:

— Parece-me que vocês esqueceram alguns objetos sobre minha mesa.

Meus olhos percorriam rosto por rosto e, saltou, também, para o angelical rostinho de Caressa. Percebi que ela estava sem blusa. Segundo a meteorologia, devido a uma frente fria, teríamos um fim-de-semana com muito frio. Acertaram. Naquela quinta-feira o frio já exigia o uso de algum agasalho. Por que não veio com sua jaquetinha preta, sua tolinha? — censurei-a intimamente. — Levantei-me, retirei o sobretudo e o coloquei num canto da mesa.

— Aqui na sala não faz tanto frio como lá fora — justifiquei. Sentei-me.

— Bem — prossegui. — Vamos ver o que estes bilhetes e pacotes nos reservam.

Primeiro, li os bilhetes. As mensagens eram quase muito semelhantes. Depois de ter lido os bilhetes, passei para os presentes.

Eram três pequenos pacotes. Peguei o primeiro e o mostrei para a sala:

— Será que alguém pode ter uma idéia do que está dentro desse embrulho? — perguntei-lhes. Surgiram as mais bizarras sugestões: um, gritou tratar-se de um estojo de maquiagem; outro sugeriu uma caixa de massa para modelar e um terceiro, provocou o riso geral da sala, ao opinar que eu ganhara uma ratoeira. Quanto a mim, no primeiro contato com o embrulho, já havia deduzido tratar-se de um livro.

— Eu acho que é um livro... — comentei.

Oswaldo levantou-se da cadeira, veio até mim:

— Não, professor, não toque nesse livro... Pode ser um livro bomba! — encenou, arrancando o livro de minha mão.

— Por que não procura um circo, seu palhaço! — berrou uma aluna, a Suélem, muito irritada — É um livro, sim, professor! — acrescentou.

— Volta para sua carteira! — disse-lhe num tom de divertida censura.

— Então é um livro de receitas... — ironizou Oswaldo, retornando à sua carteira. Houve outra onda de risos.

— Toda sala sempre tem que ter um palhaço! — reafirmou Suélem, quando Oswaldo passava por ela, mas ele fez que nem a tinha ouvido. Abri a embalagem. Era um livro de contos. Descobri a capa e li a dedicatória e o nome da aluna: Suélem. A mesma que se exasperara com as pilhérias de Oswaldo.

— Oswaldo, — chamei-o, levantando o livro — você errou, não é um livro de receitas. É um livro de contos! E, por sinal, um dos mais importantes da obra de Machado de Assis.

Enderecei um olhar sorridente àquela que me presenteara.

— Obrigado, Suélem. Foi uma escolha muito feliz. Machado de Assis é um autor que aprecio demais.

Parti para o segundo pacote, o mais volumoso, um embrulho feito com folhas de jornal de edições antigas. Olhando-o, devido ao formato, pensei tratar-se de um par de sapatos. Ao levantá-lo, devido ao peso excessivo, abandonei tal hipótese.

— Alguém tem idéia do que possa conter este pacote?

Outra vez choveram piadas e bizarrices. Desta feita, porém, ninguém acertou. O próprio objeto, por sua vez, era ainda mais bizarro que todas bizarrices sugeridas pelos alunos: um crânio de gesso. A exposição do presente despertou o riso geral. Houve

unanimidade na sala em apontar o autor do sinistro presente: um rapaz que só vestia preto e que atendia pelo apropriado apelido de “gótico”. A dedicatória, escrita com caneta preta sobre o crânio, dizia:

*“O futuro do nosso luminoso conhecimento é o escuro  
silêncio da morte”,  
Gótico.*

Levantei-me e fiquei a contemplar o crânio na palma da minha mão. Esperei que a sala se silenciasse e declararei, com um tom de voz mórbido:

— *To be or not to be...*

Depois sorri para o aluno Jonas, O Gótico:

— Sua mensagem é uma frase pretensiosa, Jonas. Juro que vou pensar nela... Quanto ao crânio, vou colocá-lo sobre minha estante. Seu presente é original e, apesar de sinistro, muito poético, também. Obrigado!

Voltei à minha mesa e peguei o último e menor de todos os embrulhos. Era um objeto rígido, de formato quadrado e achatado. Apalpando-o, deduzi naturalmente tratar-se de um *compact disc*. Mostrei-o aos alunos.

— Suponho que seja um CD... — disse-lhes, sorrindo — Alguém tem outra sugestão?

Minhas palavras foram secundadas por exclamações e interjeições, que confirmavam minha descoberta e ironizavam a obviedade da mesma.

— Essa até cego advinha, professor — atalhou Clara, uma aluna sardenta, de rosto comprido e olhos grandes. — Quero ver se descobre de quem são as músicas que estão no CD!

O desafio parecia impossível, embora não fosse. Há pouco mais de três semanas, a questão de minha preferência musical tinha vindo à baila. Minha predileção por Chopin ficou no conhecimento de toda a sala. Seria natural que um aluno me presentearse com um CD de Chopin. Sorri ante a lógica de minha dedução.

— Não tenho o dom da clarividência, minha amiga Clara! Mas neste momento posso até mesmo ver por debaixo do papel. E o que vejo são seis letras: C, H, O, P, I, N: Chopin.

Clara sorriu, balançando a cabeça negativamente.

— Errei?

— Passou longe, professor!

— Foi você quem me presenteou?

— Errou de novo! É melhor abri-lo, professor. Senão não vai acertar nunca.

— Se é assim... — murmurei —, vou abri-lo!

Abri o embrulho bem devagar, cuidando para não rasgar o papel de presente. Ao ver o CD, concordei com a Clara: eu jamais adivinharia a autoria das músicas que compunham aquele CD. Era de rock, o primeiro volume de *“Use Your Illusion”*, da banda *“Guns N’Roses”*. Por um momento, permaneci em silêncio, apenas contemplando o que tinha em minhas mãos. Depois o abri. Na contracapa do encarte havia dois versos em inglês, os mesmos versos que, um dia, antes tinha visto no caderno de Caressa:

*“When I look into Your eyes  
I can see a love restrained”*

Embaixo desses versos uma dedicatória, seguida do nome de quem me presenteara:

*“Ao professor Caio,  
O professor mais interessante que já conheci,  
Caressa”*

Levantei a cabeça e olhei para ela. Quando a vi o rubor já tinha tomado conta de suas faces. Seus lábios estavam entreabertos, como se ela própria tivesse acabado de ler os versos. Seus olhos brilhavam com encanto e ansiedade. Minhas feições se expandiram, esboçando uma expressão confundível com o riso, mas que era de um sentimento muito maior: era da felicidade.

— Muito obrigado, Caressa! Vou ouvi-lo ainda hoje...

Levantei-me e mostrei o CD aos alunos.

— Ainda bem que não é de Chopin! — ironizei... Afinal, eu tenho todas as composições de Chopin.

— Professor! — solicitou Osvaldo.

Virei-me primeiro para Caressa:

— Não ligue para o que ele vai dizer... — ela abanou a cabeça, sorrindo. Depois me virei para Osvaldo:

— O que é?

— Agora é só fazer umas tatuagens e deixar o cabelo crescer.

A sala explodiu numa sonora gargalhada. Enquanto os alunos

riam, aproximei-me de Caressa:

— Não tenho nem mesmo como dizer o quanto gostei do seu presente.

— Verdade? — murmurou.

— Eu gosto da quarta e da décima música — disse ela — Mais da décima. Olhei no verso do CD e conferi a música.

— “November Rain?” — perguntei.

— É! “November Rain” — respondeu ela.

— Eu também...

— Já ouviu?

— Não! Ainda não.

— Então como sabe que vai gostar dela?

Olhei em seus olhos. Era como se eu fizesse uma viagem de volta no tempo e tornasse a ser o menino de 1978, quando a conhecera. Poderia dizer-lhe tantas coisas, mas limitei-me numa única frase:

— Eu sei que vou gostar.

Ela juntou os ombros.

— Espero que sim.

Voltei-me bruscamente para os alunos que já estavam na mais completa balbúrdia:

— Pessoal, acho que ainda temos tempo para alguma matéria não é mesmo? Houve protesto geral. Ainda assim naquela noite passei-lhes um texto curto sobre literatura.

Em casa, coloquei o CD no aparelho. O que descobri foi o que meu coração já sabia: por mais paradoxal que possa parecer “November Rain” proporcionava-me aquilo que chamamos de prazer estético. Era um prazer ainda mais intenso e verdadeiro do que o prazer que sentia ao ouvir Chopin. Ainda mais intenso do que os versos dos meus poetas prediletos. Eu amei aquela música. Não sei se amei por mim ou se amei por ela! Apenas, amei. Se bem que, na verdade, esta distinção entre mim e ela não existe. Afinal, onde ela acaba e o eu começa? Sei dizer apenas que ela é parte de mim e eu sou parte dela. Alma da minha alma, ser do meu ser. Sou nela e ela é em mim. E fora dela nada existe. Apertei a tecla *repeat* e fiz com que a décima faixa, “November Rain”, fosse tocada repetidamente por um incontável número de vezes. Naquela noite, adormeci vendo seus volumosos lábios declamando para mim: “When I look into your eyes. I can see a love restrained”.

No dia seguinte, sexta feira, ela não foi à aula. A ausência dela esvaziou-me o espírito. Até os alunos perceberam minha melancolia. Eu já não podia passar um único dia sem vê-la. Lembrei-me que, das vezes, em que estive na frente da escola onde ela estudava, por muitas vezes ela também faltava sempre na sexta-feira. Haveria algum motivo específico para que ela não fosse às aulas, nas sextas-feiras?

Sábado à tarde fui ao shopping comprar roupas novas. Queria um vestuário que dissimulasse um pouco minha idade. Não que me sentisse velho! Afinal, trinta anos de ociosidade e água de colônia não permitem que o tempo desenhe muitos traços no rosto. Mesmo assim precisava tornar-me mais jovem. O ideal seria se pudesse voltar aos meus dezessete anos, não só na aparência; mas, sobretudo, na inocência. Ah, que saudade daquele tempo de mocência, quando tudo era novo e vibrante! Estava examinando uma calça jeans numa loja quando vi, do outro lado do corredor, uma menina de costas. Ela estava parada, olhando uma vitrine de roupas femininas. O que me chamou a atenção foi o fato dela estar usando uma jaqueta igual àquela que eu habituara a ver em Caressa. Pedi para o vendedor embrulhar a calça e disse-lhe voltaria logo para pagar e pegá-la. Saí a passos largos da loja. Ela continuava a olhar a vitrine. Possuía cabelos negros. Aqueles cabelos não me eram estranhos, contudo sabia que não eram os de Caressa. Eu conhecia aqueles cabelos, aqueles ombros, mas de onde? Aproximei-me. De onde? Pousei a mão em seu ombro. Ela virou-se:

— Clara? — exclamei, surpreso.

— Professor? — retrucou ainda mais surpresa. Seu rosto ruborizou no mesmo instante.

— Pensei que fosse outra pessoa — comentei.

Ela articulou um sorriso envergonhado.

— É? — murmurou.

Olhando assim de perto, descobri que a jaqueta era a de Caressa. Então, me lembrei: Clara era a única que sabia, com antecedência, que o CD que eu recebera de Caressa era do “Guns N’Roses”.

— Você e a nova aluna parecem que estão se dando muito bem — comentei. Clara empalideceu inexplicavelmente. Aí, eu juntei os fatos.

— Ela lhe emprestou esta jaqueta, Clara? — indaguei, num

tom de voz de quem sabia a resposta de antemão.

— Não... — murmurou — É que... Promete não dizer a ela o que vou lhe contar, professor?

— Claro que não direi...

— É que... é que ela... queria um CD do Guns. Quero dizer, ela tem uma fita K-7 com músicas do Guns, mas ela queria o CD... para lhe dar de presente. Quando soube que eu tinha o CD ela me propôs a troca por esta jaqueta. Eu não queria trocar, mas ela insistiu. Depois achei que seria razoável e troquei.

— Entendi — disse-lhe.

Lancei um olhar para os dois lados.

— Acho que existe uma loja especializada em jaquetas de couro neste shopping, não existe, Clara?

— Existe, sim, professor! Fica no primeiro piso.

— No primeiro piso?

— Sim. É só descer pela escada rolante.

— Pode vir comigo?

— Para a loja?

— Sim! Vou comprar outra jaqueta para Caressa e você a entregará por mim. Faz isso, não faz?

— Claro que sim, professor! — sorriu — Ah, professor Caio, ela vai adorar!

Escolhemos uma jaqueta igual à que ela havia trocado. Clara comprometeu-se de entregar a ela no mesmo dia.

Foi com esta feliz sucessão de agradáveis acontecimentos que descí à casa de praia, no domingo. Não sei se era a estação ou a minha felicidade que se irradiava por toda a paisagem. Naquele domingo julguei que tudo estava mais belo. A casa me pareceu mais acolhedora, a areia mais branca, o mar mais azul. Até a maresia tinha um odor adocicado, diferente do característico odor salobro. Na tarde de domingo, após uma repousante sesta, fui até a garagem do barco. Há quanto tempo não ia à garagem? Talvez, três ou quatro anos. Na garagem detive-me a olhar o Ítalo, um barco de 32 pés. Há mais de dois anos o Ítalo se encontrava ancorado naquele mesmo lugar, com o motor avariado. Apesar de estar tanto tempo parado, achava-se bem conservado pelo cuidado, graças aos cuidados do senhor Marcelo. Jamais entendi porque mamãe adquirira aquele barco. Comprou-o assim que vovó morreu. Tinha medo de passear nele, mas, quando descíamos à praia, sempre dedicava um quarto de hora a contemplá-lo. Certa vez, perguntei-lhe o motivo da compra, ela esquivou-se:

“Não é um barco bonito?”. Foi a única resposta. Eu não insisti. O nome também foi ela quem lhe deu: Ítalo. Eu gosto. Subi à casa e dei ordens ao senhor Marcelo, o caseiro, para que encontrasse uma boa oficina de barcos. O homem pareceu-me muito feliz com meu pedido e perguntou-me:

— Não me diga que o senhor vai pôr o barco para funcionar?

— Pretendo.

A alegria do homem foi tanta que senti vergonha pelo egoísmo e insensibilidade do meu caráter. Durante dois anos, o Ítalo apodrecera na minha indiferença. E agora, por capricho, com a maior naturalidade do mundo, eu estalava os dedos e o colocava em funcionamento. Só Deus sabe o quanto aquele homem desejava ver o Ítalo navegando.

— Está feliz, senhor Marcelo?

— Com o conserto do barco? Hum, felicíssimo! É que o senhor não gostava de sair com ele. Mas posso lhe garantir que é um ótimo barco. Muito bom mesmo! E olhe que quem está lhe falando não é um qualquer, mas um velho lobo do mar!

Sorrimos. Na verdade, Marcelo nunca fora um lobo do mar como costumava apregoar. De qualquer modo, sempre tivera uma relação pessoal com o mar. Ele passara mais da metade dos seus cinquenta anos de vida na orla marítima. Havia pelo menos sete que ele era nosso caseiro. Fora recomendado por um vizinho, que o tivera consigo durante vinte anos. O vizinho vendera a propriedade e o novo dono despedira os antigos funcionários. E assim, sem ir muito fundo no mar, Marcelo ficara a namorá-lo durante mais de vinte e cinco anos.

— Desculpe-me, senhor Marcelo! — disse.

— De quê, senhor Caio?

— Por não ter lhe autorizado antes, muito antes, o conserto do Ítalo... Só agora percebo que ele lhe faz muita falta.

— Que nada! O importante é estar aqui... — apontou o mar e respirou fundo, levantando a cabeça, como um lobo na iminência de um uivo — e respirar este ar, o “bafo” do mar!

— Pois bem! — atalhei, sorrindo — encontre uma boa oficina... e que faça um trabalho rápido, porque agora também estou ansioso de sentir o “bafo” do mar. Mas quero senti-lo no momento em que sair de lá, da garganta azul do mar. Informarei o Antônio sobre os gastos com os reparos. Ele se encarregará do pagamento, está bem?

— Está ótimo, senhor Caio.  
Dias depois, o Ítalo voltava a recortar o azul das águas.

*Chuva de Novembro*

*Segunda-feira, 19 de outubro.*

Assim que entrei na sala de aula, a felicidade tomou conta de mim. A frente fria tinha ido embora, mas lá estava ela, vestida com a jaquetinha preta que eu lhe havia comprado. Jamais senti tanto prazer em preencher o diário de frequência de aula como sentia depois que Caressa ingressara em minha sala. A saborosa ansiedade para chegar ao número dela só era comparável quando ela olhava para mim e respondia: “presente!”. Durante todo o tempo, não trocamos uma única palavra. Entre nós havia algo muito mais comunicativo que a palavra: havia o silêncio e os olhares. A aula daquele dia foi entrecortada por reticências e olhares silenciosos. E não eram olhares unilaterais, mas olhares correspondidos. Ela manteve um olhar sorridente em mim. Ah, quanta meiguice naquele olhar cabisbaixo, mal dissimulado, naquele olhar franco de adolescente! E, quando nossos olhares se tocavam eu sentia o amor expandir-se dentro de mim. O que sentia era maior que o meu próprio ser. Eu sabia do risco que corria, mas era impossível não olhar para ela. Era impossível esconder dos alunos a natureza do amor que sentia por aquela aluna. A natureza da minha adoração.

Na saída, me dirigi ao estacionamento. Quando ia abrir a porta do carro, ela surgiu, como que por encanto. As palavras me fugiram da boca. Caressa aproximou-se de mim e se limitou a me olhar. A verdade é que, apesar, dela ter se dirigido espontaneamente ao estacionamento, a situação era mais embaraçosa para ela do que para mim. Rompi o silêncio lhe assegurando:

— Neste fim de semana ouvi muitas vezes a sua música. Eu sabia que ia gostar, como havia lhe dito. Mas, sinceramente, não esperava gostar tanto como gostei. E gostei de uma forma tão vibrante, tão imediata, que tenho a impressão que já a conhecia de muito tempo atrás.

Ela esboçou um suave sorriso e juntou os ombros. Disse-me, devagar:

— Eu queria lhe dizer que adorei a jaqueta...

— Fico feliz por isso!

— Obrigada...

Depois, o silêncio! A emoção a nos envolver como a bruma de nossos sonhos.

— Quer uma carona? — perguntei-lhe tentando parecer o mais natural possível.

— Não... obrigada. — respondeu, depois de um instante de hesitação.

— Só queria lhe agradecer pelo presente...

— Foi uma retribuição, apenas... Não chegou sequer a ser um presente.

— Era isso... — murmurou — Até amanhã, professor!

— Até amanhã, Caressa.

Ela se pôs a caminhar. Acompanhei-a com os olhos até que sua silhueta desapareceu no vértice do portão do estacionamento. Entrei no carro e fui para casa.

\*\*\*\*\*

A vida é uma rede de casualidades, que nos arrasta para o oceano do imponderável. A calça que comprara no sábado, sem que experimentasse, ficara apertada, de maneira que voltei ao shopping para efetuar a troca. Eu já tinha feito a troca e ia saindo quando, diante de uma loja de roupas jovens, vi Caressa e Clara. Vestidas com jaquetas iguais até pareciam irmãs. Elas só me perceberam quando eu as interpelei:

— Olá, meninas...

Voltaram-se, surpresas, para mim. Acrescentei, sorrindo:

— Estão passeando?

— Não lhe falei, Caressa? — disse Clara num tom afirmativo.

Caressa ficou um instante boquiaberta. Depois, levando a mão ao peito, exclamou balançando a cabeça:

— Professor Caio?

— Por que o espanto? — perguntei.

— É que a Caressa estava falando justamente...

Caressa deu um tapinha reprovador, no braço da amiga.

— Deixa de ser mentirosa, Clara! Não é nada disso, professor. Viemos aqui para ver o preço do ingresso para o show do Guns...

Clara reprimia um riso.

— Não é verdade, Clara?

— Sim, é... É verdade.

— E então? — perguntei-lhes — Viram os preços?

Caressa contraiu os lábios, franziu a testa e meneou negativamente a cabeça:

— Muito caro... — disse desanimada, após um suspiro.

— Eu não vou perder, Caressa! — interpôs a outra — custe o que custar eu arrumo o dinheiro e compro meu ingresso. Imagine só o "Guns N' Roses" tocando ao vivo? Ah, eu não perco! Não perco mesmo!

— Então ainda não compraram os ingressos? — perguntei-lhes.

— Não. Os ingressos ainda não estão à venda, mas assim que estiverem, eu compro! Pode ter certeza que compro. — disse Clara.

— E o senhor, professor Caio? O que faz aqui? — indagou-me Caressa.

— Vim trocar uma calça. Eu a comprei sábado e como estava com pressa não a experimentei. Hoje, pela manhã, quando a experimentei, percebi que ficou pequena.

— E já trocou?

— Sim! — disse-lhe abrindo a sacola.

Caressa e Clara lançaram um olhar para dentro da sacola.

— Que gosto! — exclamou Clara, sarcástica.

Caressa explodiu num surpreendente riso debochado.

— Alguma coisa errada? — indaguei disposto a rir também.

Caressa parou de rir e fez uma careta.

— A cor é horrível, professor...

— Ah, é?...

— Ninguém usa mais esses modelos, professor. Isso aí é mercadoria encalhada. — observou Clara.

— Mercadoria encalhada, francamente! — disse simulando indignação. — E o maldito vendedor teve a cara-de-pau de me dizer que o modelo tinha sido feito para mim...

Houve um instante de silêncio.

As feições de Clara se expandiram num risinho maroto. Disse, quase declamando as palavras:

— Caressa, tenho uma idéia

— Que idéia. Clara?

Clara voltou-se para mim.

— Professor, você gostaria de comprar umas roupas decentes?

— Por quê? Por acaso pareço indecente? — disse sorrindo, correndo um rápido olhar em minhas próprias roupas.

— E só um jeito de se falar, professor! — observou Caressa.

— Caressa, é você mesma! — interpôs a amiga. E não adianta dizer não. Você vai ajudar o professor Caio a escolher umas roupas decentes!

Caressa colocou a mão no peito. O rubor subiu às suas faces.

— Eu? — exclamou.

— Sim, senhora! Tudo bem, professor?

— Se ela quiser...

— Ah, Clara, você tem cada idéia, hein?

— Nada de heins, Caressa. Não custa nada. Custa?

— Não, é que...

— Nada de quê, Caressa! — Agarrou a amiga pelo braço e pôs-se a puxá-la. — Venha, professor! Logo ali tem uma loja de roupas masculinas, que só vendo artigos de primeira.

Andamos uns cem metros. A cada loja que passávamos,, Clara dava um olhar rápido e resmungava “essa também não”... Ela se deteve diante de uma vitrine, voltou-se para a amiga e comentou:

— Que você acha desses artigos, Care?

Caressa sacudiu os ombros.

— Tem roupas bonitas...

— Então vamos entrar... — disse, enfiando-se dentro da loja e levando consigo a amiga.

Segui-as. Assim que entramos na loja, uma vendedora nos abordou:

— Pois não, senhor?

— Vamos escolher algumas roupas para ele — esclareceu Clara com total desinibição. Caressa estava visivelmente acanhada. E eu, no primeiro momento, me senti tão embaraçado quanto ela. Por indicação de Clara a vendedora me trouxe a primeira calça. Entrei no provador e a experimentei. Clara permaneceu o tempo todo do lado de fora do provador insistindo para que, tão logo eu vestisse a calça, abrisse a cortina. Depois de relutar com esta situação, atendi ao pedido dela.

— Então? Como fiquei? — perguntei à Clara.

— Quem tem que responder é ela, não eu, professor... E aí, Care, gostou?

Caressa estava rubra, limitou-se a balançar a cabeça, em sinal de aprovação.

— Isso quer dizer que você gostou, Caressa? — voltou a perguntar a amiga.

— Sim, Clara! Gostei!

— Posso comprá-la sem medo? — perguntei à Caressa. Ela deu uma olhada demorada na calça.

— Pode comprar, professor. Ficou muito bem no senhor...

— Que senhor? — censurou a amiga — Eu não estou vendo nenhum senhor! O professor Caio nunca gostou de ser chamado de "senhor". Só você insiste em chamá-lo assim...

— É por educação, Clara, que eu o chamo de "senhor". E não por que o considere velho.

— Dispensando estas formalidades — disse-lhe, com cuidado, para não parecer ríspido — Pode me chamar de você. Aliás, eu prefiro assim.

Caressa balançou os ombros.

— Se o senhor prefere, quero dizer, se você prefere, não o chamarei mais de "senhor".

— Combinado! — respondi-lhe, sorrindo.

— Hei! — exclamou Clara para a vendedora. A moça aproximou-se.

— Meu professor vai ficar com esta... Pode trazer outros modelos?

— Oh, claro que sim! — respondeu-lhe a vendedora, dirigindo-se apressada para as prateleiras com calças.

— Clara! — exclamei — Mais calças?

Ela nada respondeu. Virou-se para Caressa.

— Care, você acha que ele tem que comprar mais calças?

Caressa sorriu, aprovando as palavras da amiga. Seu rostinho risonho demonstrava que o embaraço tinha cedido lugar à diversão. Entrei no provador e, do outro lado do pano, ouvi Clara dizendo à vendedora:

— Agora, traga algumas camisas.

Acho que a vendedora jamais havia vendido tanto a um único cliente. Comprei todas as peças que Caressa me disse ter gostado. E não foram poucas: três calças, uma bermuda, quatro camisas, cinco

camisetas, dois pares de meias e, até mesmo, duas cuecas samba-canção que, segundo a vendedora, tinha voltado à moda. Depois as convidei para um lanche. Apesar de Caressa já estar bastante à vontade ainda assim recusou o convite. Contudo, Clara segurando-a novamente pelo braço e, chamando-a de boba, tonta e outros correlatos, fê-la aceitar o convite. Comemos os lanches, com Clara a tagarelar o tempo todo. Caressa não pronunciava palavra. Eu, também, não tinha muito o que dizer. Senti-me como um adolescente que leva a amiguinha ao shopping para dizer que a ama e na hora de fazer a declaração perde a palavra e a coragem. Na verdade eu estava mudo de felicidade. Enquanto Clara falava ficamos, cada qual de um lado da mesa, a contemplar os olhos do outro. Quando deixávamos o shopping, parei diante de uma loja de roupas femininas. Na vitrine da loja, estava exposto um lindo vestidinho preto de alcinhas. Um vestido que parecia ter sido feito para ela. Fiquei um minuto em silêncio, apenas imaginado-a com aquele vestido. Clara e Caressa também o olhavam em silêncio.

— Gostou? — perguntei-lhe.

— É lindo — murmurou Caressa.

— Então, venha... — disse-lhe.

Caressa segurou-me pelo braço, quase que em meu punho:

— Não...

Meus olhos desceram na direção daquela mão que envolvia o meu braço. Como foi maravilhoso sentir que sua mão tocava, novamente, em mim. Eu sentia o seu calor subindo por meu braço e se irradiando por todo o corpo.

— Por que, não? — perguntei-lhe

— Sei lá... Não sei se devo aceitar...

— Não sabe se deve o quê, Caressa? — ralhou a amiga — Deixa de ser tonta! Vamos, entre logo e deixe de ser boba!

Entramos. Caressa fechou a cortina do provador e, logo depois, quando eu já estava para morrer de ansiedade, ela saiu. O rostinho afogueado, os olhinhos brilhantes, a expressão de menina feliz.

— Como ficou, professor? — perguntou-me.

Era a primeira vez que a via num vestido. Como era linda! As pernas... A palavra que me veio à cabeça foi Parthenon. Sim, as pernas eram roliças como as colunas do Parthenon.

— Você está linda, Caressa! — respondi-lhe, com um olhar vidrado. O olhar de um devoto. Ela enrubescou e mergulhou entre as

cortinas do provador. Voltei-me para a vendedora:

— Ela vai ficar com o vestido:

Uma vez feito o pacote, descemos para o estacionamento. Clara sentou-se no banco de trás e, quando Caressa tentou segui-la, foi impedida pela amiga:

— Vai na frente, Caressa! Ou, está pensando que o professor é nosso motorista particular?

Caressa sentou-se ao meu lado.

— Sabe que carro é este, Care? — indagou a amiga, do banco de traseiro.

— Não! — respondeu-lhe Caressa, virando-se para trás com ar interrogativo.

— É um BMW. Não é lindo?

— Muito bonito...

— Sabia que este é o carro preferido do Axl?

— Verdade? — exclamou estupefata.

— BMW, o carro do Axl Rose...

— Isso é verdade. Clara? — indaguei, voltando-me para trás.

— É verdade, professor! Li em uma revista.

Olhando Caressa de esguelha, vi quando ela, quase ajoelhada no estofado, indicou-me com um movimento de cabeça. Disse à amiga:

— O Axl tem bom gosto... Não tem, Clara? — riram.

— E como tem, Care!...

Caressa me pediu para não a deixar na frente de sua casa por que a mãe a repreenderia, se a visse saindo do carro de um estranho. Contudo eu sabia que o motivo desse cuidado era, sobretudo, a vergonha de que eu visse a precariedade de sua moradia. Deixei-a, conforme pediu, uma rua antes de sua casa. Desci do carro com ela. Disse-lhe:

— Não diga a ninguém que fui eu quem comprou pra você este vestido... Não sei se você me entende... as pessoas podem interpretar este presente de outra maneira... E isso seria muito ruim. Afinal, você é minha aluna.

Caressa estava abraçada à sacola da loja. Ela abanou a cabeça e disse-me, fazendo biquinho:

— Entendo...

Clara desceu do outro lado do carro e anunciou:

— Sabe o que você faz, Caressa? Diga à sua mãe que ganhou esse vestido de um amigo.

Caressa enrubescou. Limitou-se a ficar me olhando.

— Invente um apelido para o professor, mas tem que ser um nome legal... Vejamos... que tal Axl Rose?

Clara olhou para mim e torceu as feições. Eu e Caressa sorrimos. Clara fez uma expressão de reprovação.

— Sinceramente, professor, o nome não lhe combina... Tem que ser algo mais romântico... Ah! Achei! — exclamou — Achei... Romeu! — soltou um risinho de escárnio — Romeu. O que você acha, Caressa?

— Legal — murmurou ela.

Aquele nome fez-me sentir uma estranha vibração.

Romeu... Por que Romeu? Sempre Romeu... Caressa sorria ante o meu silêncio de perplexidade.

— Gostou do apelido? — perguntei-lhe

— Sim... Eu já tinha pensado nele...

O brilho de satisfação de seu olhar fez dissipar o medo vindo do passado.

— Romeu! — repeti — Francamente, eu também gosto!

Caressa voltou-se para a amiga.

— Tchau, Clara!

— Tchau, Caressa!

— Passe em minha casa depois, quero conversar com você.

— Mais tarde darei uma passada por lá.

Pousou os olhos em mim:

— Tchau, professor.

— Tchau, Caressa.

Entrei no carro e fiquei observando-a descer a rua. Lá estava o meu sonho de adolescente. Descia com seu jeito particular de andar. Um jeito pessoal, exclusivo, gracioso...

Parei o carro na calçada oposta ao portão da casa de Clara:

— Obrigado, Clara. Ter a sua companhia e a de Caressa, esta tarde, foi muito agradável... — Clara deu um risinho malicioso.

— Mais a dela que a minha, não é, professor?

— Que é isso, Clara... Você foi maravilhosa! Você é muito divertida, muito extrovertida... — ela me interrompeu:

— Professor?

Silenciei. Clara olhava-me com olhos inquiridores.

— Sabia que a Caressa só fala em você?

Gelei.

— Em mim? — murmurei.

— É... Já não agüento mais! É um tal de professor Caio diqui, professor Caio dali... Ela acha que você também está gostando dela... Quero dizer, eu também acho!... Mas, será que está mesmo? A coitada está tão apaixonada... Professor, você está gostando dela?

Minha vontade naquele momento foi de gritar bem alto que adorava, que sempre a adorei, que ela era a coisa mais maravilhosa que acontecera em toda minha vida. Senti-me um menino tomado pela vergonha, pela timidez. Ali estava diante de mim uma adolescente, fazendo a vez de cupido para aproximar-me de outra adolescente e, por mais inverossímil que possa parecer, ambas minhas alunas... Eu, um professor, envolvido numa trama de paixão com uma aluna.

— Você já sabe minha resposta, Clara!... — disse-lhe.

— Sim... Sei — admitiu.

Impulsionado por um lampejo de lucidez, voltei-me para ela e supliquei-lhe:

— Clara, estou confiando algo muito pessoal a você. Espero que não decepcione a mim nem a sua nova amiga, Caressa...

— Por quê faria isso, professor? Pelo contrario, só quero ajudá-los... Ah é tão lindo!... Ela esta tão apaixonada...

— Como é a casa de Caressa, Clara?

— A casa? Bem... é uma casa muito simples... É uma casa alugada... Um quarto e cozinha, apenas. Também mora só ela e a mãe... A mãe dela, coitada da Caressa, a mãe dela às vezes bebe. Bebe de fazer escândalo... Quase sempre às sextas-feiras. Acho que a mãe dela não trabalha às sextas-feiras...

— É por isso que ela faltou duas sextas-feiras seguidas?

— Sim! É por isso... Quando a mãe se embriaga, Caressa fica com medo de deixá-la só e falta à aula. Eu já disse para deixar de ser boba, mas não adianta! Morro de pena dela... E agora ela está gostando de você... E parece que teve sorte.

Sorri.

— Acho que nós temos sorte, Clara. Tanto ela, como eu.

— Posso dizer isso para ela?

— Se achar que deve não vou lhe proibir.

Clara desceu do carro e fechou a porta.

— Eu acho que devo... — disse, sorrindo pela janela — Até mais tarde, professor!

Quando cheguei à casa, faltavam minutos para cinco da

tarde. Não foi difícil vencer o tempo até às sete: horário de entrada na escola. À noite lá, estava ela, sentada na primeira carteira, com o vestidinho preto... Estava calçando um tamanquinho preto que, apesar de um tanto surrado, combinava perfeitamente com o vestido. Tão logo entrei nossos olhares se cruzaram... Durante toda a aula fiquei a dissimular o irremediável desejo de pousar exclusivamente meu olhar em seu adorável rostinho e ignorar todos os outros alunos. Foram dias deliciosos e difíceis. Deliciosos para o homem apaixonado, que tinha a certeza de rever a pessoa amada todas as noites. Difíceis para o professor que tinha de se deter na literatura quando, seu verdadeiro desejo, era falar apenas sobre sua história pessoal. Jamais me fugiram as palavras, como naqueles dias. Às vezes, quando estava explicando uma aula, ocorria de olhar sem querer para ela... Pronto! Esquecia até mesmo o tema sobre o qual estava dissertando. Para retomar o fio da narrativa, era obrigado a voltar em silêncio para minha mesa e conferir no livro aberto, o assunto em questão.

*Chuva de Novembro*

Por volta das duas da tarde, já me encontrava angustiado ante a possibilidade da Caressa faltar à aula de sexta-feira. A idéia de que, no caso ela faltasse, eu só a reveria três dias depois me colocava em verdadeiro pânico. Quando saí de casa com destino à escola o anseio de vê-la era tão intenso que dirigi às cegas, meio sem rumo e quando dei por mim estava fazendo um itinerário completamente diferente ao que estava habituado. Estava passando pela rua onde havia deixado Caressa. Assim que percebi estar naquela rua, passei a observar com atenção as calçadas. Duas quadras depois eu a vi. Caminhava cabisbaixa, os cadernos abraçados ao peito. Eu a segui, por uns duzentos metros e, depois, aproximei-me. Buzinei. Ela parou, voltou-se para trás e me olhou com a expressão mais triste, que jamais tinha visto em seu rostinho. Voltou a baixar a cabeça e continuou andando. Saltei do carro e corri para ela.

— Caressa...

Ela não levantou a cabeça, arfava de maneira contida. Coloquei o dedo em seu queixo e o ergui. Seus olhos estavam vermelhos, lacrimosos. Os lábios se contraíam, nervosamente. Eu pressenti uma explosão de lágrimas e a envolvi com ternura em meus braços. Ela chorou baixinho.

— O que foi? O que aconteceu?

— Minha mãe... Minha mãe está bêbada...

— Sinto muito... Gostaria de poder ajudá-la.

Ela enxugou os olhos.

— Ninguém pode ajudá-la. Só ela mesma...

Suspirou e continuou se desabafando:

— Eu sempre falto às aulas quando ela se embriaga. Tinha prometido para mim mesma, que não faltaria mais. Quando peguei os cadernos para sair, ela implorou para que ficasse. Quando eu lhe disse que não ficaria... ela me xingou com palavrões horríveis...

— Fez bem em sair.

— Tenho medo de deixá-la sozinha, professor... Quando ela sai bêbada pelas ruas sempre apronta escândalos.

— Não seja tão responsável por aquilo que não pode mudar. Seus lábios pronunciaram o choro.

— Estava indo para a escola... — disse, abrindo a porta do carro — Entre! Posso levar você até lá.

Ela entrou. Sentei-me ao volante. A olhei em silêncio.

— Não quero ir à escola... — murmurou com voz entrecortada.

— Quer que a leve para casa de algum parente?

Ela balançou a cabeça, recusando. Liguei o carro e arranquei.

— Vou levá-la para ver algo de que, tenho certeza, vai gostar.

Minutos depois o portão de casa se abria para a passagem do carro. Caressa já estava refeita do choro. Quando o carro subiu a ladeira, ela exclamou, surpresa:

— Ah, que lindo! Que lugar é este, professor?

— É uma casa.

— Sim, estou vendo que é uma casa, mas de quem é esta casa?

Parei o carro, desci e abri a porta para ela.

— Chegamos, senhorita! — disse-lhe, com voz cerimonial. Caressa saltou do carro, sempre abraçada ao pacote de cadernos e livros. — Venha! — puxei-a com delicadeza na direção da casa.

— De quem é esta casa, professor? — insistiu ela.

— É onde moro...

Ela parou e olhou-me estupefata. Os lábios entreabertos, os olhos interrogativos.

— Professor, isso é um palácio! Uma mansão! Você mora numa mansão, professor. — sorri.

— É apenas uma casa antiga... e grande. Mas não passa de uma casa grande — Ela sorriu. — Venha vamos entrar.

Cada objeto era digno de um olhar dela.

— Antônio? — chamei — Venha, por aqui, Caressa. Quero que veja uma coisa.

— Aquilo que disse que eu iria gostar?

— Sim... nesta sala. Veja!

Ela aproximou-se da pintura com passos lentos. Ficou em contemplativo silêncio. Eu fiquei sondando as expressões que se desenhavam em suas feições: primeiro espanto; depois, estupefação,

a dúvida e, por último, alegria. Ela voltou-se para mim:

— Sou eu, professor?

Fiz-lhe que sim com curtos acenos de cabeça.

— Você... — Ela voltou-se para a tela.

— Então, já faz muito tempo que está me seguindo, hein? — disse divertida.

— Muito! Muito tempo!

— Fiquei bem no retrato.

Meneou a cabeça e acrescentou:

— Quero dizer: só o cabelo está um pouco diferente.

— Sim, um pouco diferentes... — concordei — Talvez, o divino pintor tenha errado algumas pinceladas. Nada que tenha prejudicado a beleza e perfeição da obra.

Voltou-se para mim, sorrindo.

— Adorei, professor. Tem outras surpresas?

Antônio estava atrás dela.

— Creio que sim! Antes gostaria que conhecesse alguém que, há muito, deseja revê-la...

Caressa voltou-se para trás. Antônio lançou-lhe um olhar de espanto, que logo cedeu lugar a forte emoção.

— Prazer em revê-la, “mademoiselle”! — disse ele.

— “Mademoiselle”? Ele está brincando comigo, professor?

— Antônio é assim mesmo...

O homem continuava a fitá-la, com um olhar que ia da incredulidade ao júbilo.

— Está surpreso, Antônio? — perguntei-lhe.

— Estou maravilhado com a obra de Deus! — retrucou meu amigo. Dito isso, Antônio voltou-se sobre seus passos e desapareceu.

— Homem estranho, professor!

— Não. É que você ainda não o conhece. Ele está emocionado e é muito sensível...

— Agora venha conhecer o resto da casa... E pode deixar o material sobre esta mesa.

Mostrei para ela todos os cômodos, todas as sacadas da casa. Meu quarto foi o último em que entramos.

— Então, você dorme aqui, professor? — perguntou, sentando-se na beira de minha cama.

— Sim...

— Macia... Já dormiu com a vidraça aberta?

— Algumas vezes...

Ela se dirigiu à sacada:

— Tudo muito lindo, professor!

Voltou para dentro do quarto. Viu o CD sobre o aparelho de som.

— O CD do Guns — sussurrou, ao pegá-lo.

— Ouço antes de dormir...

Ela aproximou-se e abriu cuidadosamente o estojo.

— Sabe o que diz a letra da música, professor?

— Sim. E você?

— Também.

— Aplicada em inglês, hein?

Ela deu um risinho.

— Sou péssima em inglês. Mas, a letra eu sei, li na Carícia.

Decorei até.

— Mesmo?

— Sim.

— Vou pôr o CD para tocar, quero ver se decorou mesmo.

Caressa mordeu o lábio inferior, murmurou.

— Põe. E verá.

Liguei o aparelho. Coloquei na décima faixa, “November Rain”, depois fiquei em frente dela. Caressa olhava em meus olhos, mostrar que decorara os versos em inglês significava algo muito especial para ela. A música começou com os acordes introdutórios. Aproximei-me ainda mais dela.

— Ouça! — pediu-me.

— Diz...

Ela pôs-se a declamar os versos, com antecedência sobre a voz do vocalista Axl Rose:

— “*When I look Into your eyes*

*I can see a love restrained*” (1)

Contudo não se tratava apenas da declamação da letra de uma música. O brilho de seus olhos dizia que aquilo era algo muito maior, muito mais verdadeiro que a simples letra de uma música. Aqueles versos eram palavras suspiradas por sua emoção, embaladas pelo ritmo do seu coração. Ela prosseguiu:

— “*But darlin’ when I hold yo* (2)

*Don’t you know I feel the same*”.

1)- Quando lho em seus olhos, vejo um amor reprimido.

2)- Mas querida, quando te abraço você não sabe que sinto o mesmo.

Certamente ela sabia do efeito profundo que tais palavras faziam em meu coração, do contrário não teria empregado tanta espiritualidade ao pronunciá-las. Não pude reprimir o desejo de responder-lhe em inglês:

— *Yes. The heart beats inside its prison ... Trying to escape from a body that has gotten old of the much it has gone through the time like a horse in its serch for rest...*(3)

Ela sorriu. Minhas palavras a impediram de recitar a segunda estrofe. Ela prosseguiu, na terceira:

— *We've been through this such a long long time just tryin' to kill the pain...* (4)

Respondi-lhe :

— *Yes! The pain has been passing through the centuries for lots of lives... There's pain in my blood, I can feel it burning like metallic liquid which fuses to it... I can feel running and corronding my veins, heavy like lead, expanding inside, wheighing in my heart... An antire life just trying to overcome the pain... My life... And now I can predict its death right at the birth of our love... In brand new meeting of the part of my divided soul... And you are my victory... over the pain.*(5)

Ela ficou me observando com um olhar risonho, interrogativo.

— Acabou? — perguntou-me.

Estávamos tão próximo que eu podia sentir-lhe a respiração reticente.

— Sim...

— E o que foi que você disse?

Ao perguntar-me, Caresa aproximou ainda mais seu rosto do meu. Ela estava quase ofegante. E a minha respiração só acontecia em lufadas entrecortadas pela emoção. Eu a envolvi em meus braços. Ela estendeu seus lábios róseos para mim. “Oh, meu Deus, haverá perdão para os meus atos?”. Perguntei à minha alma. Não houve resposta. Exceto as pálpebras de Caresa que se fecharam

---

3)- Sim! O coração debatendo-se em seu cárcere... Tentando escapar de um corpo que envelheceu de tanto correr através do tempo como um cavalo à procura do remanso...

4)- Nós estamos nisso há um longo, longo tempo. Só tentando matar a dor.

5)- Sim. A dor tem cruzado os séculos, por muitas e muitas vidas. Há dor em meu sangue, ainda posso senti-la fumegar como um líquido metálico que se funde a ele... Posso senti-la correndo e corroendo minhas veias, pesada como o chumbo, dilatando-me por dentro, pesando em meu coração... Uma vida inteira apenas tentando matar a dor... Minha vida... E agora pressinto a morte dessa coisa justamente no nascimento do nosso amor. No reencontro da parte de minha alma dividida... E você é a minha vitória sobre a dor.

poeticamente e seus lábios que se entreabriram de modo inconfundível. Inclinei-me sobre ela e a beijei. Beijei-a com ternura, beijei-a com sacra devoção e obsceno desejo. Beijei-a com o amor de um homem por uma mulher. Quando terminamos o beijo, ela voltou a perguntar com a voz entrecortada pela respiração ofegante:

— O que foi que você disse?

Apertei-a ainda mais em meus braços:

— Eu falei muitas palavras...Mas, disse apenas que te amo.

— Também te amo, professor... — retornou ela com olhos brilhantes. O coração parecia querer saltar pela boca. O desejo era muito intenso para ser controlado. Demos um novo beijo. Foi ainda mais demorado, mais saboroso, mais cálido que o primeiro. Em seguida, ela recostou a cabeça em meu peito e ficamos ali, agarrados um ao outro, balançando suavemente ao som de “November Rain”. Minha mão esquerda enlaçava-lhe a delgada cintura e a direita, como que lhe apoiar a nuca, acariciava os cabelos. Meu queixo roçava-lhe levemente a cabecinha. O perfume de seus cabelos inebriou-me os sentidos. Foi um instante lírico, quase impossível de se crer. E como eu haveria de crer que um dia, a mais desejada fantasia de minha vida se tornaria realidade? Como poderia acreditar que meu sonho um dia se encarnaria e se colocaria ao alcance dos meus braços, dos meus lábios e do meu coração? Sob o fino tecido do vestido, podia sentir o calor e a suavidade de seu corpo.

— Sua mãe lhe perguntou sobre o vestido?

— Sim.

— E o que você disse?

— Que era um presente de um rapaz... que estava gostando de mim.

— Hum... Quanto a isso você não mentiu... E o que ela disse?

Houve uma pausa de silêncio.

— Minha mãe não está muito bem... De uns tempos para cá, ela tem bebido muito mais do que já bebia... Tem andado depressiva, também... Às vezes, falta ao trabalho e fica na cama dopada por tranqüilizantes e amargura... Tenho dó dela...

A música havia terminado e o silêncio da noite tinha tomado conta de todo o quarto.

— Ela me disse, — prosseguiu — que se meu pai voltasse a nos encontrar, ela me entregaria para ele...

Caressa levantou o rostinho para mim. Olhamo-nos por alguns segundos. O tom de sua fala tinha deixado a entender que sua

idéia ainda não estava completa.

— E então?

Reclinou-se novamente em meu peito, escondendo o rosto.

— Disse-me que quanto mais rápido eu sáisse de baixo da suia dela seria melhor.

— Disse isso? — perguntei, indignado.

— É... mas ela estava bêbada...

Fiquei em silêncio, a fim de deixar que aquela informação fosse assimilada completamente por meu coração.

— Então, acho que devo lhe fazer um pedido que ainda não fiz... Caresa, quer namorar comigo?

Ela riu baixinho e em olhou. Depois de um suspiro, disse, abanando a cabeça com seu jeitinho particular:

— Quero.

Beijamo-nos. Nosso primeiro beijo oficial.

— Quero que jante comigo — disse-lhe ao terminar o beijo. Ela levou a mão ao peito.

— Eu? — perguntou, arqueando as sobrancelhas e fazendo biquinho.

Esse gesto de Caresa fez-me vibrar de alegria. Tratava-se de um gesto inimitável, inconfundível. Sim, era ela! Em corpo e alma! Era ela até mesmo no nome: Caresa. Minha Caresa!

Descemos para o jantar. Os pratos foram triviais, mas a circunstância em que se deu foi especialíssima. A meu pedido, Antônio localizou três antigos castiçais e os depositou sobre a mesa, com seus braços empunhando velas torsas, cuja luz bruxuleante incidia sobre o rostinho claro da minha amada dando-lhe uma coloração ligeiramente avermelhada. Seus olhos brilhavam com paixão e confiança. Era esta a impressão que eu tinha: Ela confiava sua vida a mim. Era um olhar de esperança, de desejo e felicidade. Eu, do outro lado da mesa, só tinha uma certeza: minha felicidade dependia apenas de seu amor. Foi um jantar inesquecível, embora nada tivesse ocorrido de especial. Aliás, bem pouco foi dito durante o jantar. Naquela noite, as portas do impossível se abriram e meu sonho se transformou em realidade.

Passava das dez da noite, quando parei a alguns metros de sua casa. Caresa não quis que a deixasse em frente ao seu portão. Explicou-me que não sabia se ia encontrar a mãe bêbada ou sóbria e que, além disso, sentia vergonha de sua casa. Respondi a ela que a compreendia. Beijamo-nos e ela desceu. Eu a compreendia, mas

estava por demais curioso para aproveitar a oportunidade de ver onde ela morava. Avancei com o carro e dobrei na primeira esquina, de modo a ocultar o veículo. Desci a tempo de ver a casa em que ela morava. Toda a rua era ocupada por casas pequenas e precárias. A de Caressa era ainda mais pobre e triste. A lembrança de que, em sua outra vida, ela também tinha vivido com extrema pobreza, provocou-me um forte sentimento de indignação. Tantas loucuras se passam pela cabeça de um homem apaixonado! E a loucura que passou em minha cabeça, naquela noite, foi de tornar realidade um dos mais tradicionais contos de fadas. Seria muito simples: Pararia meu carro defronte sua casa. Bateria palmas no portão. Uma senhora me atenderia. Eu me apresentaria a ela. Caressa sairia e me olharia espantada e feliz. Eu diria àquela senhora, mãe de Caressa: quero casar com sua filha, agora! Ela responderia que Caressa por ser muito nova, ainda não seria boa esposa. Eu retrucaria que não tinha problema nenhum quanto a isso, que a amava demais, que não suportava as horas sem ela. Então, a mulher se convenceria da minha sinceridade e perguntaria à filha se ela queria casar-se comigo. Caressa abanaria a cabeça, positivamente, olhando-me com meiguice e alegria. Então eu a colocaria em meu cavalo branco e a levaria para o meu castelo. E seríamos felizes para sempre... É um conto infantil. Mas quem o desejou ver realizado, naquela noite, ao ver a amada entrar numa casa que mais se parecia com um cortiço, foi um homem. O amor tem a arte de nos fazer sonhar os mesmos sonhos de quando éramos inocentes.

Entre no carro e voltei para casa.

No outro dia, Caressa me contou que tinha revelado à mãe o início de seu namoro com "Romeu". Contara sobre o jantar à luz de velas, e a beleza da casa. Para nossa felicidade, sua mãe não se opusera ao nosso namoro. Pelo contrário. Tinha aprovado com as seguintes palavras: "este seu Romeu não é um miserável como seu pai..." Na segunda-feira, depois da aula, Caressa pediu-me para que eu fosse até sua casa. Naquela noite, ela desejava me apresentar para sua mãe. Recusei-lhe o pedido e a aconselhei que guardasse, pelo menos, o término do ano letivo. A verdade é que ela ainda não havia revelado nem minha idade, nem minha verdadeira identidade à mãe. Eu sentia medo, insegurança de falar com uma mulher de minha idade, sobre meu namoro com sua filha de apenas treze anos! Não que sentisse medo da situação. Temia, apenas, a reação da mãe. Não se pode prever jamais a reação de uma mãe ao saber que a filha está

namorando um homem mais velho e que, de certo modo, aproveitou-se de sua posição de professor para se aproximar da aluna. Com o encerramento do ano letivo, eu pediria minha exoneração da rede estadual de ensino e ficaria mais a vontade para conhecer sua mãe e lutar, se preciso fosse, pelo nosso amor. Esta explicação, bem razoável, fez com que o sorriso de Caressa se iluminasse.

Àquele primeiro jantar, seguiram-se outros jantares e passeios. Fizemos compras nos shoppings, fomos a restaurantes típicos, balé no Municipal e assistimos a diversas peças de teatro. Entre elas, “O Último Revolucionário”. Como você bem se recorda. O mês de novembro transcorreu como uma doce poesia. Foram dias e noites da mais extrema felicidade.

Apesar de ficarmos muito tempo sozinhos e de termos tido diversas oportunidades para um contato mais íntimo, isso só ocorreria nos últimos dias de novembro. Eu me sentia reprimido pela diferença de idade. Não era só isso. Na verdade, era um sentimento mais impreciso que o preconceito. Caressa era, para mim, muito mais que alguém do sexo feminino. Ela era muito mais do que sensualidade e desejo. Ela era um ser que eu adorava. “Adorar”, é a palavra que melhor descreve o que sentia por ela. Caressa era sagrada para mim e, apesar do forte desejo, eu não ousava ir além de carícias e abraços.

Eram dez horas da manhã, do último sábado de novembro, quando ela apareceu em minha casa. A mãe tinha bebido desde a sexta-feira à tarde e, antes de se curar da ressaca, já estava bebendo na manhã do sábado. Caressa andou mais de dois quilômetros para chegar à minha casa. Estava cansada e entristecida. Sua tristeza, contudo, não combinava com o dia. Fazia uma linda manhã de primavera. E foi exatamente isso que eu lhe disse:

— Caressa, olha para mim... Não fica assim! Esta manhã está tão linda... E só alegria combina com uma manhã tão bonita... Vamos sair por aí e dar umas voltas para deixar os problemas para trás

Ela concordou com um sorriso ainda triste. Mas que, tão logo abaixei a capota e coloquei o carro em movimento, cedeu lugar a uma euforia adolescente. Ganhamos as ruas. Não tínhamos nenhum roteiro em mente. Eu apenas procurava as pistas mais rápidas onde pudesse impor velocidade ao carro. Era agradável aos olhos e saboroso ao coração ver sua cabeleira preta sendo agitada pelo vento. Caressa ria com crescente entusiasmo. Algumas vezes, se punha de

pé para que o vento lhe golpeasse o rosto, então eu acelerava ainda mais. Ela sequer conseguia fechar os lábios, seus olhos, fustigados pelo vento, chegavam a lacrimejar. Quando dei por mim estávamos numa rodovia, sentido litoral. Caressa vibrava a cada túnel, a cada curva da estrada, a cada precipício da encosta. Ela não conhecia o caminho e só percebeu que nos dirigíamos para o litoral quando avistou, à distância, o mar azul.

— Caio, o mar! — exclamou ela, pondo-se novamente de pé — Como é lindo!

— Ainda não tinha vindo à praia? — perguntei-lhe.

— Sim, já vim... mas, há muito tempo. Eu ainda era muito pequena.

Sentou-se e deu um soquinho em minha perna com ira simulada:

— Deveria ter me avisado que estava me trazendo para a praia!

— E por que deveria?

— Por quê? Ora, porque eu tenho um biquíni novinho, sem uso, que estou guardando justamente para quando viesse à praia...

— Não se preocupe com isso. Se o problema é usar o seu biquíni novo amanhã a gente volta.

— Volta mesmo?

— Claro que sim. Amanhã, depois de amanhã. E depois, e depois. Se quiser podemos até morar por aqui.

— Ah, Caio... você é louco.

— A culpa é sua! — comentei — que me perturbou o juízo.

— Eu? — exclamou rindo — Até parece que fui eu quem o procurei no portão da escola.

— Não, você não! Você foi me procurar na minha sala de aula.

— Veja só! Que grande mentiroso! Eu nem imaginava encontrar você naquela escola. Nem mesmo sabia que era professor.

Esta era a natureza de nossos diálogos, enquanto o carro avançava na direção de minha casa de praia. Por três vezes, fiz parada em sorveteria. Ela tinha paixão por sorvete de chocolate, lambuzava-se até. Tudo aquilo, que deveria me convencer da minha loucura, acabava por ter um efeito contrário, tornando-me ainda mais apaixonado por aquela adolescente. No decorrer do mês de novembro, conquistei a confiança de Caressa. E, naquela manhã, ela estava muito mais à vontade comigo. Estava liberando seus trejeitos.

E, como me fazia lembrar a outra! À medida que seu comportamento ganhava espontaneidade, ela se tornava ainda mais sedutora aos meus olhos. Esta palavra, talvez, não seja a mais apropriada. “Sedutora”?... Não era exatamente isso! Era mais, muito mais: ela me encantava, me enternecia. Tocava-me a alma de uma maneira profunda e imprecisa. Eu desejava pegá-la em meu colo, lhe embalar o sono e os sonhos com as mais doces e sinceras palavras de amor. Eu desejava tê-la comigo vinte e quatro horas por dia. Tê-la dia e noite. Tê-la eternamente ao alcance dos meus olhos, ao alcance de meu coração. Foi com este sublime sentimento que chegamos à minha casa na praia.

Ao pararmos diante do portão. Caressa, virou-se para mim e perguntou, com timidez:

— Esta casa também é sua?

Desci do carro e lhe sorri do lado de fora.

— Minha? — voltei-me para a casa — Acho que não... Venho muito pouco para cá. Esta casa pertence mais ao mar de que a mim. Faz parte dele como ele faz parte dela. Entretanto, aqui estamos nós e ali está ela: nos esperando.

Abri o portão. Retornei ao carro e fui avançando lentamente pelo calçamento até à garagem. Quando Marcelo encontrou o rosto sorridente de Caressa teve um verdadeiro choque. Afinal, eu nunca havia levado alguém àquela casa. Salvo em uma ocasião: quando dei um churrasco para o professor Silvio e alguns seus amigos militantes. Há muitos anos. O olhar do homem em princípio foi de espanto, mas depois se tornou de uma indignação mal disfarçada. Eu não sabia com quais palavras apresentar aquela adolescente para ele, por fim limitei a dizer-lhe:

— Senhor Marcelo, trouxe uma pessoa muito importante para conhecer a casa. Esta é Caressa... Este é o senhor Marcelo, o caseiro.

Caressa soltou um pequeno riso.

— Oi... o senhor é que cuida de tudo isso? — perguntou com espontaneidade.

— Sim. Gostou?

— Parabéns! Deve dar muito trabalho para que as plantas fiquem assim tão bonitas...

— É que a estação ajuda. Estamos na primavera! E todas estas plantas estão em seu habitat natural.

— Ah, sim... — murmurou ela.

— Vamos entrar, Caressa.

Caressa fez uma verdadeira inspeção na casa. Lançou um olhar meticoloso em cada objeto, tal como tinha feito na casa de São Paulo. Depois, pela varanda do segundo piso, lançou um olhar entristecido para o mar.

— Quer andar na areia? — perguntei-lhe.

Ela virou-se para mim com uma carinha de tristeza:

— Eu não... Como posso andar numa praia linda como esta sabendo que não vou poder entrar na água?

— Isso por causa de seu biquíni? — suspirei — Venha sua tolinha — disse-lhe com terno carinho.

— Para onde?

— Sabia que no Guarujá também tem shopping?

— Não, Caio... Você vai me comprar um biquíni?

— Vamos encontrar um que seja idêntico ao que você tem em sua casa.

Não tivemos muito trabalho para encontrar um biquíni que, segundo Caressa, era quase igual ao que ela tinha em casa. Nada de excepcional. E diria tratar-se de um modelo tradicional de cor preta. Aproveitamos para almoçar frutos do mar em um pequeno restaurante, à beira da estrada. No retorno, Caressa ainda teve disposição para mais um sorvete de chocolate. Além do biquíni, comprei-lhe outro vestido, algumas mini-blusas.

Em casa, ela colocou imediatamente a roupa de banho. Eu usava uma sunga azul-marinho. Sorri embevecido, ante sua sensualidade de menina-moça. Dirigimo-nos à praia. O sol ardia sobre nossos ombros. Andamos pela areia até o limite norte da propriedade, onde fica uma espécie de encosta rochosa cercada por uma pequena reserva de Mata Atlântica. Sentamos sobre as rochas. Caressa se encostou ao meu peito e ficamos ali contemplando o mar. Distante via-se algumas embarcações. O vento soprava suavemente na direção da costa, trazendo a maresia de encontro aos nossos rostos.

— Gostaria de fazer-lhe uma pergunta, Caressa.

— Sim... O que é?

— Quando foi que você começou a gostar de mim?

Ela virou-se para mim e me olhou nos olhos:

— Lembra-se daquele dia de chuva?

— Sim.

— Foi naquele dia.

— Aquele não foi o primeiro dia que você me viu?

— Sim. Foi... Foi assim... — continuou pondo ênfase nas palavras e nos movimentos da mão — Quando passei pelo carro olhei para dentro... Não sei por que olhei para dentro. É como se eu já soubesse que era você que estava lá, quero dizer, como se já soubesse que ia gostar de quem estava lá. Continuei andando até o portão. Eu não queria olhar para trás, mas deu uma vontade de olhar... Então quando virei, vi você... Deu um negócio dentro de mim. Uma emoção forte...

Ela suspirou e reclinou-se em meu peito.

— Acho que foi amor à primeira vista.

Prosseguiu depois de um instante.

— E você. Caio? Quando começou a gostar de mim?

— Quer dizer quando comecei a amar você...?

— Sim...

— Sempre amei você. Por toda minha vida amei você. E a vi você foi como se encontrasse por uma pessoa que há muito estava procurando...

Os olhos dela sondavam os meus. Ela continuou:

— Ah, eu senti tanto medo... Não quando vi você, porque não sabia que nos veríamos de novo, muito menos que era professor. Quando encontrei você na sala... Eu pensei: “Deixa de ser boba, Caressa. Acha que com tantas mulheres bonitas por aí um homem como o professor Caio vai se interessar por você?” Eu morria de medo de me apaixonar e não ser correspondida.. Pensava que era muito nova para que me notasse. Mas, tinham os seus olhares... Que me diziam outras coisas... Você me olhava de um jeito assim... Diferente de como olhava para os outros alunos. Eu dizia “Caressa ele está interessado em você... Não vê como ele olha?” Certa vez, eu falei isso para a Clara, aí ela deu maior força... Até trocou comigo o CD do Guns pela minha jaqueta. E olha que ela gostava muito daquele CD... Se não fosse ela eu acho que não teria coragem de... sei lá... Acho que não.

— Tínhamos os mesmos medos...

Caressa afastou um pouco o rosto e, com gestos estudados, disse-me apontando meus olhos:

— Quando olho dentro de seus olhos vejo um amor reprimido.

Antes que terminasse, eu a apertei em meus braços e completei a frase em seu lugar:

— Mas, querida, quando abraço você não sabe que sinto o mesmo?

Sorrimos.

Quando retornávamos à casa Caressa pôs-se a correr pela areia. Eu saí disparado atrás dela. Quando a alcancei, abracei-lhe a cintura, pelas costas e girei, fazendo-a dar dois ou três rodopios no ar. Depois ela virou-se para mim, o rosto corado pelo esforço físico despendido na corrida, os olhos brilhantes pela emoção proporcionada por aquele início de tarde de primavera. Ficamos a nos olhar por segundos, como se isso pudesse conter a crescente emoção. Então nossos lábios se encontraram lentamente. Beijamo-nos. É incrível como até mesmo os mais sutis elementos que compunham aquele início de tarde ensolarado ficaram gravadas em minha memória. Se me dispuser a resgatar essas lembranças sou capaz de rever os inúmeros sorrisos, que me foram dirigidos por ela. Sou capaz de sentir a maresia enxugando o suor de meu rosto com o hálito salgado do mar, de sentir a areia fina e quente sob meus pés e a respiração ofegante de Caressa.

Passava das três da tarde quando me lembrei de que ainda não a tinha levado à garagem para ver o barco. Levei-a até lá. Ao vê-lo, Caressa soltou uma sonora interjeição e pediu-me com voz súplice, fazendo biquinho, para que a levasse para dar uma volta. Chamei Marcelo para que me recordasse de como se faz para manejar os instrumentos. Uma vez tomada as informações essenciais, saí às águas; meio aprendiz meio adolescente ao volante de um carro, mas com a vantagem do mar não ser pontilhado por postes de iluminação pública. Não avancei muito. Permaneci dois ou três quilômetros da praia. Contudo, em sua euforia adolescente, Caressa acumulou-me de palavras de admiração e adjetivos ligados ao mar: Caio, o pirata; Caio, o navegador; Caio, o velejador. De minuto em minuto, soltava uma exclamação e acrescentava um adjetivo. Já não fazia o mesmo sol, o tempo tinha se fechado rapidamente e a chuva de primavera não demorou em desabar. Choveu súbita e copiosamente. Quando ancoréi o barco no píer, Marcelo ralhou comigo, tal como se faz com um menino, por ter me lançado ao mar quando a chuva já se fazia anunciar. Entreguei-lhe o comando do barco para que ele o colocasse na garagem e, segurando Caressa pela mão, subimos a encosta gramada, em direção à casa, com a enxurrada correndo pelos tornozelos. Caressa estava com os cabelos encharcados. Não sentia frio, pois, apesar da chuva, ainda fazia calor.

Peguei uma toalha grande e coloquei-lhe sobre os ombros, recomendando um banho quente. Depois dela, eu mesmo me enfiei debaixo de uma ducha bem quente. Quando saí, encontrei-a vestida com o minivestido de musselina que acabara de comprar. Estava com os pés descalços. Os cabelos ainda molhados, mas cuidadosamente penteados, rosada como uma boneca. Eu estava vestido com uma calça de moletom e camiseta branca de mangas curtas.

— Fiquei bem neste vestido? — perguntou-me.

— Você fica bem em qualquer roupa... — retruquei.

Ela sorriu.

— Se quiser podemos sair para jantar. — comentei.

Ela abanou a cabeça.

— Não estou com fome.

— Eu também não.

Marcelo bateu à porta para me informar que tinha guardado o barco e que se precisasse dele o encontraria no chalé. Agradei-lhe e ele se retirou. Caresa, sentada na rede que se prende de uma viga à outra da varanda, contemplava com ar absorto a chuva torrencial que açoitava o mar. Sentei-me ao seu lado e a envolvi em meus braços. Ela reclinou docemente a cabeça em meu ombro.

— Você parece tão distante! — observei.

— Estava pensando... — murmurou ela.

— Pensando em quê?

— Que tenho que ir embora.

— Quando quiser é só me avisar.

— É justamente isso que não queria. Queria ficar aqui com você... Pra sempre.

— E sua mãe?...

— Não sei... Ela não se importa muito comigo. Depois nem sei se está bêbada...

Houve um momento de silêncio, depois ela prosseguiu:

— Nunca pensei que seria tão feliz...

— ...Está feliz?

— Muito! Tão feliz que nem acredito... Olha a chuva como é linda... Você é lindo... Este lugar é lindo... Tudo é tão lindo que mais se parece a um sonho do que realidade.

Beijei-lhe os cabelos.

— Você é linda... — disse-lhe — maravilhosa! Se alguém está vivendo um sonho nesta história, não é você. Sou eu.

— Então me abrace, Caio. Abrace-me com força... Porque

tenho muito medo. Medo de que seus sentimentos por mim não durem muito. Tenho medo de perder o seu amor.

Apertei-a com força em meus braços, depois virei seu rosto de encontro ao meu.

— Não tenha medo. Meu amor por você é infinito. Não sei lhe dizer como, nem o porquê, mas uma força misteriosa nos colocou aqui, frente a frente, cruzou a linha de nossas vidas. Caresa, você nasceu para mim. Só para mim. E o nosso amor é eterno. Eterno como as estrelas. Eterno como as partículas de areia e as águas que enchem os oceanos. Acredita em mim?

Ela concordou com dois movimentos de cabeça. E, com palavras entrecortadas pela respiração, perguntou-me:

— Promete que não me deixará jamais?

— Prometo desafiar o céu e o inferno pelo nosso amor.

Acrescentei, depois de um momento de silêncio:

— Você nasceu só para mim, Caresa. Para o nosso amor. Você venceu a morte para que estivéssemos juntos aqui, nesta noite, sob este céu, sob esta chuva de novembro.

As últimas palavras, eu as sussurrei quase dentro de sua boca. Tão logo terminei de falar seus lábios se colaram nos meus, com ardorosa paixão. Beijamo-nos durante um longo tempo. Nossos beijos eram como lenha colocada na lareira. A medida que nos beijávamos, o desejo crescia, expandia-se dentro de nós. Era um prazer e um suplício, ao mesmo tempo. Não pude mais conter as labaredas da paixão que se alastravam por debaixo da pele. Enlacei suas pernas com meus braços e, sustentando, seu corpo com a mão esquerda, coloquei-me de pé. Levei-a ao quarto e a coloquei sobre a cama. As cortinas estavam abertas e a chuva batia ruidosamente de encontro à vidraça. Já era noite. Acendi o abajur. Voltamos a nos beijar. Nossos corpos se roçavam com volúpia. Beijei-lhe os cabelos, a testa, o pescoço. Minhas mãos ora apertavam-lhe as cinturas, ora insinuavam-se por entre os botões que fechavam o vestido às suas costas. Houve um instante de lucidez. Ajoelhei-me na cama, ao lado dela. Recobrei o fôlego e murmurei com as mãos no rosto: “não, Caio... Não!”.

Quando tirei as mãos do rosto, ela acenava doce e suavemente com a cabeça:

— Sim... Por favor, eu quero...

Como haveria de suportar! Não, a culpa não é dela. A culpa é minha. Eu não suportei. Soltei devagar cada um dos botões de seu

vestido. A respiração era cada vez mais ofegante. Ao descer o vestido quase que meu coração explodiu, dado a violência com que ele se debatia dentro do peito. Ali, vestida só de sutiã e calcinha, a mais bela criação de Deus. Ali estava a menina que sonhei em toda minha vida. Ali estava um corpo esculpido em marfim, uma obra-prima feita de traços inocentes e, contudo, sedutoramente feminina. Livre-me de todas peças de roupas. Soltei-lhe o sutiã.

Seus seios apontavam para mim: dois pequenos botõezinhos cor-de-rosa, intumescidos. Meus olhos estavam magnetizados pelo olhar dela. Inclinei-me sobre seu corpo e beijei-lhe seus seios com delicadeza. Depois meu rosto continuou a descer por aquele corpo puro, imaculado como o diamante. Beijei-lhe a delgada cintura e o umbigo. Então retirei lentamente sua última peça de roupa. Seu sexo se revelou. Era um minúsculo triângulo de pêlos macios e perfumados. Do mesmo jeito que os lábios do devoto buscam o manto da santa, meus lábios se colaram com avidez àquele montículo de pêlos. Beije-os com amor, devoção, pureza e desejo. O delicioso perfume de seu sexo em flor turvou-me os sentidos: me senti girar como num fantástico redemoinho. Retomei o fôlego e fiquei imóvel por um instante a fim de permitir que aquela doce fragrância da mais bela flor consumasse todo o efeito de sua mística. O resultado foi extraordinário: meu corpo estremeceu, minhas células agitaram-se como num vespeiro sacudido pelo vento, minhas fibras vibraram como se desejassem tocar uma melodia inexprimível: o cântico dos anjos. Sentia-me percorrido por uma maravilhosa sensação de frieza. Meu coração, depois de segundos paralisado, disparou em palpitações violentíssimas. O sangue voltou a correr aceleradamente em minhas veias e, enrubescido como um menino, como Caressa, respirei fundo. Então, me deitei ao seu lado e puxei o lençol sobre nós. Nossos corpos nus se tocaram. Acolhi seu frágil e delicado corpo de menina em meus braços. Nossos corpos suavam na desesperada tentativa de se fundirem num único corpo. De ambas as partes o desejo era impetuoso. Ela estava trêmula. Enquanto a beijava, senti a intimidade do corpo dela. Ao me sentir em seu corpo ela abriu a boca e passou a respirar em lufadas compassadas. Seu rostinho suado brilhava sob a luz do abajur, seus olhos procuravam os meus com ternura, desejo e paixão. Lá fora a chuva de novembro fazia brotar as flores e a vida. Continuamos com movimentos suaves, quase inocentes, até que o big-bang aconteceu dentro de nós. Primeiro, em Caressa: ela crispou os dedos em minhas costas e suas

pernas se contraíram espasmodicamente. A boca entreaberta deixou escapar um gemido de infinito prazer. As pálpebras cerradas se entreabriram por um instante e revelaram dois olhos enlanguescidos de prazer. Depois, voltaram a se fechar como se ela quisesse reter o máximo do prazer que acabara de experimentar. Eu também já estava sufocando quando presenciei o orgasmo dela e vendo-a não pude me conter e explodi por dentro, me derreti dentro do corpo da minha amada. Abandonei-me ao seu lado com os olhos fechados. Era preciso prorrogar ao máximo aquela deliciosa sensação. Permanecemos imóveis. Depois eu a acolhi em meus braços e passei a beijar cada milímetro de seu rosto.

— Eu te amo, Caio... — sussurrou ela.

— Eu também te amo! — respondi-lhe — Agora somos um só corpo, um só coração, uma só alma... E uma só vida.

Permanecemos abraçados, nossos sonhos dançando diante de nós. Caresa olhava para mim com ar de devaneio, quando disse:

— Pensei que a chuva de novembro fosse fria...

— Mas é — comentei — a chuva de novembro é fria no hemisfério norte. Lá, novembro é outono... aqui é quente. Chuva de primavera...

Ela resmungou aprovadora, arqueou as sobrancelhas e disse:

— Nada como ter um namorado professor.

Finalmente ela adormeceu com minha mão acariciando-lhe os cabelos. Fazia calor e ela ainda estava suada, de maneira que resolvi retirar o lençol por um instante. Ela estava deitada de lado, voltada para o meu lado. O prazer que senti ao vê-la dormindo nua é indescritível. Minha mão percorreu delicadamente as curvas de seu corpo e se deteve na sinuosidade angulosa do seu quadril quase infantil. Caresa dormia um sono tranqüilo e profundo. Dormia o sono de uma criança cansada. A boca deixava sair a respiração entrecortada, sibilante. Eu fiquei contemplando aquela menina ainda mais frágil no arrebatamento do sono. Fiquei ali, velando seu sono. O sono de uma menina que, — naquela noite — experimentara precocemente o contato íntimo com um homem. Com aquele homem que lhe velava o sono, que sorria embevecido ante sua imagem. Olhando-a na inocência do sono, instalou-se em mim uma inexplicável sensação de angústia e alegria ao mesmo tempo. Dissipei qualquer possibilidade de arrependimento e sussurrei-lhe ao ouvido:

— Se me fosse dado escolher entre toda uma vida de amores

lúcios e envoltimentos eróticos casuais, ou atravessar novamente minha existência para reviver este momento, eu escolheria você, minha querida! Toda minha vida vale este momento, de verdadeiro amor.

Fui à cozinha e tomei um copo de leite. Retornei ao quarto e me deitei ao lado dela. Carrega ressonava como um anjo. Era maravilhoso contemplá-la. Fechei os olhos, com sua respiração quente sendo soprada em meu rosto. A beleza do momento era tão intensa que dormir seria um sacrilégio. Ainda havia muito sentimento para ser colocado para fora. Saltei da cama, peguei um papel e caneta e, sob a luz do abajur, escrevi versos. Versos para ela. Versos que falavam daquilo que eu estava sentindo. Versos numa linguagem simples. Versos para uma menina de treze anos. Aliás, um homem apaixonado não é um homem criativo, a paixão é essencialmente contemplativa. A paixão age misticamente sobre o espírito, jogando-o numa saborosa letargia. São versos simples, porque são versos que falam do amor. E no amor e na dor, todos os homens são como crianças:

***Sentimentos***

*O sentimento:*

*É um movimento lento — do coração*

*É o movimento da alma*

*Que com calma, busca a libertação;*

*Que quando fala, cala a voz da razão.*

*A paixão:*

*É a submissão — ao coração*

*É uma entrega total*

*Que nasce meio sem querer*

*E, de um jeito muito natural,*

*Toma conta de todo o seu ser...*

*O amor:*

*É o sentimento mais bonito,*

*Que alguém pode sentir*

*É um grito buscando o infinito*

*É a verdadeira razão de se existir*

*E quem tem medo de sofrer  
Quem tem medo do coração  
Não faz por merecer  
Não tem como conquistar  
A deliciosa sensação  
De poder se apaixonar*

***Minha Eternidade***

*Seu rosto é a mais bela pintura  
Que Deus já pôde fazer...  
Você é sonho durante a noite  
E poesia durante o dia  
Você é tudo que posso querer*

*Suas curvas me levam à perdição,  
Seus cabelos têm o movimento do mar...  
Você é uma arte da perfeição...  
Você é tudo que posso sonhar.*

*Sua boca tem a chave do desejo,  
Seu sorriso a mais inocente tentação.  
Quando penso no seu beijo,  
Me explode o coração...*

*Seu corpo é uma estátua de marfim;  
Seus olhos têm a beleza do infinito!  
Você é a menina que sonhei pra mim  
Porque em você tudo é mais bonito...*

*E nada mais existe além de você!  
Você é sonho e felicidade...  
É tudo o que posso querer:  
Você é o meu agora,  
O meu amanhã,  
A minha eternidade!*

Depois de escritos, eu os reli com calma e conclui que falavam a linguagem dela e a linguagem do meu coração. Retornei para debaixo do lençol. Juntei seu corpinho de encontro ao meu e adormeci.

Quando acordei, a manhã mais linda de minha vida se projetava pela vidraça da janela. Uma manhã iluminada como toda manhã de primavera, após uma noite de chuva torrencial. Caresa ainda dormia. Encostei meu rosto de encontro ao dela para sentir o meu cheiro adocicado de menina-moça. Sussurrei-lhe ao ouvido:

— Hei, garota, eu te amo. Muito. Muito...

E, como já estivesse acordada e pudesse ouvir o que disse, sua fisionomia se expandiu como se desejasse sorrir. Respirou profundamente, estirou o corpo, pestanejou, lutando com a claridade, e abriu os olhos:

— Bom-dia, minha vida! — disse-lhe.

Ela bocejou, esfregou os olhos.

— Bom-dia... Que horas são? — perguntou.

— As horas deixaram de existir. Os dias deixaram de existir. O mundo deixou de existir... Agora, o mundo e a eternidade são você e eu...

Caresa sorriu. Eu a beijei. Depois do beijo seus olhos me fitaram com amor, ela disse:

— Pensei que estivesse sonhando.

— Não estamos longe dos sonhos — respondi.

Voltei-me para o criado-mudo e peguei as poesias.

— Fiz para você, enquanto você dormia — disse-lhe, estendendo as folhas. Ela pegou os papéis.

— Poesias?

— Sim.

Sentou-se sobre as pernas cruzadas, mantendo o lençol preso sob os braços e leu. A cada estrofe, ela me lançava um sorridente olhar de esguelha. Quando terminou de ler, ficou a me fitar em compenetrado silêncio. Colou as folhas ao peito e disse-me num suspiro:

— Ah, Caio, são tão lindas... Gostaria de dizer palavras bonitas também... Não sei como lhe dizer o que sinto... Nem sei por que você gosta tanto de mim... — juntou os ombros e acrescentou num tom de desânimo: — Eu nem sou bonita...

Interrompi suas palavras com um carinhoso psiu de repreensão. Coloquei o indicador em seus lábios para, em seguida, substituí-lo com um beijo.

— Não diga tolices. Você é linda! Sua opinião é suspeita porque é a opinião de uma mulher. A minha, não! Como homem eu lhe garanto: você é linda... Quanto às palavras bonitas, que escrevi...

o mérito não é meu, mas dos seus olhos, do seu sorriso, dos seus cabelos, de seus lábios, do calor do seu corpo, de sua voz, ou seja, essas palavras bonitas não vêm de mim, mas de você. Você disse tudo isso ao meu coração. Eu apenas as escrevi... Entendeu?

Olhamo-nos um instante em silêncio.

— Eu te amo, Caio. Isto é tudo que sei. Que te amo! — disse, abraçando-me.

— Também te amo! — sussurrei, beijando-lhe os cabelos.

— Abraça-me com força! Com muita força. Quero me sentir protegida em teus braços.

Atendi ao seu pedido. Ou melhor, atendi ao pedido do meu coração. Estreitei-a em meus braços e a apertei de encontro ao meu peito.

— Não precisa ter medo! Você estará protegida para sempre em meus braços e em meu coração.

*Chuva de Novembro*

Após o café da manhã, demos mais um passeio à beira-mar. Era um dia quente e agradável. Mas tínhamos que voltar. Caressa sequer comunicara à mãe que não dormiria em casa. Eu acreditava que sua mãe tivesse dormido alcoolizada, ou que tivesse tomado uma dose extra de tranqüilizantes e assim jazesse adormecida. O entusiasmo da descida não se repetiu no percurso de volta. Caressa estava tensa, preocupada com a reação da mãe. Quando conheci sua mãe, entendi que a preocupação dela era absolutamente justificável. Ademais aquela tinha sido a primeira noite que pernoitara fora de casa. Parei o carro, como sempre fazia, na esquina perto da casa dela. Desliguei o motor. Já sentia com antecipação a saudade que ficaria no lugar dela. Enderecei-lhe um olhar lânguido, amargurado.

— Por que tenho medo de voltar para casa? Por que tenho medo de olhar para minha mãe? — perguntou-me.

— Você passou uma noite fora de casa... — disse-lhe — Nós vivemos uma nova experiência, uma emoção nova... É natural que sinta medo, insegurança.

Houve um instante de silêncio. Ela baixou os olhos, reflexiva.

— Sabe a impressão que tenho? A impressão de que, se minha mãe olhar para mim, vai me ver nua...

Seu tom de voz tinha um timbre de fragilidade. Ela era uma menina frágil. Uma menina que temia a idéia de ser mulher. E o tom frágil de sua voz despertava em mim um incontrolável desejo, ou impulso de protegê-la. De dizer-lhe: Não tema, Caressa... Porque a amo. Por que sou capaz de tudo por você.

— Vamos pôr um ponto final nisso. — disse, com ênfase — Vou com você até sua casa para esclarecer nosso relacionamento.

Caressa olhou-me, arqueando as sobrancelhas. Com voz teatral, acrescentei divertido:

— Sentaremos nós três: eu, você e ela. Eu direi a ela: vê

quem é o Romeu? Eu sou o Romeu: Caio Graco. Se sou professor dela? Sim, sou o professor dela. Se não sou muito velho? Sinceramente, não me sinto tão velho. Mesmo porque ela me ama assim. Não ama, Caressa?

Ela deixou escapar um risinho tenso e respondeu fazendo biquinho:

— Muito! Mas hoje não, Caio... se soubesse como minha mãe é, não estaria tão tranqüilo assim. Amanhã você vem, se quiser pode vir pela manhã, para falar com ela... Hoje, é melhor eu entrar sozinha.

Um tenso silêncio passou entre nós.

— Tem certeza que assim será melhor?

— Sim. Tenho.

— Está bem... Mas amanhã quero terminar com esta estória.

Combinado?

Ela concordou com curtos movimentos de cabeça. Lançou um silencioso olhar para a esquina, onde haveria de descer:

— Minha mãe não conhece seu carro... — disse-me —, queria que você estivesse mais próximo de casa quando eu entrasse pela porta... Acho que me sentiria mais tranqüila, sabendo que estou ao alcance dos seus olhos.

Enlacei-a carinhosamente pelo pescoço e trouxe-a de encontro ao meu ombro. Beije-i-lhe os cabelos com terna suavidade.

— Sua mãe não é nenhum monstro, Caressa... Você está exagerando um pouco. Diga para ela que o seu Romeu é um homem responsável. E que, sobretudo, ele a ama tanto que não seria capaz de lhe fazer nenhum mal. Diga ela que o seu Romeu a ama tanto que se ele suspeitar que pode fazê-la sofrer, ele é capaz de se matar para que você não sofra... Ela compreenderá. Depois você vai ver que todo esse medo era uma tolice! Afinal, não cometemos nada de vergonhoso. Porque o que nos aconteceu foi a realização desse sentimento puro que cresceu e que ainda cresce dentro de nós. Um filósofo disse: "o amor está acima do bem e do mal". Por isso não se deve ter vergonha do amor verdadeiro. Jamais!

Segurei seu rostinho com as mãos e o coloquei bem próximo ao meu, tão próximo que nossos narizes se tocaram.

— Entendeu? — perguntei.

Deitei em seus lábios um beijo carinhoso. Engatei o carro e dobrei a esquina. Parei a uns trinta metros da casa dela, na calçada oposta. Caressa desceu e caminhou devagar em direção ao portão.

Antes de ultrapassar o portão, ela me lançou um olhar frágil, carente. Fechei o punho e o ergui para dizer-lhe que fosse forte. Ela abanou a cabeça, demonstrando que tinha entendido o recado. Bateu na porta. A porta se abriu. Ela entrou e a porta tornou a se fechar. Permaneci em silêncio. Por sobre o muro, eu podia ver apenas a parte superior da porta. “Ela é a única filha de uma mãe abandonada pelo marido. Com certeza a mãe a compreendeu. Neste momento, a mãe deve estar lhe acariciando o cabelo enquanto, conversam de mãe para filha” — pensei. Este pensamento me fez tranqüilo, liguei o carro e estava para engatar a marcha, quando vi a porta se abrir novamente. Não foi Caressa quem saiu, mas uma mulher que apesar de não se parecer em nada com minha amada, deduzi tratar-se de sua mãe. Devido à distancia, não pude vê-la direito. Era loura, branca, encorpada. Era rancorosa. Só uma mulher muito rancorosa para agir daquela maneira: ela gritava coisas que não pude ouvir, mas que depois foram relatadas por Caressa: obscenidades, impropérios. Tinha na mão um punhado de roupas, que jogou sobre o muro, na calçada. Caressa veio logo atrás dela e saiu pelo portão. Chorava. Tremia. A mulher entrou e bateu violentamente a porta. Caressa agachou-se e pôs-se a juntar as peças esparramadas na calçada. Engatei o carro e, num arranque, parei ao lado dela. Saí do carro. Agachei-me para ajudá-la a recolher as coisas. Sua mãe abriu novamente a porta. E a voz, que deveria servir para amparar, era usada para humilhá-la.

— Sua vadia! Sua cadela. Vai pro seu macho! Vai morar com seu Romeu! Vai lá ver se ele a quer em sua casa, sua safada! O que ele queria, já teve! Agora junte seus trapos ao dele e suma da minha vida!

Estas palavras me corroeram por dentro. Não só humilhavam aquela que eu adorava, uma menina frágil e carente, como menosprezava o mais verdadeiro amor que um homem pode sentir. Como uma mãe pode dirigir palavras tão ofensivas, tão vulgares à filha? Ainda mais se tratando de uma adolescente frágil e doce, como Caressa! Olhei para ela. Tinha os olhos inchados, lacrimejantes. Fungava como uma criança ferida.

— Isso não pode ficar assim, — disse para ela — sua mãe vai ouvir o que tenho para dizer... — Levantei-me, disposto a devolver àquela mãe desnaturada todas as difamações que impingira à filha. Mas, no instante, em que me coloquei de pé, a porta explodiu no batente. Caressa segurou-me pelo braço:

— Não, Caio... — disse-me com voz embargada — deixa prá lá...

Os vizinhos tinham se ajuntado dos dois lados da casa. Caressa deitou-lhes um olhar envergonhado e, encostando o rosto em meu peito, pediu com voz entrecortada por soluços:

— Leve-me embora, Caio... Leve-me embora...

Juntei suas coisas em meus braços.

— Venha. Vou levá-la para longe dessa...louca.

Entramos no carro e arrancamos, sob os olhares mexeriqueiros dos vizinhos. Durante todo o trajeto ela fungou e chorou, em silêncio. Minha revolta era tanta que eu não ousava falar. Se começasse a falar o ódio cresceria dentro de mim; daria meia volta com o carro e puniria aquela mulher amalucada com meu próprio punho. Limitei a ficar repetindo, em minha cabeça, suas palavras: “Sua vadia! Sua cadela! Vai pro seu macho...” Disse para mim mesmo: “Não, Caio. Vocês não fizeram nada de errado. Vocês se amam... A idade não importa.” Olhei à minha direita: meu anjo ferido chorava e suas lágrimas eram como gotas de ácido, que escorriam dentro de mim. “Você adora esta menina, Caio. Não pode haver culpa em um sentimento tão verdadeiro. Não pode!” As palavras persistiam: “Vadia! Vai pro seu macho!”. Era isso: a voz! A voz que se repetia de forma nítida, demasiadamente nítida. Uma voz maléfica. Uma voz que despertava o medo em mim. Por quê? Por que aquela voz ressoava com tanta nitidez em mim?

Quando chegamos, Caressa lançou um olhar meticuloso na sala. Um olhar de quem considera com cuidado a dimensão da situação. Coloquei um lenço em sua mão. Depois de se assoar, ela disse:

— E ela nem estava bêbada, Caio...

— Percebi...

— Você a viu?

— De longe, apenas... Mas não tinha voz de bêbada.

Caressa voltou a assoar. Continuou com voz entrecortada:

— Ela me xingou de... de putinha... — explodiu em lágrimas.

Aperfei-ei-a de encontro ao peito.

— Ah, minha querida, não chore, por favor... — disse-lhe com voz consoladora — não me faça sofrer. Se soubesse o quanto suas lágrimas me doem.

— E de vadia... — acrescentou, agitando-se em soluços e lágrimas.

— Isso eu ouvi... Não diga mais nada.

— E safada, também...

Seu frágil corpinho, agitado pelo choro, tremia em meus braços.

— Psiu! — beijei-lhe a testa, os olhos inchados — Agora chega! Vamos esquecer isso, sim? — apertei-a em meus braços. Ela comentou:

— Minha mãe diz que meu pai é um mau caráter... Sei que é mentira... Se ele estivesse aqui não deixaria que ela me dissesse estas coisas. Tenho certeza que não...

Levantei seu rosto e, enxugando-lhe as faces com a mão, disse-lhe:

— Você não está só. Tem a mim. A partir de hoje, quero ser seu irmão... seu pai... e o seu homem.

Ela ficou a me sondar com um olhar penetrante. Estas palavras a impressionaram tanto que eu podia ver o desamparo evadindo de seus olhos, restaurando-lhe o brilho característico.

— Você me diz coisas lindas, Caio... Tão lindas que tenho medo que não seja verdade...

Sorri.

— Então creia, por que é verdade!

Ela sorriu e abraçou-se a mim.

— Também quero ser tudo para você, Caio. — soltou um suspiro — Quero ser sua irmã... sua filha, e sua mulher.

— Jura?

— Juro.

Chamei Maria e pedi que levasse as coisas dela para um dos quartos. Sugeri que ela escolhesse um dos quartos. Ela respondeu-me, sem nenhum entusiasmo, que não fazia questão, pois qualquer quarto lhe servia. Examinei cada quarto. Não havia como fazer opção: nenhum deles, com seus objetos e decorações envelhecidas, combinava com ela. Caressa pediu para ficar no quarto ao lado do meu. Maria se encarregou de arrumar-lhe as roupas e o quarto da melhor maneira possível. Comuniquei para Caressa que, já na segunda-feira, mandaria trocar os móveis, substituindo-os por outros modernos e de cores claras. Móveis que tivessem a cara dela. Disse-lhe isso num tom festivo, a fim de espantar-lhe a tristeza. A promessa, contudo, em nada mudou seu estado de espírito. Caressa permaneceu a tarde toda envolvida como que em uma bolha de silêncio, quase incomunicável. Fiz de tudo para lhe restabelecer o

ânimo, mas as palavras de sua mãe a haviam ferido profundamente. Fiz com que ela me acompanhasse em volta da piscina, em torno da casa e pelo pequeno bosque. Foi então que me lembrei de minha velha amiga: a figueira brava. Parei debaixo de sua copa e, olhando para seus galhos, revelei-lhe a minha cumplicidade com aquela árvore. Contei-lhe como, sentado naqueles galhos, costumava matar o tempo e a solidão.

— Então surgiu uma garota e me fez tão feliz quanto jamais tinha me sentido em toda minha vida... — comentei-lhe. Ela esboçou um sorriso. Seus olhos voltaram a brilhar com curiosidade e interesse.

— E você, quantos anos tinha?

— Era um menino ainda. Tinha dezessete anos.

— E ela?

— Treze.

— Minha idade?

— Exatamente... Eu era um adolescente pretensioso. Tinha sido educado em um colégio protestante e pensava que conhecia os segredos da vida. E por ser mais velho que ela julgava-me maduro, responsável. Não passávamos de dois adolescentes. Eu, apenas alguns centímetros mais alto que ela, mas muitos anos emocionalmente atrasado...

— E você a amou?

Olhei nos olhos dela.

— Sim, — respondi-lhe — amei demais...

— E por que acabou?

— Por que acabou? É uma boa pergunta... Ela... Houve um dia em que nos desencontramos. Eu não a compreendi... E disse para a mãe dela que não queria vê-la nunca mais... Mas, eu a adorava... Muito! Quando ela soube, quis fazer uma cena... Ela sempre fazia cenas... Só que dessa vez ela foi abatida pela fatalidade e morreu...

— Morreu, como?

— Ela se jogou na frente de um carro. O carro estava em baixa velocidade, embora fosse o suficiente para, no impacto, jogá-la no chão. Na queda, ela fraturou a crânio...

O assunto trouxe tristeza em mim e curiosidade nela. Dissimulei, gritando:

— Veja como o moleque Caio escalava esta árvore!

Agarrei ao tronco e, animado pelo riso divertido de Caresa escalei a árvore em questão de segundos. Sentei-me em seus galhos.

— Era aqui que costumava ficar. Daqui dá para ver sobre o muro. É gostoso... quer subir?

— Quero! — gritou.

— Espere um pouco.

Desci e a ajudei a subir. Em seguida, tornei a subir. Sentamos lado a lado. O sol se punha por detrás das casas.

— É legal ficar aqui... — observou ela.

— Eu sempre gostei... Eu ficava aqui pensando. Pensava no mundo que existia do outro lado do muro. Naquele tempo, havia ainda muitos terrenos vazios. Hoje não! Aqueles prédios também não existiam. Foram construídos há uns sete ou oito anos... Eu ficava aqui me perguntando: para que eu existo? Por que Deus me criou, se eu não queria ser criado?

Acrescentei, depois de um instante:

— Eu era infeliz... Foi quando conheci a garota...Aí tudo se transformou, como num lance de mágica. Eu dizia para mim mesmo: “Caio, você foi criado para o amor; você foi criado para encontrá-la. Para amá-la. E ela é sua razão de ser”.

Fitei Caressa e percebi em seus olhos uma certa preocupação.

— Você amou mais a ela do que a mim? Não minta, Caio!

Olhei-a por um instante: “sempre a amei com o mesmo amor!” — pensei intimamente.

— Você é o grande amor da minha vida. — respondi.

— Ah, ainda bem! — disse num resmungo, os lábios se distendendo num sorriso — Já estava ficando com ciúmes.

Encostei sua cabeça em meu peito e acariciei-lhe os cabelos.

— Tolinha, não precisa ter ciúmes do meu passado. Porque, agora, você é o meu passado, o meu presente e o meu futuro.

Ela resmungou, aprovadora, feliz. A noite descia com suavidade sobre nós.

— Ah! Como pude me esquecer disso! — exclamei

— Do que, Caio?

— Do meu saxofone...Eu tocava saxofone! — disse rindo.

— Aquele instrumento que se parece com a tromba de um elefante?

— Isso mesmo... Eu tocava saxofone sentado aqui, neste mesmo lugar...Tocava, pensando nela. — Caressa levantou a cabeça e fitou-me com uma expressão desaprovadora.

— Quer dizer que tocava para ela? Então vai tocar para mim também! — anunciou com voz de censura. Eu sorri.

— Você quer?

As feições dela se distenderam.

— Você toca?... — indagou, surpresa.

— Faz muitos anos que não toco. Mas posso tentar...

— Quero ouvir, Caio. Quero mesmo! — disse sorridente.

Descemos e corremos pelo gramado da residência. Havia alguns anos que, a meu pedido, Antônio tinha guardado o saxofone num outro quarto. Não suportava mais vê-lo sobre o guarda-roupa e, do mesmo modo, não admitia a idéia de desfazer-me dele. E não me desfazer dele foi uma atitude acertada. Caressa se encantou com o instrumento.

— Por quê está amassado na borda? — perguntou.

— Um dia eu o joguei contra a parede...

— Deveria estar com muita raiva.

— Estava muito triste... e o som que saía do saxofone era ainda mais triste. — mudei o tom de voz e a expressão do rosto — Vamos à execução?

— Toca?... Duvido...

— Ah, duvida? — Resmunguei e, em seguida, pigarreei para limpar a garganta — Ouça isso...

O que Caressa ouviu foi a mais bela execução que eu já havia feito em toda minha vida. Não perdia em nada para aquela de catorze anos atrás, e nem era melhor: era a mesma execução. Era como se o tempo tivesse retrocedido e eu me achasse diante da mesma Caressa. O que estou dizendo? Sim, era a mesma execução e a mesma Caressa. Era a mesma emoção e o mesmo amor!

O rostinho de Caressa se contorceu ligeiramente. Seus lábios se entreabriram, interrogativos. Em seu rosto desenhou-se uma expressão de tensa perplexidade. Interrompi a execução.

— O que foi?

— Nada... — resmungou ela.

— Não gostou da música?

— Adorei.

— E por que essa cara?

— É que... Não sei se já ocorreu isso com você alguma vez! Sabe, quando você tem a impressão de que algo está se repetindo?...

— Já...

— É isso... tenho certeza de que já estive aqui neste mesmo lugar... e que você tocou esta mesma música para mim. Até esse amassado... é como se já o tivesse visto.

Larguei o saxofone e a abracei.

— Tem algo que deveria ter lhe falado... Não sabia se devia ou não dizer lhe. Agora tenho certeza de que você precisa saber.

— O que é, Caio?

— Quero que veja uma foto...

Era uma foto em que eu, então com dezessete anos, aparecia segurando o saxofone. Minha mãe tinha me flagrado no jardim, no começo de julho de 1978. Uma foto surpresa. Mamãe chamara por mim, quando me virei em sua direção, ela disparou o flash.

— Caio, você usava gravata!

— Sim.

— E o cabelo, olha que engraçado... Você usava gel?

— Gel? Não... Era um creme que minha mãe passava em meu cabelo.

Ela riu.

— Você era tão engraçadinho... Acho que se eu o conhecesse deste jeito, apesar de ter cara de bobo... — ela deu uma pequena pausa para um sorriso divertido —, eu me apaixonaria por você! — Caressa fez um biquinho e acrescentou: — Ah, Caio, você era tão bonitinho!

— Eu também acho que você se apaixonaria por este rapaz da foto... e ele por você... — disse-lhe — Vire a foto, Caressa.

Ela virou e leu:

*Caressa,*

*Te amo para todo o sempre*

*Caio Graco*

*26/07/78*

— Esta foto é para mim? — indagou estupefata.

— Sim... Para você.

Caressa sorriu

— Obrigada, Caio... Sabe que adorei esta foto?

— Sei.

Tornou a ver a mensagem.

— Você errou a data.

— Não. Não errei...

— Errou, Caio. Veja. Você colocou julho de 78.

— Sim.

— Então, não está errado?

— A pintura... O quadro que está na sala, também foi pintado em julho de 78.

— Não estou entendendo nada, Caio.

Tomei fôlego:

— Eu também não consigo entender... Caressa, me ouça: há um grande mistério que nos envolve. Algo inacreditável nos aconteceu. Algo lindo, fantástico... Em julho de 78 conheci uma garota. Ela tinha treze anos. Foi para ela que dediquei esta foto. Ela foi retratada naquele quadro...

— E ela era assim tão parecida comigo?

— Sim! Demais! Eu diria, idêntica...

Caressa tornou a olhar a mensagem.

— Não vai me dizer que ela também se chamava Caressa?

— Sim... Aí está: “Caressa, te amo para todo o sempre”.

Ela arqueou as sobrancelhas.

— Você não pensa que sou ela, pensa?

— Tenho certeza disso!

Caressa conteve um risinho.

— Ah, Caio, me desculpe... mas é tão engraçado!

— Não, Caressa. Não tem nada de engraçado. Você mesma agora há pouco não disse lhe parecer que já conhecia esta casa, que conhecia meu saxofone e que já tinha ouvido esta mesma música?

— Sim... sei lá! Foi uma impressão que tive. Isso acontece com todo mundo, ora!

— Nosso caso é diferente... são muitas coincidências. Mesmo o acaso é limitado por leis de probabilidades. E o nosso reencontro, o nosso amor superou em muito todos os limites do acaso.

Ela me olhava em compenetrado silêncio, parecia refletir em tudo aquilo.

— Chateeí você? — perguntei-lhe.

— Não...

— Acho que não deveria ter lhe falado estas coisas.

— Deveria sim... Posso lhe fazer uma pergunta?

— Claro.

— Você me ama só porque pareço com a garota que morreu?

— Você não me compreendeu. Eu amo você porque toda minha vida amei somente você.

— E a morta?

— É como se ela jamais tivesse morrido.

— Não quero ser ela...

— E você não é ela. Você é você. A menina que amo...

Abracei-a para pôr um ponto final na questão.

— Por que te amo tanto, Caio? — indagou-me apertada em meus braços.

— Pelo mesmo motivo que eu te amo: porque nascemos um para o outro!

Após o jantar assistimos a uma comédia romântica no vídeo e, por volta de onze e meia, dirigimo-nos aos nossos quartos. Desejei-lhe boa noite no batente da porta de seu quarto. Depois que ela fechou a porta, entrei em meu quarto me e deitei. Fiquei a refletir sobre minha vida, sobre nossas vidas. Atrás da parede de meu quarto, estava aquela que sempre amei. Estava uma menina de treze anos, cuja mãe alcoólatra a tinha expulsado de casa. Era quase impossível crer que o grande Autor de nossas vidas tivesse tomado o cuidado de devolvê-la para meu coração, preservando-lhe até mesmo o mais doce nome que eu já tinha ouvido em minha vida: Caressa. E o mais fantástico é que jamais tinha conhecido outra Caressa, salvo a primeira, que, afinal, era a mesma!

A noite anterior voltou às lembranças: o rubor do rosto de Caressa, a violência do seu beijo, seus dedos se crispando em minhas costas, suas feições se contraindo no momento do orgasmo. As lembranças retornavam de modo tão intenso que eu podia até mesmo sentir o cheiro adocicado de seu sexo, podia ouvir a chuva batendo ruidosamente no telhado. Não. Depois que nos conhecemos na intimidade eu não poderia mais conter o desejo que brotava em meu corpo. E não era um mero desejo sexual. Era algo infinitamente superior a isso. Era como se aquele corpo de menina, frágil e branco como a porcelana, sempre tivesse feito parte de minha própria carne. E, ao tocá-la na noite anterior, despertou em mim o irreversível destino do meu corpo: fundir-se a ela num único corpo, num único ser. O desejo de tê-la de novo nos braços era atroz. Levantei-me. Abri a vidraça da sacada e espiei a noite. A água, que o céu havia acumulado, caíra toda na noite anterior. Esta noite eram só estrelas e vento com fragrância de flores.

Abri a porta do quarto e percebi que a luz do quarto de Caressa ainda estava acesa. Abri a porta de seu quarto cuidando em não a acordar. Queria apenas vê-la plastificada pelo sono. Ao olhar para sua cama encontrei dois pares de olhos atentos. Ela, também, ainda não tinha dormido.

— Não tem sono? — perguntei.

Ela sentou-se na cama

— Este quarto é estranho... Muito grande.

Sentei-me à beira de sua cama.

— Se quiser, posso ficar aqui até você dormir.

Ela riu, meneando a cabeça.

— Você é um amor.

O sorriso desapareceu subitamente de seus lábios.

— O que será que minha mãe está fazendo? — perguntou

— Acho que ela está dormindo — respondi.

— E. É possível que sim.

Depois o silêncio. Nossos olhos se confidenciavam mutuamente o verdadeiro motivo da insônia. Aproximei-me dela e nos beijamos com ardor. No calor dos beijos sussurrei-lhe ao ouvido:

— Quer dormir em meu quarto?

Sua cabecinha, esfregando-se entre meu ombro e meu rosto, acenou que sim. Tomei-a nos braços. Ela usava um pijama que eu não conhecia, tinha vindo no monte de roupas que fora jogado na calçada. Levei-a ao meu quarto e a coloquei na cama. Momentos depois, eu estava nela e ela estava em mim: éramos um único corpo e uma única alma. A nossa segunda noite de amor foi ainda mais ardente e apaixonada que a primeira. Os medos tinham sido vencidos. Nossos corpos se entrelaçavam com perfeição. Duas partes perfeitas de uma peça trincada. Dizer que foi ardente não significa que foi brutal. Mas dizer que a chama do amor ardeu o tempo todo dentro de nós. Irradiou em nossos corpos, transformando-nos em estrelas naquele céu de primavera. Nosso amor foi intenso e dedicado, suave como o vento que soprava lá fora e que balançava a cortina branca na vidraça. Caresa olhou para a pequena tira de azul profundo de céu e disse:

— Por que as estrelas são tão lindas?

— As estrelas são lindas, porque são pontos de reticências que nos falam do infinito.

— E o que é o infinito?

— O infinito é algo que não tem fim...

— O nosso amor é infinito? — indagou.

— Infinito e eterno como as estrelas no céu!

Caresa me fitou, inexplicavelmente, com olhos súplices e rematou:

— Na árvore, você me disse que era infeliz e que, quando

encontrou aquela menina, encontrou a felicidade... Ah, Caio, se soubesse o quanto eu era infeliz antes de conhecer você... Eu era tão infeliz que tudo o que sou agora, devo a você... e você surgiu assim tão de repente... que tenho medo que tudo se perca como veio... E eu só tenho você. Agora minha vida é você... e eu o amo tanto que não sei o que seria de mim sem o seu amor. E se você me abandonar a vida me abandonará também.

Havia em seus olhos tanta sinceridade e em sua voz tanta fragilidade e súplica que tive que conter as lágrimas que ameaçavam inundar meus olhos. Lágrimas de felicidade.

Deslizei a mão aberta em sua franja, descobrindo a mais bela testa jamais criada pelo Grande Artesão. Ela acrescentou:

— Se é verdade que me ama, case comigo.

— Tolinha! — disse-lhe, com um sorriso apaziguador — acha que já não pensei nisso? Pela minha vontade, já estaríamos casados há tempos... mas você tem apenas treze anos...

— Mas tenho certeza que é isso o que quero — interpôs ela interrompendo minhas palavras.

— Sei disso... Sei disso. Mas a lei não permite, Caressa. Mesmo que você queira. Mesmo que sua mãe autorize, não poderíamos nos casar. Sabe o que sou para a lei? Sou um criminoso! O meu crime se chama “estupro presumido”. A lei diz que o relacionamento de um homem com uma menina de treze anos, mesmo que ela consinta, mesmo que ela deseje, é um estupro presumido. Se procurássemos o juiz de paz para nos casar e lhe revelasse o nosso amor, ele me algemaria ali mesmo e me mandaria para a cadeia.

— Nossa! — disse ela, sorrindo. — E quando poderemos nos casar?

— No dia 20 de abril, você fará quatorze. No dia 21 eu serei o seu marido e você a minha mulher.

— Jura, Caio?

— Por tudo que há de mais sagrado na Terra e no Céu... E sabe onde vamos passar a lua de mel?

— Não!

— Numa ilha grega.

— E por que numa ilha grega? — perguntou-me, sorrindo.

Dei de ombros antes de responder:

— Porque vi num filme.

Depois destas palavras voltamos a nos amar. Já era

madrugada quando, extenuados, mas insatisfeitos, adormecemos. A insatisfação era a certeza de que o desejo e o amor não se esgotavam depois do prazer. A insatisfação significava que nossos corpos alimentavam a doce ilusão de se tornarem, para sempre, um único corpo.

Adormecemos felizes, como duas crianças, depois de um dia muito agitado e divertido.

\*\*\*\*\*

Domingo: quando acordei o sol já ia alto. O quarto estava inundado por uma luminosa manhã, uma luminosidade que não procedia apenas da estação, mas de nossa interação com o mundo exterior. Procedia em parte em parte de mim, da minha felicidade e, sobretudo, procedia daquela menina, que com cabelos desgrenhados, ainda ressonava adormecida. Procedia de Caresa.

Peguei o telefone e encomendei uma suntuosa cesta de café da manhã e um grosso maço de duas dúzias de rosas amarelas. Meia hora depois, um rapaz de motocicleta me entregava uma enorme cesta de vime, contendo queijos diversos, frutas tropicais e saborosos licores. Pessoalmente preparei um bule de café, um dos únicos em toda minha vida.

Arranjei tudo sobre o criado-mudo e sentei-me ao lado dela.

Lentamente sua respiração foi adquirindo novo compasso, sua fisionomia foi se transformando. Ao bocejar pressenti o seu despertar e beijei seus lábios entreabertos. Ela recepcionou meu beijo antes de despertar completamente. Lambeu os lábios como quem experimenta uma guloseima e resmungou, envolvendo-me pelo pescoço:

— Hum, Caio... deita aqui comigo.

Atendi ao seu pedido.

— Já é tarde! — comentei.

— Eu não tenho nada para fazer, você tem? — perguntou ela, enquanto se espreguiçava.

— Só amar você! — respondi.

— Então fica aqui comigo...

— Se você abrir os olhos, eu fico.

Caresa entreabriu os olhos.

— Está muito claro...

— São quase onze horas.

Esfregou os olhos e voltou a bocejar.

— Tudo isso?

— Sim. Preparei o café para você.

— Jura?

— Olha para o outro criado-mudo.

Ela voltou-se.

— Caio... o que é tudo isso? Rosas... prá mim? — disse arqueando as sobrancelhas.

— Sim, duas dúzias... — observei.

Ela estirou o dedo e, balançando-o, disse-me:

— Duas dúzias são vinte e quatro e não vinte e três...

No mesmo instante a estupefação tomou conta de mim e o meu coração explodiu em meu peito.

— Por que disse isso? — indaguei, maravilhado.

Ela silenciou e sorriu desajeitada, erguendo os ombros.

— Sei lá... Porque me veio à cabeça...

O espanto inicial cedeu lugar à mais inefável felicidade. A felicidade singular de um homem, que tinha certeza de ter reencontrado a alma que procurara por toda a sua vida.

— Sim, — murmurei sorrindo, balançando a cabeça — duas dúzias são vinte e quatro, não vinte e três.

Prorrompemos numa sonora gargalhada. Ela me olhou com paixão e, abanando a cabeça, advertiu-me com doçura:

— Caio, você é tão exagerado!

— Nada demais, — disse-lhe — isso é apenas o café da manhã de um domingo especial.

Ela lançou uma saraivada de beijos em meu rosto.

— Adoro você! Adoro de paixão!

— Vamos comer? — indaguei, abraçando-a

Caressa puxou o maço de flores entre nossos rostos e aspirou a fragrância das rosas.

— Hum... Até me deu apetite... — murmurou.

Sentamo-nos sobre as pernas cruzadas e comemos.

Tudo isso pode parecer demasiadamente romântico. Entretanto, essas situações fluíam entre nós com tanta espontaneidade e amor que em momento algum me pareceram excessivamente românticas ou afetadas. E hoje, se pudesse voltar naquela manhã de domingo, eu iria muito além de uma simples cesta de café da manhã com um maço de rosas. Eu a faria acordar com o

zumbido de um helicóptero sobre o nosso telhado e, quando ela levantasse e corresse à sacada para saber o que estava acontecendo, o piloto, instruído para isso, despejaria sobre sua cabeça milhares de rosas vermelhas...

À tarde, levei-a ao shopping com uma feliz surpresa na cabeça: comprar os ingressos para o show do "Guns N'Roses". Era domingo, 29 de novembro. Faltava pouco menos de um mês para o Natal, mas a agitação das compras de fim de ano já tinha tomado conta das lojas. Um verdadeiro mar de pessoas transitava por entre os corredores. Depois de esperar por um quarto de hora, conseguimos uma mesa na praça de alimentação. Jantamos cachorro quente com guaraná. Ao retornar para o estacionamento, passei pela frente da loja que estava vendendo os ingressos para o show. No momento em que passávamos pela porta da loja, parei e lancei a ela um olhar risonho. Ela entendeu a deixa, arqueou a sobrancelha e, com seu jeito particular, mordeu o lábio inferior. Entramos. Eu desejava comprar os ingressos para o show de quinta-feira. Mas o funcionário da loja informou que o show daquela noite estava esgotado. Compramos para sexta-feira.

Durante dez dias, por causa do show, Caressa viveu uma terrível ansiedade. O show da banda norte-americana, também, foi assunto obrigatório nas rodas de alunos durante as semanas seguintes. Uma verdadeira epidemia adolescente. Os ingressos que eu comprara estavam em posse de Caressa e ela tinha um orgulho quase que infantil ao exibi-los às amigas. Dizia-lhes que seu namorado tinha comprado. E, salvo a aluna Clara, eu supunha, que mais ninguém sabia a identidade do seu namorado.

\*\*\*\*\*

### *Quinta-feira, 10 de dezembro de 1992.*

Durante o dia inteiro, Caressa fizera repetir a sua música preferida, a décima faixa do CD, que me presenteara, "*November Rain*". Dizer que estava radiante não expressa toda alegria que ela sentia.

Quando nos dirigíamos para o Anhembi, Caressa, repentinamente, deu uma sonora gargalhada. Indaguei-lhe o motivo do riso.

— Quem diria! — observou ela — o professor cabulando aula

com uma aluna, para assistir a um show de rock!

Eu a olhei, sorrindo.

— Vê o que o amor é capaz? — disse-lhe num tom afirmativo.

A imprensa anunciava que, pelo menos, sessenta mil pessoas presenciariam o show daquela noite. E, se não fosse a chuva que castigou a cidade durante todo dia o prognóstico se cumpriria. O público ficou aquém do esperado: umas vinte mil pessoas.

O show aconteceu no estacionamento do Anhembi, uma enorme área a céu aberto. A meteorologia previa uma noite de chuva. Por isso, pela tarde, comprei dois pares de botas impermeáveis e duas capas-de-chuva. O show começou com atraso, debaixo da maior tempestade que se abateu sobre a cidade, desde a década de 40. A chuva desabava com tanta intensidade que o palco ficou oculto por detrás de um verdadeiro véu d'água. Se não fossem os dois telões, eu não teria visto a cara do canário ruivo, o vocalista Axl Rose. Talvez, nem a espalhafatosa cabeleira do guitarrista, Slash. Caresa balbuciou as letras, tentando acompanhá-las, sem muito sucesso, salvo "Patience" e "Don't cry", cujas letras cantou até à última palavra. Particularmente gostei de "Sweet Child O Mine", a letra dessa música falava algo que eu poderia ter dito:

*"She's got a smile that it seems to me  
Reminds me of childhood memories  
Where everything was as fresh as the bright blue sky  
Now and then when I see her face  
She takes me away to that special place  
And if I stared too long  
I'd probably break down and cry"*(6)

Chovia a cântaros. Nossos pés atolavam na lama que tinha se formado. Contudo o som era impecável, nítido, ensurdecador. Disse para ela que tinha gostado da música, em princípio aos gritos, depois em seu ouvido. Traduzi-lhe o que me recordava, três ou quatro versos da primeira estrofe, e tive sua aprovação num sorriso misturado com a chuva que corria pelo seu rosto. Quando Axl sentou ao piano e estalou as primeiras notas de "November Rain" descobri que

6) - Ela tem um sorriso que me parece trazer à tona recordação da infância onde tudo era fresco como o límpido céu azul, às vezes, quando olho seu rosto ela me leva para aquele lugar especial e se eu fixasse meu olhar por muito tempo provavelmente perderia o controle e começaria a chorar.

milhares de pessoas, além de mim e Caressa, aguardavam ansiosamente a execução daquela música. Um grito coletivo de comemoração explodiu da multidão juntamente com os primeiros acordes.

— É ela, Caio! — exclamou Caressa, jubilosa. — Nossa música...

— Sim — murmurei.

Apesar da simples frase, a minha emoção não ficava muito longe do que sentiam aqueles milhares de adolescentes. Não era diferente da emoção sentida por Caressa.

Estávamos abraçados.

— Traduz prá mim, Caio? — pediu-me.

— Traduzo:

***“Quando olho dentro dos teus olhos. Eu posso ver um amor retraído...”***

Ela me ouvia com atenção, como se eu próprio fosse o autor dos versos.

***“Porque nada dura para sempre...”***

Ela me interrompeu, num tom de calorosa censura:

— Não, não diga isso!

***“E nós dois sabemos que corações podem mudar”.***

— Os nossos não, Caio...

***“É difícil segurar uma vela na fria chuva de novembro”.***

— Pára, Caio, não quero mais ouvir.

Inclinei-me sobre ela e encostei minha testa à dela, buscando o brilho dos seus olhos, disse-lhe:

— Mas faz parte da música.

— Não gosto dessa parte. Pule esta parte. Não repita mais essa parte... Nunca mais.

Ela tinha razão — pensei.

— Nem deve gostar... — disse-lhe — Apesar de fazer parte da nossa música, esses versos não fazem parte de nossas vidas.

Traduzi-lhe apenas o que nossos corações desejavam ouvir:

***“Então se você quiser me amar***

***Então querida não se reprima***

***Ou então terminarei andando***

***Na fria chuva de novembro”.***

Na estrofe seguinte calei-me.

— O que dizem esses versos? — perguntou ela.

— Diz que precisamos de um tempo... Sozinhos.

— Então pule esta parte — decretou ela.

No término desta estrofe, o guitarrista Slash deu uma demonstração da magia de suas cordas. A chuva caía sobre nossos ombros, vibrando no mesmo ritmo do som da guitarra de Slash. Caressa tirou o capuz e voltou o rosto para o escuro infinito do céu. Bagas de chuva fustigavam-lhe o rosto.

— Sua louquinha! — exclamei.

Ela tinha os olhos fechados e a boca aberta como se desejasse matar a sede com a água que caía do céu. Depois, me disse, resfolegante:

— Vamos tirar a capa, Caio?

— E tomar toda esta chuva? — indaguei num falso tom de repreensão.

— Não faz mal... esta é a chuva de novembro — observou ela, sorrindo.

Eu a entendi. O mês era dezembro, mas a chuva era a mesma que caía no telhado da casa quando nossos corpos se tocaram, pela primeira vez. Era a chuva de primavera. A chuva que faz desabrochar a flor e fecundar a semente. A chuva que faz renovar a vida. Uma chuva de lirismo.

Nosso amor merecia este prazeroso sacrifício. Tirei minha capa e a deixei deslizar em minhas costas até amontoar-se no chão. A chuva era tão intensa, que em menos de um minuto eu podia sentir a água molhando até mesmo as partes mais íntimas de meu corpo. Caressa repetiu meu gesto.

Tocava o segundo solo da guitarra, quando ela me perguntou:

— Por que esta parte parece triste?

— Porque fala do nosso amor. E o nosso amor tem uma nota de tristeza suspensa no tempo.

— Não quero sentir a tristeza...

— E não deve senti-la!

— Então me abrace... bem apertado e me es quente... Quero sentir o seu coração batendo junto ao meu.

Eu a estreitei em meus braços, com força. Nossos lábios se tocaram, molhados por fora, quentes por dentro. Enquanto a chuva caía, nós nos beijávamos com caloroso ardor. Dançamos "*November Rain*" encharcados até os ossos. Os pés atolados na lama, que se formara no gramado. Balançávamos suavemente, como um barco a adernar num mar tranqüilo.

Quando a música terminou ela pediu para ir embora. Objetei.

Ela me explicou com doçura que aquela era a última lembrança que queria guardar do show: nós dois dançando “November Rain” debaixo da chuva forte. Sorri ante o romantismo do seu pedido e atendi.

Quando entramos no carro, ela estava tiritando de frio. Peguei meu sobretudo e fiz com que ela se enfiasse dentro dele.

Trinta minutos depois, estávamos em casa, mergulhados na banheira de água quente.

\*\*\*\*\*

No dia seguinte, tal como tinha feito nas duas últimas semanas, deixei Caressa a duas quadras da escola. Eu não sentia nenhuma vergonha em assumir publicamente meu romance e creio que ela também não, embora jamais tivéssemos abordado o assunto de forma direta. O meu mais sincero desejo era gritar ao mundo que a amava e que minha felicidade dependia só da existência daquela menina. Até então eu supunha que nosso romance fosse do conhecimento apenas de Clara. Mas, a estória tinha vazado. O assunto percorrera os corredores, o pátio e chegou até o conhecimento de Cecília, a diretora da escola.

No momento em que abri a porta da sala dos professores soube imediatamente que minha relação com Caressa entrava numa nova e difícil fase. Ao entrar todos os olhares se voltaram para mim. Eram olhares de repulsa, de nojo, de raiva, talvez de inveja. Havia também um olhar de solidariedade. O olhar do professor Jorge. Ele levantou-se, um sorriso nervoso nos lábios.

— Como vai, Caio? — indagou.

Estranhei o ar que pairava naquela sala e o único pensamento que me ocorreu foi Caressa. Descobriram! — pensei.

Jorge colocou a mão em meu ombro.

— Venha comigo, Caio, lá fora lhe falo... — disse baixo, quase num sussurro.

No corredor, disse:

— Está correndo o fantástico boato de que você estaria mantendo um namoro com uma aluna...

Fitou-me, quase sorrindo. Eu nada respondi. Ele prosseguiu:

— Um aluno, sabe-se lá quem, divulgou o boato... bem, a estória toda chegou à Cecília... Ela deixou o recado na sala dos professores, para que você fosse à sala dela, antes de entrar para a aula.

Fiquei um instante em silêncio, tentando assimilar aquela nova situação. Mais dia, menos dia, pensei, a história seria, inevitavelmente, de conhecimento de todos. Sorri. Um riso de agradecimento e desabafo. O riso de um homem que tinha convicção de que nenhuma adversidade poderia impedir a consumação do seu amor.

— Agradeço sua preocupação, Jorge — disse-lhe sereno, colocando a mão em seu ombro. — Mas não é um boato.

Jorge franziu o cenho.

— Você está brincando!

— Sério... Tenho procurado ser discreto, mas se o assunto já é do conhecimento de Cecília é porque já é notório em toda a escola. Não tenho porque tentar esconder o que se tornou tão patente... Devo assumir as conseqüências.

Jorge estava boquiaberto.

— Está chocado? — perguntei-lhe.

Ele me encarou. Suas feições esboçaram um sorriso.

— Chocado não, surpreso! Você sempre foi tão reservado. Sempre tão... tão sério...

— Continuo sério... — disse-lhe tranqüilo. — Apenas, o amor aconteceu. Agora me deixa ir ver Cecília — acrescentei, dando-lhe as costas e dirigindo-me à sala da diretoria.

— Boa sorte! — disse ele às minhas costas.

Parei na soleira da porta e fixei a plaqueta retangular: Diretoria. Dei algumas pancadinhas na porta. Um resmungo mal humorado informou, do outro, que eu podia entrar. Abri e entrei. Cecília estava sentada à escrivaninha.

— Quer falar comigo? — perguntei, com uma voz que simulava autoconfiança.

— Sim... Pode sentar-se, se preferir.

— Obrigado!

Puxei a cadeira estofada para diante de sua mesa e me sentei.

— Professor Caio, não sei se já está sabendo da estória que está circulando entre os alunos...

Seu olhar era ácido. Não perdi a compostura.

— Que estória?...

— Uma estória absurda, uma estória... Diríamos... imoral!

— Uma estória imoral?... — indaguei franzindo o cenho, numa ambígua expressão de espanto e desafio.

— Não pretendo fazer rodeios, professor Caio, vou direto ao

assunto: está tendo um caso com uma aluna?

Fiz um instante de crítico silêncio, expirei longamente e lhe respondi:

— Uma estória imoral?... Um caso com uma aluna?... Nem uma coisa, nem outra, Cecília — minhas palavras eram pausadas. — O que você diz ser imoral é um amor sincero. Quanto ao caso: é o mais verdadeiro e duradouro caso de toda minha vida.

Ela abanava a cabeça, reprovadora.

— Caio, sabe exatamente o que está me dizendo? Você está me dizendo que está apaixonado por uma menina!... Quantos anos ela tem? Quatorze? Treze? É uma criança ainda, Caio!... Ela tem idade para ser sua filha.

Estas palavras me desarmaram. A bem da verdade, Cressa era tão criança quanto o amor que sentia por ela era verdadeiro. Calei-me. Cecília cresceu em seu discurso.

— Estou horrorizada, professor... Não que isso seja novidade... Em outra ocasião lidei com situação semelhante, mas o professor em questão era um mau caráter declarado... Mas você, Caio?... Você sempre teve um comportamento irrepreensível!

Cecília suspirou agastada. Levantou-se e caminhou até a parede. Ficou contemplando o retrato do escritor patrono da escola.

— É verdade que... — o tom de sua voz era reticente e pudico — você está convivendo maritalmente com essa menina?

Permaneci em silêncio, ardendo de raiva. Lentamente ela voltou o rosto para mim e tornou a perguntar:

— É verdade?...

Levantei-me num impulso.

— Como diretora desta escola, eu lhe respondi aquilo que você tinha o direito de saber. Quanto a esta última pergunta você vai ficar sem resposta. Porque esta é uma pergunta que, nem você, nem ninguém têm sequer o direito de me fazer, quanto mais o direito à resposta.

Cecília enrubesceu.

— Jamais pensei que fosse tão irresponsável! — exclamou, recompondo-se.

— Por amar uma aluna?

— Amar? Não pensou nela? Nos outros alunos? Na sua profissão? Esta situação é absurda e insustentável, Caio...

Ao fim de uma pausa enfadonha, acrescentou:

— Infelizmente vou ter que demitir você. Se não o exonerar,

estarei abrindo um precedente para que outros professores também se aproveitem de suas alunas.

As últimas palavras tinham o tom e objetivo de me ferir.

— Não sei se já amou alguém em sua vida, Cecília... Se já amou, ainda que não admita, você entenderá minhas palavras: eu amo essa menina. Sei que há algo de ilícito neste amor, mas a amo com toda a sinceridade dos meus sentimentos... se acha que deve me exonerar... tudo bem.

Houve um instante de silêncio. Levantei-me para sair. Cecília continuava de pé, inflexível. Abri a porta.

— Tem professor substituto? — perguntei-lhe.

— Não.

— A próxima semana é a das avaliações... Posso, ao menos, aplicar-lhes as provas?

— Não sei se lhe restou alguma autoridade... se você acha que sim... seria o mínimo que poderia fazer por eles! — comentou ela. Acenei com a cabeça

— Vou tentar.

la fechando a porta, quando ela acrescentou:

— Só mais uma coisa... Pode ministrar os exames a todos alunos, exceto à nova aluna.

Dirigi à minha sala. Abri a porta e entrei. Meus olhos fitaram primeiramente a carteira diante de minha mesa. Fitaram Caressa. Pude ver o brilho de satisfação e segurança cintilarem em seus olhos quando nossos olhares se encontraram.

Caminhei em silêncio e depusitei o livro sobre a mesa. Então encarei toda a sala. A voz firme, decidida:

— Eu acabo de ser exonerado da escola... ou seja, fui demitido... Vou apenas passar-lhes as provas na semana que vem. O motivo da minha demissão, já deve ser de conhecimento de todos, embora alguns de vocês o soubessem, desde o primeiro momento, em que tudo começou...

— Creio que não tenho necessidade de dizer-lhes que sou o mesmo professor que sempre os respeitou e que, portanto, tem o direito de ser respeitado. Não vou pedir para que me compreendam, para que nos compreendam. Peço apenas que aceitem e que respeitem meu sentimento, porque trata-se de um sentimento puro e sincero... Tenho certeza que muitos de vocês já sentiram um amor tão forte que a simples ausência da pessoa amada se transforma em calafrios, de tanta saudade. Tenho certeza que muitos de vocês já

sentiram um amor que preenchesse e desse sentido às suas existências...

— Quero que entendam que, neste momento, não falo como alguém que se sente acuado. Falo-lhes na condição de professor. Não falo pela necessidade de desabafar, mas de ensinar...

— Há dez anos, quando a morte era companheira de quarto da minha mãe, ela me disse uma frase, que eu jamais esqueci: — “Quando nossa vida chega ao fim tudo se perde, nem o ódio sobrevive. Mas o amor permanece. Só o amor! E a lembrança do amor vivido parece ser a única coisa a soprar em nossos ouvidos, que nossa louca vida teve algum sentido”. Minha vida não está chegando ao fim, pelo contrário, estou vivendo um amor que me fez renascer... E quero vivê-lo com todas as forças do meu ser, porque quando tudo acabar, espero que minha passagem sobre a Terra seja justificada pelas lembranças do amor vivido... às vezes, este amor exige sacrifícios...

— Falo-lhes como professor. A última lição: talvez o amor valha todo sacrifício do mundo. E hoje, por amor, eu sacrifiquei o meu trabalho... Espero que respeitem o meu sentimento e o meu sacrifício... — deslizei lentamente um olhar sobre os alunos. A sala estava tomada por um silêncio absoluto. Um silêncio respeitoso. As fisionomias, de modo geral, denotavam solidariedade. Olhei para Caressa, ela esboçou um sorriso aprovador, embora tímido.

— Vamos exercitar o português. Façam uma redação, o tema é livre.

## Chuva de Novembro

Era a semana dos exames finais. Caressa precisava tirar boas notas em matemática para obter a aprovação. Naqueles dias dei-lhe aulas de reforço ou melhor, estudamos juntos, porque eu também sempre fui péssimo nessa disciplina. Minha única vantagem era a de compreender as questões com mais facilidade que ela e explicá-la, imprimindo na voz um tom de quem domina o assunto. Quando a semana chegou ao fim, Caressa recebeu a aprovação para cursar, no ano seguinte, a 7ª série. E, naquela mesma semana, eu fui exonerado do quadro de professores da rede estadual de ensino.

Não me senti abatido pela conseqüência do meu romance. Ser professor na rede pública de educação era algo muito importante para mim. Mas o amor que eu sentia por ela compensava qualquer perda que pudesse surgir.

A uma semana do Natal fizemos compras, muitas compras. Descobri que ela gostava de fazer compras, ou melhor, tinha verdadeira compulsão pelo consumo. Talvez, por ter vivido toda uma vida de privações. De qualquer maneira, o dinheiro de vovó, agora, estava disponível e eu poderia fazer dele o que bem entendesse. E gastá-lo, para satisfazer os caprichos de Caressa, era o mesmo que gastar com meus próprios caprichos. Compramos *patins-in-line*, urso de pelúcia, um cão siberiano de pelúcia, um macaco de pelúcia e mais um saco cheio de outros bichos de pelúcia, compramos ainda raquetes de hóquei, tacos e bolas de golfe, uma mesa de ping-pong, espingardas de *paintball*, roupas de inverno, roupas de verão, roupas de banho e calçados. Comprei tudo que lhe despertara algum interesse. Coisas que jamais seriam usadas. Ela me fez comprar uma enorme árvore de Natal, com quase três metros de altura e toda uma coleção de enfeites natalinos. E, por último, um jogo de pisca-pisca com mais de quinhentos metros de fio e com a espantosa quantidade de duas mil luzes. Contratei um eletricista que gastou um dia inteiro de trabalho para instalar a parafernália na fachada da casa. Quando

caiu a noite, pudemos ver o resultado: o efeito de tantas luzes, acendendo e apagando, foi tão inebriante que a frente da casa assemelhava-se mais a um cenário cinematográfico do que uma residência. Apagamos as luzes da parte externa, inclusive as do jardim e da piscina, para fazer ressaltar o colorido da decoração.

Naquela noite, colocamos a mesa de jantar no gramado, e jantamos sob a tímida claridade colorida da decoração. Nossa ceia de Natal foi bastante privativa. Havia apenas Caressa e eu. Antônio e Maria tinham viajado para rever parentes.

Era o primeiro Natal que Antônio e Maria se ausentavam. Antônio justificou sua viagem com a seguinte frase: a companhia dela não o deixará se sentir só. Ele tinha razão. A companhia de Caressa era absolutamente suficiente para preencher meu espírito.

Na manhã de Natal, ela quis visitar sua mãe. Ao chegarmos lá encontramos a porta trancada com cadeado. Caressa bateu na casa vizinha e soube que a mãe tinha viajado e que só retornaria depois do ano novo. Ela retornou ao carro, depois de revelar-me o que se passara. E fechou-se em circunspecto silêncio. Pensei que o nosso Natal tivesse se acabado ali. Mas foi um curto silêncio. Naquele dia, compreendi que eu passara a significar para ela muito mais que sua própria mãe. Em menos de duas horas, o sorriso tinha voltado a bailar em suas feições. À tarde passeamos de carro, a capota do jeito que ela gostava: arriada. À noite, depois da ceia, voltamos para rua. Estava muito agradável para permanecermos em casa.

Quando demos conta do itinerário, descíamos a serra, sentido litoral. As 23 horas, estávamos no Ítalo. Ancoramos a pouco mais de quinhentos metros da praia. Foi lá que adormecemos de sexta para sábado: um nos braços do outro, embalados pelo suave movimento do mar.

No dia seguinte, subimos a serra, apenas para buscar roupas. Caressa tinha tido a fabulosa idéia de navegarmos, costeando o litoral norte, até o Rio de Janeiro.

Na tarde de sábado, tomei instruções com o Marcelo, o lobo do mar e partimos. As lembranças que tenho dessa viagem são as mais belas possíveis. As exuberantes paisagens que vimos eram verdadeiros remanescentes do paraíso edênico. E Caressa era a mais perfeita representação da originária e inocente feminilidade criada por Deus.

Ela ia na praça de proa, agarrada ao guarda-mancebo, vestida em seu minúsculo biquíni preto. Sempre sorridente. Os cabelos

negros e brilhantes, desgrenhados pelo vento, o rosto avermelhado pelo sol de verão. Foi o entardecer mais lindo que meus olhos jamais tiveram o prazer de presenciar.

Ancoramos numa marina em Angra dos Reis. Jantamos em um restaurante pequeno, embora muito aconchegante. Depois retornamos ao Ítalo. Lançamo-nos exaustos na cama. Aquela noite ainda estava começando. Nossos rostos se roçaram.

— Minha pimentinha... — cochichei, beijando-lhe a testa.

Sua pele ainda ardia do sol que recebera quase durante todo o dia.

— Estou muito vermelha? — perguntou ela.

— Um pouco...

Ela suspirou.

— Sou muito branca... quando tomo sol...

Interrompi-lhe com um beijo:

— Nada em você é demais, exceto a sua graça, o seu encanto...

Apertei o corpo dela de encontro ao meu. Todo o meu corpo pulsava de desejo pelo corpo dela. Retiramos nossas roupas, lentamente. Eu a acariciei com paixão, contornei suavemente cada pequena curva de seu corpo, desde os joelhos até às sobancelhas. E a adorei em compenetrado silêncio. Depois beijei-lhe os lábios com ternura, com verdadeira devoção. Beijei-lhe o rosto afogueado, o delicado pescoço... eu a beijei inteira... e o odor de seu corpo, de seu sexo, entranharam em minha pele. E ainda posso senti-los, como se fizessem parte de mim, como se minha própria alma estivesse impregnada de seu cheiro virginal. E enquanto as ondas explodiam na praia, a lua, no céu, testemunhava o mais ilícito e arrebatador amor que um homem pode sentir por uma garota.

Pretendíamos passar uma única noite ancorados em Angra dos Reis. Contudo, pela manhã, descobrimos que aquele lugar tinha muito mais beleza que julgáramos a princípio. A magia daquelas paisagens nos envolveu de tal maneira que só levantamos âncora na noite de quarta-feira, 30 de dezembro. E pela manhã, o último dia do ano, estávamos em Copacabana.

À noite, a bordo do Ítalo, assistimos à tradicional queima de fogos. Cressa estava usando um vestido comprado especialmente para a noite de *reveillon*. Era um longo branco, tomara-que-caia, de textura rendada, salpicado de *strass*. Uma capa em tafetá, presa por um cordão de pérolas, voava ao redor de seu corpo esguio.

A brancura do vestido e a beleza de seu rosto eram tanta que chegava a cintilar como uma estrela.

Quando os fogos começaram a queimar, estendi-lhe uma taça de champanhe. Cruzamos nossos braços e brindamos a chegada do novo ano. O relógio marcava um minuto passado da zero hora. O primeiro minuto do ano 1993. Uma chuva de fogos de artifício cascadeava do terraço do Copacabana Palace, nossos corações pulsavam no mesmo ritmo. Em nossos olhos brilhavam as mais doces promessas que nossos lábios sequer ousavam pronunciar.

— Feliz ano novo! — disse-lhe.

— Prá você também!

— Você está parecendo uma princesa! — acrescentei.

— E você é o príncipe que sonhei para mim! — respondeu ela.

Enlacei-a pela cintura. A felicidade era indescritível.

— Caresa, te amo muito... — foi o que me veio à cabeça.

As feições dela se distenderam.

— Eu também... — sussurrou.

Sorrimos. Apertei-a em meus braços e nos beijamos, longamente.

Quando acabamos de nos beijar, a queima de fogos chegou ao fim. Já estávamos vivendo um novo ano.

Tomei o derradeiro gole do meu champanhe e lancei a taça vazia ao mar, bem longe.

— Que significa isso, Caio? — indagou.

— É uma simpatia... Faz-se um pedido ao novo ano e, em seguida, lança-se a taça ao mar.

— E qual foi o seu pedido?

— Que nossas vidas mergulhem até o fundo dos nossos sonhos e desejos...

Ela sorriu.

— Onde aprendeu isso?

— Acabei de inventar...

— Então... — ela deu um pequeno impulso com o corpo e também lançou sua taça ao mar.

— O que você pediu? — perguntei-lhe.

— Pedi para que o novo ano nos una... Para sempre.

— Mesmo?

— Sim...

— Então, seu pedido será atendido...

Não sei se foi o champanhe ou a doçura da noite que nos embriagou. Mas a lembrança que tenho é a de que, até à madrugada, dançamos na praça de proa do Ítalo, envolvidos pela névoa da irrealidade. Como num sonho. Como dois anjos dançando em uma nuvem de algodão.

\*\*\*\*\*

Caio se calou e adquiriu um ar distante. Em seu rosto flutuava uma expressão de profunda felicidade, os olhos pareciam ver através de uma porta, pela qual minha visão não era autorizada cruzar.

Alguns minutos depois, seu semblante eclipsou-se. Caminhou até à janela, puxou a cortina e lançou um triste olhar pela vidraça.

— Carlos, contei-lhe como a primavera ressurgiu em minha vida. Narrei-lhe os dias mais lindos que são permitidos a um homem viver. Por hoje, é só. Amanhã, saberá como o inverno retornou em meu coração. Amanhã, saberá como a negra noite desceu seu manto sobre nossas vidas.

# 27

## *Chuva de Novembro*

Naquela noite, retornei para casa tentando imaginar a dimensão do sentimento daquele homem por aquela garota. Havia tanta sinceridade em sua narrativa e tanta intensidade e pureza em seus sentimentos que sua expressão não saía da minha cabeça.

No outro dia, assim que encontrei Caio Graco, entendi o que ele quisera dizer na noite anterior. Ele tinha revisitado toda sua triste história durante aquela noite. O efeito de suas lembranças sobre seu espírito foi devastador. Estava abatido, abaixo de seus olhos se viam sombras escuras. O cansaço pesava em cada traço de seu rosto.

Liguei o gravador. Ele começou:

— O ano iniciou de maneira maravilhosa. Ficávamos o dia todo juntos. Descíamos e subíamos a serra com tanta naturalidade que o percurso parecia não passar de mil metros. Era como atravessar a rua e caminhar duas quadras. Quando estávamos em casa, Caressa passava quase que todo o dia na piscina. Se eu recusasse a fazer-lhe companhia, ela se punha a gritar o meu nome precedido pela palavra professor. Era o seu jeito de tentar me irritar. Quando eu exibia o rosto na janela, ela acenava, sorrindo:

— Vem, Caio. A água esta deliciosa. Você não está sentindo calor? — dizia ela.

Então eu não resistia ao seu chamado, aos seus gestos, e momentos depois, eu também mergulhava na piscina.

Caio voltou-se na direção da janela com a expressão de quem vê algo que é impossível ser visto por mim

— Você ouviu? — perguntou.

— Não.

— Eu a ouvi. Ela me chama o tempo todo...

Depois de uma longa pausa, Caio continuou:

— O meu paraíso terrestre perdurou ainda por mais de trinta dias. Depois os sonhos se desvaneceram...

Era a segunda quinzena de fevereiro. Caressa me pediu para ir ver a mãe. Eu a levei. Se soubesse o que o destino nos reservava eu a teria levado para muito longe dali. Eu a teria levado para uma ilha desabitada, distante da civilização e da própria humanidade.

Como sempre, ela desceu uma quadra antes e foi só. A verdade é que eu tinha maus pressentimentos e medo daquela mulher que eu nem mesmo conhecia. Talvez, temesse que ela não permitisse que continuássemos o nosso relacionamento. Era um medo irracional, inexplicável, mas legítimo. Era um medo que nascia no fundo de minha alma.

Caressa retornou eufórica.

— Caio, você não vai acreditar! — disse, após um suspiro.

— Diga!

— Minha mãe parou de beber.

— Que bom!

— Sim... Ela me disse que está frequentando o AA\* e está sem beber há mais de quinze dias...

Após um segundo ela acrescentou:

— Ela também fez um pedido para o ano novo... Como a gente. Isso não é legal, Caio?

A felicidade bailava no rosto dela. Estava verdadeiramente emocionada com a resolução de sua mãe.

— Fico muito feliz com isso. — disse-lhe com sinceridade.

— Ah... Ela também quer conhecer você. Precisava ver a cara de espanto que ela fez quando revelei o seu verdadeiro nome.

— E por que ela se espantou? Meu nome não tão feio, é?

— Claro que não, Caio Graco.

— Então...

— Ela disse que conheceu um rapaz chamado Caio.

— Interessante...

A partir daquela noite, sem saber porquê, comecei a ter o sono perturbado. A insônia se tornara algo constante e, quando conseguia pegar no sono, era para acordar resfolegante no meio da madrugada.

Na terceira noite, tive um pesadelo por demais estranho. Foi o seguinte: eu estava caminhando pela escuridão sem saber onde pisava. Então avistava uma luz, em seguida a luz transformava-se numa porta e, quando eu atravessava esta porta, um jardim de flores exuberantes e imensos gramados surgia diante de mim. Era uma

---

\*Alcoólicos Anônimos

paisagem paradisíaca, mas minha alegria não durava muito. Repentinamente, como que surgida do nada, uma mulher sem rosto passava por mim. Eu me assustava com a passagem dela. Momentos depois, ela retornava e, desta vez, passava ainda mais perto de mim. De repente, ela se transformava em duas; três; quatro; milhares. Todas idênticas, todas sem rosto. Então eu ouvia sua voz. Ela dizia: “Você não vai ficar com ela, Caio. A lua e o sol não podem se alinhar no firmamento!”

Este pesadelo se repetiu por vários dias. E, o mais impressionante, era a voz. Uma voz que eu não esqueceria jamais. A mesma voz que tinha xingado minha amada com terríveis impropérios: a voz de sua mãe.

Um dia, perguntei para Caressa o nome de sua mãe.

— Regina — respondeu, ela. — Por que, Caio?

— Curiosidade apenas.

Vasculhei as lembranças de minha vida inteira, à procura de uma Regina. Acabei me rendendo a uma verdade: eu jamais conhecera alguma Regina, em toda minha vida... Então por que esta fixação? Por quê?

Certa tarde, sem que Caressa soubesse, fui até a casa de sua mãe com o velho Alfa-Romeo. Evitei ir com o BMW, porque temia que ela já tivesse visto o carro e eu não queria que me reconhecesse. Por precaução, estacionei na outra calçada, numa área escura. Em torno das sete da noite, ela chegou do trabalho. Era uma mulher corpulenta, loura. Levava uma bolsa pendurada no ombro. Quando passou sob a iluminação pública, subitamente ela deu uma parada e ficou olhando em minha direção. Seu rosto não me era conhecido. Aparentava ter pouco mais de quarenta anos. O álcool já tinha lhe envelhecido as feições. Apesar disso não chegava a ser feia; não a ponto da voz emprestar o timbre de terror dos meus pesadelos. Ela não podia me ver, exceto minha silhueta, devido aos vidros escuros e acrescido do fato do carro estar estacionado num trecho sem iluminação. Mas, para minha surpresa, aquela mulher, que eu desconhecía, ficou a fitar o carro com um olhar obsessivo, maníaco, desafiador. A mulher permaneceu estática por mais de um minuto, tentando ver meu rosto na penumbra, depois desistiu e caminhou, olhando de lado, e entrou na casa.

\*\*\*\*\*

Estávamos a uma semana do aniversário de Caressa. Pretendíamos nos casar no dia 20 de abril, no dia em que ela

completasse quatorze anos. Por isso, fomos à casa de sua mãe para pegar a certidão de nascimento e informá-la mãe da cerimônia no cartório. O ato religioso seria um mês depois, em minha casa e bastante reservado.

Naquele dia, Caressa e eu saímos de casa decididos a me apresentar à sua mãe. Mas, quando me aproximei da casa, um terrível mau pressentimento tomou conta de mim. Desisti. Era uma espécie de terror inconsciente. Um medo incerto. Algo terrível corroía minha alma sem que eu soubesse o quê.

Caressa retornou entristecida. Sua mãe tinha voltado a beber.

— Vamos embora... — murmurou, sem olhar para mim.

Liguei o carro e parti. No caminho, perguntei-lhe o que tinha acontecido. E se sua mãe tinha lhe entregado os documentos.

— Não! — respondeu ela. — Minha mãe voltou a beber... Estava bêbada. Disse que não vai ter casamento.

— E por que ela se opõe só agora?

— Ela não disse o motivo... Não entendi as coisas que ela disse.

— Conta-me, desde o princípio.

— Primeiro ela perguntou se você tinha um carro azul. Eu disse que sim. Ela começou a rir sem parar. Parecia uma louca. Quando parou de rir, começou a dizer que não ia autorizar o nosso casamento. Que eu era um castigo para ela. Que ela não tinha medo de mim, nem de você, nem de Deus. E repetiu, muitas vezes, que era pra lhe dizer que o sol e a lua não se alinham no firmamento.

Ao ouvir Caressa pronunciar as últimas palavras eu enterrei o pé no freio, de modo que o carro travou as quatro rodas, emitiu um ruído e parou num solavanco.

Estava tomado pelo espanto.

— Você está bem, Caio?

Fechei os olhos e respirei fundo, tentando me refazer.

— Estou bem.

Na freada, o motor do carro tinha se apagado. Voltei a ligá-lo e fomos para casa.

Naquela noite, eu a evitei o máximo possível. Precisava pôr as idéias em ordem. Precisava compreender aquela situação. Quem era afinal aquela mulher? Regina. Jamais conheci nenhuma Regina. E por que ela me perturbava tanto? Como explicar estas terríveis coincidências? Por que ela insistiu para que Caressa me dissesse que o sol e a lua não se alinham no firmamento?

Adormeci com estas perguntas me afligindo o espírito.

Durante a madrugada o mesmo pesadelo se repetiu, a mesma voz, as mesmas palavras. Só que desta vez, a mulher possuía um rosto, um rosto que conheci há muito tempo atrás, o rosto de Gina, a prima de Caressa. Saltei sobressaltado da cama. No mesmo instante, o sono se dissipou em meu desespero. Fiquei andando de um lado para o outro, espiando a madrugada, velando o sono daquela menina, minha amada, pensando sobre esta absurda coincidência.

Caressa era filha de Gina. E Gina era aquela moça que uma vez tinha acabado com meu sonho. Gina, a moça com quem eu tinha mantido um único e indesejado relacionamento íntimo. Gina a prima de Caressa, agora era a mãe de Caressa. E, afinal, quem era Caressa?

Meus passos impacientes despertaram Caressa.

— Caio!... — resmungou — Venha se deitar. Está frio.

Deitei-me em silêncio ao lado dela.

— Hoje você está muito estranho. O que está acontecendo, Caio?

— Nada...

— Então me abraça...

Atendi ao seu pedido. Ela me estendeu seus lábios e eu os beijei. Olhei em seus olhos e vi que cintilavam com desejo e sedução.

— Não está com sono? — perguntei.

— Não! — respondeu ela, lançando-se sobre mim, renovando os beijos.

Meu corpo incendiou-se no mais intenso desejo.

— Esta noite ainda não fizemos amor, Caio...

Eu a apertei em meu corpo.

— Ainda não... e o meu corpo quer o seu.

— Eu sou sua... é só você tomar o meu corpo em seu corpo.

Minhas mãos deslizaram sobre sua pele. Retiramos nossas roupas, devagar, como num ritual. Nossos corpos se fundiram. Enquanto nossos corpos se movimentavam em busca do êxtase eu a olhava nos olhos. E olhando-a nos olhos uma pergunta martelava em minha cabeça: Quem é você? Quem é Caressa?

Na verdade, a resposta, já me corroía por dentro. Uma resposta que, apesar das evidências, eu relutava em aceitar. Foi somente quando chegamos ao êxtase que esta resposta tomou uma forma acabada e se impôs em meu pensamento. Mas, era algo tão absurdo que eu ainda me recusava considerá-la. Não! Seria uma trama por demais monstruosa. Ela não podia ser minha filha!

Mentalmente, contei o tempo decorrido da noite em que, embriagado, me envolvi sexualmente com Gina, até a data de nascimento de Caressa: nove meses! Um terrível sentimento de angústia me atravessou o espírito. Eu ainda a envolvia nos braços, quando disse para mim mesmo: esta menina pode ser minha filha!

No mesmo instante, as lágrimas correram pelo rosto. Meu corpo tremia de medo em ter que considerar esta possibilidade. Um forte sentimento de culpa corria em meu sangue, em minhas veias.

Caressa fitou-me com atenção.

— Por que está chorando?

Fechei os olhos.

— Por que nosso amor é tão intenso que somente as lágrimas podem expressá-lo.

— O que isso quer dizer, Caio?

— Que te amo com um sentimento tão intenso que, o que sinto, está mais próximo da dor que do prazer.

Ela recostou a cabeça em meu peito e eu fiquei a acariciar seus cabelos negros.

Depois de um momento em silêncio, acrescentei.

— Não devíamos ter feito isso.

— O quê?

— Amor.

— Por que não? Se já fizemos tantas vezes.

Soltei um suspiro.

— Todas as outras vezes foram diferentes... mas esta noite não poderíamos ter feito isso.

— Ah, Caio, deixa de falar bobagens...

Caressa acariciava-me o peito. Houve uma pausa e depois ela perguntou, baixinho.

— Não me ama mais?... Não! Não responde, por favor.

Emiti um chiado de reprovação:

— Amo, Caressa! Hoje mais do que qualquer outro dia. E, amanhã, a amarei ainda mais que hoje. Meu amor por você é como o Universo... Está sempre se expandindo na direção do infinito.

Ela adormeceu e eu me entreguei à mais lancinante angústia.

# 28

## *Chuva de Novembro*

Durante toda a semana, tentei me convencer de que tudo não passava de um medo infundado, uma loucura. Mas, não tinha coragem de ir à casa de Regina e perguntar-lhe quem era o pai de Caressa.

Certa tarde, tomei coragem e fui procurar Gina. Estacionei na frente da casinha miserável. O portão estava escancarado. A porta estava apenas encostada. Empurrei-a e entrei. Era a cozinha. A mobília era deprimente, o ar recendia a fumaça de cigarro e álcool. Uma mulher saiu do quarto com olhos vermelhos, entre os dedos segurava um cigarro. Era Regina, mãe de Caressa. Era ela, Gina, prima de Caressa.

— Caio Graco... há quanto tempo! — disse com voz arrastada. Limitei a fitá-la — Quando Caressa me falou seu nome suspeitei que fosse você... Quando vi aquele carro azul parado na rua, tive certeza de que era você.

— O único amor de minha vida... — continuou ela. — Agora é o noivo de minha filha. Querem se casar, não é mesmo? Felizes para sempre!

Gina desatou num riso histérico. Quando se conteve estava enxugando as lágrimas. Um risinho de ironia e satisfação surgiu nos seus lábios.

— Parece que Deus escreveu nos livros sagrados, que nossos destinos haveriam de se cruzar por toda nossas vidas.

— Suspeito que não! — respondi com firmeza, procurando dissimular meu ódio — Talvez, tenha sido outra força que cruzou os nossos destinos, que um dia a colocou diante de mim.

Ela assentiu com um movimento de cabeça:

— O diabo, talvez!

O cigarro, entre os dedos, tinha se acabado. Ela acendeu outro e jogou a bituca no chão. Pôs-se a lançar, com desleixo,

baforadas de fumaça no ar.

— Responda-me uma coisa, Gina... Sua prima, alguma vez, lhe disse algo sobre um maço de rosas, que comprei para ela na frente do cinema?

— Sim. — respondeu ela. Eu tremi — E também de como ela jogou o maço de rosas pela janela do carro. — acrescentou desdenhosa.

— E você disse isso à sua filha? — murmurei.

— Devo ter dito, não tenho certeza...

Houve um instante de opressivo silêncio.

— Por que você colocou esse nome na menina?

— Por quê? — soltou um riso irônico — Porque pensei que fosse gostar... Eu gosto desse nome. Caressa. E diferente, não?...

— Não estou aqui para brincadeiras, Gina! — Ela me interrompeu:

— Ainda se lembra do meu apelido?

Prosegui, enérgico:

— Quem é a menina, Gina? Responda! Quem é a menina?!

Ela explodiu num riso diabólico.

— Quem é a menina? — arremedou-me — Quem é a menina. Pergunta mais cretina, Caio!

— Quem é a menina, Regina! — insisti.

— Esqueceu-se de nossa noite de amor, Caio?! Esqueceu?!

— berrou ela; depois acrescentou com uma voz cheia de arrogância e desdém:

— Ela é sua filha!

No mesmo instante uma dor terrível transpassou meu corpo e se acumulou em minha garganta. Baixei a cabeça apoiando o rosto sobre as palmas da mão. “Minha filha... Meu Deus”, pensei amargurado. As lágrimas começaram a correr em meu rosto.

— Por que não me procurou quando descobriu que estava grávida?

— Por que não quis!

— Deveria ter me procurado... Teríamos evitado toda esta desgraça.

— Por que, seu monstro? Já sujou o corpo dela com seu corpo nojento?

Levantei a cabeça:

— Não seja vulgar!

Considerarei aquela mulher ressentida, prematuramente

envelhecida, queimando um cigarro entre os dedos.

— É inacreditável que seu corpo degradado tenha gerado aquela que encarnaria toda a frescura, suavidade e beleza que meus olhos jamais viram. É inacreditável que aquela menina doce e pura tenha convivido por treze anos com seu rancor, com sua vulgaridade sem se deixar corromper por seus vícios.

Ela deu um sorriso vitorioso.

— Gostou do nome, Caio? Sempre achei que você gostaria de ter uma filha com esse nome! Caressa ficou igualzinha à outra, cuspida e escarrada. Não é por menos. Era nela que você pensava quando estávamos transando. Era por ela que você chamava.

— Você me enoja...

— Não sou eu que enoja você, mas a verdade. A nojenta verdade que tem que engolir.

— Creio que não temos mais nada para conversar! — disse-lhe.

— Você tem que se afastar de Caressa!

Encarei-a com um olhar de desafio.

— Eu sei o que devo fazer!

Regina lançou-se brusca e inesperadamente sobre mim, segurando-me pela cintura. Seu hálito recendendo a álcool e cigarro despertou-me um forte sentimento de repulsa.

— Oh, Caio, você não sabe o quanto o desejei e o amei durante toda minha miserável vida... você não sabe o quanto pensei que fosse enlouquecer durante todos esses anos! Fica comigo, Caio! Agora ela é sua filha. Tem que esquecê-la! Fica comigo e seremos uma família, Caio! — implorou com voz súplice.

Seus olhos brilhavam de um modo agitado. Suas mãos tremiam e suas unhas cravadas em minhas costas perfuravam-me a pele. Regina parecia emocionalmente fora de controle.

— Você não sabe o que está me pedindo! Você não suspeita o quanto estou sofrendo!

— Sei, Caio! Sei! O seu sofrimento é o meu sofrimento. A sua dor é a minha dor. A dor de um amor impossível. Esqueça seu amor por Caressa. Agora ela é sua filha. Ame a mim, Caio! A mim que sou mãe dela! — implorou. Vi em seus olhos lacrimejantes que a sanidade era um frágil fio que, poderia se romper a qualquer momento.

— Vou me afastar de Caressa, mas não a esquecerei jamais!

Desvencilhei-me de seus braços e me precipitei para a rua.

Antes de entrar no carro, escutei os gritos histéricos de Regina:

— Caio! Não me deixe! Não me deixe! Ela é sua filha! Ame-a mim! Afaste-se dela ou contarei tudo! Contarei tudo!

Arranquei, sem olhar para trás.

A partir desse dia me tornei insociável. Passei a dormir no quarto de hóspedes, ao lado do meu. Um simples contato entre nossos corpos seria um crime inadmissível. Caressa não sabia da verdade e, se dependesse de mim, jamais haveria de saber. Ela se esforçava em trazer de volta o meu sorriso, mas todos seus esforços resultavam em vão.

No começo de maio resolvi pôr termo nesta situação. Disse-lhe:

— Caressa, precisamos dar um tempo...

Ela me lançou um olhar entristecido.

— Lembra-se quando você disse que esta parte da música não nos dizia respeito?...

— Porque eu desconhecia os mistérios de nossas vidas.

— Quer dizer que não me ama mais?

— Quero dizer que você não é a mesma menina por quem um dia me apaixonei.

Os olhos dela se umedeceram de lágrimas. Balbuciou:

— Onde foi que errei? Diga-me onde errei... Eu corrijo tudo.

— Precisamos dar um tempo — insisti

— Mas por quê? Diz, por favor... o que mudou assim, tão de repente?

Olhando seus olhos marejados de lágrimas um desejo lancinante de reconfortá-la alvejou meu peito, como uma seta embebida do mais doloroso veneno.

— Não posso dizer... Preciso protegê-la...

Ela me deu as costas.

— Muito tempo? — indagou com a voz entrecortada por soluços.

— Algum tempo.

Caressa imediatamente subiu as escadas, saltando os degraus. A barra do vestido flutuava em torno das coxas. Meu coração estava em trapos como uma cortina velha. Tranquei-me na biblioteca.

Quando procurei por ela já não se encontrava em casa. Antônio me informou que a pedido dela, ele a tinha levado para casa de sua mãe. Rastejei até meu quarto e tranquei. Concluí que minha

vida estava definitivamente acabada. Pensamentos lúgubres aguilhoaram meu coração durante os dias seguintes. Cada hora, sem ela, parecia um ano. O dia, uma eternidade. A saudade se multiplicava numa proporção geométrica. No fim de um mês sem ela, o que eu sentia era tão doloroso que a palavra saudade é incapaz de descrevê-lo. Era um sentimento de perda tão intenso que me sentia dilacerado por dentro. Era como se meu sangue tivesse coagulado em minhas veias. A razão acusava-me o tempo todo da natureza incestuosa dos meus sentimentos. A todo instante, eu ouvia aquelas palavras se repetirem em minha cabeça: “Ela é sua filha! Sua filha!” Mas, a paixão desafiava a razão... Apesar da consciência do incesto eu a desejava como mulher. Eu a amava como mulher.

No começo de julho não pude conter a saudade, fui à casa dela. Encontrei-a só. Havia tristeza em suas feições. Ao me ver, seus lábios se expandiram, num sorriso de felicidade. O mesmo sorriso que me seduzira. Seu semblante me revelou que ela ainda desconhecia o motivo de nossa separação. Seus olhos cintilavam com um brilho apaixonado.

— Sabia que você voltaria... — disse ela.

— Por que sabia?

— Porque tenho certeza que me ama.

Estas palavras explodiram dentro de mim, libertando o mais poderoso desejo que já senti. A razão calou-se e o louco coração tomou conta de mim. Aproximei-me dela, o coração rufando no peito, a envolvi em meus braços trêmulos e a beijei.

— Te amo demais — disse, beijando-a com fúria.

— Eu também te amo. Também, te amo! — respondeu ela.

O contato com seu corpo fez com que aumentasse o desejo em meu corpo. Mas, paradoxalmente, a vergonha e um terrível sentimento de degradação moral tomou meu espírito. “O corpo imundo do pai violou a inocência da filha”, foram as palavras acusadoras, que a razão segredou em meu ouvido. Eu a empurrei com repulsa.

— Não! Por favor, não toque em mim! Oh, meu Deus, o que estou fazendo aqui?

— Diz o que está acontecendo, Caio! Diz! — gritou ela com voz lacrimosa, dando soquinhos em meu peito.

— Nada... — murmurei — Vou embora... Sua mãe está para chegar.

Ela ficou chorando, desesperada. Sei que não deveria ter ido à casa dela. Rever-me pôs fogo em suas emoções. A partir daquele dia ela passou a ligar-me com frequência. Eu atendia, mas ela não dizia nada. Sabia que era ela porque podia ouvir sua respiração entrecortada, os soluços abafados.

# 29

## *Chuva de Novembro*

As sextas-feiras sempre têm tristes mistérios para nos revelar. Foi assim naquela sexta-feira, 25 de junho. Caressa apareceu de repente em minha casa. Eu estava trancado na biblioteca. Ela bateu muitas vezes, nervosa, chamando por mim. Quando abri a porta e a olhei, soube no mesmo momento que sua mãe tinha cometido o gesto mais vingativo de sua vida. Ela chorava copiosamente. Encostou a porta com as costas. A diáfana luz do abajur incidia em seu rosto, acentuando o desespero em suas feições.

— Caio, minha mãe está bêbada... — deu uma pausa para engolir os soluços e enxugar as lágrimas — Ela diz... Ela diz que vocês se conheceram há muito tempo. É verdade?

Depois de lutar com a angústia e a dúvida, respondi-lhe:

— Sim. É verdade...

O semblante dela tornou-se ainda mais triste do que já estava. Depois de uma pequena pausa ela tomou fôlego e perguntou:

— Você é o meu pai?

Olhei nos olhos dela e a consciência da tragédia caiu sobre mim como se o globo terrestre desabasse sobre meus ombros. As lágrimas molhavam-me o rosto. O sofrimento e a separação irreconciliável estavam suspensos por um frágil fio, suspenso por uma única palavra; a palavra que eu era obrigado a pronunciar:

— Sim...

Ela deu um gritinho abafado, encobriu o rosto com as palmas das mãos e jogou-se na poltrona, chorando. Fiquei em silêncio. Algum tempo depois, ela conteve o choro e se levantou como se se sentisse refeita do choque. Colocou-se diante de mim com olhos súplices:

— Diz que tudo isso é mentira! Diz, por favor...

Meu silêncio foi a resposta.

— Então diz que me ama! Diz que apesar de tudo ainda me ama!

— Ainda te amo! Muito...

— Ama-me do mesmo modo que me amava, Caio? Como um homem ama uma mulher?

Diante do meu silêncio, ela gritou:

— Diz que sim, Caio!

— Amo-a de uma maneira muito mais intensa do que um homem é capaz de amar uma mulher. Eu te amo como um pai ama uma filha.

— Mentira! — gritou ela — Você não admite, mas me ama como uma mulher!

Dei-lhe as costas.

— Não torne as coisas mais difíceis e dolorosas do que já estão sendo... — murmurei.

Ela saltou em mim e me abraçou, espremendo o rosto úmido em meu peito.

— Não, Caio! — disse entre prantos — Não quero acreditar nisso... não acredite nisso... não pode ser verdade!

— Mas deve acreditar... — respondi-lhe com simulada indiferença.

— Não... não... não...

O rostinho dela estava tão desfigurado pela desilusão que parecia fora de si. Sua proposta fez reforçar ainda mais esta minha impressão:

— E se fugirmos, Caio? É isso... claro! Podemos fugir... ir para bem longe de minha mãe. Vamos, Caio? Ninguém saberá que sou sua filha! — implorou.

— Fugir de quem, Caressa? — indaguei-lhe — Fugir do sangue que carregamos em nossos corpos? Fugir de mim mesmo? De você?... Fugir do destino?... Fugir daquilo que nem a distância, nem o tempo são capazes de mudar?

Ela tremia, sacudida por soluços.

— Eu te amo, Caio! Eu te amo...

Comovido por seu sofrimento, a apertei em meus braços muito mais do que deveria. Aquele foi nosso último abraço. A força que imprimi ao abraçá-la fez com que ela alimentasse a idéia de que eu estava recuando da minha decisão. Disse-me, num tom de dolorosa censura:

— Você prometeu me amar para sempre!

— E para sempre vou amá-la... só que agora meu amor tem outra natureza...

— Gostaria de morrer sem conhecer meu pai.

— Estou feliz por ter ganhado uma filha.

— Mentiroso! — gritou angustiada — Eu não quero ser sua filha! Eu não sou e nunca serei sua filha!

Depois abriu a porta e saiu correndo. Eu corri atrás dela e deparei-me com Antônio entrando na sala.

— Corre, Antônio! Pega o carro e leve-a até a casa de sua mãe.

Antônio acatou meu pedido. Subi ao meu quarto em rápidas passadas e, da sacada, pude ver meu amigo convencendo-a a entrar no carro.

Então me entreguei à melancolia e à certeza de que nossas vidas estavam acabadas.

Quando Antônio retornou, perguntei-lhe:

— Deixou-a na casa de sua mãe?

— Sim.

— O que ela lhe disse pelo caminho?

— Não me disse nada. Chorou o tempo todo. O que está acontecendo? Já faz algum tempo que eu percebi algo errado entre você e ela... Agora parece ser mais grave que eu pensava. Posso saber o que aconteceu?

Voltei-me para ele, o rosto desfigurado pelo sofrimento.

— Algo terrível, Antônio. Nosso sonho se tornou um pesadelo. Acabou tudo...

— Mas por quê? O que aconteceu?

Eu não tinha nenhum motivo para esconder os acontecimentos de meu amigo. Na verdade, desejava até mesmo revelar-lhe, mas não sabia se teria coragem. Com voz embargada, disse-lhe:

— O céu se aliou ao inferno para conspirar contra nossas almas e o nosso amor... foi isso o que aconteceu.

Explodí num incontrolável pranto. Antônio abraçou-me.

— O que está querendo me dizer, Caio? — indagou, à guisa de consolo.

— Que ela é minha filha! Que a menina por quem esperei por toda minha vida é minha filha... é isso, Antônio: Caressa é minha filha!

— O que está dizendo? — perguntou, incrédulo.

— Lembra-se da maldita prima de Caressa... Aquela que me embriagou naquela terrível noite de julho de 1978?

— Aquela que nos levou até à casa daquele marginal?

— Isso! Aquela. Foi aquela noite... eu estava bêbado; fim de

julho. Faça as contas, Antônio. Nove meses depois, Caressa nascia... Filha dessa prima maldita. Filha da fatalidade e da tragédia. Minha filha...

— Meu Deus!...

— Sim, Antônio. O mistério do nosso amor era esta terrível tragédia... E agora não tenho como salvá-la. Não tenho como me salvar, porque não temos como salvar o nosso amor.

— Quando soube?

— Há algum tempo.

— Você contou a ela?

— Não... jamais faria isso. Foi ela, a mãe rancorosa, que contou...

Depois de uma longa pausa de silêncio pedi para que Antônio me deixasse só. Fiquei na sacada contemplando as estrelas. As lembranças de minha vida desfilavam em minha memória como as seqüências de um filme. A noite cedeu lugar à madrugada e pouco a pouco a escuridão foi substituída pela luz da manhã. Quando o sol de domingo surgiu no horizonte, eu já tinha decidido o que fazer da minha vida.

Peguei o carro e saí. Queria vê-la, pela última vez. Queria levar comigo sua adorável imagem. Em torno das dez horas parei na calçada oposta à casa dela. Fiquei ali por quase duas horas, torcendo para que Caressa saísse de casa.

Regina surgiu na calçada. Caminhava com passos cambaleantes. Estava completamente embriagada. Ao abrir o portão, teve que se agarrar a ele para não cair. Olhando seu estado de degradação senti compaixão e pena daquela mulher. Mas, ao lembrar que minha amada convivera com ela durante toda sua miserável vida, o ódio tomou conta de mim, exclamei:

— Mulher, qual o nome do demônio que a colocou em meu caminho? Diga-me, pois quero encontrá-lo nos confins do inferno!

Ela entrou na casa e bateu a porta com violência.

Momentos depois, Regina reapareceu na porta e saiu às ruas gritando palavras que não faziam sentidos. Parecia fora de si. Tudo o que se podia entender era o nome de minha amada: Caressa.

Um medo atroz congelou o sangue em minhas veias, meu corpo estremeceu. Regina continuava a gritar. Voltou-se em minha direção e, apesar da embriaguez identificou o carro, posto que passou a acenar para mim. Saltei do carro e corri em sua direção. Assim que

a segurei ela disse com voz embargada pelo álcool e pelo choro:

— Caressa... socorra...ela...

— O que você disse? — gritei, sacudindo-a

Os olhos dela estavam vermelhos, a cabeça balançava como se no lugar do pescoço existisse uma mola.

— Matou-se...

Larguei-a à própria desgraça e corri para dentro da casa. Entrei no pequeno quarto e, sobre uma caminha forrada com um lençol de retalhos coloridos, encontrei Caressa. Meu coração disparou em batidas incontroláveis. Ela parecia presa por um sono profundo. Ao seu lado havia um frasco vazio de tranqüilizantes e sua mãozinha segurava um pedaço de papel dobrado. Peguei sua mão e retirei o papel; disse-lhe:

— Fala comigo, Caressa! Fala comigo...

Quando senti a frieza de sua mão o desespero tomou conta da minha alma. As lágrimas começaram a correr em meu rosto. Lágrimas quentes como a lava que desce pela encosta de um vulcão. Olhei no rosto dela e percebi que estava pálida. Mais pálida que marfim. Mais pálida que o branco. Parecia feita da mesma matéria dos anjos e dos sonhos. Então lhe gritei desesperadamente:

— Sua egoísta! Sua egoísta! Era a minha vez! — a voz se diluiu na dor, murmurei — Era a minha vez...

Chorei agarrado a ela, beijando-lhe repetidamente o rosto até me faltar força para olhá-la. Vencido pelo torpor da perda, deitei meu rosto em seu peito e fiquei soluçando, abatido pelo desespero e pela dor. Por um instante, a vertigem apagou minha consciência. Meu coração parou de bater. Foi, então, que ouvi o fraco pulsar do coração dela. Lágrimas de esperança se misturaram às lágrimas de dor. Juntei seu pequeno corpo de menina em meus braços e a levei para o carro. Arranquei em alta velocidade para o hospital. Tudo o que lembro é ter atravessado os corredores do hospital com minha amada nos braços. A pedido de um médico a coloquei na maca e ele inclinou-se sobre ela. Eu estava descontrolado, entorpecido.

— Você é o pai da menina? — indagou o médico

Foi com muita dificuldade que consegui lhe responder:

— Pai?... Não sei o que sou dela, nem o que ela é minha. Apenas sei que ela é parte de mim, como meus braços e pernas...como o coração que bate em meu peito... — as lágrimas molhavam meu rosto — e, apesar de ser carne da minha carne, se algo de mal acontecer a ela não será o meu corpo que vai morrer, mas minha alma.

Inclinei-me sobre seu corpo e chorei. Recordo-me apenas

que gritei repetidas vezes uma mesma afirmação: Ela vai ficar bem, doutor! Ela vai ficar bem!

\*\*\*\*\*

No dia seguinte não houve necessidade de Antônio me dar a notícia. Quando acordei, ele estava à cabeceira da minha cama.

— Não precisa procurar palavras para dizer-me. Já sei de tudo. Caressa está morta... sei disso... porque sinto algo morto dentro de mim também. Minha alma está morta... é isso o que sinto, Antônio.

— Sinto muito, Caio... Sinto muito.

— Providencie o funeral. Compre um novo jazigo...

— Farei isso.

Houve uma pausa de silêncio.

— Onde está o jeans que eu usava ontem?

— Na lavanderia.

— Tinha um bilhete no bolso.

— Eu o peguei.

— Quero vê-lo, Antônio.

Ele caminhou até a mesinha no canto do quarto, pegou o bilhete e me entregou:

*Caio,*

*Agora compreendo porque me apaixonei por você, assim que te vi. É porque sempre te amei. Por toda minha vida te amei. E sempre, para sempre te amarei. Não consigo aceitar a idéia de que você é meu pai e eu sua filha. Nunca vou aceitar, porque te amo de outra maneira, porque te quero de outra maneira...*

*Eu poderia me lançar do alto de um prédio, mas não vou fazer isso. Você disse tantas vezes que eu era sua boneca de porcelana... Não quero me parecer com uma boneca despedaçada na calçada. Quando me vir morta, quero que responda a verdade para o seu coração...*

*Agora acredito em tudo que você me disse. Sei que me ama, assim como sei que te amei em outras vidas do mesmo jeito que te amo nesta, do mesmo jeito que te amarei em todas as que possam existir.*

*Me desculpe, mas este foi o único jeito que encontrei de ser feliz.*

*Caressa.*

Não sei onde tirei forças para ir ao enterro dela. Lembro-me de que havia muitos alunos meus, amigos de Caressa.

Mais uma vez eu a via em sua caminha de rosas, com seu rostinho pálido, marmóreo. Mais uma vez, depois de ter renascido, eu morria com ela. Até à hora do funeral, poesia que pretendia dizer-lhe, mas a emoção foi tão intensa que eu me recordei apenas de alguns versos. Beijei-lhe as pálpebras e lhe disse:

— Caressa, não existem palavras que digam tudo o que tenho para lhe dizer... E como dizer tanto?... Como esgotar a imensidão? Como haveria de enxugar o pranto, se em meu coração se confundem tanto amor com a mais imensa dor. Feche os olhos, durma agora... Será apenas uma noite. Um instante na eternidade. Uma chama que teima... Uma eterna saudade... Que dói, que arde, que queima... Será um culto feito de silêncio... Feito com amor... Feito de silêncio e dor.

Enxuguei as lágrimas e olhei em derredor. Lembrei-me de seu bilhete. Aproximei meus lábios de seu ouvido e, acariciando-lhe o rosto, sussurrei-lhe:

— Leve o nosso segredo para a eternidade... Eu ainda te amo. Eu te amo com toda minha alma. Eu te amo com toda minha força. Eu te amo com todo o meu corpo. Eu te amo como um homem ama uma mulher...

Depois destas palavras voltei a contemplar os circunstantes, desta vez com um sorriso de desafio nos lábios. Em seguida, a tampa foi colocada e o caixão desceu ao sepulcro. As pás de terra que eram jogadas sobre ela batiam dolorosamente em meu coração, enchiam-me os olhos de lágrimas.

Quando todos se foram, ajoelhei-me ao lado do monte de terra e fiquei a acariciar o nome dela que estava escrito na coroa.

A noite desceu sobre nós. Antônio, que estava a alguns metros, caminhou em minha direção e levantou-me pelo braço:

— Vamos, patrão. — murmurou ele.

Coloquei-me de pé e voltei meus olhos para o alto, o céu estava de luto. As estrelas pareciam lágrimas sobre um pano negro.

— O infinito paira sobre nós, Antônio. Os planetas giram em suas órbitas. A vida se reproduz de si mesma. Tudo parece tão perfeito e tão cheio de propósito, não é mesmo? Mas para mim tudo isso é irreal, sem sentido. Sem Caressa, a vida não possui sentido, o Universo não possui ordem. Sem ela a vida é um suplício e o Universo apenas grãos de poeira soprados pelo acaso.

O carro estava a poucos metros do jazigo. Caminhamos em silêncio até ele. Antônio tomou o lugar do motorista.

— Como nos velhos tempos. — comentou.

Sentei-me no banco de passageiro sem dizer palavra. Minha mente não deixou de observar que Caressa, por muitas vezes, se sentara naquele mesmo lugar. Então, as lágrimas que eu julgara tivessem secado, voltaram a correr.

\*\*\*\*\*

Dois dias depois, na quarta-feira, retornei ao cemitério. Eu sabia que não suportaria a emoção da visita. Não pude impedir os impulsos do meu coração. Era uma tarde chuvosa, caía uma chuva fria, fina e oblíqua. Fiquei de pé diante do jazigo, com um maço de rosas na mão, por um período de tempo que não sei precisar. Tempo suficiente para que a chuva fina me encharcasse.

O túmulo estava coberto por uma grama que fora replantado em placas. Não havia visitantes, exceto eu e uma senhora idosa, que, sob um guarda-chuva, acendia velas em um túmulo. Em seguida ela dirigiu-se a um outro, agachou-se junto à lápide, fez uma oração curta e acendeu mais uma vela, se levantou persignando-se e caminhou na minha direção. Ao passar por mim, me olhou com naturalidade e, como se eu tivesse lhe perguntado, explicou-me:

— Aquele é o túmulo do meu marido, este é de uma neta...  
Acendo velas para iluminar-lhes o caminho.

Não lhe respondi nada. A senhora enfiou a mão na sacola e pegou uma vela. Olhou para a lápide e depois tornou a olhar para mim.

— Toma! — disse-me — Acenda uma para ela.

Por um instante fiquei a olhar a vela depois estendi a mão e a peguei. A velha me deu as costas. Já ia longe quando lhe gritei:

— Ela está aqui!...

A velha parou e virou-se em minha direção.

— Ela está aqui — repeti —, debaixo desta terra encharcada.

No momento em que contemplara a lápide ela deve ter observado a data de nascimento e morte, posto que me perguntou:

— Sua filha?

— Chama-se Caressa., carne da minha carne, alma da minha alma...

— É duro, não?!

Concordei com um movimento de cabeça.

— Que Deus a tenha — resmungou ela, afastando-se a

passos lentos.

Algum tempo depois me lembrei da vela que estava em minha mão. Caminhei até o túmulo onde a mulher tinha acendido a dela e fiz o mesmo com a minha. Levei-a até o túmulo de Caressa, protegendo a chama com a mão em concha. Agachei-me e coloquei a vela próxima da lápide, mas a chuva apagou a chama. Minha mão estava sobre a relva molhada. Pode parecer loucura, mas naquele momento eu senti a terra pulsar como se ela estivesse respirando sob a grama...Deitei o rosto no chão e ouvi o coração dela batendo. Gritei por ela! Em seguida, devo ter desmaiado. Não me lembro de mais nada...

\*\*\*\*\*

Caio Graco falava com frases entrecortadas por longas pausas de silêncio. A narrativa trazia-lhe de volta as dolorosas lembranças. As lágrimas corriam em seu rosto abatido pelo sofrimento. Depois de uma pausa, ele enxugou o rosto com o dorso da mão e prosseguiu:

— O corpo dela clama pelo meu, do fundo de sua sepultura... e quando meu coração ouve sua voz, meus músculos se dilaceram sob minha pele, como uma corda apodrecida que se arrebenta com o peso de sua carga... e a minha carne quer desgarrar-se dos ossos para juntar-se ao corpo dela. Então, eu luto com a loucura e com a dor... e a loucura se diverte com minha razão e barganha com meu sofrimento... e por falar em razão, onde andaré a razão? Já faz tempo que a razão me abandonou... estou entregue à atrocidade dos meus pensamentos, e ao desespero do meu coração....

— Talvez seja melhor procurar a ajuda de um psiquiatra — recomendei-lhe.

— Psiquiatras... — comentou Caio, num tom de deboche. As lágrimas correndo pelo rosto — Traga-me os psiquiatras, os melhores que tiver... traga-me também os psicanalistas e todos os curandeiros da alma... e verá como eu os envenenarei com a bÍlis da minha amargura! Traga-os, Carlos, e verá como eu os afogarei nas lágrimas da minha tristeza...

Caio tentava reprimir os soluços. Com esforço, pude compreender as palavras que acrescentou:

— Não existe possibilidade de cura para um coração que viu morrer, em seus braços, a alma de sua alma.

Em seguida desatou em ruidoso pranto.

— Percebeu que o “Retrato de Cressa” está esmaecendo?... É à medida que a pintura morre eu também vou me aproximando do meu fim... O amor não é apenas o verdadeiro motivo de se viver, mas também o único verdadeiro motivo pelo qual podemos morrer.

— Pretende se matar?

Caio deu um risinho triste.

— Não se mata aquilo que é morto. Apenas pretendo despedir-me deste mundo e deste corpo.

— Posso impedi-lo?

— Não... Você não pode me impedir... Você ouviu minha história. E ao ouvi-la compreendeu que já estou morto.

Fiquei a refletir nestas palavras. Ele tinha razão, ouvindo-o tomei parte em sua dor e desespero. Não poderia impedi-lo.

Houve uma longa pausa de silêncio. Caio me pediu com voz embargada:

— Agora me deixe só, por favor.

Não hesitei. Caminhei para a porta e quando a encostei, ouvi em minhas costas o início de uma triste canção romântica.

Encontrei o velho Antônio na copa. Estava encostado à parede, com ar sorumbático. Puxei uma cadeira e me sentei. Meu pensamento ainda estava tomado pelas palavras de Caio Graco e pelos delírios de sua paixão.

— Antônio, recorda-se do que Caio fez na primeira quarta-feira posterior ao enterro de Cressa?

— É impossível me esquecer.

— Ele realmente esteve no cemitério?

— Sim. Foi um dia chuvoso... Meu patrão perdeu o controle de sua razão... Foi encontrado por um funcionário do cemitério, desfalecido, sobre o jazigo da menina... Tinha arrancado a grama com as mãos e chegara até mesmo a cavoucar a terra.

— Ele disse que ouviu o coração dela bater debaixo da terra.

Ele estava fora de si, quando foi encontrado. Foi preciso medicá-lo com tranqüilizantes para que se acalmasse... Ele insistia ouvir o coração dela bater, desde quando a levou ao hospital. Estava delirando. Segundo o laudo médico, a menina estava morta há pelo menos duas horas antes que ele a encontrasse.

Houve uma longa pausa de silêncio. Eu me levantei.

— É tarde. Até amanhã, Antônio.

— Até amanhã.

# 30

## *Chuva de Novembro*

Tive um sono irrequieto durante a noite de sábado para domingo, 1º de agosto. A tristeza de Caio Graco tinha me perturbado demais o espírito.

Levantei tarde, quase meio-dia. Passava um pouco das duas da tarde quando cheguei à casa de Caio. Procurei-o na biblioteca, mas ela se encontrava vazia. O “Retrato de Caressa”, que, até à noite anterior, tinha espaço cativo na sala, agora se encontrava na parede da biblioteca. Sobre a mesa havia um saxofone. Peguei o instrumento e soprei uma nota desafinada. Percebi uma parte amassada. Ocorreu-me que aquele era o saxofone que Caio mencionara em sua narrativa. O instrumento que tocava quando adolescente. A voz de Antônio irrompeu na biblioteca.

— Este é um instrumento muito querido pelo meu patrão — observou da porta. Caminhou em minha direção e pegou o sax, com um sorriso nas feições.

— Antes das sete da manhã Caio já estava tocando no alto da figueira. Há muito tempo que eu não o via tocar o saxofone.

— Caio... tocando? — indaguei surpreso.

— Sim. Tocou muitas vezes uma canção que costumava tocar quando era menino.

— E onde ele está agora?

— Saiu. Não me disse para onde ia. Primeiro saiu com o Alfa Romeo. Retornou só para trocar de carro. Está com o carro branco...

Depois de um instante em silêncio acrescentou, sorrindo:

— Enfim, ele se barbeou....

— Barbeou-se?

— Sim. E também se vestiu com esmero. Está parecendo um noivo, acho que ele venceu a depressão.

— Tudo indica que venceu...

Não quis dizer a palavra que me veio a cabeça, mas o que

me ocorreu não foi que Caio tinha vencido a depressão, mas a morte.

— Ele deixou algum recado parta mim?

— Disse para que descanse, hoje. E que levasse as fitas para começar a redação a partir de amanhã.

— Então, hoje realmente é um dia de domingo! Creio que terei que gastar minha tarde de uma outra maneira.

Antônio sorriu.

— Acho que sim.

Tomei um táxi e retornei para casa. Apesar de não se estar no inverno, a tarde era fria. O tempo estava agradável. Esperei o sol se pôr e, pouco mais de seis da tarde, fui até o “Bar dos Miseráveis”. Ali tomei duas doses de Domecq, uma cerveja e comi uma porção de salame. Não fiquei muito tempo, voltei para casa antes das nove com o mundo girando ao meu redor. Lancei-me à cama e dormi.

Foi preciso que dona Joana batesse com força e insistência para que eu acordasse. Quando levantei, conferi a hora no relógio: 1h40 da madrugada. Caminhei até a porta, ainda trôpego de sono e a abri esfregando os olhos. A velha me deu o recado:

— Recebi um telefonema para você. Um certo Antônio pediu para que fosse à casa de Caio agora mesmo...

— Agora? A esta hora?

A velha fez uma careta rancorosa.

— Eu que o diga! Isso é hora de se abusar dos favores alheios?

Deu-me as costas.

— Obrigado! — acrescentei. Mas tudo que ela respondeu foi um suspiro de protesto.

Lavei o rosto na pia. Vesti uma blusa e saí a passos largos. Peguei um táxi na avenida. Disse o itinerário ao motorista e recomendei-lhe que pisasse fundo no acelerador. Na madrugada as pistas vazias facilitaram o percurso. Em menos de quarenta minutos eu descia em frente ao portão da mansão de Caio Graco. Antônio esperava por mim na calçada.

— O que aconteceu, Antônio?

A tristeza tinha acentuado os vincos no rosto daquele velho.

— Caio... — disse o homem com uma voz amargurada — Está morto.

— Caio... morto? Suicídio?

O homem confirmou, balançando a cabeça tristemente.

Abri o portão e entrei. Subi pelo gramado, em linha reta. Quando avancei vinte metros pude ouvir a música que tocava em volume demasiadamente alto. Era a mesma música que Caio ficara ouvindo na noite anterior, quando o vi vivo pela última vez.

A porta da biblioteca se encontrava aberta. Caio estava estendido no piso, entre a escrivaninha e o “Retrato de Caressa”. O rosto ligeiramente voltado para cima. Vestia-se com um *smoking* branco, que estava salpicado de manchas de sangue. A manga esquerda, dobrada até o cotovelo, deixava descoberto o punho que apresentava dois profundos cortes, como dois lábios ensangüentados. Agachei-me ao lado de seu corpo e tomei a pulsação em seu pescoço. Realmente estava morto. Seu semblante era sereno, plácido. A morte não imprimira ali um único traço de indecisão ou arrependimento. Pelo contrário, exprimia um ar de tranqüila convicção e de absoluta reconciliação consigo mesmo. Uma espécie de êxtase religioso.

Coloquei-me de pé e contemplei demoradamente o cenário de seu suicídio: num canto do chão da sala, estavam os cacos do antigo aparelho telefônico. Havia sobre a escrivaninha um *Rolex*, ao lado de uma travessa de vidro cheia d’água ensangüentada. Um rastro de sangue tinha escorrido até a borda da mesa e se acumulara numa poça no chão, junto ao pé da escrivaninha, como se tivesse tombado um balde de tinta grossa e vermelha. À direita da mesa, repousava uma navalha afiadíssima, a mesma navalha com que Caio Graco abrira dois profundos cortes em seu punho esquerdo. No centro da mesa um maço de folhas de sulfite, manchadas de sangue, traziam suas últimas palavras. Peguei as folhas e comecei a lê-las:

*Pai,*

*Desculpe-me por esta morte aparentemente burguesa, por esta renúncia tão deliberada. Contudo nossa causa é comum: morremos por amor, porque ao amor também devemos nossas vidas.*

*Mãe,*

*Se o Céu existe, a senhora o encontrará lá; porque mesmo não crendo em Deus o amor dele pelos homens o justificará perante o Senhor.*

A outra era dirigida para mim:

Carlos,

*Não posso classificar meu gesto como suicídio. Não há como matar aquilo que já é morto, e minha alma morreu no mesmo instante que os olhos de Caressa mergulharam na escuridão. Só restou um corpo que insiste em perambular por detrás das cortinas cerradas, após o encerramento da dolorosa tragédia. Meu gesto apenas retira de cena este corpo, cuja alma há muito já se encontra falecida.*

*Sei que posso parecer covarde, mas não sou. É exatamente assim que queria: a morte esvaziando o meu ser. A vida escorrendo lentamente de meu corpo... e para que haveria de querer meu sangue se ele se interpõe entre mim e aquela que amo? Neste momento eu sinto meu coração pulsar. Sim, é isto o que sinto: o coração pulsando... e expulsando o sangue pecador; redimindo e pagando o justo preço do nosso incestuoso amor...*

*Hoje eu a procurei em todos os lugares por onde passamos, mas não a encontrei. Onde eu a encontrarei? Onde? O brilho das estrelas tem o brilho dos olhos dela, mas quando olho para as estrelas meu coração não vibra de felicidade. Fui à casa de praia: esperava encontrá-la na areia ou emergindo do mar como a "Vênus de Botticelli". Então eu a esperei sentado na encosta rochosa, com o sol de inverno ardendo sobre meus ombros... e ela não veio. Gritei por ela, mas não houve resposta para o meu desespero, apenas o mar que rugia, as ondas que explodiam de encontro às pedras. Então chorei e minhas lágrimas correram para o mar para torná-lo mais profundo e salgado...*

*Onde estará ela, Carlos? Onde?*

*A terra está sugando-lhe a macia epiderme, descarnando as mãos que, há pouco, me acariciava o rosto. Ela já é o passado. Ela faz parte de milhões de passados sobre a Terra. Contudo ela é mais que tudo que já passou sobre a Terra, mais que tudo que restou sobre a Terra. Ela é a verdade do reencontro e a promessa da eternidade. E nossas vidas são uma única vida e nossas histórias uma única e inseparável história. E como a água corre para o mar meus últimos pensamentos correm para ela, e será por ela que meu coração vai bater pela última vez e quando*

*novembro chegar quero que o céu chore pelo nosso amor e que a chuva molhe nossos corpos...*

*Nossa música... ainda ouço nossa música. Ela chora, a nossa música... A guitarra de Slash chora prolongadamente, agudamente, dolorosamente, humanamente. O choro da guitarra de Slash é a expressão universal da minha própria dor. Não há nada no mundo que se pareça tanto com o que sinto. O choro da guitarra de Slash é o último som que minha alma leva da minha breve humanidade.*

Eu terminava de ler estas palavras quando começou a tocar o trecho da música que Caio descrevia como sendo seu choro de dor. O visor digital do aparelho indicava 5m20s. Realmente, o som era muito próximo de um gemido. Não pude conter a emoção e as lágrimas umedeceram meu rosto. Dobrei as folhas e as coloquei no bolso.

A música terminara e, depois de segundos em silêncio, recomeçara. Aproximei-me do aparelho de som. O visor do *disc-laser* indicava que Caio programara o aparelho para repetir indefinidamente a décima faixa do CD, a música "November Rain". Peguei o estojo que se encontrava sobre a caixa de som e o abri. Li a dedicatória do encarte:

*"Ao professor Caio,  
o professor mais interessante que já conheci,  
Caressa."*

Esta dedicatória estava escrita com caneta azul. Um pouco abaixo destas palavras foram acrescentadas outras três com tinta vermelha: te amo muito.

Apertei a tecla e desliguei o aparelho. O silêncio caiu sobre a biblioteca. A morte se fez definitivamente presente. Voltei meus olhos marejados de lágrimas para Caio. Depois para o velho que estava encostado à parede, desolado.

— Já comunicou à polícia? — Perguntei-lhe.

Ele meneou a cabeça negativamente.

Então saí em silêncio e liguei para a polícia. Dez minutos depois, a primeira viatura atravessava o portão da casa com a sirene ligada. Em menos de quinze minutos, chegaram mais cinco viaturas.

A polícia técnica veio logo depois. O velho e eu nos dirigimos à cozinha onde tomamos uma xícara de café quente. Então ele abriu a boca:

— Quando ele entrou na biblioteca, disse que não queria ser perturbado, que ia ouvir muitas vezes uma mesma música de que gostava muito. Recordo-me exatamente de suas últimas palavras, antes de fechar a porta; ele disse: Antônio, a música tem o poder de nos abrir as portas do inacessível mundo da emoção. A música nos leva a lugares inimagináveis, e leva-nos para muito longe, lugares onde somente nossas almas podem chegar. Disse isso sorrindo. Eu não compreendi o que ele queria dizer... e ele foi tão claro.

— Não chore, Antônio. Caio encontrou a paz.

Um policial aproximou-se com uma folha de sulfite.

— Reconhece esta letra? — perguntou.

Peguei a folha. Era um poema:

*Mensagem àquela que amo.*

*Caressa,*

*A vida ainda está borbulhando em nossas veias*

*Um caldeirão de emoções,*

*Líquido fumegante*

*Volúvel como o instante,*

*Intenso como a saudade,*

*Dois corpos se lançam prematuros,*

*Imaturos,*

*Para o silêncio da eternidade.*

*Seu rosto não me era estranho.*

*Sei que havíamos nos encontrado*

*Nalgum lugar em tempos idos,*

*A mesma dor sentido*

*Respirado da mesma atmosfera*

*E repousados nus debaixo da mesma terra.*

*Se eu pudesse levantar a cabeça,*

*Se eu pudesse pôr as horas para correr,*

*Se eu pudesse esquecer que sou incapaz de te esquecer,*

*Se eu pudesse vencer a dor que se formou,*

*Se eu pudesse escapar a isso que corre em mim,*

*Esquecer que seu amor fez aquilo que sou*

*E que tudo então chegou ao fim;*

*Mas como se pode esquecer  
Este amor que me fez renascer,  
Que me tornou em você  
Uma só vontade, uma só carne  
E um só querer?*

*Não quero ver mais o dia,  
Não quero adiar o reencontro  
Satisfaça meu último desejo:  
Toque-me com sua alma etérea,  
Toque-me com seu beijo  
E liberte-me desta matéria.*

Um pouco abaixo, estava um outro texto que, pela grafia trêmula e quase ilegível, julguei ter sido as últimas palavras escritas por Caio:

*Antônio,*

*Agora estou pronto para a morte. Caressa reconciliou-me com Deus. Agora estou pronto para voltar para Ele, para fazer parte Dele. Estou pronto para ser reabsorvido pela grandeza e supremacia de Deus. Estou pronto para correr pela correnteza dos rios, para mergulhar nos mares e oceanos, para passear pelas nuvens e correr pelos campos floridos e escuras florestas. Estou pronto para retornar à sagrada Natureza de Deus.*

*Oh, Mãe eterna, receba nossos corpos em teus seios nus.*

*Oh, Pai eterno, receba estas centelhas que emanaram de Ti, receba nossos espíritos na eternidade.*

Voltei meus olhos para o policial. Ele tornou a fazer a mesma pergunta, lançando-me um olhar tão frio que parecia desejar censurar minha emoção. Disse-lhe:

— Sim. Esta letra é de Caio Graco.

O policial pegou a folha:

— Obrigado — disse —, vamos anexar este bilhete à ocorrência.

Girou nos calcanhares com a indiferença de quem trabalha com a morte e retornou à biblioteca.

A madrugada foi cansativa. O dia já clareava, quando a polícia técnica liberou o corpo para remoção.

O funeral foi realizado na terça. O cortejo formou-se por uma fila de carros de luxo dirigidos por diretores e funcionários das Indústrias Canaã. Não havia parentes. Dois ônibus levaram os ex-alunos do professor Caio Graco.

Quando o caixão descia à sepultura lembrei-me de suas palavras:

*“O corpo dela clama pelo meu, do fundo de sua sepultura”.*

Caio foi sepultado, como ele mesmo repetira tantas vezes, ao lado da carne de sua carne, da alma de sua alma, ao lado de sua amada Caressa.

# Epílogo

Novembro de 1993

Quatro meses depois eu ainda não conseguia acreditar naquilo que tinha ouvido, gravado e redigido. Não conseguia acreditar na história narrada por Caio Graco. Uma certa tarde peguei o endereço com Antônio e desci à casa de praia. Lá estava o barco, a pequena praia particular, a encosta rochosa, a areia, o sol. Tudo testemunhando as palavras de Caio. Sabia que tudo era verdade. Dois corpos jaziam na mesma sepultura para provar a veracidade dessa história e desse amor. Tudo isso ainda não era suficiente para dar veracidade à sua história. Ainda assim, tudo me parecia inacreditável.

Eu tinha revisado o texto, mas não o considerava completo. Não sabia exatamente o quê, mas alguma coisa naquela história não tinha me convencido, soava falso, absurdo.

Já tinha abandonado minhas buscas e engavetado o texto da história de Caio e Caressa quando resolvi procurar por Regina, mãe de Caressa. Afinal, ela tinha importância crucial nessa história. Não sabia o seu endereço. Pelas descrições e referências citadas por Caio não foi difícil para que eu chegasse a uma pequena casa, num bolsão de miséria, muito próximo ao bairro do Morumbi. A aparência externa da casa era de abandono, uma placa pregada na parede oferecia o imóvel para locação. Bati palmas insistentemente e já tinha aberto a porta do carro para ir embora, quando a vizinha olhou por sobre o muro.

— Não tem ninguém aí... — informou a mulher — se quer alugar a casa tem que ir à imobiliária da placa.

— Não quero alugar a casa. — respondi-lhe — Estou procurando por uma mulher chamada Regina.

— A mãe da menina que se matou?

— Sim. Ela morava aqui?

— Morava. Ela bebia muito, era meio louca...

— Pode me dizer onde ela está morando agora?

— No hospício. Faz uns dois meses que ela foi internada no

no hospício.

— Internada? Sabe o nome do hospício?

— O nome não sei dizer. Sei que fica na cidade de Barueri.

— Está ótimo. Muito obrigado.

Liguei para a Secretaria Estadual de Saúde e consegui o endereço da única casa de saúde mental estabelecida naquela cidade

No outro dia, manhã de sábado, me à clínica. Apresentei-me na recepção e fui conduzido a um quarto coletivo. Regina estava dormindo, sob o efeito de sedativos. A enfermeira me informou que ela demoraria um pouco para acordar. Mas acordaria calma. Era uma mulher de pele clara e envelhecida, o cabelo mal tratado ostentava um louro oxigenado. Disse à enfermeira que voltaria mais tarde. Aproveitei o tempo para tomar café em um pequeno restaurante.

Três horas depois, quando regressei à clínica, encontrei a mulher consciente. Sentei-me à beira de sua cama.

— Regina, podemos conversar um pouco?

Ela virou o rosto devagar para mim, encarou-me com um olhar distante e voltou-se para o outro lado.

— Não converso com estranhos... — disse ela, com uma voz apática.

— Poderia me dizer alguma coisa sobre Caressa?

Ela voltou-se com rispidez para mim.

— Não Tenho nada para dizer sobre ela! — respondeu, num tom exasperado.

Houve um breve instante de silêncio. Indaguei-lhe:

— Por que você não gostava da sua filha?

— Ela não era minha filha! — esbravejou.

— Calma... e o que ela era sua?

— Prima... — disse — Caressa era minha prima.

—... Estou falando da segunda Caressa.

— Não conheci nenhuma segunda Caressa... As duas eram uma só....

De repente, a mulher se entristeceu.

— Foi para pagar meus pecados que ela reencarnou em minha barriga. Foi para pagar meus pecados... — repetiu com uma expressão angustiada.

— Por que não procurou o Caio antes, para informá-lo de que ele era pai?

— Caio. Pai? — indagou, antes de explodir num riso histórico.

— Pai de Caressa — observei.

A mulher parou de rir, tão repentinamente, quanto havia começado.

— Caio não é o pai de Caressa.

Os olhos da mulher tremiam. — Ela está completamente perturbada — pensei, mas continuei a conversa.

— Se Caio não é o pai dela, quem é?

— Isso não lhe interessa! Quem é você?

— Um amigo de Caio Graco. Soube que ele se matou...

A mulher baixou a cabeça e começou a chorar baixinho.

— Morreu por causa dela — disse, tremendo — Eu os matei... a culpa é toda minha! Eu os matei! Eu os matei!

A mulher foi tomada por uma agitação nervosa. Chorava e repetia que tinha matado Caio e Caressa. A enfermeira chegou e me pediu que deixasse o quarto. Quando saí lancei mais uma olhada para Regina. Ela estava sendo medicada. Encostei a porta e caminhei na direção da recepção. Um homem baixo, calvo, de aproximadamente quarenta anos, passou por mim e me desejou um bom-dia. Eu apenas lhe devolvi um resmungo.

No balcão de recepção, perguntei à atendente se Regina recebia muitas visitas. Ela me respondeu que aquela paciente não recebia nenhuma visita, exceto o marido.

— Marido? — indaguei surpreso — Regina tem um marido?

— Tem! — respondeu a atendente — É aquele homem que acabou de entrar.

— Aquele homem é o marido de Regina?

Girei nos calcanhares e retornei pelo corredor. Encontrei o homem sentado ao lado de Regina. Acariciava-lhe o cabelo. A mulher tinha sido medicada. As pálpebras estavam semicerradas e seu olhar era distante. Ele voltou-se para mim. Aproximei-me.

— Podemos conversar?...

— A respeito de quê?

— A respeito de Caio.

O homem me fitou com um olhar perscrutador.

— Ouvi falar muito nele.

— Soube que ele se matou?

— Pelos jornais. Foi por isso que a reencontrei — disse, referindo-se a Regina.

— Fazia muito tempo que você não se viam?

— Desde que minha filha tinha um pouco mais de três anos.

— Quem? Caressa? — indaguei surpreso.

A expressão do homem transformou-se.

— Você a conheceu?

— Eu a vi com Caio Graco, no ano passado, quando deixavam o teatro após a apresentação de uma peça de minha autoria.

— É como era ela?

— Uma menina linda...

O rosto do homem tornou-se sorumbático.

— Uma menina linda... E eu nem a conheci... Caressa, minha filha.

Naquele momento desejei revelar-lhe toda a verdade, ou seja, de que ele não era o pai de Caressa, mas me contive. A verdade só serviria para fazer sofrer mais uma pessoa.

— Caressa é um nome muito bonito, — comentei — Foi Regina quem escolheu este nome?

— Foi. Ela colocou este nome na filha porque se sentia culpada pela morte de uma prima que possuía este mesmo nome... Eu nunca soube ao certo o que tinha acontecido. Parece que Regina gostava do namorado da prima e tentou separar os dois. A prima ficou desiludida com a perda do namorado e se matou... Regina sempre me falava sobre a morte de sua prima. Quando a menina nasceu ela me pediu que a registrasse com o nome de Caressa, em homenagem à prima... Ao invés dessa homenagem ajudá-la a vencer o sentimento de culpa, só fez com que ela se sentisse ainda mais culpada... Todos os dias, ela dizia que a filha se parecia demais com a prima. Isso se tornou uma idéia tão obsessiva que Regina começou a dizer que a filha era a própria prima... Um dia cheguei em casa e encontrei apenas um bilhete. Regina tinha ido embora... Eu as procurei por todos os cantos da cidade... E só voltei a encontrá-las quando li no jornal sobre o suicídio do Caio.

Houve uma longa pausa de silêncio. O homem retirou do bolso uma fotografia em preto e branco de um bebê recém-nascido e mostrou-me

— Vê... Não era um bebê lindo? Ainda me lembro de quando nasceu. Tão pequenina, um pouco maior que a palma de minha mão... Caressa se mexia muito na barriga da Regina, como se tivesse pressa de nascer... Foi um bebê prematuro.

A última palavra provocou-me um verdadeiro espanto.

— Um bebê prematuro? Você quer dizer que Caressa nasceu prematura?

— Ela nasceu com pouco mais de sete meses. Era tão pequenina que tive medo que morresse.

Eu estava atordoado com esta nova informação. Isso mudava tudo!

— Tem certeza que ela nasceu prematura?

— Claro que sim...

— E em qual maternidade ela nasceu?

— No Eleonor de Barros. Por que está me perguntando isso?

— Por curiosidade apenas... Foi um prazer conhecê-lo — apressei em despedir-me — Mas tenho que ir agora. Cuide dela.

Saí às pressas da casa de saúde mental. Entrei na rodovia a quase duzentos por hora. Um único pensamento ocupava minha cabeça: se Caressa nasceu prematura e se Caio não errou quanto às datas que narrou, ela não era sua filha! A simples possibilidade que isso fosse verdade deixava meu espírito repleto de um sentimento de alegria.

Pouco tempo depois eu parava o carro no estacionamento da maternidade. Na recepção informei o nome completo de Regina e a data de nascimento de Caressa. Foram quinze minutos da mais devastadora ansiedade. A atendente retornou e me entregou uma ficha com o nome de Regina, tomei fôlego e virei a ficha. A emoção tomou conta de mim. Suspirei de alívio e alegria: a ficha informava que no dia 20 de abril de 1979, Regina Alves da Silva dera à luz um bebê de cor branca, sexo feminino, um bebê prematuro com gestação de 32 semanas.

Devolvi a ficha para a atendente. Estava embriagado pela alegria. Quando saía a passos lentos da maternidade me detive em frente ao vidro do berçário para admirar aquela cena: dois bebês recém-nascidos dormiam lado a lado. De repente, ouvi uma voz feminina em minhas costas e me virei. Era uma enfermeira com ar maternal.

— O senhor é o pai? — perguntou-me.

Sorri embevecido.

— Não. Nasceram hoje?

— Nasceram pela manhã. Na mesma hora e minuto.

— São gêmeos?

— Não. Não são irmãos. O bebê da direita é um menino, o da esquerda uma menina.

— Ah, sim. Dois bebês lindos.

Ela sorriu e se afastou.

Eu tinha visto duas vidas se esvaírem e ver outras duas que nasciam, fazia bem ao meu espírito. Fiquei ali, por um longo tempo, contemplando aquelas duas vidas que surgiam. Duas histórias. Talvez uma única história.

Os acontecimentos daquele sábado tinham despertado em mim o desejo de rever o túmulo de Caio e Caressa.

Manobrei o carro e me dirigi ao Cemitério do Morumbi. Na entrada comprei um vaso de crisântemos amarelos. Estacionei em frente ao jazigo e descii. A grama estava verde. O silêncio pairava sobre nós. Agachei-me e coloquei o vaso junto à placa de bronze. Reli a mensagem da placa. Mensagem que o próprio Caio tinha mandado que se gravasse:

***O amor não é apenas o único verdadeiro motivo de se viver.  
Mas também o único motivo pelo qual podemos morrer.***

Ao reler esta mensagem me senti na obrigação de falar:

— Ela não era sua filha, Caio. E ele não era seu pai, Caressa. E vocês morreram por um amor verdadeiro...

O tempo, que até então, estava claro se transformou subitamente. O vento começou a balançar as copas das árvores. E, como se o céu desejasse prestar um tributo àquele amor, a chuva veio logo em seguida. Permaneci imóvel, debaixo da chuva. O momento era sublime demais para que eu temesse um resfriado. Abri a porta do carro, liguei o *disc-laser* e fiz tocar a música de suas vidas: "*November Rain*".

Quando a música terminou, entrei no carro. A chuva perdera o ímpeto inicial, agora caía parcimoniosa, rolava preguiçosamente pelo pára-brisa, gotas tristes como lágrimas de saudade. Mas era uma chuva de primavera. A chuva que arrasta e fecunda a semente, que faz desabrochar a flor e germinar o fruto, que faz renascer a vida. Há um ano, Caio Graco e Caressa dançavam sob esta mesma chuva. Dançavam um amor que é anterior à fundação do mundo, um amor que literalmente venceu a morte. Dançavam a Chuva de Novembro.

# Posfácio

Este texto foi compilado de fitas K-7 gravadas por Caio, de um diário de quando ainda era adolescente, uma agenda e de declarações prestadas por Antônio. As poesias de sua autoria, intituladas “Minha Eternidade” e “Sentimentos”, foram cedidas pelo pai de Caressa, que se encontrava de posse desses textos e de diversos outros, que não foram mencionados, mas foram transcritos na forma de frases pronunciadas por Caio ou Caressa.

Não pretendo fazer com que meu leitor creia que todas as falas de Caio Graco foram escritas com a exatidão como ele as narrou. Esclareço, porém, que tomei a liberdade de realizar algumas alterações, para que a história se tornasse mais clara, mais próxima da ficção. Não me refiro às questões essenciais da história, mas à técnica narrativa e à reconstrução de frases. Contudo, mesmo neste particular, não deixei de estar atendendo ao pedido do verdadeiro autor. Certa vez perguntei ao Caio o porquê dele estar suportando tanto sofrimento antes de pôr fim à própria vida, visto que afirmava que sua decisão era irrevogável. Ele me respondeu:

“Porque quero que escreva nossa história. Porque somente anulando a realidade na ficção ela terá sentido e unidade. Somente a ficção tem o poder de curar minha dor. Ao transformar nossa história em ficção, minha amada estará viva, a cada nova leitura, cada vez que alguém abrir o livro. E assim permaneceremos juntos, para sempre”.

Espero ter cumprido com este desejo de Caio Graco.

Aos autores e intérpretes das maravilhosas canções mencionadas neste romance eu dedico o mais profundo respeito e admiração.

**Nota:**

As letras musicais reproduzidas nesta obra  
foram utilizadas sob permissão.

**“Prá não dizer que não falei das flores”**  
*by* Geraldo Vandré / Fermata do Brasil Ltda

**“Sweet child o´mine” e “November rain”**  
*by* Guns N´ Roses. Direitos cedidos para o Brasil à  
Warner / Chapell Edições Musicais Ltda

**[www.chuvadenovembro.com.br](http://www.chuvadenovembro.com.br)**



**Carlos de Andrade nasceu em São Paulo, em 18 de dezembro de 1968. A vocação pela literatura surgiu na infância: aos oito anos era assíduo freqüentador da biblioteca da escola em que estudava. No ano de 1990 estudou dramaturgia na Escola Livre de Teatro de Santo André, tendo por mestre o dramaturgo Luís Alberto de Abreu. No ano seguinte escreveu a peça teatral “O Último Revolucionário”. Durante os meses de junho e julho de 1993 reuniu os textos e anotações que resultariam no romance “Chuva de Novembro”. De maio de 1995 a abril de 1996 ocupou-se em escrever “As Vontades de Deus”, romance policial. De maio a setembro de 1996 organizou e finalizou o texto de “Chuva de Novembro”. A primeira edição da obra foi lançada no dia 19 de março de 1997, em São Paulo. Hoje, com um público superior a 20 mil leitores, “Chuva de Novembro” é considerado um best-seller da literatura brasileira contemporânea.**

**[escritorcarlosdeandrade@bol.com.br](mailto:escritorcarlosdeandrade@bol.com.br)**



**EDITORIA RADIER**

Caixa Postal 20  
CEP 08550-970 - Poá - SP  
[www.chuvadenovembro.com.br](http://www.chuvadenovembro.com.br)

Caio Graco, um professor de literatura, acredita ter encontrado em sua aluna o grande amor de sua vida. Ele ainda suportaria a loucura de seu coração se este amor não fosse correspondido. Mas ela também o amou no primeiro olhar. Chuva de Novembro fala da dor da perda para ressaltar a felicidade do reencontro, fala da morte para dar dimensão e significado à vida. Fala de um amor eterno que, para se realizar, venceu o tempo, o medo e a morte.



[www.editoraradier.com.br](http://www.editoraradier.com.br)

**EDITORA RADIER**

Caixa Postal 20  
CEP 08550-970 - Poá - SP

ISBN 85-98206-01-6



[www.chuvadenovembro.com.br](http://www.chuvadenovembro.com.br)